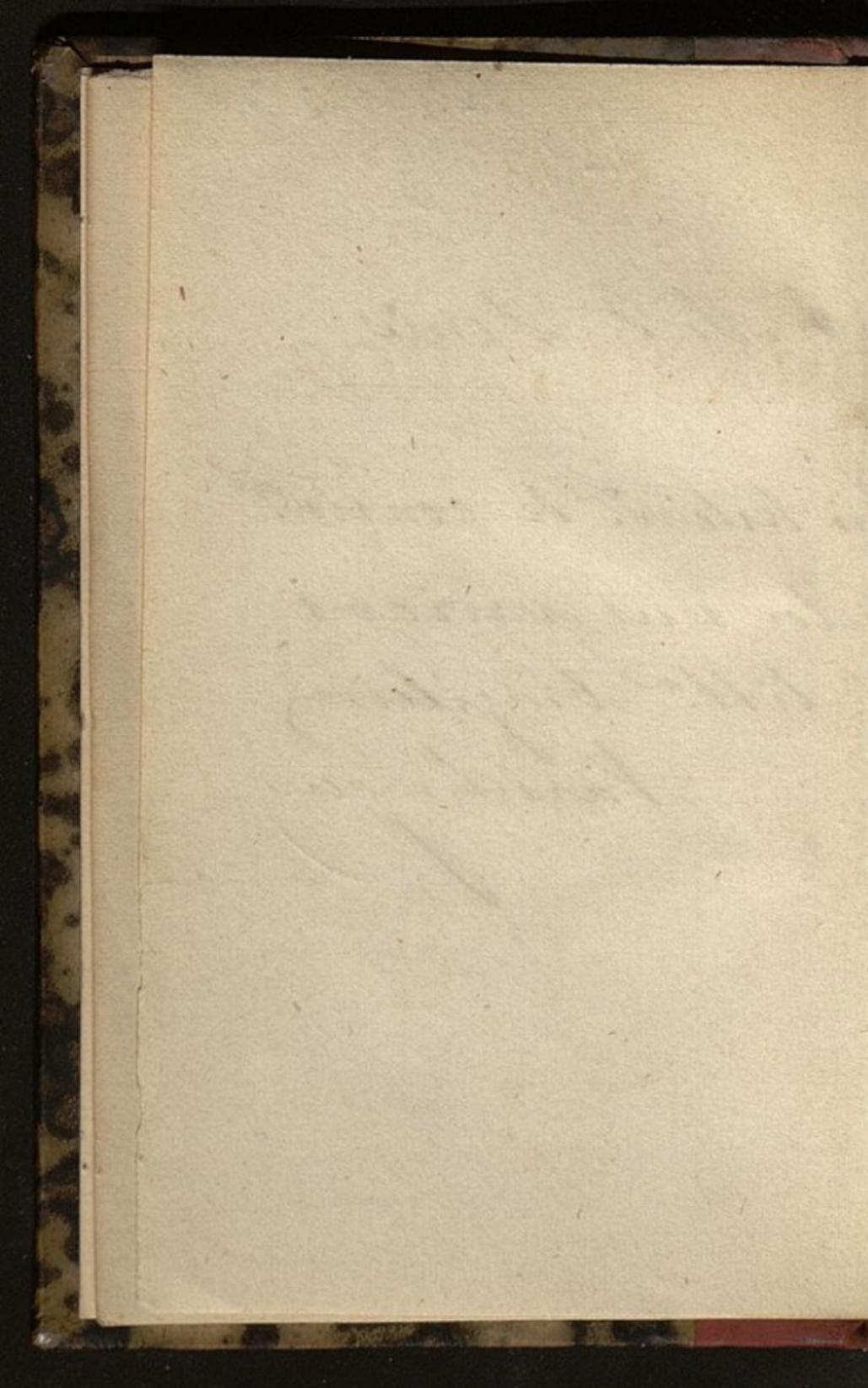
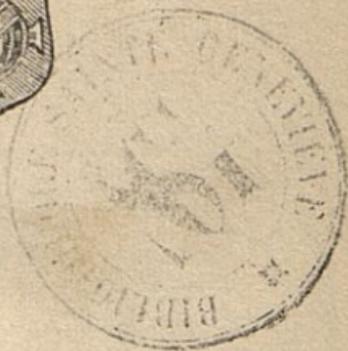
EPICOS

BRASILEIROS

A Mr. F. Denis

Em testem.º de consid.ão
pelos seus serviços
á litt.ª brazileira.

Varnhagen

EPICOS

BRASILEIROS.

Nova edição.

1845.

O URAGUAY.

POR

José Basilio da Gama.

A*

CANTO PRIMEIRO.

Invocação — Dedicatoria a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, capitão-general do Maranhão, e irmão do Marquez de Pombal — Chegada de Cataneo, mensageiro de Hespanha, com promessa de soccorros — Revista das tropas — banquete dado pelo Heroe Gomes Freire d'Andrade — Causas da guerra e seu principio.

FUMAM ainda nas desertas praias
Lagos de sangue tepidos e impuros,
Em que ondeam cadaveres despidos,
Pasto de corvos. Dura inda nos valles
O rouco som da irada artilheria,
Musa! Honremos o Heroe, que o povo rude
Subjugou do Uraguay, e no seu sangue
Dos decretos reaes lavou a affronta.

Ai tanto custas ambição de imperio!
E vós, por quem o Maranhão pendura
Rotas cadêas, e grilhões pezados,
Heroe e irmão de heroes, saudosa e triste,
Se ao longe a vossa America vos lembra,
Protegei os meus versos. Possa em tanto
Acostumar ao vôo as novas azas,
Em que um dia vos leve. Desta sorte
Medrosa deixa o ninho a vez primeira
Aguia, que depois foge á humilde terra,
E vai ver de mais perto no ar vasio
O espaço azul, onde não chega o raio.
Já dos olhos o véo tinha rasgado
A enganada Madrid, e ao novo-mundo
Da vontade do Rei nuncio severo
Aportava Cataneo: e ao grande Andrade
Avisa que tem promptos os soccorros,
E que em breve saía ao campo armado.
Não podia marchar por um deserto
O nosso General, sem que chegassem
As conducções, que ha muito tempo espera.
Já por dilatadissimos caminhos
Tinha mandado de remotas partes.
Conduzir os petrechos para a guerra
Mas entretanto cuidadoso e triste
Muitas cousas a um tempo revolvia
No inquieto agitado pensamento.
Quando pelos seus guardas conduzido
Um indio com insignias de correio,
Com ceremonia estranha lhe apresenta

Humilde as cartas, que primeiro toca
Levemente na bocca e na cabeça.
Conhece a fiel mão, e já descança
O illustre General, que viu, rasgando,
Que na cera encarnada impressa vinha
A aguia real do generoso Almeida.
Diz-lhe que está visinho, e traz comsigo
Promptos para o caminho e para a guerra
Os fogosos cavallos e os robustos
E tardos bois, que hão de soffrer o jugo
No pezado exercicio das carretas.
Não tem mais que esperar: e sem demora
Responde ao Castelhano que partia,
E lhe determinou lugar, e tempo
Para unir os soccorros ao seu campo.
Juntos em fim, e um corpo do outro á vista,
Fez desfilar as tropas pelo plano,
Por que visse o Hespanhol em campo largo
A nobre gente e as armas, que trazia.
Vão passando as esquadras: elle em tanto
Tudo nota de parte, e tudo observa
Encostado ao bastão. Ligeira e leve
Passou primeiro a guarda, que na guerra
É primeira a marchar, e que a seu cargo
Tem descubrir e segurar o campo.
Depois desta se segue a que descreve,
E dá ao campo a ordem e a figura,
E transporta e edifica em um momento
O leve tecto e as movediças casas,
E a praça e as ruas da cidade errante.

Atraz dos forçosissimos cavallos
Quentes sonoros eixos vão gemendo
Co' peso da funesta artilheria.
Vinha logo de guardas rodeado,
Fonte de crimes, militar thesouro,
Por quem deixa no rego o curvo arado
O lavrador, que não conhece a glória;
E vendendo a vil preço o sangue e a vida,
Move e nem sabe por que move a guerra.
Intrepidos e immoveis nas fileiras,
Com grandes passos, firme a testa e os olhos,
Vão marchando os mitrados granadeiros,
Sobre ligeiras rodas conduzindo
Novas especies de fundidos bronzes,
Que amiudam de promptas mãos servidos,
E multiplicam pelo campo a morte.
Quem é este, Cataneo perguntava,
Das brancas plumas, e de azul e branco
Vestido, e de galões cuberto e cheio,
Que traz a rica cruz no largo peito?
Gerardo, que os conhece, lhe responde:
É o illustre Menezes, mais que todos
Forte de braço, e forte de conselho.
Toda essa guerreira infanteria,
A flor da mocidade e da nobreza,
Como elle, azul e branco e ouro vestem.
Quem é, continuava o Castelhano,
Aquelle velho vigoroso e forte,
Que de branco e amarelo e de ouro ornado
Vem os seus artilheiros conduzindo?

Vês o grande Alpoim. Este o primeiro
Ensinou entre nós, por que caminho
Se eleva aos ceos a curva e grave bomba
Prenhe de fogo; e com que força do alto
Abate os tectos da cidade e lança
Do roto seio envolta em fumo a morte.
Seguiam juntos o paterno exemplo
Dignos do grande pai ambos os filhos.
Justos ceos! E é forçoso, illustre Vasco,
Que te preparem as soberbas ondas,
Longe de mim, a morte e a sepultura?
Nynfas do mar, que vistes, se é que vistes,
O rosto esmorecido e os frios braços,
Sobre os olhos soltai as verdes tranças.
Triste objecto de magoa e de saudade,
Como em meu coração, vive em meus versos.
Com os teus encarnados granadeiros
Tambem te vio naquelle dia o campo,
Famoso Mascarenhas, tu, que agora
Em doce paz, nos menos firmes annos,
Igualmente servindo ao rei e á patria,
Dictas as leis ao público socêgo,
Honra da toga, e glória do senado.
Nem tu, Castro fortissimo, escolheste
O descanço da patria: o campo e as armas
Fizeram renovar no inclyto peito
Todo o heroico valor dos teus passados
Os ultimos, que em campo se mostraram,
Foram fortes dragões de duros peitos,
Promptos para dous generos de guerra,

Que pelejam a pe sobre as montanhas,
Quando o pede o terreno; e quando o pede,
Erguem nuvens de po por todo o campo
Co' tropel dos magnanimos cavallos.
Convida o General depois da mostra,
Pago da militar guerreira imagem
Os seus e os Hespanhoes, e já recebe
No pavilhão purpureo, em largo gyro,
Os capitães a alegre e rica mesa.
Desterram-se os cuidados, derramando
Os vinhos europeos nas taças de ouro.
Ao som da eburnea cythara sonora
Arrebatado de furor divino
Do seu Heroe Matusio celebrava
Altas emprezas dignas de memória.
Honras futuras lhe promette, e canta
Os seus brazões, e sobre o forte escudo
Já de então lhe afigura, e lhe descreve
As perolas e o titulo de Grande.
Levantadas as mesas, entretinham
O congresso de heroes discursos varios.
Alli Cataneo ao General pedia,
Que do princípio lhe dissesse as causas
Da nova guerra e do fatal tumulto.
Se aos padres seguem os rebeldes póvos?
Quem os governa em paz e na peleja?
Que do premeditado occulto Imperio
Vagamente na Europa se falava.
Nos seus logares cada qual immovel
Pende da sua bocca: attende em toda

Tudo em silencio, e dá princípio Andrade.
O nosso último rei, e o rei de Hespanha
Determinaram, por cortar d'um golpe,
Como sabeis, neste angulo da terra,
As desordens de povos confinantes,
Que mais certos signaes nos dividissem.
Tirando a linha, de onde a esteril costa
E o cerro de Castilhos o mar lava
Ao monte mais visinho, e que as vertentes
Os termos do dominio assignalassem.
Vossa fica a Colonia; e ficam nossos
Sete póvos que os barbaros habitam
Naquella oriental vasta campina,
Que o fertil Uraguay discorre e banha.
Quem podia esperar que uns indios rudes,
Sem disciplina, sem valor, sem armas,
Se atravessassem no caminho aos nossos,
E que lhes disputassem o terreno!
Em fim não lhes dei ordens para a guerra:
Frustrada a expedição, em fim voltaram.
C'o vosso General me determino
A entrar no campo juntos, em chegando
A doce volta da estação das flores.
Não soffrem tanto os Indios atrevidos:
Juntos um nosso forte em tanto assaltam:
E os padres os incitam e acompanham.
Que, á sua discrição, só elles podem
Aqui mover, ou socegar a guerra.
Os indios, que ficaram prisioneiros,
Ainda os podeis ver neste meu campo.

Deixados os quarteis, em fim partimos
Por diversas estradas, procurando
Tomar no meio os rebelados povos.
Por muitas leguas de aspero caminho,
Pór lagos, bosques, valles e montanhas,
Chegámos onde nos impede o passo
Arrebatado e caudaloso rio.
Por toda a opposta margem se descobre
De Barbaros o número infinito,
Que ao longe nos insulta e nos espera.
Preparo curvas balsas e pelotas,
E em uma parte de passar aceno,
Em quanto em outra passo occulto as tropas.
Quasi tocava o fim da empreza, quando
Do vosso General um mensageiro
Me affirma que se havia retirado.
A disciplina militar dos Indios
Tinha esterilizado aquelles campos.
Que eu tambem me retire me aconselha
Até que o tempo mostre outro caminho.
Irado, não o nego, lhe respondo:
Que para traz não sei mover um passo.
Venha quando podér que eu firme o espero.
Porém o rio e a fórma do terreno
Nos faz não vista e nunca usada guerra.
Sae furioso do seu seio e toda
Vai alagando com o desmedido
Pezo das aguas a planicie immensa.
As tendas levantei, primeiro aos troncos.
Depois aos altos ramos: pouco a pouco

Fomos tomar na região do vento
A habitação aos leves passarinhos.
Tece o emaranhadissimo arvoredo
Verdes, irregulares e torcidas
Ruas e praças de uma e de outra banda,
Cruzadas de canôas. Taes podemos
Co' a mistura das luzes e das sombras
Ver por meio de um vidro transplantados
Ao seio de Adria os nobres edificios.
E os jardíns, que produz outro elemento,
E batidas do remo e navegaveis
As ruas da maritima Veneza.
Duas vezes a Lua prateada
Curvou no Ceo sereno os alvos cornos,
E ainda continuava a grossa enchente.
Tudo nos falta no paiz deserto
Tardar devia o Hespanhol soccorro.
E de si nos lançava o rio e o tempo.
Cedi: e retirei-me ás nossas terras.
Deu fim á narração o invicto Andrade,
E antes de se soltar o juramento,
Com os regios poderes, que occultára,
Surprende os seus e os animos alegra,
Enchendo os postos todos do seu campo.
O corpo de dragões a Almeida entrega,
E campo das mercês o logar chama.

CANTO SEGUNDO.

Marcha contra o inimigo — Os prisioneiros postos em liberdade — Dois parlamentarios indios, Cacambo e Cepé, que nada negoceiam — Preparativos para se dar batalha, e victoria ganha pelo Heroe.

Depois de haver marchado muitos dias,
Em fim junto a um ribeiro, que atravessa
Sereno e manso um curvo e fresco valle,
Acharam, os que o campo descobriam,
Um cavallo anhelante e o peito e as ancas
Cuberto de suor e branca espuma.
Temos perto o inimigo : aos seus dizia
O esperto General : sei que costumam

Trazer os indios um voluvel laço,
Com o qual tomam no espaçoso campo
Os cavallos, que encontram ; e rendidos
Aqui e ali com o continuado
Galopear, a quem primeiro os segue
Deixam os seus, que em tanto se restauram.
Nem se enganou ; porque ao terceiro dia
Formados os achou sobre uma larga
Vantajosa colina, que de um lado
É cuberta de um bosque, e do outro lado
Corre escarpada e sobranceira a um rio.
Notava o General o sitio forte,
Quando Menezes, que visinho estava,
Lhe diz : Nestes desertos encontrâmos
Mais do que se esperava, e me parece
Que so por força de armas pôderemos
Inteiramente sujeitar os povos.
Torna-lhe o General : Tentem-se os meios
De brandura e de amor ; se isto não basta,
Farei a meu pezar o último esforço.
Mandou, dizendo assim, que os indios todos,
Que tinha prisioneiros no seu campo,
Fossem vestidos das formosas cores,
Que a inculta gente simples tanto adora.
Abraçou-os a todos, como filhos,
E deu a todos liberdade. Alegres
Vão buscar os parentes e os amigos,
E a uns e a outros contam a grandeza
Do excelso coração e peito nobre
Do General famoso, invicto Andrade.

Já para o nosso campo vem descendo,
Por mandado dos seus, dous dos mais nobres,
Sem arcos, sem aljavas; mas as testas
De varias e altas pennas coroadas,
E cercadas de pennas as cinturas,
E os pés e os braços e o pescoço. Entrára
Sem mostras nem signal de cortezia
Cepé no pavilhão. Porém Cacambo
Fez, ao seu modo, cortezia estranha,
E começou: Ó General famoso,
Tu tens á vista quanta gente bebe
Do soberbo Uraguay a esquerda margem.
Bem que os nossos avós fossem despojo
Da perfidia de Europa, e daqui mesmo
C'os não vingados ossos dos parentes
Se vejam branquejar ao longe os valles,
Eu desarmado e só, buscar-te venho.
Tanto espero de ti. E em quanto as armas
Dão logar á razão, Senhor, vejâmos
Se se póde salvar a vida e o sangue
De tantos desgraçados. Muito tempo
Póde ainda tardar-nos o recurso
Com o largo Oceano de permeio,
Em que os suspiros dos vexados povos
Perdem o alento. O dilatar-se a entrega
Está nas nossas mãos, até que um dia
Informados os reis nos restituam
A doce antiga paz. Se o rei de Hespanha
Ao teu rei quer dar terras com mão larga,
Que lhe dê Buenos Ayres e Correntes,

E outras, que tem por estes vastos climas;
Porém não póde dar-lhe os nossos povos,
E inda no caso que podesse da-los,
Eu não sei se o teu Rei sabe o que troca;
Porém tenho receio que o não saiba.
Eu já vi a Colonia Portugueza
Na tenra idade dos primeiros annos,
Quando o meu velho pai c'os nossos arcos
Ás sitiadoras tropas castelhanas
Deu soccorro, e medíu comvosco as armas.
E quererão deixar os Portuguezes
A Praça, que avassalla e que domina
O gigante das aguas, e com ella
Toda a navegação do largo rio,
Que parece que poz a natureza
Para servir-vos de limite e raia?
Será; mas não o creio. E depois disto:
As campinas, que vês, e a nossa terra
Sem o nosso suor e os nossos braços,
De que serve ao teu rei? Aqui não temos
Nem altas minas, nem os caudalosos
Rios de arêas de ouro. Essa riqueza,
Que cobre os templos dos bemditos padres
Fructo da sua industria, e do commercio
Da folha e pelles, é riqueza sua.
Com o arbitrio dos corpos e das almas
O ceo lha deu em sorte. A nós somente
Nos toca arar e cultivar a terra,
Sem outra paga mais que o repartido
Por mãos escaças misero sustento.

Pobres choupanas e algodões tecidos,
E o arco, e as settas e as vistosas pennas
São as nossas fantasticas riquezas.
Muito suor, e pouco ou nenhum fasto.
Volta, senhor, não passes adiante.
Que mais queres de nós? Não nos obrigues
A resistir-te em campo aberto. Póde
Custar-te muito sangue o dar um passo.
Não queiras ver se cortam nossas frexas.
Vê que o nome dos reis não nos assusta.
O teu está mui longe; e nós os indios
Não temos outro rei mais do que os padres.
Acabou de fallar; e assim responde,
O illustre General: Ó alma grande,
Digna de combater por melhor causa,
Vê que te enganam: risca da memoria
Vans, funestas imagens, que alimentam
Envelhecidos mal fundados odios.
Por mim te falla o rei: ouve-me, attende,
E verás uma vez núa a verdade.
Fez-vos livres o ceo; mas se o ser livres
Era viver errantes e dispersos,
Sem companheiros, sem amigos, sempre
Com as armas na mão em dura guerra,
Ter por justiça a fôrça, e pelos bosques
Viver do acaso, eu julgo que inda fôra
Melhor a escravidão que a liberdade.
Mas nem a escravidão nem a miseria
Quer o benigno Rei que o fructo seja
Da sua protecção. Esse absoluto

Imperio illimitado, que exercitam
Em vós os padres, como vós, vassallos,
É imperio tyrannico, que usurpam.
Nem são senhores, nem vós sois escravos.
O rei é vosso pai: quer-vos felices.
Sois livres como eu sou; e sereis livres,
Não sendo aqui, em outra qualquer parte.
Mas deveis entregar-nos estas terras.
Ao bem público cede o bem privado.
O socego de Europa assim o pede.
Assim o manda o rei. Vós sois rebeldes,
Se não obedeceis; mas os rebeldes,
Eu sei que não sois vós; são os bons padres,
Que vos dizem a todos, que sois livres,
E se servem de vós, como de escravos.
Armados de orações vos põem no campo
Contra o fero trovão da artilheria,
Que os muros arrebata, e se contentam
De ver de longe a guerra: sacrificam
Avarentos do seu o vosso sangue.
Eu quero á vossa vista despojal-os
Do tyranno dominio destes climas,
De que a vossa innocencia os fez senhores.
Dizem-vos que não tendes rei? Cacique,
E o juramento de fidelidade?
Porque está longe, julgas que não póde
Castigar-vos a vós, e castigal-os?
Generoso inimigo, é tudo engano.
Os reis estão na Europa; mas adverte
Que estes braços que vês, são os seus braços

Dentro de pouco tempo um meu aceno
Vai cubrir este monte e essas campinas
De semivivos palpitantes corpos,
De miseros mortaes, que inda não sabem
Por que causa o seu sangue vai agora
Lavrar a terra, e recolher-se em lagos.
Não me chames cruel: em quauto é tempo
Pensa e resolve; e pela mão tomando
Ao nobre embaixador o illustre Andrade
Intenta reduzil-o por brandura.
E o indio, um pouco pensativo, o braço
E a mão retira; e suspirando, disse:
Gentes de Europa, nunca vos trouxera
O mar e o vento a nós. Ah! não debalde
Estendeu entre nós a natureza
Todo esse plano espaço immenso de aguas.
Proseguia talvez; mas o imterrompe
Cepé, que entra no meio, e diz: Cacambo
Fez mais do que devia; e todos sabem
Que estas terras, que pizas, o Ceo livres
Deu aos nossos avós; nós tambem livres
As recebemos dos antepassados.
Livres as hão de herdar os nossos filhos.
Desconhecemos, detestâmos jugo,
Que não seja o do ceo, por mão dos padres.
As frexas partirão nossas contendas
Dentro de pouco tempo; e o vosso mundo,
Se nelle um resto houver de humanidade,
Julgará entre nós; se defendêmos
Tu a injustiça, e nós o Deos e a patria.

Em fim quereis a guerra e tereis guerra,
Lhe torna o General: podeis partir-vos,
Que tendes livre o passo. Assim dizendo,
Manda dar a Cacambo rica espada
De tortas guarnições de prata e ouro,
A que inda mais valor dera o trabalho.
Um bordado chapeo e larga cinta
Verde, e capa de verde e fino panno,
Com bandas amarelas e encarnadas.
E mandou que a Cepé se désse um arco
De pontas de marfim, e ornada e cheia
De novas settas a famosa aljava:
A mesma aljava que deixára um dia,
Quando envolto em seu sangue e vivo apenas
Sem arco e sem cavallo, foi trazido
Prisioneiro de guerra ao nosso campo.
Lembrou-se o indio da passada injúria,
E sobraçando a conhecida aljava,
Lhe disse: Ó General, eu te agradeço
As settas que me dás, e te prometto
Mandar-t'as bem depressa uma por uma,
Entre nuvens de pó no ardor da guerra.
Tu as conhecerás pelas feridas,
Ou porque rompem com mais fôrça os ares.
Despediram-se os indios, e as esquadras
Se vão dispondo em ordem de peleja,
Como mandava o General. Os lados
Cobrem as tropas de cavallaria,
E estão no centro firmes os infantes.
Qual féra bocca de libreo raivoso

De lisos e alvos dentes guarnecida,
Os indios ameaça a nossa frente
De agudas bayonetas rodeada.
Fez a trombeta o som da guerra. Ouviram
Aquelles montes pela vez primeira
O som da caixa portugueza; e viram
Pela primeira vez aquelles ares
Desenroladas as reaes bandeiras.
Saem das grutas pelo chão cavadas,
Em que atéli de indústria se escondiam,
Nuvens de indios, e a vista duvidava
Se do terreno os barbaros nasciam.
Qual já no tempo antigo o errante Cadmo
Dizem que víra da fecunda terra
Brotar a cruelissima seára.
Erguem todos um barbaro alarido,
E sobre os nossos cada qual encurva
Mil vezes e mil vezes solta o arco
Um chuveiro de settas despedindo.
Gentil mancebo presumido e nescio,
A quem a popular lisonja engana,
Vaidoso pelo campo discorria,
Fazendo ostentação dos seus pennachos,
Impertinente e de familia escura;
Mas que tinha o favor dos santos padres.
Contam, não sei se é certo, que o tivera
A esteril mãi por orações de Balda.
Chamaram-no Baldetta por memória.
Tinha nm cavallo de manchada pelle
Mais vistoso que forte: a natureza

Um ameno jardim por todo o corpo
Lhe debuxou, e era jardim chamado.
O padre na saudosa despedida
Deu-lh'o em signal de amor, e nelle agora
Girando ao largo com incertos tiros
Muitos fería, e a todos inquietava.
Mas se então se cubriu de eterna infamia,
A glôria tua foi, nobre Gerardo.
Tornava o indio jactancioso, quando
Lhe sae Gerardo ao meio da carreira:
Disparou-lhe a pistola, e fez-lhe a um tempo
Co' reflexo do sol luzir a espada.
Só de vel-o se assusta o indio, e fica
Qual quem ouve o trovão e espera o raio.
Treme, e o cavallo aos seus volta, e pendente
A um lado e a outro de caír acena.
Deixando aqui e alli por todo o campo
Entornadas as settas; pelas costas
Fluctuavam as pennas; e fugindo
Sôltas da mão as redeas ondeavam.
Insta Gerardo, e quasi o ferro o alcança,
Quando Tatú-Guaçú, o mais valente
De quantos indios viu a nossa idade,
Armado o peito da escamosa pelle
De um Jacaré disforme, que matára,
Se atravessa diante. Intenta o nosso
Com a outra pistola abrir caminho,
E em vão o intenta: a verdenegra pelle,
Que ao indio o largo peito orna e defende,
Formou a natureza impenetravel.

Co' a espada o fere no hombro e na cabeça,
E as pennas córta, de que o campo espalha.
Separa os dous fortissimos guerreiros
A multidão dos nossos, que atropela
Os indios fugitivos: tão depressa
Cobrem o campo os mortos e os feridos,
E por nós a victróia se declara.
Precipitadamente as armas deixam;
Nem resistem mais tempo ás espingardas.
Vale-lhe a costumada ligeireza;
Debaixo lhe desapparece a terra;
E voam, que o temor aos pés põe azas,
Clamando ao ceo e encommendando a vida
Ás orações dos padres. Desta sorte,
Talvez, em outro clima, quando soltam
A branca neve eterna os velhos Alpes,
Arrebata a corrente impetuosa
Co' as choupanas o gado. Afflicto e triste
Se salva o lavrador nos altos ramos,
E vê levar-lhe a cheia os bois e o arado.
Poucos indios no campo mais famosos,
Servindo de reparo aos fugitivos,
Sustentam todo o peso da batalha,
Apesar da fortuna. De uma parte
Tatú-Guaçú mais forte na desgraça
Já banhado em seu sangue pertendia
Por seu braço elle só pôr termo á guerra.
Caitutú de outra parte altivo e forte
Oppunha o peito á furia do inimigo,
E servia de muro á sua gente.

Fez proezas Cepé naquelle dia.
Conhecido de todos, no perigo
Mostrava descoberto o rosto e o peito,
Forçando os seus co' exemplo e co' as palavras.
Já tinha despejado a aljava toda,
E destro em atirar e irado e forte
Quantas settas da mão voar fazia,
Tantas na nossa gente ensanguentava.
Settas de novo agora recebia,
Para dar outra vez principio á guerra.
Quando o illustre Hespanhol, que governava
Montevidio, alegre, airoso e prompto
As redeas volta ao rapido cavallo,
E por cima de mortos e feridos,
Que luctavam co' a morte, o indio affronta.
Cepé, que o viu, tinha tomado a lança,
E atraz deitando a um têpo o corpo e o braço,
A despediu. Por entre o braço e o corpo
Ao ligeiro Hespanhol o ferro passa:
Rompe, sem fazer damno, a terra dura,
E treme fóra muito tempo a hastea;
Mas de um golpe a Cepé na testa e peito
Fere o governador e as redeas córta
Ao cavallo feroz. Foge o cavallo,
E leva involuntario e ardendo em ira
Por todo o campo a seu senhor; e ou fosse
Que regada de sangue aos pés cedia
A terra, ou que puzesse as mãos em falso,
Rodou sobre si mesmo, e na caída
Lançou longe a Cepé. Rende-te ou morre,

Grita o governador; e o Tape altivo,
Sem responder, encurva o arco, e a setta
Despede; e nella prepara a morte.
Enganou-se esta vez. A setta um pouco
Declina, e açouta o rosto a leve pluma.
Não quiz deixar o vencimento incerto
Por mais tempo o Hespanhol; e arrebatado
Com a pistola lhe fez tiro aos peitos.
Era pequeno o espaço, e fez o tiro
No corpo desarmado estrago horrendo.
Viam-se dentro pelas rotas costas
Palpitar as entranhas. Quiz tres vezes
Levantar-se do chão: caíu tres vezes.
E os olhos já nadando em fria morte
Lhe cubriu sombra escura e ferreo somno.
Morto o grande Cepé, já não resistem
As tímidas esquadras. Não conhece
Leis o temor. Debalde está diante
E anima os seus o rapido Cacambo.
Tinha-se retirado da peleja
Caitutú mal ferido; e do seu corpo
Deixa Tatú-Guaçú por onde passa
Rios de sangue. Os outros mais valentes
Ou eram mortos, ou feridos. Pende
O ferro vencedor sobre os vencidos.
Ao número, ao valor cede Cacambo:
Salva os indios, que póde e se retira.

—

CANTO TERCEIRO.

O Heroe avança — Visão de Cacambo, movido pela qual lança fogo ao acampamento daquelle — Episodio de Lindoya — Morte de Cacambo — Prantos de Lindoya — Visões por virtude da feiticeira Tanajura, que lhe deixam ver Lisboa, seu terremoto e reedificação, o assassino d'elrei D. José e a expulsao dos Jesuitas.

Já a nossa do mundo última parte
Tinha voltado a ensanguentada fronte
Ao centro luminar, quando a campanha
Semeada de mortos e insepultos
Viu desfazer-se a um tempo a villa errante
Ao som de caixas. Descontente e triste
Marchava o General: não soffre o peito,
Compadecido e generoso, a vista

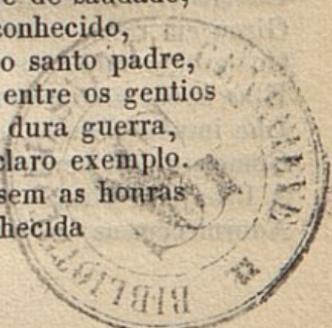
Daquelles frios e sangrados corpos,
Victimas da ambição de injusto imperio.
Foram ganhando e descobrindo terra
Inimiga e infiel; até que um dia
Fizeram alto e se acamparam, onde
Incultas vargeas, por espaço immenso,
Enfadonhas e estereis acompanham
Ambas as margens d'um profundo rio.
Todas estas vastissimas campinas
Cobrem palustres e tecidas cannas,
E leves juncos do calor tostados,
Prompta materia de voraz incendio.
O indio habitador de quando em quando
Com estranha cultura entrega ao fogo
Muitas leguas de campo: o incendio dura,
Em quanto dura e o favorece o vento.
Da herva que renasce se apascenta
O immenso gado, que dos montes desce;
E renovando incendios desta sorte
A arte emenda a natureza; e podem
Ter sempre nedio o gado, e o campo verde.
Mas agora sabendo por espias
As nossas marchas, conservavam sempre
Seccas as torradissimas campinas;
Nem consentiam, por fazer-nos guerra,
Que a chamma bemfeitora e a cinza fria,
Fertilizasse o arido terreno.
O cavallo atéli forte e brioso,
E costumado a não ter mais sustento,
Naquelles climas do que a verde relva

Da mimosa campina, desfallece.
Nem mais, se o seu senhor o affaga, encurva
Os pes e cava o chão co' as mãos, e o valle
Rinchando atrôa, e açouta o ar co' as clinas.
Era alta noute, e carrancudo e triste
Negava o ceo envolto em pobre manto
A luz ao mundo, e murmurar se ouvia
Ao longe o rio e menear-se o vento.
Respirava descanço a natureza.
Só na outra margem não podia em tanto
O inquieto Cacambo achar socego.
No perturbado interrompido somno,
Talvez fosse illusão, se lhe apresenta
A triste imagem de Cepé despido,
Pintado o rosto do temor da morte,
Banhado em negro sangue, que corria
Do peito aberto, e nos pizados braços
Inda os signaes da misera caída.
Sem adorno a cabeça, e aos pés calcada
A rota aljava e as descompostas pennas.
Quanto diverso do Cepé valente,
Que no meio dos nossos espalhava,
De po, de sangue e de suor cuberto,
O espanto, a morte! E diz-lhe em tristes vozes;
Foge, foge Cacambo. E tu descanças,
Tendo tão perto os inimigos? Torna,
Torna aos teus bosques, e nas patrias grutas
Tua fraqueza e desventura encobre,
Ou se acaso inda vivem no teu peito
Os desejos de glória, ao duro passo

Resiste valoroso; ah tu, que podes!
E tu, que podes, põe a mão nos peitos
Á fortuna de Europa: agora é tempo,
Que descuidados da outra parte dormem.
Envolve em fogo e fumo o campo, e paguem
O teu sangue e o meu sangue. Assim dizendo
Se perdeu entre as nuvens, sacudindo
Sobre as tendas no ar fumante tocha;
E assignala com chammas o caminho.
Accorda o indio valeroso, e salta
Longe da curva rêde e sem demora,
O arco e as settas arrebata, e fere
O chão com o pe: quer sobre o largo rio
Ir peito a peito a contrastar co' a morte.
Tem diante dos olhos a figura
Do caro amigo, e inda lhe escuta as vozes.
Pendura a um verde tronco as várias pennas
E o arco e as settas e a sonora aljava;
E onde mais manso e mais quieto o rio
Se estende e espraia, sobre a ruiva arêa,
Pensativo e turbado entra; e com agua
Já por cima do peito as mãos e os olhos
Levanta ao ceo, que elle não via, e ás ondas
O corpo entrega. Já sabía em tanto
A nova empreza na limosa gruta
O patrio rio; e dando um geito á urna,
Fez que as aguas corressem mais serenas;
E o indio affortunado a praia opposta
Tocou sem ser sentido. Aqui se aparta
Da margem guarnecida e mansamente

Pelo silencio vai, da noite, escura
Buscando a parte donde vinha o vento.
Lá como é uso do paiz, roçando
Dous lenhos entre si, desperta a chamma,
Que já se atêa nas ligeiras palhas,
E velozmente se propaga. Ao vento
Deixa Cacambo o resto e foge a tempo
Da perigosa luz ; porém na margem
Do rio, quando a chamma abrazadora
Começa a alumiar a noite escura,
Já sentido dos guardas não se assusta,
E temeraria e venturosamente,
Fiando a vida aos animosos braços,
De um alto precipicio ás negras ondas
Outra vez se lançou, e foi d'um salto
Ao fundo rio a visitar a arêa.
Debalde gritam, e debalde ás margens
Corre a gente apressada. Elle entre tanto
Sacode as pernas e os nervosos braços :
Rompe as espumas assoprando, e a um tempo
Suspendido nas mãos, voltando o rosto,
Via nas agoas trémulas a imagem
Do arrebatado incendio e se alegrava.
Não de outra sorte o cauteloso Ulysses,
Vaidoso da ruina, que causára,
Viu abrazar de Troya os altos muros,
E a perjura cidade envolta em fumo
Encostar-se no chão, e pouco a pouco
Desmaiar sobre as cinzas. Cresce em tanto
O incendio furioso, e o irado vento

Arrebata ás mãos cheias vivas chammas,
Que aqui e alli, pela campina espalha.
Communica-se a um tempo ao largo campo
A chamma abrazadora, e em breve espaco
Cérca as barracas da confusa gente.
Armado o General, como se achava,
Saíu do pavilhão e prompto atalha,
Que não prosiga o voador incendio.
Poucas tendas entrega ao fogo, e manda
Sem mais demora abrir largo caminho,
Que os separe das chammas. Uns já cortam
As combustiveis palhas, outros trazem
Nos promptos vasos as visinhas ondas.
Mais não espera o barbaro atrevido.
A todos se adianta; e desejoso
De levar a notícia ao grande Balda,
Naquella mesma noite o passo estende.
Tanto se apressa que na quarta aurora
Por veredas occultas viu de longe
A doce patria, e os conhecidos montes
E o templo, que tocava o ceo co' as grimpas.
Mas não sabía que a fortuna em tanto
Lhe preparava a última ruina.
Quanto sería mais ditoso! Quanto
Melhor lhe fôra o acabar a vida
Na frente do inimigo, em campo aberto,
Ou sôbre os restos de abrazadas tendas,
Obra do seu valor! Tinha Cacambo
Real esposa a senhoril Lindoya,
De costumes suavissimos e honestos

Em verdes annos : com ditosos laços
Amor os tinha unido ; mas apenas
Os tinha unido, quando ao som primeiro
Das trombetas lh'o arrebatou dos laços
A glória enganadora. Ou foi que Balda
Engenhoso e subtil quiz desfazer-se
Da presença importuna e perigosa
Do indio generoso ; e desde aquella
Saudosa manhã, que a despedida
Presenciou dos dous amantes, nunca
Consentiu que outra vez tornasse aos braços
Da formosa Lindoya, e descobria
Sempre novos pretextos da demora.
Tornar não esperado e victorioso
Foi todo o seu delicto. Não consente
O cauteloso Balda que Lindoya
Chegue a falar ao seu esposo ; e manda
Que uma escura prisão o esconda e aparte
Da luz do sol. Nem os reaes parentes,
Nem dos amigos a piedade e o pranto
Da enternecida esposa abranda o peito
Do obstinado juiz : até que á força
De desgostos, de mágoa e de saudade,
Por meio d'um licôr desconhecido,
Que lhe deu compassivo o santo padre,
Jaz o illustre Cacambo : entre os gentios
Unico, que na paz e em dura guerra,
De virtude e valor deu claro exemplo.
Chorado occultamente e sem as honras
De regio funeral, desconhecida

Pouca terra os honrados ossos cobre,
Se é que os seus ossos cobre alguma terra.
Crueis ministros, encubri ao menos
A funesta notícia. Ai que já sabe
A assustada amantissima Lindoya
O successo infeliz. Quem a soccorre!
Que aborrecida de viver procura
Todos os meios de encontrar a morte.
Nem quer que o esposo longamente a espere
No reino escuro, aonde se não ama.
Mas a enrugada Tanajura, que era
Prudente e experimentada, e que a seus peitos
Tinha creado em mais ditosa idade
A mãi da mãi da misera Lindoya,
E lia pela história do futuro,
Visionaria, supersticiosa,
Que de abertos sepulcros recolhia
Nuas caveiras e esburgados ossos,
A uma medonha gruta, onde ardem sempre
Verdes candeias, conduziu chorando
Lindoya, a quem ama como filha;
E em ferrugento vaso licor puro
De viva fonte recolheu. Tres vezes
Girou em roda, e murmurou tres vezes
Co' a carcomida bocca, ímpias palavras,
E as agoas assoprou: depois com o dedo
Lhe impõe silencio, e faz que as aguas note.
Como no mar azul, quando recolhe
A lisonjeira viração as azas,
Adormecem as ondas e retratam

Ao natural as debruçadas penhas,
O copado arvoredo e as nuvens altas.
Não de outra sorte á tímida Lindoya
Aquellas aguas fielmente pintam
O rio, a praia, o valle e os montes, onde
Tinha sido Lisboa ; e viu Lisboa
Entre despedaçados edificios,
Com o solto cabello descomposto,
Tropeçando em ruinas encostar-se,
Desamparada dos habitadores
A Rainha do Tejo, e solitaria
No meio de sepulcros procurava
Com seus olhos soccorro ; e com seus olhos
Só descubria de um e de outro lado
Pendentes muros e inclinadas torres.
Vê mais o luso Atlante, que forceja
Por sustentar o peso desmedido
Nos roxos hombros. Mas do ceo sereno,
Em branca nuvem próvida donzella
Rapidamente desce, e lhe apresenta
Da sua mão, espirito constante,
Genio de Alcides, que de negros monstros
Despeja o mundo, e enxuga o pranto á patria.
Tem por despojos cabelludas pelles
De ensanguentados e famintos lobos,
E fingidas raposas. Manda e logo
O incendio lhe obedece, e de repente
Por onde quer que elle encaminhe os passos,
Dão logar as ruinas. Viu Lindoya
Do meio dellas, só a um seu aceno,

Saír da terra feitos e acabados
Vistosos edificios. Já mais bella
Nasce Lisboa de entre as cinzas: glória
Do grande Conde, que co' a mão robusta
Lhe firmou na alta testa os vacillantes
Mal seguros castellos. Mais ao longe
Promptas no Téjo, e ao curvo ferro atadas
Aos olhos dão de si terrivel mostra,
Ameaçando o mar, as poderosas,
Soberbas náos. Por entre as cordas negras
Alvejam as bandeiras: geme atado
Na popa o vento; e alegres e vistosas
Descem das nuvens a beijar os mares
As flamulas guerreiras. No horizonte
Já sobre o mar azul apparecia
A pintada Serpente, obra e trabalho
Do novo-mundo, que de longe vinha
Buscar as nadadoras companheiras;
E já de longe a fresca Cintra e os montes,
Que inda não conhecia, saudava.
Impacientes da fatal demora,
Os lenhos mercenarios junto á terra
Recebem no seu seio e a outros climas,
Longe dos doces ares de Lisboa,
Transportam a ignorancia e a magra inveja,
E envolta em negros e compridos pannos
A discordia, o furor. A torpe e velha
Hypocrisia vagarosamente
Atraz delles caminha; e inda duvída
Que houvesse mão, que se atravesse a tanto.

O povo a mostra com o dedo; e ella
Com os olhos no chão da luz do dia
Foge, e cubrir o rosto inda procura
Com os pedaços do rasgado manto.
Vai, filha da ambição, onde te levam
O vento e os mares: possam teus alumnos
Andar errando sobre as aguas: possa
Negar-lhe a bella Europa abrigo e porto.
Alegre deixarei a luz do dia,
Se chegarem a ver meus olhos, que Adria
Da altà injúria se lembra e do seu seio
Te lança: e que te lançam do seu seio
Gallia, Iberia e o paiz bello, que parte
O Apenino e cinge o mar e os Alpes.
Pareceu a Lindoya, que a partida
Destes monstros deixava mais serenos,
E mais puros os ares. Já se mostra
Mais distincta a seus olhos a cidade.
Mas viu, ai vista lastimosa! a um lado
Ir a fidelidade portugueza
Manchados os purissimos vestidos
De roxas nodoas. Mais ao longe estava
Com os olhos vendados, e escondido
Nas roupas um punhal banhado em sangue,
O Fanatismo, pela mão guiando
Um curvo e branco velho ao fogo e ao laço.
Geme offendida a natureza; e geme
Ai! muito tarde a credula cidade.
Os olhos põe no chão a Igreja irada,
E desconhece e desapprova e vinga

O delicto cruel, e a mão bastarda.
Embebida na magica pintura
Goza as imagens vans, e não se atreve
Lindoya a perguntar. Vê destruida
A Republica infame, e bem vingada
A morte de Cacambo; e attenta e immovel
Apascentava os olhos e o desejo,
E nem tudo entendia; quando a velha
Bateu co' a mão, e fez tremer as aguas.
Desapparecem as fingidas torres
E os verdes campos; nem já delles resta
Leve signal. Debalde os olhos buscam
As náos: já não são náos; nem mar, nem montes,
Nem o lugar, onde estiveram. Torna
Ao pranto a saudosissima Lindoya,
E de novo outra vez suspira e geme,
Até que a noute compassiva e attenta,
Que as magoadas lástimas lhe ouvíra,
Ao partir sacudiu das fuscas azas,
Envolto em frio orvalho, um leve somno,
Suave esquecimento de seus males.

CANTO QUARTO.

O Heroe atalha o incêndio, salva as tropas e prosegue a marcha — Dá fim o episodio de Lindoya — Chegam á cidade dos indios, que estes abandonam, reduzida a cinzas.

Salvas as tropas do nocturno incendio,
Aos povos se avisinha o grande Andrade,
Depois de affugentar os indios fortes,
Que a subida dos montes defendiam,
E rotos muitas vezes e espalhados
Os Tapes cavalleiros, que arremeçam
Duas causas de morte em uma lança,
E em largo gyro todo o campo escrevem.

Que negue agora a perfida calúmnia
Que se ensinava aos barbaros gentios
A disciplina militar, e negue
Que mãos traidoras a distantes povos
Por asperos desertos conduziam
O po sulfureo e as sibilantes ballas,
E o bronze, que rugia nos seus muros.
Tu que viste e pizaste, ó Blasco insigne,
Todo aquelle paiz, tu só podeste,
Co' a mão, que dirigia o ataque horrendo,
E aplanava os caminhos á victória,
Descrever ao teu rei o sítio e as armas
E os odios e o furor e a incrivel guerra.
Pisaram finalmente os altos riscos
De escalvada montanha, que os infernos
Co' o peso opprime e a testa altiva esconde
Na região, que não perturba o vento.
Qual vê quem foge á terra, pouco a pouco
Ir crescendo o horizonte, que se encurva,
Até que com os ceos o mar confina,
Nem tem á vista mais que o ar e as ondas:
Assim quem olha do escarpado cume
Não vê mais do que o ceo, que o mais lhe encobre
A tarda e fria nevoa, escura e densa.
Mas quando o sol de lá do eterno e fixo
Purpureo encôsto do dourado assento,
Co' a creadora mão desfaz e corre
O veo cinzento de ondeadas nuvens,
Que alegre scena para os olhos! Podem
Daquella altura, por espaço immenso,

Ver as longas campinas retalhadas
De tremulos ribeiros; claras fontes
E lagos cristallinos, onde molha
As leves azas o lascivo vento.
Engraçados outeiros, fundos valles
E arvoredos copados e confusos,
Verde theatro, onde se admira quanto
Produziu a superflua Natureza.
A terra soffredora de cultura
Mostra o rasgado seio; e as várias plantas;
Dando as mãos entre si, tecem compridas
Ruas, por onde a vista saudosa
Se estende e perde. O vagaroso gado
Mal se move no campo, e se divisam
Por entre as sombras da verdura, ao longe,
As casas branquejando e os altos templos.
Ajuntavam-se os indios entre tanto
No logar mais visinho, onde o bom padre
Queria dar Lindoya por esposa
Ao seu Baldetta, e segurar-lhe o posto
E a régia authoridade de Cacambo.
Estão patentes as douradas portas
Do grande templo, e na visinha praça
Se vão dispondo de uma e de outra banda
As vistosas esquadras differentes.
Co' a chata frente de Urucú tingida,
Vinha o indio Kobbé disforme e feio,
Que sustenta nas mãos pesada maça
Com que abate no campo os inimigos
Como abate a seára o rijo vento.

Traz comsigo os selvagens da montanha
Que comem os seus mortos; nem consentem
Que jámais lhes esconda a dura terra
No seu avaro seio o frio corpo
Do doce pai, ou suspirado amigo.
Foi o segundo, que de si fez mostra,
O mancebo Pindó, que succedêra
A Cepé no logar: inda em memória
Do não vingado irmão, que tanto amava,
Leva negros pennachos na cabeça.
São vermelhas as outras pennas todas,
Côr, que Cepé usára sempre em guerra.
Vão com elle os seus Tapes, que se affrontam
E que têm por injúria morrer velhos.
Segue-se Caitutú de regio sangue.
E de Lindoya irmão. Não muito fortes
São os que elle conduz; mas são tão destros
No exercicio da frexa, que arrebatam
Ao verde papagaio o curvo bico,
Voando pelo ar. Nem dos seus tiros
O peixe prateado está seguro
No fundo do ribeiro. Vinham logo
Alegres Guaranís de amavel gesto.
Esta foi de Cacambo a esquadra antiga.
Pennas da côr do ceo trazem vestidas;
Com cintas amarelas: e Baldetta
Desvanecido a bella esquadra ordena
No seu jardim: até o meio a lança
Pintada de vermelho, e a testa e o corpo
Todo cuberto de amarelas plumas.

Pendente a rica espada de Cacambo,
E pelos peitos ao través lançada,
Por cima do hombro esquerdo, a verde faxa
De donde ao lado opposto a aljava desce.
N'um cavallo da côr da noite escura
Entrou na grande praça derradeiro
Tatú-Guaçú feroz, e vem guiando
Tropel confuso de cavalleria,
Que combate desordenadamente.
Trazem lanças nas mãos, e lhes defendem
Pelles de monstros os seguros peitos.
Revia-se em Baldetta o santo padre;
E fazendo profunda reverencia,
Fóra da grande porta recebia
O esperado Tedêo activo e prompto,
A quem acompanhava vagaroso
Com as chaves no cinto o irmão Patusca,
De pezada, enormissima barriga.
Jámais a este o som da dura guerra
Tinha tirado as horas do descanço.
De indulgente moral e brando peito,
Que penetrado da fraqueza humana
Soffre em paz as delicias desta vida,
Taes e quaes nol-as dão. Gosta das cousas
Porque gosta; e contenta-se do effeito:
E nem sabe, nem quer saber as causas.
Ainda que talvez, em falta de outro,
Com grosseiras acções o povo exhorte,
Gritando sempre e sempre repetindo,
Que do bom pai Adão a triste raça

Por degráos degenera, e que este mundo
Peiorando envelhece. Não faltava,
Para se dar principio á estranha festa,
Mais que Lindoya. Ha muito lhe preparam
Todas de brancas pennas revestidas
Festões de flores as gentís donzellas.
Cansados de esperar, ao seu retiro
Vão muitos impacientes a buscal-a.
Estes de crespa Tanajura aprendem
Que entrára no jardim triste e chorosa,
Sem consentir que alguem a acompanhasse.
Um frio susto corre pelas veias
De Caitutú, que deixa os seus no campo;
E a irmã por entre as sombras do arvoredo
Busca co' a vista, e treme de encontral-a.
Entram em fim na mais remota e interna
Parte de antigo bosque, escuro e negro,
Onde ao pé de uma lapa cavernosa
Cobre uma rouca fonte, que murmura,
Curva latada de jasmins e rosas.
Este logar delicioso e triste,
Cansada de viver, tinha escolhido
Para morrer a misera Lindoya.
Lá reclinada, como que dormia,
Na branda relva e nas mimosas flores,
Tinha a face na mão, e a mão no tronco
De um funebre cipreste, que espalhava
Melancolica sombra. Mais de perto
Descobrem que se enrola no seu corpo
Verde serpente, e lhe passeia e cinge

Pescoço e braços, e lhe lambe o seio.
Fogem de a ver assim sobresaltados,
E param cheios de temor ao longe;
E nem se atrevem a chamal-a, e temem
Que disperte assustada e irrite o monstro,
E fuja e apresse no fugir a morte.
Porém o destro Caitutú, que treme
Do perigo da irmã, sem mais demora
Dobrou as pontas do arco, e quiz tres vezes
Soltar o tiro, e vacillou tres vezes
Entre a ira e o temor. Em fim sacode
O arco, e faz voar a aguda setta,
Que toca o peito de Lindoya, e fere
A serpente na testa, e a boca e os dentes
Deixou cravados no visinho tronco.
Açouta o campo co' a ligeira cauda
O irado monstro, e em tortuosos giros
Se enrosca no cipreste, e verte envolto
Em negro sangue o livido veneno.
Leva nos braços a infeliz Lindoya
O desgraçado irmão, que ao despertal-a
Conhece, (com que dor!) no frio rosto
Os signaes do veneno, e vê ferido
Pelo dente subtil o brando peito.
Os olhos, em que amor reinava um dia,
Cheios de morte; e muda aquella lingua,
Que ao surdo vento e aos échos tantas vezes
Contou a larga história de seus males.
Nos olhos Caitutú não soffre o pranto,
E rompe em profundissimos suspiros,

Lendo na testa da fronteira gruta
De sua mão já trémula gravado
O alheio crime, e a voluntaria morte.
E por todas as partes repetido
O suspirado nome de Cacambo.
Inda conserva o pallido semblante
Um não-sei-quê de magoado e triste,
Que os corações mais duros enternece.
Tanto era bella no seu rosto a morte!
Indifferente admira o caso acerbo
Da estranha novidade ali trazido
O duro Balda; e os indios, que se achavam,
Corre co' a vista e os animos observa.
Quanto póde o temor! Seccou-se a um tempo
Em mais de ũ rosto o pranto; e ẽ mais de ũ peito
Morreram suffocados os suspiros.
Ficou desamparada na espessura,
E exposta ás feras e ás famintas aves,
Sem que algum se atrevesse a honrar seu corpo
De poucas flores e piedosa terra.
Fastosa Egypcia, que o maior triumfo
Temeste honrar do vencedor Latino!
Se desceste inda livre ao escuro reino,
Foi vaidosa talvez da imaginada
Barbara pompa do real sepulcro.
Amavel Indiana! Eu te prometto
Que ẽ breve a iniqua patria envolta ẽ chammas
Te sirva de urna, e que misture e leve
A tua e a sua cinza o irado vento.
Confusamente murmurava em tanto

Do caso atroz a lastimada gente.
Dizem que Tanajura lhe pintára
Suave aquelle genero de morte,
E talvez lhe mostrasse o sítio e os meios.
Balda, que ha muito espera o tempo e o modo
De alta vingança, e encobre a dor no peito,
Excita os póvos a exemplar castigo
Na desgraçada velha. Alegre em roda
Se ajunta a petulante mocidade
Co' as armas, que o acaso lhe offerece.
Mas neste tempo um indio pelas ruas
Com gesto espavorido vem gritando,
Soltos e arrepiados os cabellos:
Fugí, fugí da mal segura terra,
Que estão já sobre nós os inimigos!
Eu mesmo os vi, que descem do alto monte,
E vem cobrindo os campos; e se ainda
Vivo chego a trazer-vos a notícia,
Aos meus ligeiros pés a vida eu devo.
Debalde nos expomos neste sítio,
Diz o activo Tedêo: melhor conselho
É ajuntar as tropas no outro povo:
Perca-se o mais, salvemos a cabeça.
Embora seja assim: faça-se em tudo
A vontade do ceo; mas entre tanto
Vejam os contumazes inimigos
Que não tem que esperar de nós despojos.
Falte-lhe a melhor parte ao seu triumfo.
Assim discorre Balda; e em tanto ordena
Que todas as esquadras se retirem,

Dando as cazas primeiro ao fogo e o templo.
Parte, deixando atada a triste velha
Dentro de uma choupana, e vingativo
Quiz que por ella começasse o incendio.
Ouviam-se de longe os altos gritos
Da miseravel Tanajura. Aos ares
Vão globos espessissimos de fumo,
Que deixa ensanguentada a luz do dia.
Com as grossas camaldulas á porta,
Devoto e penitente os esperava
O irmão Patusca, que ao rumor primeiro
Tinha sido o mais prompto a pôr-se em salvo,
E a desertar da perigosa terra.
Por mais que o nosso General se apresse,
Não acha mais que as cinzas inda quentes,
E um deserto onde ha pouco era a cidade.
Tinham ardido as miseras choupanas
Dos pobres indios; e no chão caídos
Fumegavam os nobres edificios,
Deliciosa habitação dos padres.
Entram no grande templo, e vêem por terra
As imagens sagradas. O aureo throno,
O throno, em que se adora um Deus immenso,
Que o soffre e não castiga os temerarios,
Em pedaços no chão. Voltava os olhos
Turbado o General: aquella vista
Lhe encheu o peito de ira e os olhos de agua.
Em roda os seus fortissimos guerreiros
Admiram espalhados a grandeza
Do rico templo, e os desmedidos arcos.

Ás bases das firmissimas columnas
E os vultos animados, que respiram.
Na abobeda o artifice famoso
Pintára... mas que intento! as roucas vozes
Seguir não pódem do pincel os rasgos.
Genio da inculta America, que inspiras
A meu peito o furor que me transporta!
Tu me levantas nas seguras azas.
Serás em paga ouvido no meu canto.
E te prometto que pendente um dia
Adorne a minha lyra os teus altares.

—

CANTO QUINTO.

Descripção da pintura na abobeda do templo indio, em que o poeta faz ver os males causados pela Companhia de Jesus — Segue o Heroe em demanda do inimigo, e o surprehende na visinha povoação, onde rendido se submette.

Na vasta e curva abobeda pintára
A destra mão de artifice famoso
Em breve espaço villas e cidades
E provincias e reinos. No alto solio
Estava dando leis ao mundo inteiro
A Companhia. Os sceptros e as coroas,
E as tiaras e as purpuras em torno
Semeadas no chão. Tinha de um lado,

Dadivas corruptoras: do outro lado
Sôbre os brancos altares suspendidos
Agudos ferros que gotejam sangue.
Por esta mão ao pé dos altos muros
Um dos Henriques perde a vida e o reino.
E cahe por esta mão, oh Ceos! debalde
Rodeado dos seus o outro Henrique,
Delicia do seu povo e dos humanos.
Principes! O seu sangue é vossa offensa.
Novos crimes prepara o horrendo monstro.
Armai o braço vingador: descreva
Seus tortos sulcos o luzente arado
Sôbre o seu throno; nem aos tardos netos
O logar em que foi mostrar-se possa.
Viam-se ao longe errantes e espalhados
Pelo mundo os seus filhos ir lançando
Os fundamentos do esperado imperio,
De dous em dous: ou sôbre os coroados
Montes do Tejo; ou nas remotas praias,
Que habitam as pintadas Amazonas,
Por onde o rei das aguas espumando
Foge da estreita terra e insulta os mares;
Ou no Ganges sagrado; ou nas escuras,
Nunca de humanos pés trilhadas, serras,
Onde o Nilo tem, se é que tem fonte.
Com um gesto innocente aos pés do throno
Via.se a liberdade americana,
Que arrastando enormissimas cadeias
Suspira, e os olhos e a inclinada testa
Nem levanta, de humilde e de medrosa.

Tem diante riquissimo tributo,
Brilhante pedraria e prata e ouro,
Funesto preço por que compra os ferros.
Ao longe o mar azul e as brancas vélas,
Com estranhas divisas nas bandeiras,
Denotam que aspirava ao senhorio
E da navegação e do commercio.
Outro tempo, outro clima, outros costumes.
Mais além tão diversa de si mesma
Vestida em larga roupa fluctuante,
Que distinguem barbaricos lavores,
Respira no ar chinez o mole fasto
De asiatica pompa; e grave e lenta
Permitte aos bonzos, apezar de Roma,
Do seu legislador o indigno culto.
Aqui entrando no Japão fomenta
Domésticas discordias. La passea
No meio dos estragos, ostentando
Orvalhadas de sangue, as negras roupas.
Cá desterrada em fim dos ricos portos
Voltando a vista ás terras, que perdêra,
Quer pizar temeraria e criminosa...
Oh Ceos! que negro horror! tinha ficado
Imperfeita a pintura e envolta em sombras.
Tremeu a mão do artifice ao fingil-a.
E desmaiaram no pincel as côres.
Da parte opposta, nas soberbas praias
Da rica Londres tragica e funesta,
Ensanguentado o Tâmisa esmorece
Vendo a conjuração perfida e negra,

Que se prepara ao crime; e intenta e espera
Erguer aos ceos nos inflammados hombros,
E espalhar pelas nuvens denegridos,
Todos os grandes, e a famosa sala.
Por entre os troncos de umas plantas negras,
Por obra sua, viàm-se arrastados
A's ardentes arêas Africanas
O valor e alta glória portugueza.
Ai mal aconselhado, quando forte,
Generoso moncebo! Eternos lutos
Preparas á chorosa Lusitania.
Desejado dos teus, a incertos climas
Vás mendigar a morte e a sepultura.
Já satisfeitos do fatal designio,
Por mão de um dos Filippes affogavam
Nos abysmos do mar, e emudeciam
Queixosas linguas e sagradas boccas,
Em que ainda se ouvia a voz da patria.
Crescia o seu poder e se firmava
Entre surdas vinganças. Ao mar largo
Lança do profanado occulto seio
O irado Tejo os frios nadadores.
E deixa o barco e foge para a praia
O pescador, que attonito recolhe
Na longa rede o pálido cadaver
Privado de sepulcro. Em quanto os nossos
Apascentam a vista na pintura,
Nova empreza e outro genero de guerra
Em si revolve o General famoso.
Apenas esperou que ao sol brilhante

Désse as costas de todo a opaca terra;
Precipitou a marcha, e no outro povo
Foi surprender os indios. O cruzeiro,
Constellação dos Europeos não vista,
As horas declinando lhe assignala.
A córada manhã serena e pura
Começava a bordar nos horizontes
O ceo de brancas nuvens povoado,
Quando abertas as portas se descobrem
Em trages de caminho ambos os padres,
Que mansamente do logar fugiam,
Desamparando os miseraveis indios,
Depois de expostos ao furor das armas.
Lobo voraz, que vai na sombra escura
Meditando traições ao manso gado
Perseguido dos cães e descoberto,
Não arde em tanta colera como ardem
Balda e Tedêo. A soldadesca alegre
Cérca em roda o fleugmatico Patusca,
Que próvido de longe os acompanha,
E mal se move no jumento tardo.
Pendem-lhe dos arções de um lado e de outro
Os paios saborosos e os vermelhos
Presuntos europeos; e a tiracolo
Inseparavel companheira antiga
De seus caminhos a borraxa pende.
Entra no povo e ao templo se encaminha
O invicto Andrade: e generoso em tanto
Reprime a militar licença, e a todos
Co' a grande sombra ampara: alegre e brando

No meio da victória. Em roda o cercam,
(Nem se enganaram) procurando abrigo
Chorosas mãis e filhos innocentes,
E curvos pais e tímidas donzellas.
Socegado o tumulto, e conhecidas
As vís astucias de Tedêo e Balda,
Cae a infame republica por terra.
Aos pés do General as toscas armas
Já têm deposto o rude Americano,
Que reconhce as ordens e se humilha,
E a imagem do seu Rei prostrado adora.

*

Serás lido Uraguay. Cubra os meus olhos
Embora um dia a escura noite eterna.
Tu vive e goza a luz serena e pura.
Vai aos bosques de Arcadia: e não receies
Chegar desconhecido áquella arêa.
Ali de fresco entre as sombrias murtas
Urna triste a Mirêu não todo encerra.
Leva de estranho ceo, sobre ella espalha
Co' a peregrina mão barbaras flores.
E busca o successor, que te encaminhe
Ao teu logar, que ha muito que te espera.

FIM.

O CARAMURÚ.

POR

Fr. José de S. Rita Durão.

CANTO PRIMEIRO.

Exposição do assumpto — Invocação — Dedicatoria ao Principe do Brasil D. José — Naufragio do Heroe, Diogo Alvares, junto á Bahia — Salva-se elle e mais seis companheiros — O gentio devora o cadaver de um delles, Sancho, e ceva os outros para lhe servir de pasto — O Heroe salva a espingarda e munições — Fernando narra a origem da estatua da Ilha do Corvo, que apontava para a America — Prepara-se o gentio a consumar o sacrificio dos companheiros do Heroe, que disso se livram, caindo em guerra no poder dos do principal Sergipe, sem haver mais novas delles.

DE um varão em mil casos agitado,
Que as praias discorrendo do occidente,
Descobriu o Reconcavo affamado
Da capital brasilica potente:
Do « filho do trovão » denominado,
Que o peito domar soube á fera gente,
O valor cantarei na adversa sorte;
Pois só conheço heroe quem nella é forte.

2.

Santo esplendor, que do Grão Padre manas
Ao seio intacto de uma Virgem bella;
Se da enchente de luzes soberanas
Tudo dispensas pela Mãi Donzella;
Rompendo as sombras de illusões humanas,
Tu do grão caso a pura luz revéla;
Faze que em ti comece e em ti conclua
Esta grande obra, que por fim foi tua.

3.

E vós, Principe excelso, do ceo dado
Para base immortal do luso throno;
Vós, que do aureo Brasil no principado,
Da real successão sois alto abono:
Em quanto o imperio tendes descançado
Sôbre o seio da paz com doce somno,
Não queirais dedignar-vos no meu metro
De pôr os olhos, e admittil-o ao sceptro.

5.

Nelle vereis nações desconhecidas,
Que em meio dos sertões a fé não doma;
E que podéram ser-vos, convertidas,
Maior imperio que houve em Grecia ou Roma;
Gentes vereis e terras escondidas,
Onde se um raio da verdade assoma,
Amansando-as, tereis na turba immensa
Outro reino maior que a Europa extensa.

5.

Devora-se a infeliz misera gente;
E sempre reduzida a menos terra,
Virá toda a extinguir-se infelizmente,
Sendo em campo menor maior a guerra.
Olhai, Senhor, com reflexão clemente
Para tantos mortaes, que a brenha encerra;
E que livrando desse abysmo fundo,
Vireis a ser monarca de outro mundo.

6.

Principe do Brasil, futuro dono,
Á mãi da patria, que administra o mando,
Ponde, excelso Senhor, aos pés do throno
As desgraças do povo miserando:
Para tanta esperança é o justo abono
Vosso titulo e nome, que invocando,
Chamará, como a outro o Egypcio povo,
D. José salvador de um mundo novo.

7.

Nem podereis temer que ao santo intento
Não se nutram heroes no luso povo,
Que o antigo Portugal vos apresento
No Brasil renascido, como em novo.
Vereis do domador do Indico assento
Nas guerras do Brasil alto renovo,
E que os seguem nas bellicas idéas
Os Vieiras, Barretos e os Corrêas.

8.

Dai por tanto, Senhor, potente impulso,
Com que possa entoar sonoro o metro
Da brasilica gente o invicto pulso,
Que augmenta tanto imperio ao vosso sceptro:
E em quanto o povo do Brasil convulso
Em nova lyra canto, em novo pletro;
Fazei que fidelissimo se veja
O vosso throno em propagar-se a igreja.

9.

Da nova Lusitania o vasto espaço
Ia a povoar Diogo, a quem bisonho
Chama o Brasil, temendo o forte braço,
Horrivel filho do trovão medonho:
Quando do abysmo por cortar-lhe o espaço,
Essa furia saíu, como supponho,
A quêm do inferno o paganismo alumno,
Dando o imperio das aguas, fez Neptuno.

10.

O grão tridente, com que o mar commove,
Cravou « dos Orgãos » na montanha horrenda,
E na escura caverna, adonde jove
(Outro espirito) espalha a luz tremenda,
Relampagos mil faz, coriscos chove;
Bate-se o vento em horrida contenda:
Arde o ceo, zune o ar, treme a montanha,
E ergue-lhe o mar em frente outra tamanha.

11.

O « filho do trovão » que em baixel ia
Por passadas tormentas ruinoso,
Vê que do grosso mar na travessia
Se sorve o lenho pelo pégo undoso;
Bem que constante, a morte não temia,
Invoca no perigo o ceo piedoso,
Ao ver que a furia horrivel da procella
Rompe a náo, quebra o leme e arranca a véla.

12.

Lança-se ao fundo o ignivomo instrumento:
Todo o peso se alija; o passageiro,
Para nadar no tumido elemento,
A taboa abraça, que encontrou primeiro:
Quem se arroja no mar temendo o vento;
Qual se fia a um batel; quem a um madeiro,
Até que sôbre a penha, que a embaraça,
A quilha bate, e a náo se despedaça.

13.

Sete sómente do batel perdido
Vêm á praia cruel, luctando a nado;
Offerece-lhe um soccorro fementido
Barbara multidão; que acode ao brado:
E ao ver na praia o bemfeitor fingido,
Rende-lhe as mãos o naufrago enganado:
Tristes! que a ver algum qual fim o espera
Com quanta sede a morte não bebêra?

14.

Já estava em terra o infausto naufragante
Rodeado da turba americana;
Vem-se com pasmo ao pôrem-se diante,
E uns aos outros não crêem da especie humana:
Os cabellos, a côr, barba e semblante
Faziam crer aquella gente insana,
Que alguma especie de animal sería
Desses, que no seu seio o mar trazia.

15.

Algum chegando aos miseros, que á arêa
O mar arroja extinctos, nota o vulto;
Ora o tenta despir, e ora recea
Não seja astucia, com que o assalte occulto.
Outros do jacaré tomando a idéa
Temem que acorde com violento insulto;
Ou que o somno fingindo os arrebate,
E entre as prezas crueis no fundo os mate.

16.

Mas vendo a Sancho, um naufrago que espira,
Rota a cabeça n'uma penha aguda,
Que ia trémulo a erguer-se, e que caíra,
Que com voz lastimosa implora ajuda:
E vendo os olhos, que elle em branco vira;
Cadaverica a face, a boca muda,
Pela experiencia da commua sorte
Reconhecem tambem que aquillo é morte.

17.

Correm depois de crel-o ao pasto horrendo;
E retalhando o corpo em mil pedaços,
Vai cada um famelico trazendo,
Qual um pé, qual a mão, qual outro os braços:
Outros na crua carne iam comendo;
Tanto na infame gula eram devassos:
Taes ha, que as assam nos ardentes fossos,
Alguns torrando estão na chamma os ossos.

18.

Que horror da humanidade! ver tragada
Da propria especie a carne já corrupta!
Quanto não deve a Europa abençoada
Á fé do redemptor, que humilde escuta?
Não era aquella infamia praticada
Só dessa gente miseranda e bruta:
Roma e Carthago o sabe no nocturno
Horrivel sacrificio de Saturno.

19.

Os sete em tanto, que do mar com vida
Chegaram a tocar na infame arêa,
Pasmam de ver na turba recrescida
A brutal catadura, horrida e fêa:
A côr vermelha em si, mostram tingida
De outra côr differente, que os affêa:
Pedras e páos de embiras enfiados,
Que na face e nariz trazem furados.

20.

Na bocca, em carne humana ensanguentada,
Anda o beiço inferior todo caído ;
Porque a tem toda em roda esburacada,
E o labro de vís pedras embutido :
Os dentes, que é belleza que lhe agrada,
Um sôbre outro desponta recrescido :
Nem se lhe vê nascer na barba o pello,
Chata a cara e nariz, rijo o cabello.

21.

Vê-se no sexo recatado o pejo,
Sem mais que a antiga gala que Eva usava,
Quando por pena de um voraz desejo
Da fêa desnudez se envergonhava :
Vão sem pudor com barbaro despejo
Os homens, como Adão sem culpa andava ;
Mas vê-se, alma natura, o que lhe ordenas ;
Porque no sacrificio usam de pennas.

22.

Qual das bellas araras, traz vistosas
Louras, brancas, purpureas, verdes plumas :
Outros põem, como tunicas lustrosas,
Um verniz de balsamicas espumas :
Nem temem nelle as chuvas porcellosas,
Nem o frio rigor de asperas brumas ;
Nem se receam do mordaz bisouro,
Qual anta ou qual tatú dentro em seu couro.

23.

Por armas, frechas, arcos, pedras, béstas ;
A espada do páo ferro, e por escudo
As redes de algodão nada molestas,
Onde a ponta se embace ao dardo agudo :
Por capacete nas guerreiras testas
Cintos de pennas com galhardo estudo ;
Mas o vulgo no bellico ameaço
Não tẽ mais q̃ unha ou dente, ou punho ou braço.

24.

Desta arte armada a multidão confusa
Investe o naufragante enfraquecido,
Que ao ver-se despojar, nada recusa ;
Por que se enxugue o madido vestido :
Tanto mais pelo mimo, que se lhe usa,
Quando a barbara gente o vê rendido :
Trouxeram-lhe a batata, o coco, o inhame;
Mas o que crêem piedade é gula infame.

25.

Cevavam desta fórma os desditosos
Das fadigas maritimas desfeitos ;
Por pingues ter os pastos horrorosos,
Sendo nas carnes miseras refeitos :
Feras ! mas feras não ; que mais monstruosos
São da nossa alma os barbaros effeitos ;
E em corrupta razão mais furor cabe,
Que tanto um bruto imaginar não sabe.

26.

Não mui longe do mar na penha dura
A bocca está de um antro mal aberta,
Que horrivel dentro pela sombra escura,
Toda é fóra de ramas encuberta:
Alli com guarda á vista se clausura
A infeliz companhia, estando alerta,
E por cevallos mais, dão-lhe o recreio
De ir pela praia em placido passeio.

27.

Diogo então que á gente miseranda,
Por ser de nobre sangue precedia,
Vendo que nada entende a turba infanda,
Nem do ferreo mosquete usar sabía;
Da rota náo, que se descobre á banda,
Polvora e bala em cópia recolhia;
E como enfermo, que no passo tarda,
Serviu-se por bastão de uma espingarda.

28.

Forte sim, mas de tempêra delicada,
Aguda febre traz desde a tormenta;
Palido o rosto, e a côr toda mudada;
A carne sobre os ossos macilenta:
Mas foi-lhe aquella doença affortunada,
Porque a gente cruel guardal-o intenta,
Até que sendo a si restituido,
Como os mais vão comer, seja comido.

29.

Barbarie foi, se-crê, da antiga idade
A propria prole devorar nascida;
Desde que essa cruel voracidade
Fôra ao velho Saturno attribuida:
Fingimento por fim, mas é em verdade
Invenção do diabolico homicida,
Que uns cá se matam, e outros lá se comem:
Tanto aborrece aquella furia ao homem....

30.

Mas já tres vezes tinha a lua enchido
Do vasto globo o luminoso aspecto,
Quando o chefe dos barbaros temido
Fulmina contra os seis o atroz decreto:
Ordena que no altar seja offerecido
O brutal sacrificio em sangue infecto,
Sendo a cabeça ás victimas quebrada,
E a gula infanda de os comer saciada.

31.

Em tanto que se ordena a brutal festa,
Nada sabiam na marinha gruta
Os habitantes da prisão funesta;
Que ardilosa lh'o esconde a gente bruta:
E em quanto a feral pompa já se apresta,
Toda a pena em favor se lhe commuta;
Nem parecem ter dado a menor ordem,
Senão que comam, e comendo engordem.

32.

Mimosas carnes mandam, doces frutas
O araçá, cajú, côco e mangaba;
Do bom maracujá lhe enchem as grutas
Sôbre rimas e rimas de guaiaba:
Vasilhas põem de vinho nunca enxutas,
E a immunda catimpoeira, que da baba
Fazer costuma a barbara patrulha,
Que só de ouvil-o o estomago se embrulha.

33.

Um dia pois que á sombra desejada
Se repousam, passando a calma ardente,
Por dar allivio á dor reconcentrada,
De ver-se escravos de tão fera gente;
Fernando, um delles, diz, que aos mais agrada
Por cantigas, que entôa docemente,
Que em cithara, que o mar na terra lança,
Se divirtam da funebre lembrança.

34.

Mancebo era Fernando mui polido,
Douto em lettras e em prendas celebrado,
Qne nas ilhas do Atlantico nascido,
Tinha muito co' as Musas conversado:
Tinha elle os rumos do Brasil seguido,
Por ver o monumento celebrado
De uma estatua famosa, que n'um pico
Aponta do Brasil ao paiz rico.

35.

Pedira-lhe Luiz, que isto escutára,
De profetica estatua o conto inteiro,
Se foi verdade, se invenção foi clara
De gente rude ou povo noveleiro:
Fernando então, que em metro já cantára,
O successo, que attesta verdadeiro,
Toma nas mãos a cithara suave,
E entoando, começa em canto grave:

36.

« Occulto o tempo foi, incerta a era,
Em que o grão caso contam succedido;
Mas em parte é sem dúvida sincera
A bella história, que a escutar convido;
Feliz foi o ditoso e feliz era
Quem tanto foi do ceo favorecido;
Pois em meio ao corrupto gentilismo
Merecer soube a Deos o seu baptismo.

37

« Incerto pelas brenhas caminhava
Um varão santo, que perdêra a via,
Quando pelos cabellos o elevava
O anjo aonde o sol já se escondia;
E um selvagem lhe mostra, que se achava,
Quasi luctando em última agonia:
Ouve, lhe diz, o justo agonisante,
E uma estrada de luz tomou brilhante.

38.

« Auréo, que assim se chama o sacro enviado,
Encostando ao velho titubiante,
Por ignorar-lhe o idioma não falado,
No seu diz, de que o enfermo era ignorante :
E ouve-se responder, caso admirado !
N'uma lingua de todo estravagante,
Que sendo em tudo extraordinaria e bruta,
Faz-se entender, e entende-o no que escuta.

39.

« Do grande creador por mensageiro
A benção (diz) te offereço, homem ditoso !
Neste mundo ignorado em o primeiro,
Quer que o seu nome escutes glorioso :
Do eterno pai, de um filho verdadeiro,
Do espirito tambem, laço amoroso,
Quer que o mysterio saibas da verdade :
São tres pessoas n'uma só unidade.

40.

« Um só senhor que todo o sér governa,
Que só com dizer *seja* o fez de nada ;
Que á natureza desde a idade eterna,
Certa época fixou de ser creada :
Que abrindo liberal a mão paterna.
Toda a cousa abençôa, que é animada :
Que sua imagem nos fez ; e sem segundo,
Quer que o homem reine sobre o vasto mundo.

41.

« Que havendo em mil delicias collocado
Nossos primeiros pais n'um paraiso,
Por homenagem desse imperio dado,
Privou de um pomo com severo aviso:
Que vendo o seu respeito profanado,
E igual satisfação sendo preciso,
No duro lenho a poz, no ferreo cravo,
E deu o filho por salvar o escravo.

42.

« Este do seio pois de virgem pura,
Invocada no nome de Maria,
Redemptor, mestre e luz da creatura,
Nasceu, prégou, morreu na cruz impía:
Rompeu do abysmo a immovel fechadura,
Depois resurge no terceiro dia;
E ao ceo subindo em fim, donde commanda,
Aos fins da terra os mensageiros manda.

43.

« Um destes venho a ti: lavar-te intento,
Se queres acceitar meu catecismo;
E servindo de porta o sacramento,
Incorpar-te ao santo christianismo.
Purga o teu coração, teu pensamento,
Por chegar puro ás aguas do baptismo,
Onde se entras com dor do mal primeiro,
De Jesus Christo morrerás coherdeiro.

44.

« Aos primeiros accentos, que escutára
Guaçú, que este é o seu nome, a frente empena;
Attenta ao que ouve a orelha, e fixa a cara,
Senão que co' a cabeça a tudo acena:
Dos olhos mal se serve, que cegára,
Bem que a vista pareça ter serena;
As mãos de quando em quando estende e toca,
E pende attento da sagrada bocca.

45.

« Bom ministro, responde, do piedoso
Excelso grão Tupá, que o ceo modera,
Não me vens novo, não: que tive o goso
De ouvir-te em sonho já; quem ver podera!
Se a imagem tens, que o somno fabuloso
Ha muito, que de ti na mente gera!
Serás, disse, e na barba o vai tocando,
Homem com barbas, branco e venerando.

46.

« Louvores a Tupá, que em fim chegaste;
Que o caminho me ensinas, donde elejo
Buscar logo o grão Deos que m'annunciaste,
Que desde a infancia com ardor desejo:
Nunca soube, assim é, quanto contaste;
Mas não sei, como o que ouço e quasi vejo
Sentia, como em sombra mal formada;
Não que o crêsse ainda assim, mas por toada.

47.

«Vendo desse universo a mole immensa,
Sem ser de ainda maior entendimento
Fabricada a não cri: que elle o dispensa,
Tem, rege e guarda, infere o pensamento:
Que repugna á creatura estar suspensa,
Sem último fim ter, notava attento:
E este ente, que me fez um deos segundo,
É o grão Tupá, fabricador do mundo.

48.

«Vi as chagas da propria natureza,
A ignorancia, a malicia, a variedade,
E bem reconheci, que esta torpeza
Nascer não póde da eternal bondade.
Onde, sem o saber, cri, que era acceza
Neste incendio commum da humanidade
Antiga chamma, donde o mal nos veio;
Crer que taes nos fez Deos... eu tal não creio.

49.

«Tambem vi q̃ o grão Deos, que o mundo cria,
Deixar nunca quizera em tanto estrago
A humana natureza; e que a mão pia
De taes miserias ao profundo lago
Havia de estender; como o faria?
Suspenso fiquei sempre incerto e vago;
Mas nunca duvidei que alguem se visse,
Que de tantas miserias nos remisse.

50.

« E como era a maior, que experimentava,
O ver que livremente o mal seguia ;
Que a suprema bondade se aggravava,
Donde um homem de bem se aggravaria :
Vendo que a affronta, que esta acção causava,
Só se houvera outro Deos, se pagaria ;
E impossivel mais de um reconhecendo...
Daqui não passo, e cégo me suspendo.

51.

« Agora sim, que entendo a grã verdade,
Que um só Deos se fez homem sem defeito
E sendo tres pessoas na unidade,
Do filho ao pai podia haver respeito :
A pessoa segunda da Trindade,
Novo homem, como nós, de terra feito,
A paz do homem com Deos fundar procura ;
Redemptor pio da mortal creatura.

52.

« Este creio, este adoro, este confesso ;
E esta santa mensagem venerando,
Por meu Deos e senhor firme o conheço,
A quem da terra e ceo pertence o mando :
Deste o baptismo santo hoje te peço,
Onde na porta celestial entrando,
Suba o espirito á glória que deseja,
E com estes meus olhos ainda o veja.

53.

« Disse o ditoso velho; e acompanhando
Com devoto suspiro a voz que exprime,
Bem mostra que no peito o está tocando
A occulta unção do Espirito sublime:
As mãos ao ceo levanta lagrimando;
E tanto ardor na face se lhe imprime,
Que acompanhar parece o humilde rôgo
Um diluvio de agua, outro de fogo.

54.

« Então o bom ministro: É justo, amigo,
Que chores, lhe dizia, o teu peccado;
Por não amar a Deos; ser-lhe inimigo,
Se o blasfemaste; de o não ter honrado;
De não servir teus pais; de um odio antigo;
E se não foste honesto, ou tens roubado;
Se em mulher, bens, ou fama em caso feio
Fizeste damno, ou cubiçaste o alheio.

55.

« Esta a lei santa é, que em nós impressa
Ninguem offende, que mereça escusa;
Onde no que faltaste a Deos confessa,
Que tanto deve quem peccando abusa:
Quer-se a satisfação com a promessa
De melhor vida, no que a lei te accusa:
Pois quem quer que peccou, que assim não faça,
Recebe o sacramento, mas não graça.

56.

«Eu, disse o Americano, antes de tudo
Amei do coração quem ser me dera,
Seu nome ignoro, mas honral-o estudo;
E com fé o adorei sempre sincera:
Em certos dias recolhido e mudo
Cuidava em venerar quem tudo impera,
Matar não quiz, nem morto algum comia,
Pois que a mim mo fizessem não queria.

57.

«Mulher tive, mas uma, persuadido
Que com uma se póde; acção impura
Metteu-me sempre horror; tendo entendido,
Que só no matrimonio era segura:
Qualquer outro prazer fôra prohibido,
Porque se entanto abuso se conjura,
Quem segundo esse instinto do demonio,
Se pudéra lembrar do matrimonio?

58.

«Nunca roubei, temendo ser roubado:
Por conservar a fama, honrei a alheia:
Não me lembra de ter calumniado,
Nem de outrem disse mal, que é cousa fêa;
E quem houvesse de outros murmurado,
Que outro tanto lhe façam certo crêa;
Não tive inveja do que alguem consiga,
Por ver que quem a tem, seu mal castiga.

59.

« Em fim, corri meus annos desde a infancia
Sem offender, que eu saiba, esta lei justa,
Sem ter a cousa boa repugnancia,
Tudo mercê da mão de Deos augusta.
Nos meus males sómente a tolerancia
M'os fazia passar a menor custo :
Esta a minha ancia foi, este o meu zelo,
Saber quem era Deos ; tratal-o e vê-lo.

60.

« Dizendo o velho assim, tanto se accende,
Como se n' alma se lhe ateára um fogo :
Reclina a humilde fronte, e a voz suspende ;
E caíndo em deliquio neste affogo,
Corre o ministro, que ao successo attende,
E buscando agua, que o baptize logo ;
Apenas Felis diz, eu te baptizo,
Partiu feliz d' um vôo ao paraizo.

61.

« Cuidava em sepultal-o Auréo saudoso ;
Porém de espessa nevoa, que o ar condensa,
Ouve um coro entoando harmonioso
Louvor eterno á magestade immensa :
E na athmosfera ali do ar nebuloso,
Luz arraiando, que a allumia intensa ;
Viu Felis, que na glória, que o vestía,
A graça baptismal lhe agradecia.

62.

« Que te conceda Deos, ministro justo,
Diz-lhe a alma venturosa, o premio eterno ;
Pois vens do antigo mundo a tanto custo
A libertar-me do poder do inferno.
Dos ceos em tanto o dominante augusto,
Que tornes manda ao ninho teu paterno ;
E sobre a nevoa em nuvem levantada
Vás navegando pela aeria estrada.

63.

« E quer na nuvem propria, que te indico,
Que esse cadaver meu vá transportado,
E na ilha do Corvo, de alto pico
O vejam n' uma ponta collocado ;
Onde acene ao paiz do metal rico,
Que o ambicioso europeu vendo indicado,
Dará logar, que ouvida nelle seja
A doutrina do ceo e a voz da igreja.

64.

« Disse ; e cessando a voz e a visão bella,
Viu da nuvem Auréo, que o rodeava,
Transformar-se a bella alma em clara estrella,
E viu que a nuvem sôbre o mar voava ;
O cadaver tambem sublime nella,
Ao cume do grão pico já chegava ;
Onde a nevoa, que no alto se sublima,
Depõe como uma estatua o corpo em cima.

65.

« Ali batido do nevado vento,
De sol, de gelo e chuva penetrado,
Effeito natural, e não portento
É vel-o, qual se vê, petrificado.
Um arco tem por bellico instrumento,
De pluma um cinto sobre a frente ornado:
Outro onde era decente: em côr vermelho,
Sem pello a barba tem; no aspecto é velho.

66.

« Voltado estava ás partes do occidente,
Donde o aureo Brasil mostrava a dedo,
Como ensinando á lusitana gente,
Que ali devia navegar bem cedo:
Destino foi do ceo omnipotente,
A fim que sem receio ou torpe medo
Á piedosa empreza o povo corra;
E que quem morrer nella, alegre morra. »

67.

Calou então Fernando, mas não cala
Na cithara dourada outra harmonia,
Onde parece a mão, que tambem fala
E em quanto a voz disse, repetia:
Saíra em tanto um barbaro a escutal-a,
Que encantado da doce melodia,
Toma nas mãos o musico instrumento,
Toca-o sem arte e salta de contento.

68.

Não póde ver dos nossos o congresso
Tanta rudeza sem tentar-se a riso;
Que por mais que um pezar se tenha impresso,
Não dá logar a prevenção ao siso:
E sendo inopinado algum successo,
Onde é nos homens quasi o rir preciso,
Tal pessoa ha que chora apaixonada,
E passa do gemido a uma risada.

69.

Diogo então que dentro em si medía
Da cruel gente a condição damnosa,
Não socega de noite, nem de dia,
Antevendo a desgraça lastimosa:
E vendo rir os mais com alegria,
Pela acção do selvagem graciosa,
Estranhou-lhe o prazer mal concebido,
Arrancando do peito este gemido.

70.

« Oh triste condição da humana vida!
Que tanto em breve do seu mal se esquece;
Pois vendo a liberdade em fim perdida,
Sentimos menos, quando a dor mais cresce:
Vemos desd' a agua ás praias despedida
A infeliz gente, que no mar perece;
E que o brutal gentio na mesm'hora,
Ainda bem os não vê, logo os devora.

71.

Quem sabe, se o cuidado, que destina
Pôr-nos assim mimosos de sustento,
Não é por ter de nós grata chacina
Nesse horrivel barbarico alimento?
Tanta attenção que tem mal se combina,
Sem mostrar-se o maligno pensamento;
Que quem os proprios mortos brutal come,
Como é crivel que aos vivos mate a fome?

72.

Tempo fôra, affligidos companheiros,
De levantar dos ceos ao rei supremo
Humildes vozes, votos verdadeiros,
Como quem lucta no perigo extremo:
Mas vós, que agora rides prasenteiros.
Oh quanto, amigos meus, oh quanto temo,
Que essa gente cruel só nos namore,
Por cevar mais a preza, que devore!

73.

Voltemos antes com fervor piedoso
Os tristes olhos ao ethereo espaço;
Esperando de Deos um fim ditoso,
Onde a morte se avista a cada passo.
Contricto o peito, o coração choroso,
Implore a protecção do excelso braço;
Que o coração me diz, que por desdita
O cruel sacrificio se medita. ,,

74.

Em quanto assim dizia o Heroe prudente,
Commovido qualquer do temor justo,
Levanta humilde as mãos ao ceo clemente,
Vendo o futuro com presago susto:
Já cuida a cruel morte ver presente;
Já vê sobre a cabeça o golpe injusto:
Batem no peito; e levantando as palmas,
Fazem victima a Deos das proprias almas.

75.

Já numerosa turba ás praias vinha,
E os seis levam ao corro miserando,
Onde a plebe cruel formada tinha
A pompa do espectaculo execrando:
E mal a gente bruta se continha,
Que em quanto as tristes mãos lhe vão ligando
No humano corpo pelo susto exangue
Não vão vivo sorvendo o infeliz sangue.

76.

Qual se da Lybia pelo campo estende
O mouro caçador um leão vasto,
Em longa nuvem devoral-o emprende
O sagaz corvo sempre attento ao pasto,
Negro parece o chão; negra, onde pende
A planta, em que do sangue explora o rasto;
Até que avista a preza, e em chusma vôa,
Nem deixa parte, que voraz não rôa.

77.

Tal do caboclo foi a furia infanda,
E o fanatismo, que na mente o cega,
Faz que tendo esta acção por veneranda,
Invoque o grão Tupá, que o raio emprega:
No meio vê-se que em mil voltas anda,
O eleito matador, como quem prega
A brados, exhortando o povo insano
A ensopar toda a mão no sangue humano.

78.

Á roda á roda a multidão fremente
Com gritos corresponde á infame idéa;
Em quanto o fero em gesto de valente
Bate o pé, fere o ar, e um páo manea:
Ergue-se um e outro lenho, onde o paciente
Entre prizões d'embira se encadea;
Fogo se accende nos profundos fossos,
Em que se torrem com a carne os ossos.

79.

Dentro de uma estacada extensa e vasta,
Que a numerosa plebe em torno borda,
Entram os principaes de cada casta
Com bellas plumas, onde a côr discorda:
Outros, que a grenha tem com feral pasta
Do sangue humano, que ao matar trasborda,
Os nigromantes são; que em vão conjuro
Chamam as sombras desde o averno escuro.

80.

Companheiras de officio tão nefando
Seguem de um cabo a turma, e de outro cabo
Seis turpissimas velhas, aparando
O sangue sem um leve menoscabo:
Tão feas são, que a face está pintando
A imagem propriissima do Diabo;
Tinto o corpo em verniz todo amarello,
Rosto tal, que a Medusa o faz ter bello.

81.

Tem no collo as crueis sacerdotisas,
Por conta dos funestos sacrificios,
Fios de dentes, que lhe são divisas,
De mais ou menos tempo em taes officios:
Gratas ao ceo se crêm, de que indivisas
Se inculcam por tartareos maleficios;
E em testemunho do mister nefando,
Nos seus cocos com facas vem tocando.

82.

Quem póde reputar, que dor traspassa
A miseranda infausta companhia,
Vendo taes feras rodear a praça,
Que o sangue com os olhos lhe bebia?
Ver que os dentes lhe range por negaça,
Senão é que os agita a fome impía,
E dizer lá comsigo: « Em poucas horas
« Sou pasto destas feras tragadoras. »

83.

Mas põe-lhe a vista o Padre omnipotente,
Da desgraça cruel compadecido;
E envia um anjo desde o ceo clemente,
Que deixe tanto horror desvanecido:
E faça que o espectaculo presente
Venha por fim a ser sonho fingido;
Que quem recorre ao ceo no mal que geme,
Logo que teme a Deos, nada mais teme.

84.

Seis então dos infames nigromantes
Lançaram mão das victimas pacientes,
E a seis lenhos fataes, que ergueram d'antes,
Atam crueis as mãos dos innocentes:
Póstos no ceo os olhos lagrimantes
Com lembrar-se das penas vehementes,
Que soffreu Deos na cruz, nelle fiados
Pediam-lhe o perdão dos seus peccados.

85.

Fernando ali, que em discrição precede,
Com voz sonora a companhia anima:
Cheio de viva fé soccorro pede;
E quanto a dor permitte, que se exprima:
Grã senhor, diz, de quem tudo procede
A glória, a pena, a confusão e a estima,
Que junto dás as graças e os castigos,
Na dor alívio, amparo nos perigos!

86.

Vida não peço aqui, morte não temo,
Nem menos chóro o caso desgraçado:
O que me doe, que sinto, o que só gemo
É, piedoso Deos, o meu peccado:
Feliz serei, Grão Padre, se no extremo
For da tua bondade perdoado;
Pelo calix amargo, que aqui bebo,
Pela morte cruel, que hoje recebo.

87.

Mas, grande Deos, que vês nossa fraqueza
No duro transe desta cruel hora,
Não soffras que essas féras com crueza
Hajam de devorar a quem te adora;
Porque estremece a fragil natureza,
Vendo a gula brútal, que emprende agora
Sacrificio fazer ao torpe abysmo
Destas carnes tingidas no baptismo.

88.

Ouviu o ceo piedoso a infeliz gente;
E quando o fero a maça já levanta,
Que esmague a fronte ao misero paciente,
Trovão se ouve fatal, que tudo espanta:
Treme a montanha, e cae a roca ingente,
E na ruina as arvores quebranta;
Mas o que mais os brutos confundia,
Era o rumor marcial, que então se ouvia.

89.

Pedras, frechas e dardos de arremeço
Cubriam todo o ar; porque o inimigo,
Que atraz se poz de um proximo cabeço
Aguarda expressamente aquelle artigo:
De um lado e outro desde um mato espesso
Ameaça o furor, cérca o perigo;
E a gente crua transformada a sorte,
Quando cuidou matar, padece a morte.

90.

Era Sergipe o principe valente
Na esquadra valerosa, que atacava;
Varão entre os seus bom, manso e prudente,
Que com justiça os povos commandava:
Armava o forte chefe de presente
Contra Gupeva, que cruel reinava,
Sôbre as aldêas, que em tal tempo havia
No reconcavo ameno da Bahia.

91.

Por toda a parte o bahiense é prezo;
É trucidado o bruto nigromante,
Muitos lançados são no fogo accezo,
Rendem-se os mais ao vencedor possante:
Ficára em vida, todavia illeso
O misero europeo, que ali em fragante
Faz desatar o bom Sergipe, e manda
Á escravidão no seu paiz mais branda.

92.

Mas a gente infeliz no sertão vasto
Por matos e montanhas dividida,
É fama, que uns de tigres foram pasto;
Outra parte dos barbaros comida:
Nem mais houve notícia, ou leve rasto
Como houvessem perdido a amada vida;
Mas ha boa suspeita e firme indício,
Que evadiram o infame sacrificio.

—

CANTO SEGUNDO.

Prantea o Heroe a falta dos seus e determina vingal-os — Arma-se e vai ao gentio, que fica timorato de o vêr, e é exhortado a que abandone a anthropofagia — Gupeva pasma de o vêr armado — Convida os seus a presenteal-o com caça e fructas — Quadro da virgem perante o qual oram — Caçada em que o Heroe dá um tiro, que faz o gentio appellidal-o CARAMURÚ — Recusa o Heroe o culto que lhe querem prestar — Exige de todos obediencia a Gupeva de quem se declara amigo — Pede Gupeva ao Heroe que escolha casa no paiz — Descripção de uma aldeia do gentio e seus costumes — Hospedagem do Heroe — A bella Paraguaçú — O Heroe lhe offerece a mão de esposo se receber o baptismo, e ella acceita.

ERA a hora, em que o sol na grã carreira
Do torrido zenith vibra igualmente,
E que a sombra dos corpos companheira
Na terra extingue, com o raio ardente;
Quando, ao partir a turba carniceira,
Se viu Diogo só na praia ingente,
Entre mil pensamentos, mil terrores,
Que a dor faz grandes, e o temor maiores.

2.

Parecia-lhe ver de gente insana
O barbaro furor, a fome crua,
A agonia dos seus na acção tyranna;
E temendo a dos mais, presume a sua:
Quizera oppôr-se á empreza deshumana;
Pensa em arbitrios mil, com que conclua:
Se fugirá? mas donde? se os invada?
Porém enfermo e só não vale a nada.

3.

Oh! mil vezes, dizia, affortunados,
Os que entregues á furia do elemento
Acabaram seus dias socegados,
Nem viram tanta dor como experimento!
Que estavam finalmente a mim guardados
Este espanto, este horror, este tormento!
Que escapei, santos ceos! desse mar vasto
Para a feras servir de horrivel pasto!

4.

E hei de agora, infeliz! ver fraco e inerme,
Que dos meus vá fazer um pasto horrendo
Essa patrulha vil! que agora enferme!
Que me veja sem força em febre ardendo,
Ah! se pudéra em meu vigor já ver-me!
Que ardor sinto em meu peito de ir rompendo,
A turba vil fazendo em mil pedaços,
Truncar pescoços, mãos, cabeças, braços.

5.

Não póde, é certo, a debil natureza;
Porém que esperas mais, misero Diogo?
Que póde resultar da forte empreza?
Será mal morrer já, se ha de ser logo?
Faltam-me as forças sim; sinto a fraqueza:
Mas o espirito o supre, e neste affogo
Tira forças occultas da nossa alma,
Que ella não mostra ter, vivendo em calma.

6.

E como quer em fim que o mande a sorte,
Morra-se; que talvez se não desuna
O successo feliz de uma acção forte;
Que acaso um temerario achou fortuna,
E quando irado o ceo me envie a morte,
E que a mão do senhor meus erros puna,
Recebo o golpe que me for mandado;
Morrerei, assim é, porém vingado.

7.

Nem deixo de esperar que a gente bruta,
Vendo o estrago da espada e do mosquete,
Não se encha de pavor na estranha luta,
E força maior creia que a accommette:
Se tomo as armas, que salvei na gruta,
Escudo, cota, malha e capacete,
Posso esperar que um só me não resista;
E antes que o ferro, m'os sometta a vista.

8.

Disse: e entrando na solita caverna,
Cobre de ferro a valerosa fronte;
Um peito d'aço de firmeza eterna,
E o escudo, onde a frecha se disponte
Dispõe de modo, e em fórma tal governa,
Que nada teme já, que em campo o affronte:
Nas mãos de ferro tinha uma alabarda,
A espada á cinta, aos hombros a espingarda.

9.

Saía assim da gruta, quando o monte
Cuberto vê da barbara caterva;
E no que infere da turbada fronte,
Signaes de fuga e de derrota observa:
A algum obriga o medo, a que trasmonte:
Outros se escondem pelo matto ou herva;
Muitos fugindo vem com medo á morte,
Crendo achar na caverna um lugar forte.

10.

Mas o prudente Diogo, que entendia
Não pouca parte do idioma escuro,
Por alguns mezes, em que attento o ouvia,
Elege um posto a combater seguro:
Attento a toda a voz, que ouvir podia,
Por escutar dos seus o caso duro,
Entre esperanças e receio intenso
Sem susto estava sim, porém suspenso.

11.

Gupeva então, que aos mais se adiantava,
Vendo das armas o medonho vulto,
Incerto do que vê, suspenso estava,
Nem mais se lembra do inimigo insulto;
Algum dos anhangás imaginava,
Que dentro ao grão fantasma vinha occulto,
E á vista do espectaculo estupendo
Caíu por terra o misero tremendo;

12.

Caiu com elle junta a brutal gente;
Nem sabe o que imagine da figura,
Vendo-a brandir com a alabarda ingente,
E olhando ao morrião, que o transfigura:
Ouve-se um rouco tom de voz fremente
Com que espantal-os mais o Heroe procura;
E porque temam de maior ruina,
Faz-lhes a voz mais horrenda uma bosina

13.

Em tanto a gente barbara prostrada
Tão fóra de si está por cobardia,
Que sem sentido estúpida, assombrada,
Só mostra viva estar, porque tremia:
Quaes verdes varas de arvore copada,
Se assopra a viração do meio dia,
De uma parte á outra parte se maneam;
Assim de medo os vís no chão perneam.

14.

Mas Diogo naquelles intervallos,
Suspendendo o furor do duro Marte,
Esperança concebe de amançal-os,
Uma vez com terror, outra com arte:
A viseira levanta, e vai buscal-os,
Mostrando-se risonho em toda a parte:
Levantai-vos, lhes diz, e assim dizendo,
Ja-os, co' a propria mão, da terra erguendo.

15.

Gupeva, que no traje mais distincto
Parecia na turba do seu povo,
O principal no mando, meio extincto,
Pelo horror de espectaculo tão novo;
Tremendo em pé ficou, sem voz e instincto,
E caíra sem dúvida de novo,
Se nos braços Diogo o não tomára,
E d'agua ali corrente o borrifára.

16.

Não temas, disse affavel; cobra alento,
E supprindo-lhe acenos o idioma,
Dá-lhe a entender que todo esse armamento
Protege amigos, se inimigos doma:
Que os não offende o bellico instrumento,
Quando de humana carne algum não coma:
Que se a comerdes, tudo em cinza ponho...
E isto dizendo, bate o pé, medonho.

17.

Toma nas mãos, lhe diz, verás que nada
Te hão de fazer de mal; e assim falando,
Põe-lhe na mão a partasana e espada,
E vai-lhe á fronte o morrião lançando.
Diminue-se o horror na alma assombrada,
E vai-se pouco a pouco recobrando,
Até que a si tornando reconhece
Onde está, com quem fala, e o que lhe off'rece.

18.

Se d'além das montanhas cá t'envia
O grão Tupá, lhe diz, que em nuvem negra
Escurece com sombra o claro dia,
E manda o claro sol, que o mundo alegra;
Se vens d'onde o sol dorme, e se á Bahia
De alguma nova lei trazes a regra;
Acharás se gostares, na cabana
Mulheres, caça, peixe e carne humana.

19.

A carne humana! replicou Diogo,
E como póde, explica em voz e aceno:
Se vir que come algum, botarei fogo;
Farei que inunde em sangue esse terreno.
Pois se os bichos nos devem comer logo,
O Barbaro lhe oppõe com desempeno,
A nós faz-nos horror, se elles nos comem;
E é menos triste que nos trague um homem.

20.

O corpo humano disse o Heroe prudente
Como o brutal não é : desde que nasce
É morada do espirito eminente,
Em quem do grão Tupá se imita a face.
Sepulta-se na terra, qual semente,
Que se não apodrece, não renasce ;
Tempo virá que aos corpos reunida,
Torne a noss'alma a respirar com vida.

21.

O lume da razão condemna a empreza,
Pois se o infando appetite o gosto adula,
Para extinguir a humana natureza,
Sem mais contrarios, bastaria a gula.
Que se a malicia em vós ou se a rudeza,
O instincto universal de todo annulla,
É com tudo entre os mais cousa temida,
Que outrem por vos comer, vos tire a vida.

22.

Disse Diogo, e conduzia á gruta
O principal da barbara caterva ;
Que ali seguido pela gente bruta,
O lugar conhecido attento observa ·
Gupeva a tudo attende e tudo escuta ;
Mas sempre o horror, que concebeu, conserva ;
E olhando ás armas, sem que a mais se arroje,
Chega com mão furtiva, apalpa e foge.

23.

Vinha a noite já então seu negro manto
Despregando na lúcida atmosfera,
Quando buscam socego ao seu quebranto
No ninho as aves, e na toca a féra:
E quando o somno com suave encanto
Aos miseros mortaes a dor modera;
Mas não modera em Diogo a mordaz cura
De amansar o furor da gente dura.

24.

Por dissipar na gruta a sombra fria,
Toma o ferreo fuzil, que o fogo atêa;
E vendo a rude gente, que o accendia,
E brilhar de improviso uma candêa;
Notando a prompta luz, que no oleo ardia,
Não acaba de o crer de assombro chêa:
Crêem por tanto que o fogo do ceo nasça,
Ou que Diogo nas mãos nascel-o faça.

25.

Era o costume do selvagem rude
Roçar um lenho n'outro com tal geito,
Que vinha por eletrica virtude
A accender lume, mas com tardo effeito.
Mas observando, sem que o lenho o ajude,
Em menos de um momento o fogo feito;
O mesmo imaginou, que a Grecia creu,
Quando viu ferir fogo a Prometheo.

26.

Acceza a luz na lôbrega caverna,
Ve-se o que Diogo ali da náo levára ;
Roupas, armas, e em parte mais interna,
A polvora em barriz, que transportára :
Tudo vão vendo á luz de uma lanterna,
Sem que o appeteça a gente nada avara,
Ouro e prata, que a inveja não lhe atiça :
Nação feliz ! que ignora o que é cubiça.

27.

Mas entre objectos varios a que attende,
Nota Gupeva extatico a pintura,
Que n'um precioso quadro, que ali pende,
Representava a mãi da formosura :
Se seja cousa viva, não entende ;
Mas suspeita bem pela figura,
Digna a pessoa, de que a imagem era,
De ser mãi de Tupá, se elle a tivera.

28.

Ésta, pergunta o barbaro, tão bella,
Tão linda face, acaso representa
Alguma formosissima donzella,
Que esposa o grão Tupá fazer intenta ?
Ou por ventura que nascesse della,
Esse, que sobre os ceos no sol se assenta ?
Quem póde geração saber tão alta ?
Mas se ha mãi, que o gerasse, ésta é sem falta.

29.

Encantado está o pio lusitano
De ouvir em rude bocca tal verdade;
E adorando o mysterio soberano,
Mãi ter não póde, disse, a divindade.
Mas sendo Deos eterno, fez-se humano,
E sem lesão da propria virgindade,
A donzella o gerou, que piza a lua
Digna mãi de Tupá, mãi minha e tua.

30.

Peçamos pois, que é mãi, que nos defenda;
Que te dê para ouvir docil orelha,
E comtigo o teu povo recommenda,
Dizendo o Heroe assim, devoto ajoelha.
Gupeva o mesmo faz com voz estupenda;
E pendente de Diogo, que o aconselha,
Levanta as mãos, como elle levantava;
E vendo-o lagrimar, tambem chorava.

31.

Mas crendo rude, como então vivia,
Que fosse cousa viva a imagem santa;
Que por mãi de Tupá tudo sabía,
Tendo poder conforme a glória tanta;
Repete o que ouve a Diogo com voz pia,
E á mãi de Deos o coração levanta.
E encostando entre os rogos a cabeça,
Faz a noite e o desvello que adormeça.

32.

Já no purpureo, trémulo horizonte,
Rosas parece que espalhava a aurora;
E o sol que nasce sobre opposto monte,
A bella luz derrama creadora:
Ouvem-se as avesinhas junto á fonte,
Saudando a manhã com voz sonora;
E os mortaes já do somno desatados
Tornavam novamente aos seus cuidados.

33.

Quando Gupeva manso e differente,
Do que antes fôra na fereza bruta,
Convoca a ouvil-o a multidão fremente,
Que á roda estava da profunda gruta:
Posto no meio da confusa gente;
Que toda delle pende e attenta escuta:
Valentes Paiaiás, diz desta sorte,
Que herdais o brio da prosapia forte!

34.

Se hontem do vil Sergipe surprendidos,
Vimos o grão terreiro posto a sacco;
Fomos cercados sim, mas não vencidos;
Não foi victória, foi traição de um fraco.
Sabía bem por golpes repetidos,
Com quanto esforço na peleija ataco,
E como sem traição faria nada,
Não tendo eu armas, vem com mão armada.

35.

Sombra do grão Tatú, de quem me ferve
Nestas veias o sangue ; de quem trago
A invicta geração, que em guerra serve
De espanto a todos; de terror, de estrago:
Porque a glória a teu nome se conserve,
E porque a cante da Bahia o lago,
Mandas de lá de donde o mundo acaba
Para o nosso soccorro este *emboába.*

36.

Tu lhe mndaste em ferro a carne branda ;
Tu fazes que na mão se accenda e lhe arda
A viva chama, que Tupá nos manda ;
Tupá, que rege o ceo, que o mundo guarda.
Com elle hei de vencer por qualquer banda ;
Com elle em campo armado já me tarda
O cobarde inimigo, que a encontral-o,
Vivo, vivo me anímo a devoral-o.

37.

Sabeis, Tapuias meus, como morrendo
Nossos irmãos e pais, que elles matavam,
Postos debaixo já do golpe horrendo,
Vosso nome aos vingar tristes chamavam.
Tambem vistes na guerra combatendo,
Que estrago nelles estas mãos causavam,
E as vezes que vos dei no campo vasto,
Mil e mil delles por saboroso pasto.

38.

Mas não come o estrangeiro, nem consente
Comer-se carne humana; e só teria
Outra carne qualquer por innocente,
Aves, feras, tatús, paca ou cotia;
Receba pois de nós grato presente,
De quanto houver nos mattos da Bahia;
Sáia-se á caça; e como lhe compete,
Prepare-se a hospedagem de um banquete.

39.

Separa-se o congresso em breve espaço,
Dispõe-se em alas numerosa tropa:
Quem com taquáras donde pende o laço,
Onde avezinha cae, se incauta o topa:
Quem dos hombros suspende e quem do braço
Armadilhas differentes; outro insopa
Em visgo as longas ramas do palmito,
Onde improvido cáia o periquito.

40.

Os mais com frécha vão, que a um tempo seja
Tiro, que offenda a fugitiva caça;
Ou armas, se occorresse, na peleija,
Quando o inimigo de emboscada a faça:
E porque aos mais presida e tudo veja,
Á frente do esquadrão Gupeva passa;
Nem fica Diogo só, que tudo via,
Mas segue armado a forte companhia.

41.

Mais arma não levou que uma espingarda;
E posto ao lado de Gupeva amigo,
Prompto a todo o accidente e posto em guarda,
Traz na cautela o escudo ao seu perigo.
Em tanto a destra gente a caça aguarda,
E algum se affouta a penetrar no abrigo,
Onde esconde a panthera os seus cachorros,
Outro a segue por brenhas e por morros.

42.

Até que de Gupeva commandada,
Em círculo se fórma a linha unido,
Onde quanto ha de caça já espantada
Fique no meio de um cordão cingido:
A rez ali do estrondo amedrentada
N'um centro está de espaço reduzido:
Á mão mesmo se colhe: cousa bella!
Que dá mais gôsto ver do que comel-a.

43.

Não era assim nas aves fugitivas,
Que umas frechava no ar, e outras em laços
Com arte o caçador tomava vivas:
Uma porém nos liquidos espaços
Faz com a pluma as settas pouco activas,
Deixando a liza penna os golpes lassos:
Toma-a de mira Diogo, e o ponto aguarda:
Dá-lhe um tiro, e derriba-a co'a espingarda.

44.

Estando a turba longe de cuidal-o,
Fica o barbaro ao golpe estremecido,
E cae por terra no tremendo abalo
Da chamma, do fracasso e do estampido :
Qual do horrido trovão com raio e estalo
Algum junto áquem cae, fica aturdido,
Tal Gupeva ficou, crendo formada
No arcabuz de Diogo uma trovoada.

45.

Toda em terra prostrada exclama e grita
A turba rude em misero desmaio,
E faz o horror que estupida repita
Tupá ! Caramurú ! temendo um raio.
Pretendem ter por Deos, quando o permitta,
O que estão vendo em pavoroso ensaio,
Entre horriveis trovões do marcio jogo,
Vomitar chammas e abrazar com fogo.

46.

Desde esse dia é fama, que por nome
Do grão Caramurú foi celebrado
O forte Diogo ; e que escutado dome
Este appellido o barbaro espantado :
Indicava o Brasil no sobrenome,
Que era um dragão dos mares vomitado :
Nem d'outra arte entre nós a antiga idade
Tem Jove, Apollo e Marte por deidade.

47.

Foram, qual hoje o rude Americano,
O valente Romano, o sabio Argivo;
Nem foi de Salmoneo mais torpe o engano
Do que outro rei fizera em Creta altivo.
Nós que zombâmos deste povo insano,
Se bem cavarmos no solar nativo
Dos antigos heroes dentro ás imagens
Não acharemos mais que outros selvagens.

48.

É facil propensão na brutal gente,
Quando em vida ferina admira uma arte,
Chamar um fabro o deos da forja ingente;
Dar ao guerreiro a fama de um deos Marte:
Ou talvez por sulfureo fogo ardente,
Tanto Jove se ouviu por toda a parte:
Hercules e Theseos, Jasões no Ponto
Seriam cousas taes, como as que eu conto.

49.

Quanto merece mais que em douta lyra
Se cante por heroe quem pio e justo,
Onde a cega nação tanto delira,
Reduz á humanidade um povo injusto?!
Se por heroe no mundo só se admira
Quem tyranno ganhava um nome augusto;
Quanto o será maior que o vil tyranno
Quem nas feras infunde um peito humano?

50.

Tal pensamento então n'alma volvia
O grão Caramurú, vendo prostrada
A rude multidão, que Deos o cria,
E que espera desta arte achar domada:
Politica infeliz da idolatria,
Donde a antiga cegueira foi causada;
Mas Diogo, que abomina o feio insulto,
Quando augmenta o terror recusa o culto.

51.

De Tupá sou, lhe disse, omnipotente
Humilde escravo, e como vós me humilho;
Mas do horrendo trovão, que arrójo ardente,
Este raio mostra que eu sou filho.
Disse: e outra vez dispara em continente:
Do meio do relampago, em que brilho,
Abrazarei qualquer, que inda se atreva
A negar a obediencia ao grão Gupeva.

52.

Deu logo a amiga mão com grato aspecto
Ao misero Gupeva, que convulso
No horror daquelle ignivomo prospecto,
Jazia sem sentido e já sem pulso:
Não temas, diz-lhe, amigo que eu prometto
Que do meu braço se não mova impulso,
Senão contra quem for tão temerario,
Que sendo-te eu amigo, é teu contrário.

53.

Recobra o bom Gupeva um novo alento,
Sentindo a grata mão, que á vida o chama;
Nem póde duvidar pelo exprimento,
De quanto Diogo com fineza o ama;
Mas sempre com receio do instrumento
Teme que outra vez lance a horrivel chamma,
E deixa-o no erro Diogo, a fim que incerto,
Nenhum pelo pavor se chegue ao perto.

54.

Mas por deixar incerta a gente infida,
Dá-lhe astuto o arcabuz, que não tem carga;
E quem (diz) é fiel, póde com vida
Tel-o na mão sem horrida descarga;
Porém se algum faltasse á fé devida,
Sentirá da traição por pena amarga,
Com proprio damno seu, com mortal risco,
Relampago e trovão, fogo e corisco.

55.

Que eu acordado esteja, ou que adormeça,
Vigia em guarda minha o fogo occulto:
E a traição pagará com a cabeça
Quem tentasse fazer-me um leve insulto.
Porém se eu mal não quero que aconteça,
Póde um menino como póde o adulto,
E o mais fraco, que houver na vossa gente,
Ter o trovão nas mãos, sem que arrebente.

56.

Porém guardai-vos, vós que só no peito,
Só n'alma, que tenhais tenção maligna,
Vereis que trovão faz por meu respeito,
E que vem no estampido a vossa ruina.
Treme Gupeva, ouvindo este conceito,
E humilde a fronte ao grão Diogo inclina:
Certo de não faltar na fé que rende,
Donde o raio e trovão crê que depende.

57.

Convoca em tanto o principal temido
As esquadras da turba, então dispersa,
E ao grão Caramurú pede rendido
Que eleja casa no paiz diversa;
E que a gruta deixando, suba unido,
Onde em vasta cabana o povo versa;
Nem duvide que a gente fera e brava
O sirva humilde, e se sujeite escrava.

58.

No reconcavo ameno um pôsto havia
De troncos immortaes cercado á roda,
Trincheira natural, com que impedia,
A quem quer penetral-o, a entrada toda:
Um plano vasto no seu centro abria,
Aonde edificando á patria moda,
De troncos, varas, ramos, vimes, canas
Formaram como em quadro oito cabanas.

59.

Qualquer dellas com mole volumosa
Corre direita em linhas parallelas;
E mais comprida aos lados que espaçosa,
Não tem paredes ou columnas bellas:
Um angulo no cume a faz vistosa,
E cuberta de palmas amarellas,
Sobre arvores se estriba, altas e boas,
De seiscentas capaz ou mil pessoas.

60.

Qual o velho Noé na immensa barca,
Que a barbara cabana em tudo imita,
Ferozes animaes próvido embarca,
Onde a turba brutal tranquilla habita:
Tal o rude Tapuia, na grand'arca,
Ali dorme, ali come, ali medita;
Ali se faz humano, e de amor molle
Alimenta a mulher, e affaga a prole.

61.

Dentro da grã choupana a cada passo
Pende de lenho a lenho a rede extensa:
Ali descanço toma o corpo lasso;
Ali se esconde a marital licença:
Repousa a filha no materno abraço
Em rede especial, que tem suspensa:
Nenhum se vê, que é raro, em tal vivenda,
Que a mulher de outrem, nem q̃ á filha offenda.

62.

Ali chegando a esposa fecundada
A termo já feliz, nunca se omitte
De pôr na rede o pai a prole amada,
Onde o amigo e parente o felicite:
E como se a mulher soffrêra nada,
Tudo ao pai reclinado então se admitte,
Qual fôra, tendo sido em modo serio
Seu proprio, e não das mãis o puerperio.

63.

Quando na rede encosta o tenro infante
Pinta-o de negro todo e de vermelho;
Um pequeno arco põe, frecha volante,
E um bom cutelo ao lado; e em tom de velho
Com discurso patetico e zelante,
Vai-lhe inspirando o paternal conselho;
Que seja forte diz, como se ouvisse,
Que se saiba vingar, que não fugisse.

64.

Dá-lhe depois o nome, que apropría
Por similhança que ao infante iguala,
Ou com que o espera célebre algum dia;
Se não é por defeito que o assignala:
A algum na fronte o nome se imprimia,
Ou pintam no verniz, que tem por gala;
E segundo a figura se lhe observa,
Dão-lhe o nome de fera, fructo ou herva.

65.

Trabalha em tanto a mãi sem nova cura,
Quando o parto conclue, e em tempo breve,
Sem mais arte que a próvida natura,
Sente-se lesta e sã, robusta e leve:
Feliz gente, se unisse com fé pura
A sóbria educação, que simples teve!
Que o que a nós nos faz fracos, sempre estimo,
Que é mais que pena ou dor, melindre e mimo.

66.

Vai com o adulto filho á caça ou pesca
O solicito pai pelo alimento:
O peixe á mulher traz e a carne fresca,
E á tenra prole a fructa por sustento:
A nova provisão sempre refrésca,
E dá nesta fadiga um documento
Que quem nega o sustento a quem deu vida,
Quiz ser pai, por fazer-se um parricida.

67.

Que se acontece que a enfermar-se venha,
Concorre com piedade a turba amiga;
E por dar-lhe um remedio, que convenha,
Consultam-no entre si com gente antiga;
Buscam quem de herva saiba ou cura tenha,
Que possa dar alívio ao que periga,
Ou talvez sangram n'uma febre ardente,
Servindo de lanceta um fino dente.

68.

Mas vendo-se o mortal já na agonia,
Sem ter para o remedio outra esperança,
Estima a bruta gente, acção mui pia,
Tirar-lhe a vida com a maça ou lança;
Se morre o tenro filho, a mãi sería
Estimada cruel, quando a criança,
Que pouco antes ao mundo della veio,
Não torna ao seu logar no proprio seio.

69.

Tal era o povo rude e tal usança
Se lhe vê praticar no vício illuso:
Tudo nota Diogo, na esperança
De corrigir por fim tão cego abuso.
No logar da cabana em que descança
Menos da gente e multidão confuso,
Põe-lhe a rede Gupeva, que o convida
De rica e mole pluma entretecida.

70.

Mas eis que um grande número o rodea
De emplumados feissimos selvagens:
Ouve-se a casa de clamores chea;
Costume antigo seu nas hospedagens.
Qualquer chegar-se a Diogo ainda receia,
Por ter visto as horríficas passagens;
Mas *mair ma apadu* de longe explicam,
E *bem vindo o estrangeiro* significam.

71.

Por costumado obsequio os mais luzidos
Tomam Diogo nos braços; e no peito
A frente lhe apertavam comedidos:
Signal entr'elles do hospital respeito.
Tiram-lhe em pressa as roupas e vestidos;
E pondo-o sobre a rede, como em leito,
Sem mais dizer-lhe nada e sem ouvil-o,
Tudo se affasta e deixam-no tranquillo.

72.

Com maior ceremonia outra visita
Festiva celebrava o seu cortejo;
Feminea turba, que o costume incita
A offerecer-se honesta ao seu desejo;
Senta-se sobre os pés e felicita,
Cobrindo o rosto a mão, como por pejo;
Vestidas vem de folhas tão brilhantes
Que o que falta ao valor, tem de galantes.

73.

Parece ser da mesa o dispenseiro
Um selvagem, que o nome lhe pergunta:
Se tem fome, lhe diz; ou se primeiro
Quereria beber? e logo ajunta,
Sem mais resposta ouvir, sobre o terreiro
A comida que trouxe em cópia munta:
Põe-se-lhe uiçú de peixe e carne crua;
E o mimoso cauin, que é paixão sua.

74.

Todos com gula comem furiosa,
Sem olhar, sem falar, nem distrahir-se:
Tanto se absorbem na paixão gulosa
Que mal pudéra ao vêl-os distinguir-se
Se são féras ou homens. Vergonhosa,
Triste miseria humana! confundir-se
Um peito racional c'um bruto feio
No horrendo vicio, donde o mal nos veio.

75.

Acabada a comida, a turba bruta
O estrangeiro bem vindo outra vez grita;
E a tropa feminina, que isto escuta,
Cobre a face com as mãos, e o pranto imita:
Gupeva pois que o hospede reputa,
Causa do seu prazer e autor da dita;
O sacro fogo á roda lhe ateava,
Ceremonia hospital, que o povo usava.

76.

Bem presumia Diogo, no que explora,
Que algum mysterio se occultava interno;
Lembra-lhe a chamma, que o Caldeo adora;
O fogo das Vestaes recorda eterno;
Nem duvidava que de origem fôra
Costume da nação, rito paterno;
Trazido, se é possivel que se crêa,
Na dispersão das gentes, da Caldea.

77.

Perguntal-o dos barbaros quizera;
Mas como o acceno e lingua muito engana,
Acaso soube que a Gupeva viera
Certa dama gentil brasiliana:
Que em Taparica um dia comprendêra
Boa parte da lingua lusitana;
Que portuguez escravo ali tratára,
De quem a lingua, pelo ouvir, tomára.

78.

Paraguaçú gentil, tal nome teve,
Bem diversa de gente tão nojosa;
De côr tão alva como a branca neve;
E donde não é neve, era de rosa:
O nariz natural, bocca mui breve,
Olhos de bella luz, testa espaçosa:
De algodão tudo o mais, com manto espesso,
Quanto honesta encobriu, fez ver-lhe o preço.

79.

Um principal das terras do contôrno
A bella americana tem por filha;
Nobre sem fasto, amavel sem adôrno;
Sem gala encanta, e sem concêrto brilha:
Servia aos Carijós, que tinha em tôrno,
Mais que de amor, de objecto a maravilha:
De um desdem tão gentil, que a quem olhava,
Se mirava immodesto, horror causava.

80.

Foi destinada de seus pais valentes,
Esposa de Gupeva; mas a dama
Fugia de seus olhos impacientes,
Nem prenda lhe acceitou, porque o não ama:
Nada sabem de amor barbaras gentes,
Nem arde em peito rude a amante chamma;
Gupeva, que não sente o seu despeito,
Tratava-a sem amor; mas com respeito.

81.

Deseja vel-a o forte lusitano;
Porque interpréte a lingua, que entendia;
E toma por mercê do ceo sob'rano
Ter como entenda o idioma da Bahia:
Mas quando esse prodigio avista humano,
Contempla no semblante a louçania:
Pára um, vendo o outro, mudo e quedo,
« Qual junto de um penedo outro penedo. »

82.

Só tu, tutelar anjo, que o acompanhas,
Sabes quanto a virdude ali se arrisca,
E as furias da paixão, que accende estranhas
Essa de insano amor doce faisca:
Ancias no coração sentiu tamanhas,
Ancias, que nem na morte o tempo risca
Que houvera de perder-se naquell'hora,
Se não fôra christão, se Heroe não fôra.

83.

Mas desde o ceo a santa intelligencia
Com doce inspiração mitiga a chamma;
Onde a amante paixão ceda á prudencia,
E a razão póde mais que a ardente flamma:
Em Deos, na natureza e na consciencia
Conhece que quer mal quem assim ama;
E que fôra sacrilego episodio
Chamar á culpa amor, não chamar-lhe odio.

84.

No raio deste heroico pensamento
Emtanto Diogo reflectiu comsigo,
Ser para a lingua um commodo instrumento
Do ceo mandado na donzella amigo:
E por ser necessario ao sancto intento,
Estuda no remedio do perigo:
Que póde ser? sou fraco: ella é formosa...
Eu livre... ella donzella. . será esposa.

85.

Bella, lhe disse então, gentil menina,
Tornando a si do pasmo, em que estivera
Sorte humana não é, mas é divina;
Ver-me a mim, ver-te a ti na nova esfera:
Ella a frase, em que falo, aqui te ensina;
Ella, se não me engana o que alma espera,
Um fogo em nós accende, que de resto
Eterno haja de arder, se arder honesto.

86.

Desde hoje se a meus olhos corresponde
O meigo olhar das lúcidas pupilas;
Se amor é... porque amor quem é que o esconde,
Se por elle essas lágrimas distillas:
Com que chammas meu peito te responde,
Com mão de esposa poderás sentil-as;
Disse: estendendo a mão, offerece-lha:
Ella, que nada diz, sorriu-se, e deu-lha.

87.

Põe-lhe de fuga os olhos, que abaixára;
E ou de amante ou tambem de vergonhosa,
Um tão bello rubor lhe tinge a cara,
Como quando entre os lirios nasce a rosa:
Tres vezes quiz falar, tres se calára;
E ficou do soçôbro tão formosa
Quanto elle ficou cégo; e em tal porfia
Nem um, nem outro então de si sabía.

88.

Mas reflectindo logo o Heroe prudente,
Fixou no coração com fé segura,
Não cumprir as promessas de presente,
Antes que entre n'alma a formosura:
Rende-lhe o seu amor, mas innocente,
E faz-lhe prometter, que com fé pura,
Em quanto se não lava e regenera,
Em continencia vivirão sincera.

89.

E ésta fé, diz-lhe, esposa em Deos querida,
Guardar-te hoje prometto em laço eterno,
Até banhar-te n'agua promettida,
Por candida affeição de amor fraterno:
Amor, que sobreviva á propria vida;
Amor, que preso em laço sempiterno,
Arda depois da morte em maior chamma;
Que assim trata de amor quem por Deos ama.

90.

Esposo, a bella diz, teu nome ignoro;
Mas não teu coração, que no meu peito
Desde o momento, em que te vi, que o adoro:
Não sei se era amor já, se era respeito;
Mas sei do que então vi, do que hoje exploro,
Que de dous corações um só foi feito.
Quero o baptismo teu, quero a tua igreja,
Meu povo seja o teu, teu Deos meu seja.

91.

Ter-me-has, caro, ter-me-has sẽpre a teu lado:
Vigia tua, se te occupa o somno;
Armada sairei, vendo-te armado;
Tão fiel nas prisões, como n'um throno:
Outrem não temas, que me seja amado:
Tu só serás, senhor, tu só meu dono:
Tanto lhe diz Diogo e ambos juraram;
E em fé do juramento, as mãos tocaram.

CANTO TERCEIRO.

O Heroe inquire Gupeva, servindo-lhe Peraguaçú d'intérprete sobre as crenças, usos e leis do gentio — Gupeva é avisado de que o inimigo se aproxima — O Heroe aconselha-o, e lhe promette o soccorro da sua espingarda.

JÁ nos confins extremos do horizonte
Dourava o sol no occaso rubicundo
Com tibio raio a cima do alto monte;
E as sombras cáem sôbre o valle fundo:
Ia morrendo a côr no prado e fonte;
E a noite, que voava ao novo mundo,
Nas azas traz com viração suave
O descanço aos mortaes no somno grave.

2.

Só com Gupeva a dama e com Diogo
Gostosa aos dous de intérprete servia;
E perguntado sôbre o sacro fogo,
A qual fim se inventára? a que servia?
Deu-lhe simples razão Gupeva logo:
Suppre de noite, disse, a luz do dia;
E como Tupá ao mundo a luz accende,
Tanto fazer-se aos hospedes emprende.

3.

Se peccando o máo espirito solevas,
Succede que talvez cruel se enoje;
E como é pai da noite e autor das trevas,
Tanto aborrece a luz que em vendo-a foge:
Porém se á luz eterna o peito elevas,
Não ha furia do averno que se arroje;
Talvez por lhe excitar tristes idéas
Das chammas, que tiveram por cadêas.

4.

Admira o pio Heroe, que assim conheça
A nação rude as legiões do averno;
Nem já duvída que do ceo lhe desça
Clara luz de um princípio sempiterno.
Dize-me hospede amigo se professa
Este teu povo, diz, com culto externo
Adorar algum Deos? qual é? onde ande?
Se seja um Deos sómente, ou que outros mande?

5.

Um Deos, diz, um Tupá, um ser possante
Quem poderá negar que reja o mundo,
Ou vendo a nuvem fulminar tonante,
Ou vendo enfurecer-se o mar profundo?
Quem enche o ceo de tanta luz brilhante?
Quem borda a terra de um matiz fecundo?
E aquella sala azul, vasta, infinita,
Se não está lá Tupá, quem é que a habita?

6.

A chuva, a neve, o vento, a tempestade
Quem a rege? a quem segue? ou quem a move?
Quem nos derrama a bella claridade?
Quem tantas trevas sobre o mundo chove?
E este espirito amante da verdade,
Inimigo do mal, que o bem promove,
Cousa tão grande, como fôra obrada,
Se não lhe dera o ser, quem vence o nada?

7.

Quem seja este grande Ente e qual seu nome,
Feliz quem saber póde! Eu cego o ignoro;
E sem que a empreza de sabel-o tome,
Sei que é quem tudo faz e humilde o adoro:
Nem duvido que os ceos e terra dome,
Quando nas nuvens com terror o exploro,
Deixando o mortal peito em vil desmaio,
Ameaçar no trovão, punir no raio.

8.

Só pasmo se nos fez, como não veio,
Devendo amar o que obra de mão sua,
Ao mundo de anhangás cercado e cheio
A livrar o homem dessa bêsta crua!
Como é possivel que não désse um meio
Com que a mente ignorante, enfêrma e nua
Tratar com elle possa, quando é claro
Que o pai não deixa o filho em desamparo?

9.

Sinto bem remorder dentro em meu peito
Lembrança que me accusa: por mim fica
Se mais bem do que faz, me não tem feito,
Que é nescio quem o ingrato benefíca.
Outro povo talvez mereça eleito
A assistencia dos ceos de graças rica;
Nem contra Deos se justifica a queixa,
Que costume deixar quem o não deixa.

10.

Mas se do throno celestial e eterno
Apesar da malícia nos visita;
Quem sabe se por zêlo hoje paterno
A nosso bem mandar-te aqui medita.
Pois creio bem que contra o fogo averno
Trazes a chamma, que a do raio imita,
Ou que vens como luz, do ethereo assento,
Por levar-nos comtigo ao firmamento.

11.

Pasmava o lusitano da eloquencia
Com tão alto pensar n'uma alma rude;
Notando como a eterna sapiencia
A face a todos mostra da virtude.
E reputava por maior clemencia
Que a quem, se a fé conhece, ingrato a illude,
Negasse Deos a luz, que os outros viam;
Porque tendo-a maior, mais cegariam.

12.

Não deixa nunca os seus o ceo piedoso,
Diogo respondeu, que á terra indigna
Manda o seu unigenito glorioso,
Que offereça, a quem o invoca, a mão benigna:
Mas se antevisse no homem pernicioso
Uma livre eleição sempre maligna,
Por dar-lhe menos pena em menor falta
Em sombra, como á voz, deixa tão alta.

13.

Tendes em tanto um claro sentimento,
Que espirito immortal se nos concede...
Sim, diz Gupeva, que o decide attento
Quem tudo quanto sente parte, ou mede:
Mas mirando ao seu proprio pensamento,
Vê que a medida sempre intacto excede;
E sendo indivisivel desta sorte,
Como póde a razão soffrer a morte?

14.

Quantas vezes em mim, se ser podesse,
Um pensamento d'alma eu dividíra;
Que todo o mal em fim que o homem padece,
Vem d'imagem cruel, que dentro gira.
Mas a interna impressão tanto mais cresce,
Quanto o peito anciado mais suspira:
E vejo que ha em mim mesmo occulto e interno
Entre a mente e a verdade um laço eterno.

15.

Sendo a mente mortal, tornára ao nada,
Ao apagar-se a luz no extremo dia;
E antes de ser punida ou premiada,
Uma alma justa ou ré pereceria;
Sempre em desejos, nunca saciada;
Má sem castigo, e sem fortuna pia;
Sem chegar ao seu fim perder a essencia...
Como é crivel, que Deos tem providencia?

16.

Se o fim do inerte bruto se inquirisse,
No contexto das obras respondêra,
Que fôra feito porque nos servisse,
E que eterno destino não tivera:
Onde era bem que a morte destruisse
Quem para immortal fim nunca nascêra;
Porque lhe dera a tel-o, o ceo divino
Outro corpo, outra fórma, outro destino.

17.

Que o bruto elege, pensa, que discorre
Do que o vemos obrar fica evidente:
Mas cada especie a um curto fim concorre,
Sem orgãos e aptidão com que outro intente.
O homem tudo quer, por tudo corre,
Tem orgãos para tudo e tudo sente;
Infinito em pensar, e no que vejo
Maior que no pensar no seu desejo.

18.

Tudo domina só, tudo governa,
Sem que a outro animal servir costume;
Toda outra especie á sua é subalterna,
E se immortal nascêra fôra um nume:
Arbitrio universal, razão eterna,
Capaz de receber o immenso lume,
E fôra mais, se a morte o dissipára,
Que se ceo, terra e inferno anniquilára.

19.

Pasmado Diogo do que attento escuta,
Não crê que a singular filosofia
Possa ser da invenção da gente bruta:
Mas a intérprete bella lhe advertia,
Que a antiga tradição nunca interrupta
Em cantigas, que o povo repetia,
Desde a idade infantil todos comprendem,
E que dos pais e mãis cantando o aprendem.

20.

Que eram pedaços das canções, que entoam
As que ouvia a Gupeva, e talvez tudo
Que em poetico estilo doces soam,
Feitas por sabios de sublime estudo.
Que alguns entre elles com tal estro voam,
Que involvendo-se o harmonico no agudo,
Parece que lhe inflamma a fantazia
Algum nume, se o ha, da poesia.

21.

Tendo Paraguaçú dito discreta,
Prosegue então Gupeva os seus assumptos:
Que se as almas morressem, que indiscreta
A memória sería dos defuntos?
A que servíra a lei, que nos decreta,
Que no sepulchro se lhe ponham juntos
Comidas, arcos, frechas? quem resiste
A quem depois da morte não subsiste?

22.

O inimigo anhangá, logo que deixa
A nossa alma esta carne, em furia a invade,
E do mal, que cá fez, cruel se queixa,
Até que em sombras entre ou claridade:
O rito do sepulchro expresso deixa,
Que enterrando-se em pé, na eternidade
O fim buscâmos, a que Deos nos cria;
E que antes de o alcançar, se segue a via.

23.

D'este princípio nasce, que com prantos
Noite e dia se chora o seu decesso;
Louvam-se nos congressos como santos,
E põe-se no sepulchro um marco expresso:
Tantas memórias pois, officios tantos
A que fim se a alma acaba, eu não conheço:
A expiação e obsequio era frustrado,
Se ella não vive, ou purga algum peccado.

24.

Costumes são da occulta antiguidade,
Que o grão Tamandaré desde alta origem
Ás gentes ensinou, com que á piedade
Todas no mundo as almas se dirigem:
E quando algum conteste esta verdade,
Provam-na os anhangás, que nos affligem,
Pedindo aos Nigromantes que a alma vendam,
No que uma alma immortal nos recommendam.

25.

Que é desde nossos pais fama constante,
Que aonde o sol se põe nessas montanhas
Ha um fundo logar, de que é habitante
O perfido anhangá com crueis sanhas:
Ali de enxofre a escuridão fumante
Com portas encerrou Tupá tamanhas,
Que as não póde forçar, nem todo o inferno:
A morte é a chave, e o cadeado é eterno.

26.

Dentro nada se vê na sombra escura;
Mas no vislumbre funebre e tremendo
Distingue-se com vista mal segura,
Um antro vasto, tenebroso e horrendo:
Ordem nenhuma tem: tudo conjura
Ao sempiterno horror, que ali comprendo:
Mutuamente mordendo-se de envólta,
Um n'outro agarra, se o primeiro o sólta.

27.

Se viste onda sobre onda procellosa
Quando bate espumando a arêa funda,
Como esta aquella engolle; e mais furiosa
Montanha d'agua vem, que ambas affunda:
Tal na caverna lobrega horrorosa
Onda e onda de fogo os máos innunda:
Este sobe, este desce, e um cataclysmo
Alaga as nuvens, e descobre o abysmo.

28.

Aqui o fero anhangá caiu, se conta,
Quando do grão Tupá rompia o jugo;
E vem dos astros, que soberbo monta,
A ser em pena vil, do homem verdugo:
Ali com mão cruel, com furia prompta
Pune de nossa especie o vil refugo;
E em vez de mãos as miserandas gentes
Enrosca em laços de crueis serpentes.

29.

Ali do grão Tupá por lei severa,
No incendio está, que o tempo não apaga,
Quem torpe incesto faz; quem adultera:
Quem he réo da lascivia infame e vaga:
Cada um como a culpa commettêra
Tanto e no proprio membro o crime paga:
Fere-se a quem feriu; mas o homicida
Só porque morra mais, não perde a vida.

30.

Sentada em meio da morada horrenda,
Branca de cans, e immovel na manobra,
Immensa sombra faz, que a cauda prenda
Dentro na boca horrivel uma cobra:
Com rouca voz, e intimação tremenda
Ao tempo prezo na viperea dobra
Diz, retumbando em éco a cavidade:
Oh vida! oh tempo! oh morte! oh eternidade!

31.

Além da grã montanha, em que se occulta
O carcere das sombras horroroso;
De mil delicias n'um terreno exulta
Quem vive justo, ou quem morreu piedoso:
Não se acha imagem nesta terra inculta,
Que seja sombra do paiz ditoso:
O templo ali da paz foi levantado,
Sempre aberto ao prazer, e á dor fechado.

32.

Ha do ameno jardim na vasta entrada
Uma grã porta de safiras bellas,
Onde da etherea luz reverberada,
Se pinta em vasto fundo um mar de estrellas ;
Toda ella em torno, em torno decorada
De floridas bellissimas capellas :
Junto voragem ha de um precipicio,
Que sorve a quem se encosta infecto em vício.

33.

Vem-se dentro campinas deleitosas,
Geladas fontes, arvores copadas ;
Outeiros de crystal, campos de rosas,
Mil fructiferas plantas delicadas :
Cuberto o chão das fructas mais mimosas,
Com mil formosas côres matizadas,
E á maneira, entre as flores, de serpentes
Vão volteando as líquidas correntes.

34.

Latadas de martyrios ha sombrias,
Que com a rama e flor formam passeios ;
Onde passam sem calma os claros dias,
Gozando sem temor de mil recreios :
Chuvas ali não ha, nem brumas frias,
Nem das procellas horridas receios ;
Nem ha na primavera, e verdes Maios
Quem receie o trovão, nem tema os raios.

35.

Entre o susurro ali das fontezinhas,
Harmonica se escuta a voz sonora,
Com que mil innocentes avesinhas
Entoam a alvorada á fresca aurora :
Muitas com vôos vão ao ceo visinhas ;
Outra segue o consorte, a quem namora.
E mil doces requebros gorgeando,
De raminho em raminho vai saltando.

36.

Uma ave entre outras ha que se discorre,
Ou fama certa seja ou voz fingida,
Que do jardim a nós, de nós lá corre,
Como fiel correio da outra vida :
Dizem que vôa, quando algum cá morre,
E exprime no seu canto enternecida
O que alma passa nas eternidades,
E que nos leva e traz doces saudades.

37.

Neste ameno jardim vivem contentes
As almas, que no mundo valerosas
A santa lei guardaram diligentes
Obrando acções na vida gloriosas :
Os que foram na guerra mais valentes,
E a patria com acções guardam honrosas ;
E os que em bellico horror com peito forte
Temem mais uma affronta, do que a morte.

38.

Aqui do grão Tupá no amado seio
Conversam, dançam, jogam sem fastio;
Uns dos males passados sem receio
Cantam da crua guerra o caso impío:
Outros da propria morte o golpe feio,
Recordam sem pavor, contam com brio,
Que o recordar um mal. que é já passado,
Dá depois mais prazer, que então cuidado.

39.

Ali dos pais as almas venturosas
Unidas sempre estão ao filho amado;
E o premio das fadigas laboriosas
Gozam no seio um d'outro sem cuidado:
A mãi abraça as filhas amorosas;
Como o esposo a consorte em puro agrado;
Sem guerra, sem contenda, sem porfia
Passam tranquilla a noite e alegre o dia.

40.

Mas o que é mais suave, o que é mais doce,
É gozar-se entre tanta amenidade
De todo o bom desejo a inteira posse;
Nem ter de cousa vã necesssidade:
Oh quem de tanto bem possessor fosse!
Grato paiz! amavel liberdade!
Onde por graça de Tupá infinita
Ninguem padece, teme ou necessita.

41.

Dizendo assim, Gupeva enterneceu-se,
Sentindo a força, que o mortal levanta
Á bemaventurança: commoveu-se
Tambem Diogo, vendo que em luz tanta
Tão pouco de Deos sabe : a todos deu-se
O eterno lume, cópia da lei santa;
Mas bem que de esplendor inunde um pégo,
Quem é indigno de Deos, fica mais cego.

42.

Que valem, disse ao barbaro ignorante,
Jardins, flores, dilicias e prazeres,
Faltando o objecto em fim mais importante,
Que é a face de Tupá? pois de a não veres,
Todo outro bem, que gozes por brilhante,
Por bello, por maior, que o conceberes,
Para a nossa cubiça mal saciada,
É vil, é vão, é pouco, é fumo, é nada.

43.

Finge que possa o homem gozar junto
D'estes bens cá da terra um vasto rio;
Quanto Deos crear póde, tudo e munto;
Quem delle não gosar, fica vasio:
Se o mundo a uma alma basta, eu não pergunto;
Que ella goze infinitos, sempre eu fio;
Que qual hydropesia verdadeira,
Quantos mais possuir, tantos mais queira.

44.

Toda essa glória, que me tens pintado,
Sem mais q̃ um bem do mundo circumscripto,
Não é, Gupeva meu, mais que um bocado
Para quem só se farta do infinito:
E quando tudo o mais se haja logrado,
Se é um bem transitorio, se é finito,
Em breve has de sentir, e sem remedio
Do futuro ânsia, e do passado tedio.

45.

Deos, caro amigo meu, é Deos sómente
Quem póde saciar nossa vontade:
Chegar á parte aonde o ver contente,
E vel-o ali por toda a eternidade:
Todo o bem nelle está summo e eminente
Honra, glória, grandeza, magestade:
Esta é, se discorreres em bom siso,
A idéa, que has de ter de um paraiso.

46.

Porém narra-me em tanto o que se pensa
Entre vós dos principios deste mundo:
Quando? como? por quem na idéa immensa
Se tomou a medida ao ceo profundo?
Qual foi o homem primeiro, e de qual crensa?
Ou se notícia tens do Adão segundo?
De qual origem sois, ou de qual gente?
Ou quem veio a pov'ar tal continente?

47.

Memória nunca ouvi, Gupeva disse,
Onde o homem nascesse; mas comprendo
Que houve princípio em fim que o produzisse,
Que sem fim e princípio eu nada entendo.
Como o creou não sei: e bem que o visse,
Não pudéra entendel-o; conhecendo
Que entre o nada e o ser ha tal distância,
Que a ti te creio igual nesta ignorancia.

48.

O primeiro homem na geral lembrança,
A tradição dos velhos mais antigos,
Antes do grão diluvio não alcança:
Sabemos só que uns homens inimigos,
Do forte braço na fallaz confiança,
Encheram todo o mundo de perigos,
E deram causa, que o diluvio extenso
N'um pégo sepultasse a terra immenso.

49.

Do renovado mundo o patriarcha
Desde o alto monte, onde escapou, descendo,
Depois que a grã canoa e immensa barca,
Em que ao alto subiu, foi fundo tendo;
Na prole immensa dominou monarca,
E as várias tribus dividido havendo
Por continentes e ilhas do mar fundo,
De toda a gente é pai, que habita o mundo.

50.

Predisse o justo velho o grão castigo,
E os homens exhortando á penitencia ;
Nem á vista do proximo perigo
Chamal-os póde á justa obediencia :
Cançado então Tupá da paz amigo
Do cruel latrocinio e da violencia,
Quiz por vingar-se o padre omnipotente
Com aguas apagar a chamma ardente.

51.

Faz que se abram do ceo, que aguas encerra
As catadupas, como immensos rios,
E que a face innundando-se da terra,
Se affoguem bons e máos, justos e impíos :
Os elementos em desfeita guerra
Confundem-se em medonhos desafios ;
Cae um mar desde o ceo, e na mesma hora
Manda a terra do centro outro mar fóra.

52.

Já rôta a margem, que nas brancas praias
Ás ondas posto tinha o grão soberano,
Passam as aguas das extremas raias,
Onde se ajunta com o monte o plano :
O peixe nadador nas altas faias
No ninho está do aligero tucano ;
E em seios as balêas ver pudéras,
Covis dos tigres, e autros de pantheras.

53.

Iam em tanto os homens miserandos
De um monte a outro por fugir das aguas,
E sem destino algum bandos e bandos
Correndo gritam com piedosas mágoas:
E os ceos deprecam, que os escutem brandos;
Mas a ira de Tupá com justas fragoas
Fulminando sentelhas e coriscos
Faz maiores os damnos do que os riscos.

54.

Via-se em longa taboa mal segura
Nadar sobr'agua a mãi desventurada;
E tendo ao collo appensa a creatura,
Ora é n'agua abatida, ora elevada;
Quem desde o alto das casas se pendura;
Quem fabríca de lenhos a jangada;
Qual da fome mortal horror concebe,
E crê que é menos mal, se a morte bebe.

55.

Tamandaré porém de Tupá amigo,
Em quanto a grã procella horrivel soa,
Salva o náufrago mundo pelo abrigo,
Que aos filhos procurou na grã canoa:
E a barca por memória do castigo
Elevada deixou sobre a corôa
Das altas serras, que na fama claras,
Tem nome similhante ao das araras.

56.

Daqui por várias terras espalhados
Os homens foram, que seus netos cremos;
Uns que a fronte de nós deixou queimados
O claro sol, que nasce em seus extremos:
Outros, que habitam climas apartados,
Dessa côr branca, que em teu rosto vemos;
Divididos do mar, por onde as proas
Endireitam a nós vossas canoas.

57.

Se sois de nós, se nós das vossas gentes,
São cousas, que nós todos ignorâmos;
Pois do paterno chão sempre contentes,
D'outras terras e tempos não cuidâmos:
Mas vós, que os mares passeais ingentes,
Podereis inferir, se os que aqui estamos,
Depois que de um pai só todos nascemos,
Com alguns entre vós nos parecemos.

58.

Que se em vós houve, ou ha quem assim trate;
Quem se governe assim, quem edifique,
Ou quem com armas, como nos combate,
Quem todo á caça, como nós se applique:
Se ha quem devore os homens, quando os mate?
A quem o feroz vulto imberbe fique,
Desde Tamandaré, que é pai das gentes,
Podêmos crer que são nossos parentes.

59.

Conserva-se n'um povo o antigo rito,
Se o não altera o rito do estrangeiro;
E sempre algum vestigio fica escripto
Por tradição do seculo primeiro.
Vós sabereis, se a história tenha dito
Que houve tempo, em q̃ o mundo quasi inteiro,
Sem sabermos uns d'outros se habitasse;
E como nós errâmos, tudo errasse.

60.

Se os « mares nunca d'antes navegados »
Discorrestes por climas differentes;
Sabereis d'outros homens separados,
Descubertos talvez das vossas gentes:
Que por estreitos, póde ser, gelados,
Transitaram nos nossos continentes:
Vós direis, se homens ha na roxa aurora
Nús e pintados, como nós agora?

61.

E porque saibas mais nosso costume,
Onde julgues melhor da antiga origem,
Dir-te-hei como, seguindo o impresso lume,
As prudentes nações cá se dirigem:
Nem do vício de muitas se presume
Contra aquellas, que sábias se corrigem;
Que tembem entre vós creio se escuta,
Quem tem boas leis, tem má conducta.

62.

De Tupá. que o trovão com fogo manda,
Trememos, como vês, espavoridos;
Mas quando vemos que a procella abranda,
Ficam os homens de Tupá esquecidos:
E bem suspeito que ness'outra banda
Succeda assim, se o horror vem dos sentidos;
E que entre vós tambem gente se veja,
Que não temem Tupá se não troveja.

63.

Quem o blasfeme, affronte ou quem o chame
A ser-lhe testemunha, quando mente,
Nunca se ouve entre nós com furia infame,
E só de o imaginar se assombra a gente.
É raro quem o adore ou quem o ame;
Mas mais raro será quem insolente
Tenha do summo ser tão céga incuria,
Que trate o nome seu com tanta injúria.

64.

De externo culto a Deos ha pouco indício;
Se não é no que estimas bruto engano
De fazermos cruento sacrificio,
Não do sangue brutal, porém do humano.
Vejo á luz da razão, que é feio vicio,
Que ao instincto repugna por tyranno;
Mas matar quem nos mais o crime atiça,
Não é victima digna da justiça?

65.

A justiça do ceo reconhecemos
Contra quem delinquente a profanasse;
Pondo supplicios contra os máos extremos,
E em justo sacrificio a pena dá-se,
O malfeitor, o réo, quando o prendemos.
Com sacro rito a ceremonia faz-se:
Que quem no sangue impío a Deos vindica,
Este o aplaca sómente e sacrifica.

66.

A fórma do governo por abuso
Anarchico entre nós sem lei se off'rece;
Mas nos que fazem da razão bom uso,
Justa legislação reinar parece:
Nem nos tomes por povo tão confuso
Que um público poder não conhecesse;
Ha senado entre nós sabio e prudente,
A quem o nobre cede e a humilde gente.

67.

Vagâmos sempre, e nunca um firme assento
Nos deixam ter da caça os exercicios:
Buscâmos nella os proprios alimentos,
E habitâmos onde a ha, ou della indicios:
E estes são de ordinario os fundamentos
De occupar-nos em bellicos officios:
Verás as gentes em contínuo choque
Sobre a quem o terreno ou praia toque.

68.

Em várias castas e nações diversas
Dividido o sertão vagar costuma;
E bem que vagabundas e dispersas,
Confederam-se as tabas de cada uma:
Em guerra e paz, e em sedições preversas
Ao patrio nome não se nega alguma,
E se o senado o quer por justos modos
Põem-se todos em paz e armam-se todos.

69.

São nos senados membros e cabeças
Os velhos sabios, capitães valentes;
Os que tem soccorrido em grandes pressas
Com conselhos á patria mais prudentes:
D'êstes as ordens dimanando expressas,
Um só se não verá nas nossas gentes,
Que rompa, não cedendo a potestade,
Este laço da humana sociedade.

70.

D'êstes uns da suprema divindade
Ministros são, que nos festivos dias,
Fazendo-se qualquer solemnidade,
O povo exhortam com lembranças pias:
Honram cantando a eterna magestade,
Com sons, que para nós são melodias:
Cousas, que se anhangá corrompeu tanto,
Vê-se que nascem de principio santo.

71.

Estes chefes do culto venerando
Mantem-nos a oblação do povo crente:
São mestres santos, e por nós orando,
O lume da razão mostra evidente
Que, em tão sublime officio ministrando,
Têem direito a que o público os sustente:
Pois nelles é mais justo que a lei valha
De comer cada um donde trabalha.

72.

Punimos o homicidio: quem mutila,
Quem bate ou fere, não evita a pena:
A sentença elle a dá. Deve subil-a
Qual foi a culpa, com justiça plena:
Quem matou, morrer deve: assim se estila
Por lei sagrada, que a equidade ordena:
Quem cortou pé ou mão, braço ou cabeça,
No pé, no braço e mão tanto padeça.

73.

A fé do matrimonio bem declara
Que o vago amor a lei offenderia,
Se se pudéra usar sem que um casára,
Quem é que neste mundo casaria?
Deve morrer quem quer que adulterára;
Sem isso quem seu pai conheceria?
E o que extermina a patria potestade,
Quem não vê que repugna a humanidade.

74.

Quem pai ou mãi conhece com incesto,
Ou quem corrompe a irmã, padece a morte:
Nos officios dos pais é manifesto
Que confusão nascêra desta sorte:
Ser a filha mulher, não fôra honesto,
Dominando em seu pai como consorte:
Se o irmão no matrimonio á irmã seguíra,
Sempre o genero humano mal se uníra.

75.

Deve a humana geral sociedade,
Para gosar da paz com doce laço,
Vincular dos mortaes a variedade
De um consorcio feliz no caro abraço;
Deu-me o ceo por orgão da amisade,
Deu-nos como outra mão, como outro braço
A consorte, em que o amor com fé excite.
Não por pasto brutal de um appetite.

76.

E houvera sem prizão, que é tão suave,
Dominando entre os homens desde o averno
A discordia cruel e a inveja grave,
A conter-se o hymineo no amor fraterno:
Nasce do amor a paz; o amor é a chave:
É o doce grilhão, vinculo eterno,
Que se o vil interesse algum desune,
Os peitos abre, e os corações nos une.

77.

Movidos deste fim por são costume
Julgaram nossos pais na antiga idade,
Que se offende no incesto o impresso lume,
Como contrário á paz da sociedade:
E se do ceo preside o santo nume
Ao socego da triste humanidade;
Quem duvída que estime pouco honesto
Conhecer-se os irmãos com feio incesto?

78.

Entre nós quem elege a esposa amada,
Pede ao pai ou parente; e sem pedil-a,
Não se julgára a femea desposada,
Por deixar a familia assim tranquilla:
Que se orfã fosse acaso abandonada,
Só pertence ao visinho o permittil-a;
E convindo ou seu pai, ou seu parente,
É sem mais matrimonio de presente.

79.

Furto entre nós não ha: de que ha de havel-o?
O que ha come-se logo; e sem que o enfade,
Um tira d'outro o que acha, por comel-o;
E anda ao pé da pobreza a caridade:
A calúmnia, a traição, o amargo zêlo
Tem por pena a commua inimisade:
Nem ha, se o entendo bem, maior castigo,
Que o mundo todo ter por inimigo.

80.

Outra lei depois desta é fama antiga,
Que observada já foi das nossas gentes;
Mas ignorâmos hoje a que ella obriga,
Porque os nossos maiores pouco crentes,
Achando-a de seus vicios inimiga,
Recusaram guardal-a mal contentes:
Mas na memória o tempo não acaba
Que a pregára Sumé santo Emboaba.

81.

Homem foi de semblante reverendo,
Branco de côr, e como tu, barbado,
Que desde donde o sol nos vem nascendo,
De um filho de Tupá vinha mandado:
A pé sem se affundar (caso estupendo!)
Por esse vasto mar tinha chegado;
E na santa doutrina, que ensinava,
Ao caminho dos ceos todos chamava.

82.

Com grande mágoa ignora-se o que disse;
Mas não se ignora, que da santa bocca
Um conselho utilissimo se ouvisse
De plantar e moer a mandioca:
Que havia de tornar, tambem predisse,
Desde o ceo, a que amigo nos convoca,
E na terra ou no ceo, que elle estivera,
Eu o iria a encontrar, se elle não viera.

83.

Contam que quando aos nossos ca prégava,
Poder mostrára tal nos elementos,
Que ás ondas punha lei, se o mar se irava,
E de um aceno só domava os ventos:
Os mattos se lhe abriam quando entrava,
E os tigres feros a seus pés attentos,
Pareciam ouvir, como a outra gente,
Festejando-o co'a cauda brandamente.

84.

As aguas donde quer, em rio ou lago,
Se as chegava a tocar com pé ligeiro,
Não pareciam do elemanto vago,
Mas pedra dura, ou solido terreiro:
Só com chamar seu nome, cessa o estrago
Se o furacão com horrido chuveiro,
Quando na nuvem negra se levanta,
Ou derriba a cabana, ou quebra a planta.

85.

Porém negando ás prégações o ouvido,
Vinha o caboclo do sertão mais bruto
Contra o justo Sumé de Deos querido
A matal-o e comel-o resoluto:
Pudéra elle fazer, sendo offendido,
Que elles colhessem da cegueira o fruto;
Mas pede só prostrado a Deos que o c'roe,
E que a ignorancia aos miseros perdoe.

86.

Os feros pois na furia contumazes
Tomam as frechas, e bramindo atiram;
Mas quanto pelos teus, Tupá, não fazes!
Contra quem atirou pelo ar se viram:
E nem assim se mostram mais capazes
Dos annuncios de paz, que em tanto ouviram,
Deixa-os Sumé, e um rio aborda cheio;
E só com pôr-lhe um pé partiu-o ao meio.

87.

Contam, e a vista faz que a gente crea,
Que onde as correntes d'agua árrebatadas
Se vão bordando com a branca arêa,
Ficaram de seus pés quatro pégadas:
Vem-se claras, patentes, sem que a veia
As tenha d'agua, no seu ser mudadas:
E enxerga-se mui bem sôbre os penedos
Toda a fórma do pé com planta e dedos.

88.

Assim Gupeva concluiu, dizendo:
Nem mais tempo ao discurso haver podia
Por aviso, que os campos vem batendo
Turba inimiga em vasta companhia:
Ás armas, grita, ás armas! E o éco horrendo
Retumbando nas arvores sombrias
Fez que as mãis, escutando os murmurinhos,
Apertassem no peito os seus filhinhos.

89.

Não te espantes, diz Diogo; não alteres
A paz dentro as cabanas bellicosas;
Em quanto novas certas não souberes,
Basta pôr guardas nos confins forçosas:
De noite não te empenhes, sé temeres
Que te invadam com tropas numerosas,
Põe-te na defensiva; e bem que freme,
Quem te busca de noite, é quem te teme.

90.

Quanto mais que o trovão nas mãos preparo
Contra teus inimigos neste affôgo;
Nem duvides que logo qne o disparo,
Tudo em chammas não vá, tudo arda em fogo:
Disse, e ao favor saíu de um luar claro,
Disparando o mosquete em marcio jôgo;
E em quanto atira, todo o bosque atroa
Pelo horror da bozina, com que soa.

91.

Qual dos monos talvez tropa nojosa
Saíu do interior matto em negro bando;
E se a frecha um derriba, vai medrosa
Em fuga pelas arvores saltando:
Tal ouvindo a bozina pavorosa,
E o arcabuz com trovão relampagueando,
Correm, caem, despenham-se na estima
De que o ceo todo lhe caía em cima.

CANTO QUARTO.

Gupeva, aggredido por Jararáca e seus alliados, fica victorioso pelo auxílio do Heroe e de Paraguaçú, que elle tambem salva de perigo. — Jararáca recolhe-se ferido celebremente. — Descreve-se a organisação dos dois exercitos e narram-se os combates.

ERA o invasor nocturno um chefe errante,
Terror do sertão vasto e da marinha,
Principe dos Caetés, nação possante,
Que do grão Jararáca o nome tinha:
Este de Paraguaçú perdido amante,
Com ciumes da donzella, ardendo vinha:
Impeto que á razão, batendo as azas,
Apaga o claro lume e accende as brazas.

2.

Dormindo estava Paraguaçú formosa,
Onde um claro ribeiro á sombra corre;
Languida está, como ella, a branca rosa,
E nas plantas com calma o vigor morre:
Mas buscando a frescura deleitosa
De um grão maracujá, que ali discorre,
Recostava-se a bella sôbre um pôsto,
Que encobrindo-lhe o mais descobre o rosto

3.

Respira tão tranquilla, tão serena,
E em languor tão suave adormecida,
Como quem livre de temor ou pena,
Repousa, dando pousa á doce vida:
Ali passar a ardente sésta ordena
O bravo Jararáca, a quem convida
A frescura do sítio e sombra amada,
E dentro d'agua a imagem da latada.

4.

No diafano reflexo da onda pura
Avistou dentro d'agua buliçosa,
Tremulando a bellissima figura:
Pasma, nem crê que imagem tão formosa
Seja cópia de humana creatura:
E remirando a face prodigiosa,
Olha de um lado e d'outro, e busca attento
Quem seja original deste portento.

5.

Em quanto tudo explora com cuidado,
Vai dar co'os olhos na gentil donzella;
Fica sem uso d'alma arrebatado,
Que toda quanta tem se occupa em vel-a:
Ambos fóra de si, desacordado
Elle mais de observar cousa tão bella,
Ella absorta no somno em que pegára,
Elle encantado a contemplar-lhe a cara.

6.

Quizera bem falar, mas não accerta,
Por mais que dentro em si fazia estudo:
Ella de um seu suspiro olhou desperta;
Elle daquelle olhar ficou mais mudo:
Levanta-se a donzella mal coberta:
Tomando a rama por modesto escudo;
Poz-lhe os olhos então, porém tão fera,
Como nunca a belleza ser pudéra.

7.

Vôa, não corre, pelo denso matto
A buscar na cabana o seu retiro;
E indo elle a suspirar, ve que n'um acto,
Em meio ella fugiu do seu suspiro:
Nem torna o triste a si por longo trato,
Até que dando á magoa algum respiro,
Por saber onde habite ou quem seja ella,
Seguiu, voando, os passos da donzella.

8.

De Taparica um principe possante,
Que domina e dá nome á fertil ilha,
Veio em breve a saber o cego amante
Ter nascido a formosa maravilha:
Pediu-lha Jararáca, vendo diante,
Ao lado de seus pais, a bella filha:
Convem todos; mas ella não consent e;
Porque a mais a guardava o ceo potente.

9.

Ardendo, parte o bravo Jararáca
D'ânsia, de dor, de raiva, de despeito;
E quanto encontra, embravecido ataca
Com sombras na razão, fúrias no peito:
E vendo a chamma, o pai, que não se aplaca,
Por dar-lhe espôso de maior conceito,
Por consorte Gupeva lhe destina,
Com quem no sangue e estado mais confina.

10.

Logo que por cem boccas vaga a fama
Do espôso eleito a condição divulga,
Irado o Caeté, raivando brama;
Arma todo o sertão, guerra promulga,
Tudo accendendo em bellicosa chamma,
Investir por surpreza astuto julga,
Com que a causa da guerra se conclua,
Ficando Paraguaçú ou morta ou sua.

11.

Mas sendo de improviso em terror posto,
E ouvindo do arcabuz a fama e effeito,
Não permitte que o susto assome ao rosto,
Mas reprime o temor dentro em seu peito:
Convoca um campo das nações composto,
Com quem tinha alliança em guerra feito;
E excitando na plebe a voraz sanha,
Cobre de legiões toda a campanha.

12.

Em seis brigadas da vanguarda armados,
Trinta mil Caetés vinham raivosos,
Com mil talhos horrendos deformados,
No nariz, face e bocca monstruosos:
Cuidava a bruta gente que espantados
Todos de vel-os, fugirão medrosos;
Feios como demonios nos acenos,
Que certo se o não são, são pouco menos.

13.

Da gente fera e do brutal commando
Capitão Jararáca eleito veio;
Porque na catadura e gesto infando
Entre outros mil horrendos é o mais feio:
Que uma horrivel figura peleijando
É nos seus bravos militar aceio;
E traz entre elles gala de valente,
Quem só co'a cara faz fugir a gente.

14.

Dez mil a negra cor trazem no aspecto
Tinta de escura noite a fronte impura;
Negreja-lhe na testa um cinto preto,
Negras as armas são, negra a figura.
São os feros Margates, em que Alecto
O averno pinta sôbre a sombra escura;
Por timbre nacional cada pessoa
Rapa no meio do cabello a coroa.

15.

Cupaiba, que empunha a feral maça,
Guia o bruto esquadrão da crua gente,
Cupaiba, que os miseros que abraça,
Devora vivos na batalha ardente:
Á roda do pescoço um fio enlaça,
Onde, de quantos come, enfia um dente;
Cordão, que em tantas voltas traz cingido,
Que é já mais que cordão longo vestido.

16.

Urubú, monstro horrendo e cabelludo,
Vinte mil Ovecates fero doma;
Por toda a parte lhe encubria tudo
Com terrivel figura a hirsuta coma:
Monstro disforme, horrendo, alto e membrudo,
Que a imagem do leão rugindo toma,
Tão feio, tão horrivel por extremo,
Que é formoso a par delle um Polyfemo.

17.

Fogem todo o commercio da mais gente ;
Ou se se vissem a tratar forçados,
Que lhe possam chegar nenhum consente,
Senão trinta ou mais passos apartados :
Se alguns se chegam mais, por imprudentes,
Como leões ou tigres esfaimados,
Mordendo investem os que incautos foram,
E a carne crua, crua lhe devoram.

18.

Sambambaia outra turma conduzia,
Que as aves no frechar tão certa vexa,
Que nem voando pela etherea via
Lhe erravam tiro da volante frecha :
Era de pluma o manto, que o cubria ;
De pluma um cinto, que ao redor se fecha ;
E até grudando as plumas pela cara,
Nova especie de monstro excogitára.

19.

Seguem-no dez mil Maques, gente dura,
Que em cultivar mandioca exercitada,
Não menos util é na agricultura,
Que valente em batalhas com a espada :
Tomaram estes, como proprio cura,
De viveres prover a gente armada ;
Quaes torravam o aipí ; quem mandiocas ;
Outros na cinza as candidas pipocas.

20.

O bom Sergipe aos mais confederado
Comsigo conduzia os Petiguares;
Que havendo pouco d'antes triumfado,
Tem do dente inimigo amplos collares:
Seguem seu nome em guerras decantado
De gentes valerosas dez milhares,
Que do ferreo madeiro usando o estoque,
Disparavam com balas o bodoque.

21.

Nem tu faltaste ali, grão Pecicava,
Guiando Carijó das aureas terras;
Tu que as folhetas do ouro, que te ornava,
Nas margens do teu rio desenterras:
Torrão, que do seu ouro se nomeava,
Por crear do mais fino ao pé das serras;
Mas que feito em fim baixo e mal prezado,
O nome teve de ouro inficionado.

22.

Muitos destes é fama que traziam
Desde alto cerro, que habitavam d'antes,
Com pedras, que nos beiços embutiam
Formosos e bellissimos diamantes:
Outros aureos topasios lhe ingeriam;
Alguns safiras e rubins flammantes;
Pedras, que elles desprezam, nós amâmos:
Nem direi quaes de nós nos enganâmos.

23.

O feroz Sabará move animoso
Dos de Agirapiranga seis mil arcos;
Homens de peito em armas valeroso,
Que de sangue em batalhas nada parcos,
Deixaram seu terreno deleitoso,
Por mattos densos, pantano os charcos;
E ouvindo dos canhões o horrendo estouro,
Passaram desde o mar ás minas do ouro.

24.

Seguia-se nas fôrças tão robusto,
Quanto no aspecto feio, e em traje horrendo,
Um, que com fogo sobre o torpe busto,
Dous tigres esculpíra combatendo:
Este é o bravo Tatú, que enche de susto
Tudo, c'o grão Tacape accommettendo:
E que mil cutiladas dando espessas,
Derriba troncos, braços e cabeças.

25.

Debaixo do seu mando em dez fileiras
Doze mil Itatis formados iam
Surdos; porque habitando as cachoeiras,
Com o grão rumor d'agua ensurdeciam:
Pendem os seus marraques por bandeiras
De longas astes, que pelo ar batiam,
Supprindo nos inconditos rumores
O ruido dos bellicos tambores.

26.

Em guerreiras columnas, feroz gente,
Que no horror da figura assombra tudo,
Trazem por armas uma massa ingente,
Tendo de duro lenho um forte escudo:
Frechas e arco no braço armipotente;
Nas mãos um dardo de páo-santo agudo;
Sobre os hombros a rede, á cinta as cuias,
Tal era a imagem dos crueis Tapuias.

27.

Quarenta mil de côr todos vermelha,
Conduz ao campo o forte Sapucaia:
Dez mil que tem furada a longa orelha,
São Amazonas de feminea laia;
É o amor conjugal que lhe aconselha
A descer dos sertões á vasta praia,
Por achar-se nos lances mais temidos,
Ao lado sem temor dos seus maridos.

28.

Brava matrona de coragem cheia,
A quem o marcio jogo não perturba,
Na fórma bella, mas por arte feia,
Vai commandando na feminea turba:
Deram-lhe o nome os seus da grã Baleia;
Nome, que ouvido, os barbaros disturba;
De namorados uns, que a tem por bella;
Mas outros, com mais causa, por temel-a.

29.

Ouve-se rouco som, que o ouvido atroa,
Retumbando com éco a voz horrenda
De um grosseiro instrumento, que a arma soa,
Com que se inflamma entre elles a contenda:
E quando o horrivel som mais desentoa,
Faz que no peito mais furor se accenda;
De retorcidos páos são as cornetas;
De ossos humanos frautas e trombetas.

30.

Com batalhões a espaços separados
Triplicado cordão se vê composto;
E em silencio admiravel ordenados,
Ao redor vão do outeiro em meio posto;
Costuma um orador falar-lhe a brados,
E ardendo-lhe mil furias sôbre o rosto,
O ar co'a espada furibundo corta,
E a combater valente a turba exorta.

31.

Jararáca no mando então primeiro,
Ao sacro e civil rito presidia,
E no mais alto do sublime outeiro
Entre um senado ancião se distinguia:
Aos outros na estatua sobranceiro
Ás costas de um Tapuia, que o trazia,
De um lado a outro magestoso corre,
E com geral silencio assim discorre:

32.

„ Paiaiás generosos, hoje é o dia,
Que aos vindouros devemos mais honrado;
Em que mostreis que a vossa valentia
Não receia o trovão, subjuga o fado:
Sabeis que de Gupeva a cobardia
Por filho do trovão tem acclamado,
Um Emboaba, que do mar viera,
Por um pouco de fogo que accendêra.

33.

Prostrado o vil aos pés desse estrangeiro,
Rende as armas com fuga vergonhosa,
E corre voz que o adora lisongeiro;
E até lhe cede com o sceptro a espôsa:
E que póde nascer do erro grosseiro,
Senão que em companhia numerosa
As nossas gentes o estrangeiro aterre,
E que a uns nos devore, outros desterre?

34.

Se o sacro ardor, que ferve no meu peito,
Não me deixa enganar, vereis que um dia,
Vivendo esse impostor, por seu respeito
Se encherá de Emboabas a Bahia:
Pagarão os Tupis o insano feito,
E vereis entre a bellica porfia
Tomar-lhe esses estranhos já visinhos,
Escravas as mulheres c'os filhinhos.

35.

Vereis as nossas gentes desterradas
Entre os tigres viver no sertão fundo,
Captiva a plebe, as tabas arrombadas;
Levando para além do mar profundo
Nossos filhos e filhas desgraçadas;
Ou quando as deixem ca no nosso mundo,
Poderemos soffrer, Paiaiás bravos,
Ver filhos, mãis e pais feitos escravos?

36.

Mas teme o seu trovão: e tanto opprime
O medo áquelle vil, que não pondera
Que por esse trovão, que não reprime,
Ha de ver cheia de trovões a esfera?
Que grande mal será, se o raio imprime?
Se o mundo por um raio se perdêra,
Susto podéra ter, cobrar espanto:
Porém morre de medo, e é outro tanto.

37.

Eu só, eu proprio no geral desmaio
Ao relampago irei sem mais soccorro;
E quando elle dispare o falso raio,
Ou descubro a impostura, ou forte morro:
Será de nigromancia um torpe ensaio,
Com que o astuto pertende, ao que discorro,
Fazer que a nossa tropa desfalleça,
Antes que a causa do terror conheça.

38.

Que se fôr, que o não creio, o estrondo infando
Do sublime Tupá triste ameaça,
Fará como costuma, trovejando,
Que matando um ou outro a mais não passa:
Se eu vir que o raio horrivel vai vibrando,
A um homem como eu nada embaraça:
Se for mortal quem causa tanto aballo,
Por meio ao proprio raio irei matal-o.

39.

Sú, valentes! sú, bravos companheiros!
Temai coragem: que será no extremo?
Embora seja um raio verdadeiro:
Se não é Deos que o lança, eu nada temo.
Seja quem quer que for o autor primeiro,
Como não seja o creador supremo,
Não ha forças creadas que nos domem;
Que sôbre tudo o mais domina o homem.»

40.

Disse o gram chefe assim, e entre furores,
Com a mão, que já tinha levantada
Bate na espadoa aos principes maiores,
E dá-lhes, «Orsú» dizendo, uma palmada:
Uns nos outros as deram não menores,
Que assim se incita a multidão armada:
Vinguemo-nos, gritando, companheiros,
Bem que foram seus raios verdadeiros.

41.

Jararáca depois, que é sacro rito,
Lança furioso as mãos a quanto abrange;
E abrindo a enorme bocca em fero grito,
E espuma e freme e ruge e os dentes range;
Como do mal herculeo o enfermo afflicto
A convulsão a retroceder constrange:
Depois falando aos principes, bafeja,
E o espirito de fôrça lhes deseja.

42.

Ceremonia ésta foi do pátrio uso,
Vestigio nacional da antiga idade;
Que acaso corrompeu magico abuso,
Tendo talvez princípio na piedade:
Retumba do marraque o som confuso;
E pondo em alto o seu, com gravidade,
Á insignia, no chão tudo se inclina,
Como a signal de cousa mais divina.

43.

Corresponde o belligero instrumento
Da feral frauta ao barbaro marraque;
E promulgando a marcha áquelle accento
Tudo em ordem se pôz ao fero ataque:
Marcham contra Gupeva, com intento
De metter nas cabanas tudo a saque;
E porque tudo assombrem com terrores,
Rompem o ar com bellicos clamores.

44.

Em tanto no arraial do bom Gupeva,
Sendo a invasão nocturna rechaçada,
Convocam reclutas, fazem leva
De tropa nacional e da alliada.
Em quanto Diogo, a quem a acção releva,
Toma na gruta a polvora guardada,
E em varios fogos, que arrojou volantes,
Imita o raio em bombas fulminantes.

45.

Era a Bahia então, donde imperava
O bom Gupeva, povoada em roda
Pelos Tupinambás, de quem contava
Trinta mil arcos, brava gente toda:
Taparica seis mil valente armava;
E por cumprir-se a promettida boda,
Mil Amazonas mais á guerra manda:
Paraguaçú gentil todas commanda.

46.

Paraguaçú, que de Diogo espôsa,
Porque mais Jararáca se confunda,
Ia a seu lado a combater briosa,
Nem teme a multidão, que o campo inunda:
Usa com ella a tropa bellicosa
Da vulgar setta, do bodoque e funda;
Leva a Amazona um rigido colete,
E co'a espada de ferro o capacete.

47.

Com estas fôrças só, que mais recusa,
Sae Diogo á campanha guarnecido,
Nem soffre a fórma do marchar confusa;
Mas tudo tem com ordem repartido:
Outro corpo maior de que não usa
Deixa em guarda das tabas prevenido;
Tupinaquis, Viatanos, Poquiguaras,
Tumimvís, Tamviás, Canucajaras.

48.

Não mais, de duas leguas adiantando,
O arraial se alojava de Diogo;
Quando o ardente planeta vai queimando
A torrida região com vivo fogo;
E em quanto espira no ar zefiro brando,
Buscando n'uma sombra o desaffôgo,
Medita a grande acção, mede o perigo,
Nem despreza por barbaro o inimigo.

49.

Vê bem que espanto causa a invenção nova;
Mas que o tempo consome a novidade;
Tem sim um peito d'aço feito á prova;
Mas vendo do inimigo a immensidade,
Por mais que ballas o mosquete chova,
Reconhece em vencer difficuldade;
Tendo notado já na bruta gente,
Que era tão contumaz, como valente.

50.

Pensava assim com reflexão madura,
Quando á roda do outeiro divisava
Densa nuvem de pó, que em sombra escura
A multidão confusa levantava:
Não cessa um ponto mais: tudo assegura,
E sem temer a turba que observava,
Marcha a ganhar o alto; e posto á fronte,
Deu á tropa em cordão por centro o monte.

51.

Já se avistava barbaro tumulto
Das inimigas tropas em redondo;
E antes que emprendam o primeiro insulto,
Levanta-se o infernal medonho estrondo:
Os marraques, uapis e o brado inculto
Todos um só rumor, juntos compondo,
Fazem tamanha bulha na esplanada,
Como faz na tormenta uma trovoada.

52.

Tu, rapido Pagé, foste o primeiro,
De quem o negro sangue o campo inunda;
Que com seres no salto o mais ligeiro,
Mais ligeira te colhe a cruel funda:
Paraguaçú lh'atira desde o outeiro;
Chovem as pedras, de que o monte abunda;
E do lado e de cima do cabeço,
Tudo abatem com tiros de arremeço.

53.

Não ficou no combate em tanto ociosa
A fréxa do inimigo, que o ar encobre;
Começa Jararáca a acção furiosa,
Dando estímulo ousado ao valor nobre,
E a turba de Diogo receosa
Foge do grão Tacápe, onde o descobre:
Que tanto estrago faz que qualquer fera
Maior entre os cordeiros não fizera.

54.

Mas quando tudo com terror fugia,
O bravo Jacaré se lhe põe diante:
Jacaré, que se os tigres combatia,
Tigre não ha, que lhe estivesse avante:
Treme de Jararáca a companhia,
Vendo a fórma do barbaro arrogante,
Que com pelle cuberto de panthera,
Ruge com mais furor que a propria fera.

55.

Avista-se um com outro: a massa ardente
Deixam caír com barbaro alarido;
Corresponde o clamor da bruta gente,
E treme a terra em roda do mugido:
Aparou Jacaré no escudo ingente
Um duro golpe, que o deixou partido;
E em quanto Jararáca se desvia,
Quebra a massa no chão, com que o batia.

56.

Nem mais espera o Caeté furioso,
E qual onça no ar, quando destaca,
Arroja-se ao contrário impetuoso,
E um sobr'outro co'as mãos peleja ataca:
Não póde discernir-se o mais forçoso;
E sem mover-se em tôrno a gente fraca,
Olham luctando os dous no fero abraço,
Pé com pé, mão com mão, braço com braço.

57.

Porém em quanto a lucta persistia,
No sangue em terra lubrico escorrega
O infeliz Jacaré; mas na porfia
Nem assim do adversario se despega:
Sôbre o chão um com o outro ás voltas ia:
E qual o dente, qual o punho emprega,
Até que Jararáca um golpe atira,
Com que rôta a cabeça o triste expira.

58.

Nem mais espera de Gupeva a gente;
Porque voltando em rapida fugida,
Deixam nas mãos do barbaro potente
Toda a batalha n'uma acção vencida:
Não tarda mais Diogo já presente;
E tendo ao lado a esposa protegida,
Do outeiro desce, donde tudo observa,
E invade armado a barbara caterva.

59.

Quem poderá dizer da turba imbelle
Quantos a forte mão talha em pedaços?
Paraguaçú valente ao lado delle
Muitos mandava aos lugubres espaços:
Semeando por onde o golpe impelle
Troncos, bustos, cabeças, pernas, braços;
Nem um momento a fraca gente aguarda,
Vendo-a brandir a lucida alabarda.

60.

O membrudo pai com tres potentes
Robustos filhos degollou co'a espada;
E a dous nobres Caetés dos mais valentes,
Tendo a mão para o golpe levantada,
Com dous revezes, que lhe atira ardentes,
Deixou pendentes no ar co'a mão cortada;
Babú de um talho que a assaltal-a veio,
Co'a cabeça ficou partida ao meio.

61.

Muitos sem nome despojou da vida,
E a quanto encontra o ferro não perdoa:
Qual se os cachorros perde embravecida,
No caçador se arroja a fera leoa;
E entre mil dardos, de que a tem cingida,
Dando-lhe azas a dor, saltando voa,
E ruge e morde, e no que encontra embarra;
E onde não póde dente, imprime a garra.

62.

Tal a forte donzella move a espada,
Ou talvez lança mão do dardo agudo,
E de mil e mil golpes fulminada,
Rebate todos no colete e escudo:
As Amazonas, de que vem rodeada,
Vendo sôbre a heroina correr tudo;
Onde quer que os contrarios se apresentam,
Accommettem, degollam e affugentam.

63.

Por outro lado o valeroso Diogo
A multidão dos barbaros subjuga;
E uns precipita no tartareo fogo,
Outros obriga com terror á fuga:
Mas uns detem co'a espada, outros com rôgo
Urubú, que do sangue a fronte enxuga;
E oppondo-se entre os mais a Diogo ardente,
Restitue a batalha, e anima a gente.

64.

Urubú que na brenha exercitado
Um tigre, que na caça á mãi roubára,
Tendo-o junto de si domesticado,
A combater comsigo acostumára:
Lança-o a Diogo: o monstro arrebatado
Entre as prezas crueis, que arreganhára,
Ia apesar dos ferreos embaraços,
Com garra e dente a pol-o em mil pedaços.

65.

Mas o Heroe bem que de outros investido,
Em quanto a fera no ar saltando tarda,
Tendo-se ao fero assalto prevenido,
Dispara-lhe na fronte uma espingarda:
E qual raio da nuvem despedido,
Quando a fera que o impeto retarda,
Trémula ao golpe a vacillar começa,
Salta-lhe em cima e corta-lhe a cabeça.

66.

Ao estrepito, ao fogo, ao golpe horrendo,
Á fumaça do tiro occasionada;
Ao ver o busto sobre o chão tremendo,
E a terrivel cabeça sôbre a espada;
A immensa multidão que o estava vendo,
Cae por terra sem ânimo assombrada;
E alguns, que em pé tremendo se suspendem,
Ao grão Caramurú todos se rendem.

67.

Jararáca entre tanto que seguíra
Os que fugiram no primeiro insulto,
Por encontrar Gupeva tudo gira,
Que nas cabanas se emboscára occulto:
Ia-o buscando o barbaro, que ouvíra
Daquella parte o bellico tumulto,
Com tenção de expugnar a taba ingente,
Matar Gupeva, e captivar-lhe a gente.

68.

Na toca algum das arvores immensas,
Algum em meio as ramas se escondia;
Muitos se emboscam pelas selvas densas,
Outro em covas profundas que sabía:
Porque andando em contínuas desavenças,
Qualquer ao noto asylo recorria;
Onde entrando o inimigo, sem prevel-o,
Saem de toda a parte a accommettel-o.

69.

Em quanto a selva passeava escura
De immortaes arvoredos rodeada,
Foi Jararáca que a cuidou segura,
Ferido sobre o pé de uma frechada:
Ficou-lhe a planta sôbre a terra dura,
Em tal maneira com o chão cravada
Que por mais que arrancal-a dali próve,
Despedaça-se o pé, mas não se move.

70.

Corre a turba a salval-o, e em continente
Voam mil settas desde a espessa rama,
E cad'arvore ali do bosque ingente
Um chuveiro de tiros lhe derrama:
Cada tronco é um castello: ao lado e frente
A occulta multidão bramindo clama;
E o resto, que em cavernas se escondia,
Ao rumor da victória concorria.

71.

Já mal resiste o Caeté cercado;
E o bom Gupeva, que ao rumor concorre,
Um corpo de reserva trouxe armado,
Que á inclinada batalha invicto corre.
Jararáca, que o pé tinha encravado,
Vendo que outro remedio o não soccorre,
Por ter a vida e liberdade franca,
Deixa parte do pé, e a setta arranca.

72.

Nos braços vai dos seus mal defendido;
Mas com a massa, que menêa horrenda,
Reprime forte o barbaro atrevido,
Porque não haja quem se acoste, e o prenda;
E tendo a sorte o caso decidido,
Cede raivoso da cruel contenda;
E ao sertão retirado não descança,
Maquinando em furor nova vingança.

73.

Paraguaçú porém de glória avara
Seguia na victória o genio activo;
E incauta de Diogo se apartára,
Cortando a retirada ao fugitivo:
Anima a multidão, que se emboscára,
Pessicava potente, por motivo,
Se prevalesce a fôrça do contárrio,
De acudir ao soccorro necessario.

74.

Este vendo a donzella valerosa
Turbar com furia a gente amedrontada,
Desde o alto lança de arvore frondosa
Grosso ramo, que cae de uma pancada.
Debaixo delle a heroina valerosa,
Co' grande pezo pelo chão prostrada,
Ficou falta de alento e semiviva,
Nas mãos do cruel barbaro captiva.

75.

Corre a turba feroz contra a donzella,
Que depois que das armas deixa o pezo,
Descobre a todos a presença bella,
E fica quem a prende ainda mais prezo.
Da rude multidão, que corre a vel-a,
Ha quem de a ver tão linda fica accezo,
Outro que de a ter visto em guerra armada,
Ainda a teme com vel-a desmaiada.

76.

Logo que respirou, novo ar tomando,
Sente no coração mais desaffôgo,
E alento pouco a pouco vai cobrando,
Até que, entrando em si, chama o seu Diogo:
Mas na turba que a cérca reparando,
Conhece-se captiva, e desde logo
N'outro fero desmaio fica absorta,
E cuida quem a vê que ficou morta.

77.

Selvagem ha que cuida de comel-a,
Nem muito se está morta se assegura;
E com furia voraz contra a donzella,
A gula accende com a chamma impura:
Nem prezar-se costuma a fórma bella
No fero coração da gente dura;
E em morrendo qualquer mulher ou homem,
Choram muito, e depois assam-no e comem.

78.

Paté com este intento a degollára,
Se a bella Mangarita que isto via
Desde o matto escondida o não frechára,
Deixando-lhe suspensa a mão que erguia:
Um troço de Amazonas volta a cara,
E a peleja de novo se accendia;
Sendo Paraguaçú, que jaz no meio,
O preço da victória neste enleio.

79.

Cotia, que marchára sempre ao lado
Da desmaiada heroina em paz ou guerra,
Por vingar ou remir o corpo amado,
Co' fulmineo Tacape o campo aterra;
Piâ, Cipô, Açû deixou prostrado,
E faz que a grã Balêa morda a terra,
Balêa, que accommette vingativa,
Por guardar a donzella semiviva.

80.

Nem tu, Guarapiranga, á mão formosa
Pudeste evadir na horrivel lucta,
Que em quanto a inubia soas horrorosa,
Com que ás armas se accende a gente bruta.
Cotia com a espada valerosa,
A musica feral que se te escuta,
Nos antros retumbar te faz do Averno;
Melodia, que é digna só do inferno.

81.

Tudo cede á Amazona, e já salvava
Paraguaçú mortal da gente fera,
Quando o grão Pessicava, que observava
O estrago, que a Amazona ali fizera:
Accommette o esquadrão com furia brava,
E tudo affugentando o tempo espera,
Em que a impulso do braço alcance forte
Degolar a Cotia de um só corte.

82.

Espera ella sem medo, apenas víra
Do barbaro feroz o golpe incerto;
E veloz a uma toca se retira,
Que tinha em duro tronco o tempo aberto:
Porém repete ali com maior ira
Pessicava outro golpe e por acerto
Na valerosa Paca imprime o tiro,
Que tomou com Cotia este retiro.

83.

Em quanto entrava o barbaro e na lucta
Um e outro se abraça, o forte Diogo
Que o caso da sua bella infausto escuta,
Toma a espingarda, e parte em furia logo:
Qual polvora encerrada dentro á gruta,
Quando na occulta mina se deu fogo,
Arroja penha e monte, e o que tem diante;
Tal se envia em furor o afflicto amante.

84.

Tinha affogado Pessicava em tanto
A Amazona infeliz, e a mão lançava
Já de Paraguaçú, que no quebranto
Apenas levemente respirava;
E eis-que inventando Diogo um novo espanto,
Traz um tambor, que horrisono soava;
E logo que o arcabuz com bala atira,
Cae Pessicava, e morde o chão com ira.

85.

Mais não espera a tímida manada
Ouvindo o estrondo e os horridos effeitos:
Quem parte logo em furia declarada;
E quem lhe rende humilde os seus respeitos:
Paraguaçú porém desassombrada,
Sendo os contrarios com terror desfeitos,
Acordou n'um suspiro, e sôlta viu-se;
E conhecendo Diogo, olhou-o, e riu-se.

CANTO QUINTO.

Prática do Heroe esclarecendo Paraguaçù sôbre a summa bondade de Déos — Tratos com os prisioneiros — Trama o gentio o exterminio do Heroe por mar, atacando o seu futuro sogro, principal de Taparica — Fica este victorioso e salvo com a morte que dá a Jararáca o Heroe — Dez mensageiros de nações do sertão chegam a prestar humenagem a este último.

DEBIL em tanto a luz sôbre o horizonte,
Os seus trémulos raios apagava,
E desde o occidental immenso monte,
A noite pelas terras se espalhava:
Morfeo deixando os antros de Aqueronte,
No seio dos mortaes se derramava;
Mas da barbara gente que fugia,
Só s'entregava ao somno a que morria.

2.

Fatigado Diogo ao lado estava
Da bella espôsa n'uma grã floresta;
Nem ao preciso somno logar dava
Na attenção de a guardar da gente infesta:
Um de outro os successos escutava,
Nutrindo em novo fogo a chamma honesta;
Que depois que um triumfa do inimigo
Faz-se doce a memória do perigo.

3.

Ao resplendor da lua que saía,
Misturava-se o horror com a piedade;
Porque em lagos de sangue só se via
Sanguinolenta horrivel mortandade:
O valle igual ao monte parecia,
E do estrago na vasta immensidade
O outeiro estava, donde foi o assalto,
Com montes de cadaveres mais alto.

4.

Não póde vel-o a bella Americana,
Sem que a tocasse um triste sentimento;
E ou fosse condição da gente humana,
Ou do seu sexo um proprio movimento,
Chorou piedosa a sorte deshumana
Dos que apartados do terreno assento
Jaziam, como ouvíra de Diogo,
Nas lavaredas de um eterno fogo.

5.

E como, compassiva disse: E' crivel
Que um Deos, como me pintas, bom e amavel,
Sabendo o que ha de ser, e o que é possivel,
Nos crie para fim tão miseravel?
Antevendo um successo tão terrivel,
Não parece crueldade inescusavel
Dar-lhe o ser, dar-lhe a vida, dar-lhe a mente
Para vel-os arder eternamente?

6.

Quantos crear podéra que o servissem,
Deixando de crear quem o aggravasse;
Onde todos a vel-o ao ceo subissem,
E as obras que produz todas salvasse?
Nossos pais se dos filhos tal previssem,
Quanto fôra cruel quem os gerasse?
E creremos da excelsa grã bondade
Que ceda a nossos pais na humanidade?

7.

Segredos são, diz Diogo, da inscrutavel
Magestade de Deos: que saberemos
Do seu modo de obrar sempre ineffavel,
Se o que somos e obrâmos não sabemos?
Faltando-nos razão clara e provavel
Nos conselhos de Deos, que occultos vemos,
É bem que toda a dúvida se acabe;
Porque elle póde mais do que o homem sabe.

8.

Mas se ha logar á humana conjectura
Dos possiveis na longa immensidade,
Não se podia achar uma creatura,
Que goze d'impeccavel liberdade:
Uma firme innocencia é graça pura;
É mercê liberal da Divindade;
E quem em tanto a perguntar se atreve
Porque lh'a não quiz dar quem lh'a não deve?

9.

Desde a origem da immensa eternidade
Que tudo sem princípio ordena e rege,
Devemos presumir da divindade
Que onde o optimo encontra, em tudo o elege:
E sendo em nós tão grande a iniquidade,
Não temos cousa que a qualquer se inveje;
Onde se os mais possiveis vendo fores,
Nós fomos os eleitos por melhores.

10.

Embora seja assim, disse a donzella,
Mas que culpa tem estes que o ignoravam?
Não cuida acaso Deos, ou pouco zela
As almas, que entre nós se condemnavam?
E senão, porque causa aos mais revela
As doutrinas, que aos nossos se occultavam?
Distava mais do ceo a nossa gente,
Porque medêa o mar d'éste a poente?

11.

Tornai a culpa a vós, e a vós sómente:
O Heróe responde assim: se com estudo
Procurais sôbre a terra o bem presente,
Porque não procurais o autor de tudo?
Pàra o mais tendes lume, instincto e mente;
Somente contra Deos buscais o escudo
Em a vossa ignorancia á brutal culpa!
Essa ignorancia é crime, e não desculpa.

12.

Porém já da fadiga desvelada
Cerrava Paraguaçú seus olhos claros,
Tendo-a Diogo na fé mais confirmada,
Com responder prudente aos seus reparos:
Em quanto a bruta gente aprizionada,
Mostrando-se da vida nada avaros,
Dansam e bebem com tripudio forte,
E esperam, como boda, a cruel morte.

13.

Gupeva triumfante na grã taba
O infausto prizioneiro á morte guia,
E antevendo que a vida se lhe acaba,
A mulher cada um lhe offerecia:
Trazem-lhe o peixe, as carnes, a mangaba:
Brindando-lhe o licor, que a taça enchia;
Até que, quando menos se recorda,
Dous selvagens o prendem n'uma corda.

14.

Sôltas as mãos lhe ficam, que manêa,
Nem o tem mais que em meio da cintura
A soga de algodão como cadêa,
Que de uma parte e de outra os assegura:
Qual leoa feroz na maura arêa,
Quando o laço no ventre a tem segura,
Toda da fronte á cauda se retorce,
E ruge e vibra a garra, e o corpo torce.

15.

Muitos então da furibunda gente
Dizem injúrias mil, com mil insultos,
Que elle se esforça a rebater valente,
Sem que recêe os barbaros tumultos:
Algum ali chegando ao paciente,
(Que têem por cousa vil morrer inultos,)
Dá-lhe um cesto de pedras recalcado,
Com que atirando aos mais, morra vingado.

16.

Embiára e Mexira, dous possantes
Mancebos Caetés de um parto vindos,
Que Ainubá dera á luz tão similhantes,
Como tenros na idade, e em gesto lindos:
Muitas donzellas, que os amaram dantes,
Os bellos dias seus choravam findos;
Mitigando o desgosto de perdel-os
Com a intenção que tinham de comel-os.

17.

Estes na corda têem os da Bahia,
Dispostos a morrer no torpe abuso
De celebrar com sangue o fausto dia
Das victimas triumfaes ao patrio uso:
Embiára, que com arte a pedra envia,
Muitas no povo disparou confuso,
E apesar dos escudos, que põe diante,
Alguns feriu da turba circumstante.

18.

Uma grã pedra ao ar nas mãos levanta;
E erguendo os braços sôbre a fronte a atira:
Lança por terra alguns, outros quebranta,
E esmaga com o pezo o grão Tapira:
Outras tres arrojou com furia tanta
Que se d'atorno a gente não fugíra,
Com os tiros, que o bravo lhe dispara,
Em vingança cruel no chão ficára.

19.

Mexira n'outro lado era detido
Com o duro cordão; porém sem medo,
Ao barbaro Pyri, que o tem cingido,
Esmigalha a cabeça c'um penedo:
Foge o povo com pedras rebatido;
Mas Mexira na corda atado e quedo,
Com tres pedaços de uma ingente roca,
Uns derriba no chão, e outros provoca.

20.

Sae então Tojucáne em campo ardente,
E ao som dos seus marraques aplaudido,
Um cinto tem de plumas sôbre a frente,
Manto ao hombro de pluma entretecido:
Tinto de negro todo, a côr somente
Traz natural no vulto enfurecido;
E por metter no horror maior respeito,
Com o beiço inferior varria o peito.

21.

A cara, peito, braços (vista horrenda!)
Traz com golpes crueis acutilados:
Golpes, com que o valor se recommenda,
Feitos da propria mão com talhos dados:
Onde se a chaga apodreceu tremenda,
Em meio do asco e horror desfigurados,
Vendo a gente brutal que um não se doe,
Este então, que ignorancia! é o seu heroe.

22.

Dest'arte Tojucáne armado vinha,
Pôsto ao vel-o em silencio, em pasmo tudo,
Atira-lhe Embiára, que ainda o tinha,
Um penedo, que rompe o forte escudo:
O tacápe elle então desembainha,
Que de plumas ornou com bello estudo;
E encostando-se ousado á longa corda,
Aos dous fortes irmãos falando aborda:

23.

Não sois vós, disse o barbaro, traidores,
Os que a matar-nos com furor viestes,
E sem respeito aos miseros clamores,
Os nossos tenros filhos já comestes? -
Somos, disseram, nós: os teus furores
Sem o laço, em que agora nos prendestes,
Souberamos domar: e assim captivo,
A ver-me sôlto, te comêra vivo.

24.

Vivo nem morto a mim me não tocáras,
Porque se braço a braço te mediras,
Ou immovel de espanto em pé ficáras,
Ou de um só golpe, diz, no chão caíras:
Verias bem, se agora nos soltáras,
Como logo, responde, me fugíras:
Não queira de valente ser louvado,
Quem pretende triumfar de um desarmado.

25.

Esse vão pensamento melhor fôra
Que o tiveras, como eu, no campo, bravo;
Mas tu, diz Tojucáne, na mesma hora
Te viste combatido e foste escravo:
Como te atreves a gloriar-te agora
Com vil jactancia, com soberbo gavo?
A quem de resistir falta a constancia,
Não fica mais logar para a jactancia.

26.

Dizendo assim na fronte a espada ingente
Deixa o fero caír com golpe horrendo;
Cae por terra Embiára, ainda vivente;
Mexira morto já, porém tremendo:
Mordeu aquelle o chão com furia ardente,
E em cima o matador co'pé batendo:
Morre, soberbo, diz, e serás vasto
Para nosso tropheo vingança e pasto.

27.

Qual se diz que a Tifeo subjuga um monte,
Tal a planta cruel Embiára opprime;
E como a cobra faz, se junto á fonte
Toda em nós quebrantada se comprime:
Retorcendo em mil voltas cauda e fronte,
Que ergue, vibrando a lingua, no ar sublime,
Tal o infeliz morrendo em voltas anda,
E o espirito exhalando ás sombras manda.

28.

Chega ás cruentas victimas chorosa
Feminea tropa, que com dor lamenta;
E urlando todas com a voz maviosa,
Tudo vai repetindo a plebe attenta:
Depois daquella lástima enganosa,
Qualquer junto aos cadaveres se assenta,
E vão talhando pés, cabeças, braços,
E as victimas fazendo em mil pedaços.

29.

Chamam *moquem* as carnes que se cobrem,
E a fogo lento sepultadas assam;
Tudo em cima com terra e rama encobrem,
Onde o fogo depois com lenha façam:
Em tanto as voltam, cobrem e descobrem
Até que do calor se lhe repassam:
Detestavel empreza, que escondiam
Da indignação de Diogo, a quem temiam.

30.

Foi avisado o Heroe do acto execrado,
Horrivel pasto da nação preversa,
E a maneira opportuna meditando
Da barbara funcção deixar dispersa:
Mil fogos de artificio ia espalhando,
De horrivel fórma e de invenção diversa:
Treme a vil turba, e sem que a mais se arroje
Deixa o pasto cruel, e ao matto foge.

31.

Confusa a infame gente do successo,
Do grão Caramurú temia a vista,
Foge Gupeva de terror oppresso,
Nem sabe em que maneira ao mal resista;
Mas o novo pavor na gente impresso
Mitiga Paraguaçú, que o damno avista,
Se, como teme, o povo de espantado
O terreno deixasse abandonado.

32.

Jararáca entre tanto conduzido
Dos bravos Caetés á taba nota,
Diligente curava o pé ferido,
E em reparar cuidava a grã derrota :
E havendo no conselho a liga unido,
As fôrças representa, os meios nota,
E nigromante crê por perda tanta
O grão Caramurú, que o fogo encanta.

33.

Já na grã taba os barbaros se ajuntam,
Onde contra Diogo arte se estude,
E por magos famosos, que perguntam,
Recorriam de encantos á virtude :
Os nigromantes vem que os corpos untam,
E nos susurros do seu canto rude
Esperam que tambem ao forte Diogo
Matando privem do temido fogo.

34.

Um delles, que por sabio se acredita,
Não ha, disse, quem possa a ardente fragoa
Apagar no trovão, que o raio excita,
Lastimosa occasião da nossa mágoa :
Que se o antidoto ao fogo se medita,
Mais natural não ha que lançar-lhe agua :
Dentro n'agua se apaga o fogo ardente :
E este é o meio, que occorre de presente.

35.

Contra as vossas canoas não se atreve
O filho do trovão, se desce ao porto:
Vós o vereis sem força em tempo breve
Saír, qual já saíu, das aguas morto:
Ninguem ha que não saiba como esteve
Quando o encontrámos náufrago no pôrto:
Nem usou do trovão, que espanta em terra,
Nem fez com fogo n'agua horrivel guerra.

36.

São n'agua, terra e mar mui differentes
Os anhangás, que reinam divididos:
Uns, que só no ar e fogo são potentes,
Causam ventos, trovões, raios temidos;
O terremoto e pestes sôbre as gentes
Movem outros na terra conhecidos:
Este porém, que ao estrangeiro acode,
N'agua não poderá, se em fogo póde.

37.

Parece á rude gente este discurso,
Segundo os seus principios concludente;
E ouvido com applauso no concurso,
Votam na execução concordemente.
Toma a guerra por tanto um novo curso,
E ao mar se envia a bellicosa gente;
Nem capitão ha mais nem ha pessoa
Que não se embarque em rapida canoa.

38.

Chamam canoa os nossos nesses mares
Batel de um vasto lenho construido,
Que excavado no meio, por dez pares
De remos ou de mais, voa impellido:
Com tropas e petrechos militares,
Vai de impulso tão rapido movido
Que ou fuja da batalha ou a accommetta,
Parece mais ligeiro que uma setta.

39.

Concorrendo as nações do sertão junto,
Trezentas ou mais arma Jararáca;
E tendo escolha, porque o povo é munto,
Deixa em terra das gentes a mais fraca.
E sendo da Bahia tão conjuncto
O ilheo da Taparica, este se ataca,
Na esperança que Diogo acudiria,
Vendo o sogro em perigo, que o regía.

40.

Repousava sem susto Taparica;
E confiado em Diogo e na victória,
Gozava de uma paz tranquilla e rica,
Depois que a guerra terminou com glória;
E quando a rouca inubia arma publíca,
Tão longe tinha as armas da memória,
Que ignorando em socêgo os seus perigos,
Nas mãos se foi metter dos inimigos.

41.

Prendem o inerme chefe de improviso,
Accommettendo a taba descuidada:
A chamma e fumo dão infausto aviso
Ao bom Diogo da barbara assaltada:
Nem impulso maior lhe era preciso,
Vendo a ilha dos barbaros tomada:
Occupa em pressa as armas e as canoas,
Sem mais que Paraguaçú com cem pessoas.

42.

Vinte bombas de polvora tem cheas,
De que uma parte já das náos salvára;
Quatro ferreos canhões, que entre as arêas
Por nadadores bons do mar tirára:
Metralhas, palanquetas e cadêas,
Pistolas e fusis, que preparára;
Canôas tres de polvora e resina,
Que lançar nas contrárias determina.

43.

Forma-se em meia lua a vasta armada,
Cuidando de encerrar Diogo em meio,
E com nuvem de frechas condensada
A aurea luz do sol a impedir veio:
Firme estava do Heroe a turba irada;
E coalhando-se o mar de lenhos cheio,
Retumba o eco na Bahia toda
Pela gente brutal, que urlava em roda.

44.

Até que a tiro os vê do bronze horrendo;
E sem mais esperar, dispara fogo,
Que tudo com metralha ia varrendo,
E a pique dez canoas metteu logo:
Saltam muitos de horror no mar, tremendo;
Alguns deixando o remo; as mãos de Diogo
Com bombas ardem, que feroz lhe lança;
Outros a espada de visinho alcança.

45.

Confusas entre si vão fluctuando
As canoas, que a gente não regía;
E uma vai sobr'outras embarrando
Na desordem, que todas confundia:
As tres incendiárias arrojando,
Um diluvio de fogo n'agua ardia,
Com tal fumaça nas ardentes fragoas,
Que cubrindo-se o ar, fervem as aguas.

46.

Qual, se na selva densa o fogo atêa,
Em columnas de fumo voa a chamma,
E a lavareda, que pelo ar ondea,
Traspassando se vai de rama em rama:
Tal na Bahia de canoas chea
Um diluvio de fogo se derrama;
E o barbaro de horror, de espanto e mágoa
Foge á morte do fogo, e escolhe a d'agua.

47.

Jararáca entretanto em terra estava,
Donde prendêra o incauto Taparica,
E raivoso das praias observava
Toda a frota naval, que em cinzas fica:
Foge dispersa a tropa, que levava;
E logo que a victória se publíca,
Toda a ilha, que as armas arrebata,
O timido Caeté subjuga ou mata.

48.

Nem já dos inimigos se descobre
Uma canoa só no lago ingente;
E o mar de mil cadaveres se cobre,
Sem que saiba aonde fuja a infeliz gente.
Que Gupeva entretanto a praia encobre,
Embaraçando a fuga ao continente;
Grande parte desde a agua o braço estende,
E a liberdade com a vida rende.

49.

Não assim Jararáca, que na praia
Põe por escudo o infausto Taparica;
E ameaça matal-o, quando sáia
Em terra Diogo, que suspenso fica.
Vê o transe a filha, e sôbre as mãos desmaia
Do caro espôso, e pelo pai supplíca:
E vê-se Diogo em lance embaraçado,
Sem saber como salve o desgraçado.

50.

Atirar-lhe quizera ; mas duvída,
Na intenção de matal-o vacillante,
Vendo do sogro ameaçada a vida,
E quasi sem alento a espôsa amante :
Tres vezes poz a mira dirigida ;
Tres vezes se deteve a mão constante ;
E em terra a um tempo a acção retarda,
Jararáca ao bastão ; elle á espingarda.

51.

Que mais espero, diz, feril-o é incerto ,
Mas é claro na mão d'esse inimigo,
Que em qualquer caso em fim o damno é certo,
E cresce na tardança o seu perigo :
Disse, e toma por alvo descuberto
A fronte do contrário, e neste artigo
Dispara o tiro ; e a balla lhe atravessa
De uma parte á outra parte da cabeça.

52.

Cae Jararáca em terra ao mesmo instante,
Qual penhasco, que do alto se derroca,
Quando o raio, que o arroja fulminante,
Desde cima o arrancou da excelsa roca :
N'um rio a terra se banhou fumante
Do negro sangue, donde pondo a bocca,
Morde raivoso a arêa, em que caíra,
E o torpe alento com a vida espira.

53.

Já neste tempo se encontrava amigo
Taparica e Diogo em terno abraço,
Vendo por terra o perfido inimigo,
Que tremendo occupava um vasto espaço :
Paraguaçú, que afflicta do perigo
Sem sentido ficou no horrivel passo,
Torna a si do desmaio, e vê piedoso
O pai, que a tem nos braços, com o espôso.

54.

Alegre vem do opposto continente
Em canoas Gupeva a Taparica,
Congratular-se com o Heroe valente,
Que morto Jararáca, em calma fica :
Pasma de ver o estrago a insana gente,
Que os arcos abatendo a paz supplíca ;
E respeitando a sup'rior potencia,
Compensavam a paz co'a obediencia.

55.

Chegaram do sertão dez mensageiros
Em nome das nações, que em guerra andavam,
Confirmando com pactos verdadeiros
A inteira sujeição, que ao luso davam ;
Vem entr'elles os principes primeiros,
E com os ritos, que na patria usavam,
Principe acclamam com festivo modo
O filho do trovão, do sertão todo.

56.

Nem duvidou Diogo imaginando
Quanto domar importa a gente bruta,
Acceitar das nações o excelso mando,
E comsigo prudente os fins reputa:
Ouve-se em nome seu público bando,
Que a barbara caterva humilde escuta,
Em que todo o homicidio se prohibe,
E com pena de morte a culpa inhibe.

57.

Julga porém ao ver inveterada
A barbara paixão na gente cega,
Que a grave pena ao crime decretada
Convem dissimular, se ao caso chega:
A tudo a gente barbara humilhada,
Só na gula cruel a emenda nega,
Por barbara vingança carniceira,
Que tanto póde a educação primeira.

58.

Não tardou logo a occasião de vel-o;
Porque apenas deixára a companhia,
O proprio Taparica sem temel-o
Ao convite cruel se prevenia:
Bambú, que fôra ao ponto de prendel-o,
Quem lhe lançára as mãos com ousadia,
Prezo em canôa o régulo conserva,
Por pasto infando á barbara caterva.

59.

Estava o desditoso encadeado,
E exposto a mil insectos que o mordiam,
Nem se lhe via o corpo ensanguentado,
Que todo os *maribondos* lhe cubriam :
Corria o negro sangue derramado
Das crueis picaduras, que lhe abriam ;
E elle immovel em tanto em tosco assento,
Parecia insensivel no tormento.

60.

Vendo Diogo o infeliz, quanto padece
No modo de penar mais deshumano ;
Maior a tolerancia lhe parece
Do que possa caber n'um peito humano :
E como autor do crime reconhece
Do cruel sogro o coração tyranno ;
Offerece a Bambú, que a morte ameaça,
Soccorro amigo na cruel desgraça.

61.

Perdes comigo o tempo, disse o fero,
Ao que vês, e ainda a mais vivo disposto :
A liberdade, que me dás, não quero ;
E da dor, que tolero, faço gôsto ;
Assim vingar-me do inimigo espero :
Disse : e sem se mudar do antigo pôsto,
As picadas crueis tão firme atura
Como se penha fôra ou rocha dura.

62.

Se o motivo, diz Diogo, porque temes
É porque escravo padecer receias;
E tens por menos mal este em qne gemes
Do que uma vida em miseras cadeias:
Depõe o susto que sem causa tremes:
Penhor te posso dar por onde creias,
Depondo a obstinação do torpe medo,
Que a vida e liberdade te concedo.

63.

Aqui da fronte o barbaro desvia
Dos insectos co'a mão a espessa banda;
E a Diogo, que assim se condoía,
Um sorriso em resposta alegre manda.
De que te admiras tu? Que serviria
Dar ao vil corpo condição mais branda?
Corpo meu não é já, se anda comigo,
Elle é corpo em verdade do inimigo.

64.

O espirito, a razão, o pensamento
Sou eu e nada mais: a carne immunda
Forma-se cada dia do alimento,
E faz a nutrição que se confunda:
Vês tu a carne aqui, que mal sustento?
Não a reputes minha: só se funda
Na que tenho comido aos adversarios;
Donde minha não é, mas dos contrarios.

65.

Da carne me pastei continuamente
De seus filhos e pai: della é composto
Este corpo, que anímo de presente,
Por isso dos tormentos faço gôsto.
E quando maior pena a carne sente,
Então mais me consólo, no supposto
De me ver do inimigo bem vingado,
Neste corpo, que é seu, tão mal tratado.

66.

Impossivel parece ao sabio Heroe
O que vê e o que escuta, e que assim possa,
Quando a carne mortal tanto se doe,
Vencer-se a dor da fantasia nossa:
Magoado interiormente se condoe
De ver que no infeliz nada faz móssa;
Mostrando na brutal rara constancia,
Com tal valor, tão barbara ignorancia.

67.

Tinham disposto em tanto no terreiro
As nações do sertão pompa festiva,
Creando Diogo principal primeiro
Com applauso geral da comitiva.
Vê-se ornado de plumas o guerreiro,
E como em triumfo a multidão captiva,
E sôbre os mais n'um throno levantado
Cingem de pluma o vencedor c'roado.

68.

Á roda, como em círculo, postrados
Sessenta principaes das nações feras
Em nome de seus povos humilhados,
Submissões rendem com temor sinceras:
Tujúcupápo, estando os mais calados,
Grão filho do trovão, disse, que imperas
Em terra e mar, com glória combatendo,
Tudo domaste com o raio horrendo.

69.

Não te cedêra não dos nossos peitos
A varonil constancia em guerra humana;
Nem da morte tememos os effeitos,
Se a contenda não fôra sôbre humana:
Rendemos-te fieis nossos respeitos,
Depois que o teu valor nos desengana
Que em teus combates todo o ceo te assiste;
E a quem soccorre o ceo quem lhe resiste?

70.

As nações do sertão já convencidas,
Põe a teus pés os arcos e as espadas:
Suspende o raio teu; protege as vidas
Desde hoje ao teu imperio sujeitadas:
E se tens, como creio, submettidas
As procellas, as chuvas e as trovoadas,
Não espantes com fogo a humilde gente;
Mas faze-nos gozar da paz clemente.

71.

A teu commando estão sem replicar-te
Os povos deste vasto continente;
E farás com teu nome em qualquer parte
Que te obedeça a valerosa gente.
Faze com o favor que haja de amar-te,
Como a tens com terror feito obediente;
Que se troveja o ceo na esfera escura,
A luz manda tambem formosa e pura.

72.

Não foi acaso, disse o Heroe prudente,
Respondendo ao discurso, foi destino
Querer o grão Tupá que a vossa gente
A mão conheça do poder divino:
Do ceo, que sôbre vós brilha luzente,
Se receberdes o sagrado ensino;
Livres com glória do tyranno averno
Sôbre elle reinareis n'um solio eterno.

73.

Porém por serdes na ignorancia rude,
Incapazes de ouvir o mais, em tanto
Buscai com a razão maior virtude,
Implorando o favor do throno santo:
E quando a vossa fé pedil-o estude,
Vereis da antiga serpe no quebranto
Florecer nesta patria d'improviso
Uma imagem do ameno paraiso.

74.

Disse o Heroe generoso; a turba immensa
Em sinal de prazer com grata dança,
Vão em fileiras com a mão extensa,
Fazendo com os pés vária mudança:
Uma perna bailhando tem suspensa,
E turma sobre turma em modo avança,
Que idéa dão dos bellicos ataques,
Retumbando entre tanto os seus marraques.

75.

Os nigromantes, que o Brasil respeita,
Um marraque descobrem venerado;
Insignia da nação, que ao povo acceita,
Consideram por symbolo sagrado:
O sacerdocio, como turma eleita
No ministerio ao culto dedicado,
Poz o barbaro termo á funcção toda,
Bafejando nos principes á roda.

—

CANTO SEXTO.

Os principaes das nações do interior trazem presentes, e ambicionam aparentarse com o Heroe, que como espôsa só ama Paraguaçú — Contra a vida desta tramam suas rivaes — Lapa na margem do rio S. Francisco — Crê o Heroe ver ali erigido um templo e ora — Desce pelo rio em demanda do Reconcavo — Ajudado do gentio salva e agazalha a equipagem de um navio que naufragára sôbre a costa — É informado pelo chefe dos naufragos de quem são, e como ali vieram — Soccorreos, e em breve se fazem elles de véla — Embarca-se com Paraguaçú em uma náo franceza que ahi chega, e partem para a Europa — Episodio de Moema — Perguntado pelo commandante dos Francezes narra o Heroe a bordo o descobrimento do Brasil, e descreve as suas provincias.

DESCANÇAVA no seio então Diogo,
Extincta a guerra, de uma paz dourada,
E o pavor do sulfureo horrivel fogo
Trazia a gente barbara assombrada:
As remotas nações concorrem logo,
Desde a interna região mais apartada;
E tendo-o do trovão por viva imagem,
Vinha todo o sertão dar-lhe homenagem.

2.

Muitos delles, dos povos subjugados,
Que o effeito viram da terrivel chamma;
Outros vinham somente convocados
Das heroicas acções, que conta a fama:
Trazem plumas e balsamos presados
E outra rude opulencia, que o povo ama,
E com os dons da americana Ceres
Offerecem-lhe as filhas por mulheres.

3.

Era antigo dos barbaros costume,
Quando algum capitão foi bravo em guerra,
Ou se julgavam que o regía um nume,
Emparental-o aos principaes da terra:
Qualquer que de nobreza então presume,
Do grão Caramurú, que tudo aterra,
Procura, como nobre preeminencia,
Ter na sua prosapia a descendencia.

4.

Tuibaé, dos Tapuias chefe antigo,
Tiapíra lhe offerece celebrada;
E com a mão da filha deixa amigo
Uma illustre alliança confirmada:
Xerenimbó trazia-lhe comsigo
A formosa Moema já negada
A muitos principaes, por dar-lhe espôso
Digno do tronco de seus pais famoso.

5.

Muitas outras donzellas brasilianas
A mão do claro Diogo pertendiam,
Ou por prendas, que notam soberanas,
Ou por grandes acções, que delle ouviam:
A todos elle deu mostras humanas
Sem a fé lhe obrigar, que pertendiam;
Mas por não offender as brutas gentes,
Trata os pais e os irmãos como parentes.

6.

Paraguaçú porém com fé de espôso
Parecia estimar distinctamente,
Mostrando-lhe no affecto carinhoso
A sincera affeição que n'alma sente:
Amava nella o peito valeroso,
E o genio docil, com que á fé consente;
Amor que occasionou, como é costume,
Em algumas inveja e n'outras ciume.

7.

Todas á bella dama aborrecendo,
Conspiram féras em tirar-lhe a vida:
Mas ella que o projecto alcança horrendo,
Deixar pertende a patria aborrecida:
E na viagem de Europa discorrendo,
Deseja renascer á melhor vida,
Impulso santo, que com justa idéa
Move Diogo a deixar aquella arêa.

8.

Agitado do vário pensamento,
Na margem se entranhou do vasto rio,
Que invocando o serafico portento,
Chama de S. Francisco o luso pio;
E estando o sol no seu maior augmento,
Quando sítio no ardor busca sombrio,
N'uma lapa, que esconde alto mysterio,
Foi achar para a calma o refrigerio.

9.

Por mil passos a penha milagrosa
Estente em roda o gyro dilatado;
Obra da natureza prodigiosa,
Quando o globo terraqueo foi creado:
Concavidade ha ali vasta, espaçosa,
Onde tinha o Creador delineado,
Com capella maior, nave e cruzeiro,
Um templo, como os nossos, verdadeiro.

10.

Largo trinta e tres passos se estendia
O grão cruzeiro: a longitude da mole
Por mais de outros oitenta discorria;
Logar que não pizára humana prole:
O prospecto exterior de pedraría,
O interior pavimento é terra molle:
De jaspe se levanta a grã portada,
Entre torres marmoreas fabricada.

11.

Dentro vêem-se magnificas capellas
Sustentadas de esplendidas columnas;
Pelo tecto entre nuvens gyram estrellas,
E sôbre o rio a um lado tem tribunas,
Que servindo-lhe a um tempo de janellas,
Dão luz a todo o templo; e quando lhe unas
Quantos prodigios o lugar encerra,
Maravilha maior não cobre a terra.

12.

Capella ali se vê de entalho nobre,
Obrado com desenho estranho e vário,
Onde effigiado em marmore se cobre
Um natural bellissimo Calvario:
Vê-se a base da cruz, mas nada sôbre;
De jaspe ainda melhor que egypcio ou pario:
E ao lado um pôsto em proporção distincta,
Onde a mãi e discipulo se pinta.

13.

Chegado Diogo a ver prodigio tanto,
Pelo estranho espectaculo suspenso,
Penetra-se no peito de horror santo,
Por não sei que sagrado occulto senso:
Depois rompendo n'um devoto pranto,
Prostrado em terra, adora o Deos immenso,
Que quando ser ao mar e á terra dava,
O alicerce á grã fabrica lançava.

14.

Eis-aqui preparado, disse, o templo,
Falta a fé, falta o culto necessario;
E quanto era de Deos feito contemplo
Tudo o que é de salvar meio ordinario;
Desta intenção parece ser exemplo
Este insigne prodigio extraordinario;
Onde parece que no templo occulto
Tem disposto o lugar, e espera o culto.

15.

Quiz mostrar nesta imagem por ventura
Que esta gente brutal não desampara;
E que a qualquer humana creatura
O remedio da cruz justo prepara:
Que a estes do seu sangue dera a cura,
Se aos instinctos, que tem, não repugnára;
Que advogada nos deu de empreza tanta,
Preparando o logar á Virgem santa.

16.

Oh queira, grão Senhor, vossa bondade
Supprir nelles e em mim tanta miseria;
Pois de todos salvar tendes vontade,
Que por este signal mostrais tão séria:
Que se olhais para a nossa iniquidade,
Achareis de punir tanta materia,
Que a antiga culpa pelos seus abrolhos
A ninguem deixa justo aos vossos olhos.

17.

D'ali surcando o rio caudaloso,
Vai o noto reconcavo buscando,
Por ver se inchada a vela o pégo undoso
A rumo oriental vai navegando:
Nem temeria o pélago espaçoso
Ir na leve canoa atravessando,
Se o perigo, que immenso considera,
Pelo damno da espôsa não temêra.

18.

Ergue-se sôbre o mar alto penedo,
Que uma angra á raiz tem, das náos amparo,
Onde das ramas no intrechado enredo
Causa o verde prospecto um gôsto raro:
Ali morro cuberto de arvoredo,
A quem passeia o mar, serve de pharo;
Dão-lhe nome da costa os experientes,
Do glorioso apostolo das gentes.

19.

Aqui vê Diogo um casco, que encalhára,
Onde n'agua se occulta horrida penha,
Porque ignorando á costa se arrojára,
Sem que esperança de soccorro tenha;
Vê, como a chusma em terra se salvára,
Que a brutal gente a captivar se empenha;
E presumindo o que era, na canoa
A defender os seus remando vôa.

20.

E temendo que cedam enganados,
Ao barbaro cruel os naufragantes,
Ou que fiquem sem armas captivados
Nas mãos desses penhascos ambulantes,
Faz-lhes signaes, e deixa-os avisados,
Fazendo ver as armas rutilantes,
Da arêa infida e do cruel perigo,
E o seu soccorro lhe off'rece amigo.

21.

E quando a tiro de canhão se via,
Fez que se ouvisse a formidavel tromba,
E ao éco do tambor que lhe batia,
Dispara ao tempo mesmo a horrivel bomba:
Treme de espanto o barbaro, que ouvia;
E este pasma, outro foge, aquelle tomba;
E o grã Caramurú já divisando,
Correm todos humildes ao seu mando.

22.

Unidos do bom Diogo á comitiva
Soccorrem com presteza a véla rota;
Onde a gente das aguas semiviva,
Vão leves conduzindo a praia nota:
Salvou-se-lhe a equipagem toda viva;
E para os preparar a grã derrota,
Faz que a barbara gente dando ajuda
Á afflicta multidão piedosa acuda.

23.

Paraguaçú porém com pio aviso
Cuida em prover de roupas e sustento,
E quanto lhe é possivel, de improviso
Restabelece-lhe as forças co'alimento.
Depois que se saciaram do preciso,
Diogo que o caso seu recorda attento,
Logo que a turba vê contente e junta,
Donde vem? aonde vão? quem são? pergunta.

24.

Um entre outros, que o chefe parecia
E sôbre os mais da chusma dominava,
Depois de agradecer-lhe a cortezia
Na castelhana lingua, em que fallava,
Somos, disse, da nobre Andaluzia,
Onde o chão Hispalense o Betis lava,
Socios se ouviste o nome de Arelhano,
E desde o reino viemos peruano.

25.

Se a fama a vós chegou do valoroso
Domador das provincias peruanas;
E se Pisarro no orbe tão famoso
Não se ignora das gentes lusitanas:
Fomos delle mandados pelo undoso
Grão rio, que em correntes desce insanas,
Desde a grã cordilheira, que imminente
Aqui separa o occaso do oriente.

26.

Novas ilhas buscando, e novos mares
Depois de longos dias navegámos;
Já com procellas, já com brandos ares,
Ao conhecido Oceano chegámos:
Os perigos, os casos singulares,
Que por mais de mil leguas tolerámos,
Não contára depois que no mar érro
A ter peito de aço e a voz de ferro.

27.

De sessenta e mais linguas differentes
Vimos, descendo o rio, em curso immenso,
Incognitas nações, barbaras gentes
E um povo innumeravel, vasto e denso.
Montanhas vimos, campos mil patentes
E um terreno nas margens tão extenso,
Que poderá elle só neste hemisferio
Formar com tanto povo um vasto imperio.

28.

Mil vezes com canoas bellicosas
Combatemos no rio, e mil em terra;
Perseguidos de tropas numerosas,
Que occupavam talvez o valle e a serra:
Nem cessava nas margens perigosas
De mil bravas nações a dura guerra
Até que entrando nas ardentes zonas,
Chegámos á região das Amazonas.

29.

Discorre com furor pela ribeira
Vasto esquadrão de tropa feminina,
Que em postura e contento de guerreira,
Assaltar nossa frota determina
Sôbre o sexo viril, turba grosseira,
O feminino sexo ali domina,
Onde no rio, porque a fama o conte,
Recordámos o antigo Thermodonte.

30.

E já o hispano leão domado houvera
Das Amazonas o terreno infausto,
Se no clima infeliz nos não morrêra
De mil fadigas Arelhano exhausto.
A gente pois que o capitão perdêra,
Não podendo esperar successo fausto,
Sôbre esse bergantim, que ali se adorna,
Ao solar patrio, navegado torna.

31.

Não duvideis, responde o Heroe clemente,
De achar em mim soccorro poderoso;
Que achais quem como vós do mar fremente
Aprendeu na desgraça a ser piedoso:
Tendes amiga mão, madeira e gente,
Com que o casco, que vedes ruinoso,
Reformando-se torne do ceo nosso
À desejada Hespanha e Betis vosso.

32.

Disse: e ordenando a turba americana,
Assiste ao fabro na naval fadiga;
E quanto lhe permitte a força humana,
Faz que em breve o baixel seu rumo siga:
Nem se demora mais a gente hispana,
Que a convida a monção, e o vento obriga:
Soltam a branca véla ao fresco vento,
E vão raspando o liquido elemento.

33.

Felices vós, diz Diogo, affortunados.
A quem da cara patria é concedido
Tornar hoje aos braços desejados,
Depois de tanto tempo a ter perdido!
Em quanto eu nestes climas apartados
Me vejo de seguir-vos impedido;
Que fiar temo de tão debil lenho
Outra vida, que em mais que a propria tenho.

34.

Dizendo assim, com calma vê luctando
Formosa náo de gallica bandeira,
Que a terra ao parecer vinha buscando,
E a prôa mette sôbre a propria esteira:
Vem seguindo a canoa, e sinaes dando,
Até que aborda a embarcação veleira,
E de paz dando a mostra conhecida,
Ás praias da Bahia a náo convida.

35.

A Gupeva entretanto e Taparica
Dava o último abraço: e á forte espôsa
A intenção de leval-a significa
A ver de Europa a região famosa:
Suspensa entre alvoroço e pena fica
Paraguaçú contente, mas saudosa;
E quando o pranto na sentida fuga
Começava a saudade, amor lh'o enxuga.

36.

É fama então que a multidão formosa
Das damas, que Diogo pertendiam,
Vendo avançar-se a náo na via undosa,
E que a esperança de o alcançar perdiam:
Entre as ondas com ância furiosa
Nadando, o espôso pelo mar seguiam,
E nem tanta agua que fluctua vaga
O ardor que o peito tem, banhando apaga.

37.

Copiosa multidão da náo franceza
Corre a ver o espectaculo assombrada;
E ignorando a occasião da estranha empreza,
Pasma da turba feminil, que nada:
Uma, que ás mais precede em gentileza,
Não vinha menos bella do que irada:
Era Moema, que de inveja geme,
E já visinha á náo se apega ao leme.

38.

« Barbaro, a bella diz, tigre e não homem.....
Porém o tigre, por cruel que brame,
Acha fôrças amor, que em fim o domem;
Só a ti não domou, por mais que eu te ame:
Furias, raios, coriscos, que o ar consomem,
Como não consumis aquelle infame?
Mas pagar tanto amor com tedio e asco....
Ah que o corisco és tu... raio... penhasco.

39.

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
Quando eu a fé rendia ao teu engano;
Nem me offendêras a escutar-me altivo,
Que é favor, dado a tempo, um desengano:
Porém deixando o coração captivo
Com fazer-te a meus rogos sempre humano
Fugiste-me, traidor, e desta sorte
Paga meu fino amor tão crua morte?

40.

Tão dura ingratidão menos sentíra,
E este fado cruel doce me fôra,
Se a meu despeito triumfar não víra
Essa indigna, essa infame, essa traidora:
Por serva, por escrava te seguira,
Se não temêra de chamar senhora
A vil Paraguaçú, que sem que o creia,
Sôbre ser-me inferior, é nescia e feia.

41.

Em fim, tens coração de ver-me afflicta,
Fluctuar muribunda entre estas ondas;
Nem o passado amor teu peito incita
A um ai somente, com que aos meus respondas:
Barbaro, se esta fé teu peito irrita,
Disse vendo-o fugir, ah não te escondas;
Dispara sobre mim teu cruel raio...»
E indo a dizer o mais, cae n'um desmaio.

42.

Perde o lume dos olhos, pasma e treme,
Pálida a côr, o aspecto muribundo,
Com mão já sem vigor, soltando o leme,
Entre as salsas espumas desce ao fundo:
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a apparecer desde o profundo;
« Ah Diogo cruel! » Disse com mágoa,
E sem mais vista ser, sorveu-se n'agua.

43.

Choráram da Bahia as nymfas bellas,
Que nadando a Moema acompanhavam;
E vendo que sem dor navegam dellas,
Á branca praia com furor tornavam:
Nem póde o claro Heroe sem pena vel-as,
Com tantas provas, que de amor lhe davam;
Nem mais lhe lembra o nome de Moema,
Sem que ou amante a chore, ou grato gema.

44.

Voava em tanto a náo na azul corrente,
Impellida de um Zefyro sereno,
E do brilhante mar o espaço ingente
Um campo parecia igual e ameno:
Encrespava-se a onda docemente,
Qual aura leve, quando move o feno;
E como o prado ameno rir costuma,
Imitava as boninas com a espuma.

45.

Du Plessis, que os francezes governava,
Em uma noute clara á pôpa estando,
Os casos de Diogo, que escutava,
Admira no naufragio memorando:
Depois do Heroe prudente perguntava
Quem achára o Brasil, o como e quando
Ganhára no recondito hemisferio
Tanto thesouro o lusitano imperio?

46.

Dous Monarcas, responde o lusitano,
Já sabes que no occaso e no oriente
Novos mundos buscaram pelo oceano,
Depois de haver domado a Lybia ardente:
E que, onde não chegou grego, ou romano
Passea o forte hispano e a lusa gente;
Que instruidos na nautica com arte,
Descubriram do mundo outra grã parte.

47.

Do Téjo ao china o portuguez impera,
De um pólo ao outro o castelhano voa,
E os dous extremos da redonda esfera,
Dependem de Sevilha e de Lisboa:
Mas depois que Colon signaes trouxera,
Colon de quem no mundo a fama voa,
Deste novo admiravel continente
Discorda com Castella o luso ardente.

48.

Já se dispunha a guerra sanguinosa;
Porém o commum pai aos dous intíma
Arbitrio na contenda duvidosa,
Que a parte competente aos reis estima.
Desde Roma Alexandre imperiosa,
Deixando ambos em paz á empreza anima,
E uma linha lançando ao Ceo profundo,
Por Fernando e João reparte o Mundo.

49.

Na vasta divisão, que ao luso veio,
O precioso Brasil contido fica:
Paiz de gentes e prodigios cheio,
Da America feliz porção mais rica:
Aqui do vasto Oceano no meio
Por horrivel tormenta a prôa applica
O illustre Cabral, com fausto acaso
Sobre gráos dezeseis do nosso occaso.

50.

Da nova região, que attento observa,
Admira o clima doce, o campo ameno,
E entre arvoredo immenso, a fertil herva
Na viçosa extensão do aureo terreno :
Cuberta a praia está de grã caterva
De incognita nação, que com o aceno,
Porque a lingua ignorava, á paz convida,
Ergendo-lhe o troféo do autor da vida.

51.

Era o tempo, em que alegre resuscita
A verde planta que murchou no inverno ;
E quando a solar méta o tempo excita,
Em que o rei triumfou da morte eterno :
Tão sagrada memória a frota incita
A celebrar ao vencedor do inferno
O sacrificio donde a fé venera,
A paixão que em tal tempo succedêra.

52.

Em frondosa ramada o lusitano
Um altar fabricou no prado extenso,
Donde assista ao mysterio soberano
Da lusitana esquadra o povo immenso :
Ao rei triumfante do infernal tyranno
Odorifero fuma o sacro incenso,
E a victima do Ceo, que a paz indica
Á gente e nova terra sanctifica.

53.

Notar o americano ali contende
Do sacrosanto altar o acto sublime;
E tanto a simples gente o aceno entende,
Que parece que a acção por santa estime:
Algum que olhava ao celebrante, emprende
O gesto arremedar que orando exprime,
E as mãos une e levanta e talvez sólta,
E quando o vê voltar tambem se volta.

54.

Como as nossas acções talvez espia
O pelloso animal que o matto hospéda,
E quanto vê fazer, como á porfia,
Tudo pôsto a observar, logo arremeda:
Tal o gentio simples parecia,
Que nem um pé, nem passo d'ali arreda,
E ao santo sacrificio attento e mudo,
O que aos mais viu fazer, fazia-o tudo.

55.

Aqui depois que ás turbas eloquente
Dicta o sacro orador pio conceito,
E a fé dispensa no animo valente
Do nobre povo a propagal-a eleito:
Participa da cea a christã gente,
E o dom recebem com fiel respeito;
E é fama que Cabral, que os convocára,
Montando sôbre um alto, assim falára.

56.

Gloriosa nação, que a terra vasta
Vais a livrar do paganismo immundo,
A quem esse orbe antigo já não basta,
Nem a immensa extensão do mar profundo:
Neste occulto paiz, que o mar affasta,
Tem teu zêlo por campo um novo mundo;
E quando tanta fé seus termos sonde,
Outro mundo acharás, se outro se esconde.

57.

Oh profundo conselho! Abysmo immenso
Do podêr e saber do Omnipotente!
Que estivesse escondida no orbe extenso
Tanta parte do mundo á sábia gente!
Cincoenta e cinco seculos sem senso
Das nações deste vasto continente,
E em tanta indagação dos sabios feita,
Não caír-nos na mente nem suspeita!

58.

Mas combine-se o dia, o tempo, a hora,
Em que a alta providencia aqui nos guia;
Quando á ignorancia Christo o perdão ora;
Quando morre na cruz, no proprio dia:
Na bandeira do mar triumfadora
Tremolámos as chagas com fé pia,
E nellas quiz á grei, que em sombras langue
Vir neste dia a offerecer seu sangue.

59.

Goza de tanto bem, terra bemdita,
E da Cruz do Senhor teu nome seja;
E quanto a luz mais tarde de visita,
Tanto mais abundante em ti se veja:
Terra de Santa Cruz tu sejas dita,
Maduro fructo da paixão na igreja
Da fé renovo pelo fructo nobre,
Que o dia nos mostrou que te descobre.

60.

Dizendo assim, ajoelha; e cruz em tanto
Sublime n'um outeiro se colloca;
O exercito formado ao signal santo
Se prosta humilde, pondo em terra a bocca:
Pasma o gentio e admira com espauto
A melodia, com que o ceo se invoca,
Hymno entoando á Cruz pios cantores,
E respondendo as tropas e os tambores.

61.

Terra porém depois chamou a gente
Do Brasil, não da Cruz; porque attrahida
D'outro lenho nas tintas excelleute,
Se lembra menos do que o foi da vida:
Assim ama o mortal o bem presente;
Assim o nome esquece, que o convida
Aos interesses da futura glória,
Aos bens attento só da transitoria.

62.

Observa o bom Cabral todo o prospeto
Da immensa costa : e pelo clima puro,
Pelo abôrdo tranquillo e mar quieto,
Chama o seio, em que entrou Porto Seguro :
E olhando com saudade o doce objecto
Do seu destino, se lamenta escuro
Que pela empreza, a que mandado fôra,
Não permitte na armada outra demora.

63.

Manda depois ao luso dominante
Um aviso do clima descuberto ;
Nem tarda Manoel então reinante
A enviar um Cosmografo, que experto
Da escola fôra, que o famoso Infante
Para a nautica sciencia tinha aberto:
E Americo dispõe que ao Brasil parta,
De quem deu nome ao continente a carta.

64.

E por ter quem aos nossos interpréte
Do ignorado idioma a escura sorte,
Alguns em terra condemnados mette,
Devidos por delicto á crua morte :
A vida como premio lhe promette,
Quando com peito se attrevessem forte
A esperar no sertão nova viagem,
Aprendendo os rodeios da linguagem.

65.

Com acenos depois á gente bruta
Os seus, que lhe deixava, recommenda,
E no claro perigo, em que os reputa,
Armas lhe deixa, que na guerra offenda:
Dá-lh'a especie, que ali bem se commuta,
Em que possam tratar por compra e venda;
Espelhos, cascaveis, anzoes, cutellos,
Campainhas, fuzís, serras, martellos.

66.

Nem se demora mais a forte armada;
E convidando o vento, estende a véla,
Corre a barbara gente amontoada
Ao embarque nas náos da tropa bella:
E, ao que póde entender-se, magoada
Por saudade, que tem de mais não vêl-a,
Com acenos e voz enternecida
Faziam a seu modo a despedida.

67.

Mais saudosos os tristes desterrados,
Correndo immenso risco a lingua aprendem,
Recebendo alimentos commutados
Pelas especies, que ao gentio vendem:
Talvez os tem co' a cithara encantados;
Talvez com cascaveis todos suspendem;
Mas o objecto que a vista mais lh'assombra
É ver dentro do espelho a propria sombra.

68.

Extatico qualquer notando admira,
Dentro ao terso crystal a horrivel cara:
Pergunta-lhe quem é, como se ouvíra;
E crendo estar no inverso o que enxergára,
De uma parte a outra parte o espelho víra;
E não topando o vulto na luz clara,
Tal ha que o vidro quebra, por ver dentro
Se a imagem acha, que observou no centro.

69.

Mas em quanto estes erram vagabundos,
Americo Vespucci e o forte Coelho,
A longa costa e os seios mais profundos
Demarcavam no nautico conselho:
Descubridor tambem dos novos mundos
Foi Jaques na marinha experto e velho,
De quem já demarcado em carta ouvimos
Esse ameno reconcavo, que vimos.

70.

Eu depois destes na occasião presente,
Quanto o vasto sertão nos encubria,
Descubri pondo em fuga a bruta gente
O reconcavo interno da Bahia:
Notei na vasta terra a turba ingente,
Que mais Europa toda não teria,
Se da grã cordilheira ao mar baixando,
Desde a Prata ao Pará se for contando.

71.

Dá princípio na America opulenta
Ás provincias do imperio lusitano
O grão Pará, que um mar nos representa,
Émulo em meio á terra do Oceano:
Foi descuberto já, como se intenta,
Por ordem de Pisarro, de Arelhano;
Paiz, que a linha equinocial tem demtro,
Onde a torrida zona estende o centro.

72.

Em nove legoas só de comprimento,
Vinte seis de circuito se espraia
No vasto Maranhão d'agua opulento,
Uma ilha bella, que se estende á praia:
Regam-lhe quinze rios o assento,
E um breve estreito, que lhe fórma a raia,
Póde passar por isthmo, que a encadea
A' terra firme por mui breve arêa.

73.

O Ceará depois, provincia vasta,
Sem portos e commercio jaz inculta;
Gentio immenso, que em seus campos pasta,
Mais fero que outros o estrangeiro insulta:
Com violento curso ao mar se arrasta
De um lado do sertão, de que resulta
Rio onde pescam nas profundas minas
As brasilicas pedras mais finas.

74.

Da fertil Paraíba não occorre
Que informe a gente vossa, sendo empreza
Do commercio francez, que ali concorre
A lenhos carregar, que a Europa préza:
Não mui longe da costa, que ali corre,
Uma ilha vêdes de menor grandeza,
Que amena, fertil, rica e povoada
É d'Itamaracá de nós chamada.

75.

A oito gráos do equinocio se dilata
Pernambuco, provincia deliciosa,
A pingue caça, a pesca, a fructa grata,
A madeira entre as outras mais preciosa,
O prospecto que os olhos arrebata
Na verdura das arvores frondosa,
Faz que o erro se escuse a meu aviso
De crer que fôra um dia o paraiso.

76.

Serzipe então d'elrei: logo o terreno
De que viste a belleza e prospectiva;
Nem cuido que outro visses mais ameno,
Nem donde com mais gôsto a gente viva:
Clima saudavel, ceo sempre sereno,
Mitigada na névoa a calma activa;
Palmas, mangues, mil plantas na espessura...
Não ha depois do ceo mais formosura.

77.

A quinze gráos do sul na foz extensa
De um vasto rio, por ilheos cortado,
Outra provincia de cultura immensa
Tem dos proprios ilheos nome tomado:
Depois Porto Seguro a quem compensa
O espaço da provincia limitado;
Outra de ambito vasto, que se assoma,
E do Espirito Santo o nome toma.

78.

Nhiteroi dos Tamoyos habitada,
Por largas terras seu dominio estende,
Famosa região pela enseada,
Que uma grã barra dentro em si comprende:
Esta praia dos vossos frequentada,
Que pomo de discordia entre nós pende,
Custará, se presago não me engano,
Muito sangue ao francez e ao lusitano.

79.

S. Vicente e S. Paulo os nomes deram
Ás extremas provincias, que occupámos:
Bem que ao Rio da Prata se estendêram
As que com proprio marco assignalámos;
E por memoria de que nossas eram,
De Marco o nome no lugar deixamos,
Povoação que aos vindouros significa,
Onde o termo hespanhol e o luso fica.

CANTO SETIMO.

Chegada ao Sena — Admiração de Paraguaçú vendo París — São recebidos pelo rei e a rainha de França — Falla o Heroe ao rei que lhe responde por interpretes — A rainha promette ser madrinha de Paraguaçú — Baptismo da mesma — É-lhe dado o nome de Catharina — Recebe o crisma e desposa-se com o Heroe — São banqueteados no paço os dois esposos, e recebidos em audiencia particular — O rei inquire o Heroe sôbre as terras, animaes e plantas do Brasil, e elle descreve circumstanciadamente cada uma destas partes.

Era o tempo, em que o sol na vasta esfera
O claro dia com a noite iguala,
E o velho outomno, que o calor modera,
De seus pampanos tece a verde gala;
E quando todo o monte Baccho altera,
E os capazes toneis na adega abala,
Tocava a franca náo do claro Sena
Na deliciosa foz a praia amena.

2.

Na grã Lutecia, capital do estado,
A ligeira falúa dava fundo,
E esse orbe na cidade abbreviado,
Enchia Diogo de um prazer jucundo:
Templos, torres, palacios, casas, prado,
O famoso Atheneo mestre do mundo,
A côrte mais augusta que se avista,
Enche-lhe o coração, e assombra a vista.

3.

Paraguaçú porém que já mais víra
Espectaculo igual, suspensa pára:
Nem fala, nem se volta, nem respira,
Immovel a pestana e fixa a cara:
E cheia a fantasia do que admira,
Causa-lhe tanto pasmo a visão rara
Que estupida parece ter perdido
O discurso, a memória, a voz e o ouvido.

4.

Qual pende o tenro infante ao collo d'ama,
Se um novo e bello objecto tem presente,
Que nem a doce mãi que ao peito o chama,
Nem os mimos do pai pasmado sente:
Tod'a alma no que vê fixo derrama
E só parece pelo olhar vivente:
Não foi da americana o ar diverso,
Vendo em París a summa do universo.

5.

Por fama que se ouviu da novidade
A admirar o expectaculo se ajunta
Curiosa do successo a grã cidade;
E um se admira, outro o conta, algum pergunta:
Cresce o vago rumor sobre a verdade;
E a plebe, que a Diogo acode junta,
Delle e da espôsa divulgada tinha
Que era o rei do Brasil e ella a rainha.

6.

E já avistavam do palacio augusto
Em bella perspectiva o régio espaço,
E o atrio vendo de troféos onusto,
Entram do franco rei no excelso paço:
Cinge as portas exercito robusto,
Brilhante guarda, de que o invicto braço
Ao lado sempre da real pessoa,
Sustenta as lises, e defende a c'roa.

7.

Era ali christianissimo reinante
Entre os francezes o segundo Henrique,
Méta então do germano fulminante,
Que oppôz de Carlos ás victórias dique:
Orthodoxo monarcha, da fé amante,
Que faz que em toda a França immovel fique
O antigo culto e religião paterna,
Que invadiu de Calvino a furia averna.

8.

Senta-se ao regio lado a grã princeza
Formosa Lis, que do arno florentino
Trouxe a França um thesouro de belleza,
E outro maior no engenho peregrino:
Formoso par que a sábia natureza
Não sem instincto conjugou divino;
Porque roubando Henrique a dura mórte,
Sustente França Catharina a forte.

9.

Ao throno christianissimo postrado
A régia mão dos dois monarcas beija
O bom Diogo, tendo a espôsa ao lado,
E faz que attenta toda a côrte esteja;
E havendo por tres vezes humilhado
A fronte aos reis que respeitar deseja,
É fama, que com gesto reverente
Falára deste modo ao rei potente.

10.

Tendes a vossos pés, Sire, invocando
No throno da grandeza a magestade,
Estes dois peregrinos, que surcando
Do procelloso mar a immensidade,
No imperio, que regeis com sabio mando,
Buscam asylo na real piedade;
E a vós e ao vosso reino se dirigem,
Donde tem Portugal o nome e a origem.

11.

O Brasil, Sire, infunde-me a confiança
Que ali renasça o portuguez imperio,
Que estendendo-se ao Cabo da Esperança,
Tem descuberto ao mundo outro hemisferio:
Tempo virá, se o vaticinio o alcança,
Que o cadente esplendor do nome Hesperio
O seculo em que está recobre de ouro,
E lhe cinja o Brasil mais nobre louro.

12.

E tu, que ao luso reino um germe augusto
No grão Burgundo a propagar mandaste,
Contempla, ó França heroica, o imperio justo,
Como ramo do teu, que ali plantaste:
E se o inculto Brasil, se o cafre adusto
Por teus famosos netos subjugaste,
Admitte ao throno do solar primeiro
Este teu não indigno aventureiro.

13.

E ésta, que ao lado meu teu sceptro beija,
Princeza do Brasil, que um tempo fôra,
No seio da christã piedosa igreja,
Como mãi pia regenera agora.
É bem que a mãi primeira o Brasil veja,
Donde a gente nasceu, que lhe é senhora;
E quando a Lusitania lhe é Rainha,
Tome o Brasil a França por madrinha.

14.

Disse o Heroe generoso, e o rei potente,
Recordando os annaes da antiga história;
Com vista magestosa, mas clemente,
Deu sinal de agradar-lhe ésta memória;
Com susurro entre tanto a aulica gente
Celebra, como propria, a lusa glória;
E impondo-lhe silencio alto respeito,
Respondem com os olhos e co' peito.

15.

Mongomery, que serve na assembléa
De intérprete do rei, falou benigno;
Conforme na resposta á justa idéa,
De que o bom Diogo se mostrou tão digno:
Nem vendo a Lysia de conquistas cheia
Lhe inspira o impulso da ambição maligno,
A invejar-lhe já mais trofeos tamanhos,
Que em prole sua não reputa estranhos.

16.

Ide, disse a rainha, ó par ditoso,
Que o banho santo, donde a culpa amára,
Se apague nesse peito generoso,
Comigo a França apadrinhar prepára.
E quando o sol seu curso luminoso
Tres vezes repetir na esfera clara,
Será das nodoas do tartareo abysmo
Lavada a bella dama no baptismo.

17.

Era o dia, em que é fama, que o homem feito
De terra, foi na estatua preciosa,
Em que Deos lhe infundíra no seu peito
Do soberano ser cópia formosa;
Dia do nosso rito ao culto eleito
De Simão e Thaddeo, quando formosa
Entrou Paraguaçú com feliz sorte
No banho santo, rodeando-a a côrte.

18.

Á roda o real clero e grão Jerarca
Fórma em meio á capella a augusta linha;
Entre os pares seguia o bom monarca,
E ao lado da neofyta a rainha.
Vê-se cópia de lumes nada parca,
E a turba immensa que das guardas vinha;
E dando o nome a augusta á nobre dama,
Põe-lhe o seu proprio, e Catharina a chama.

19.

Banhada a formosissima donzella
No sancto chrisma, que os Christãos confirma,
Os desposorios na real capella
Com o valente Diogo amante firma:
Catharina Alv'res se nomea a bella,
De quem a glória no trofeo se affirma,
Com que a Bahia, que lhe lhe foi senhora,
N'outro tempo, a confessa, e fundadora.

20.

Prepara-se um banquete com grandeza,
Em que a cópia compita co'a elegancia;
E aos dous consortes se dispõe a mesa
No magnanimo paço em régia estancia:
Nem se dedigna a soberana alteza,
Depois de os regalar com abundancia,
De dar rainha e rei, de ouvir curiosos,
Uma audiencia privada aos dous esposos.

21.

Depois, disse o monarca, que informado
De meus ministros tenho a história ouvido,
Como foste das ondas agitado,
Como da gente barbara temido:
Sabendo que os sertões tens visitado,
E o centro do Brasil reconhecido,
Quero das terras, dos viventes, plantas,
Que a história contes de provincias tantas.

22.

Mandas-me, rei augusto, que te exponha,
Diz cheio de respeito o Heroe prudente,
E aos olhos teus em um compendio ponha
A história natural da occulta gente:
Se esperas de mim, Sire, que componha
Exacta narração da cópia ingente,
Empreza tanta é, quando obedeça,
Que faz que o tempo falte, e a voz falleça.

23.

Mil e cincoenta e seis legoas de costa,
De valles e arvoredos revestida,
Tem a terra Brasilica, composta
De montes de grandeza desmedida :
Os Guararapes, Borborema posta
Sobre as nuvens na cima recrescida,
A serra de Aimorés, que ao pólo e raia,
As de Ibo-ti-catú e Itatiaia.

24.

Nos vastos rios, e altas alagoas
Mares dentro das terras representa ;
Cuberto o grão Pará de mil canoas
Tem na espantosa foz legoas oitenta.
Por dezesete se desagua boas
O vasto Maranhão ; legoas quarenta
O Jaguaribe dista ; outro se engrossa
De S. Francisco com que o mar se adoça.

25.

O Serzipe, o Real de licor puro,
Que com vinte o sertão regando correm ;
Santa Cruz, que no porto entra Seguro,
Depois de trinta, que no mar concorrem :
Logo o das Contas, o Taigipe impuro,
Que abrindo a vasta foz no Oceano morrem,
O rio Doce, a Cananea, a Prata,
E outros cincoenta mais, com que arremata.

26.

O mais rico e importante vegetavel
É a doce cana, donde o assucar brota,
Em pouco ás nossas canas comparavel;
Mas nas do milho proporção se nota:
Com manobra expedita e praticavel,
Espremido em moenda o succo bota,
Que acaso a antiguidade imaginava,
Quando o nectar e ambrosia celebrava.

27.

Outra planta de muitos desejada,
Por fragrancia que o olfacto activa sente,
Erva santa dos nossos foi chamada,
Mas tabaco depois da hespana gente.
Pelo franco Nicot manipulada
Expelle a bile e o cerebro cadente
Soccorre em modo tal, que em quem o tome,
Parece o impulso de o tomar que é fome.

28.

É sustento commum, raiz prezada,
Donde se extrahe com arte util farinha,
Que saudavel ao corpo, ao gôsto agrada
E por dilicia dos brasis se tinha.
Depois que em bolandeiras foi ralada,
No tapití se espreme e se convinha,
Fazem a puba então e a tapioca,
Que é todo o mimo e flor da mandioca.

29.

Chama o agricultor raiz gostosa
Aipi por nome; e em gôsto se parece
Com a molle castanha saborosa,
De que tira o paiz vário interesse.
Optimo arroz em cópia prodigiosa,
Sem cultura nos campos apparece,
No Pará, Cuiabá, por modo feito,
Que iguala na bondade o mais perfeito.

30.

Ervilhas, feijão, favas, milho e trigo,
Tudo a terra produz, se se transplanta;
Fruta tambem, o pomo, a pera, o figo
Com bifera colheita, e em cópia tanta
Que mais que no paiz que o dera antigo,
No Brasil fructifica qualquer planta;
Assim nos deu a Persia e Lybia ardente,
Os que nós transplantámos de outra gente.

31.

Nas comestiveis ervas é louvada
O quiabo, o giló, os maxixeres,
A maniçoba peitoral prezada,
A taióba agradavel nos comeres,
O palmito de folha delicada,
E outras mll ervas, que se usar quizeres,
Acharás na opulenta natureza
Sempre com mimo preparada a mesa.

32.

Sensivel chama-se erva pudibunda,
Que quando a mão chegando alguem lhe ponha,
Parece que do tacto se confunda,
E que fuja o que a toca por vergonha.
Nem torna a si da confusão profunda,
Quando ausente o aggressor se lhe não ponha,
Documento á alma casta, que lhe indica,
Que quem cauta não foi, nunca é pudica.

33.

D'ervas medicinaes cópia tão rara
Tem no matto o Brazil e na campina
Que quem toda a virtude lhe explorára,
Por demais recorrêra á medicina.
Nasce a gelapa ali, a sene amara,
O filopodio, a malva, o páo da China,
A caroba, a capeba, e mil que agora
Conhece a bruta gente, e a nossa ignora.

34.

Tem mimosos legumes, que não cedem
Aos que usâmos na Europa mais prezados,
Gingibre, gergelim, que os mais excedem
Mendubim, mangaló, que usam guizados:
Alguns medicinaes, com que despedem
Do peito estilicidios radicados;
Tem o cará, o inhame, e em cópia grata
Mangarás, mangaritos e batata.

35.

Das flores naturaes pelo ar brilhante
É com causa entre as mais rainha a rosa,
Branca saindo a aurora rutilante,
E ao meio dia tinta em côr lustrosa:
Porém crescendo a chamma rutilante,
É purpurea de tarde a côr formosa;
Maravilha que a Clicie competíra,
Vendo que muda a cor quando o sol gyra.

36.

Outra engraçada flor, que em ramos pende,
Chamam de S. João, por bella passa
Mais que quantas o prado ali comprênde,
Seja na bella côr, seja na graça:
Entre a copada rama, que se estende
Em vistosa apparencia a flor se enlaça,
Dando a ver por diante e nas espaldas,
Cachos de ouro com verdes esmeraldas.

37.

Nem tu me esquecerás, flôr admirada,
Em quem não sei, se a graça, se a natura
Fez da paixão do redemptor sagrada
Uma formosa e natural pintura:
Pende com pomos mil sôbre a latada,
Aureos na côr, redondos na figura,
O âmago fresco, doce e rubicundo,
Que o sangue indica, que salvára o mundo.

38.

Com densa cópia a folha se derrama,
Que muito á vulgar hera é parecida,
Entresachando pela verde rama
Mil quadros da paixão do autor da vida:
Milagre natural, que a mente chama
Com impulsos da graça, que a convida,
A pintar sobre a flôr aos nossos olhos
A cruz de Christo, as chagas e os abrolhos.

39.

É na fórma redonda qual diadema
De pontas, como espinhos, rodeada,
A columna no meio e um claro emblema
Das chagas santas e da cruz sagrada:
Vem-se os cravos e na parte extrema
Com arte a cruel lança figurada;
A côr é branca, mas de um roxo exsangue,
Salpicada recorda o pio sangue.

40.

Prodigio raro, estranha maravilha,
Com que tanto mysterio se retrata!
Onde em meio das trevas a fé brilha,
Que tanto desconhece a gente ingrata:
Assim do lado seu nascendo filha
A humana especie, Deos piedoso trata,
E faz que quando a graça em si despreza,
Lhe pregue co'esta flôr a natureza.

41.

Outras flores suaves e admiraveis
Bordam com vária côr campinas bellas,
E em vária multidão por agradaveis,
A vista encantam, transportada em vel-as:
Jasmins vermelhos ha, que innumeraveis
Cobrem paredes, tectos e janellas:
E sendo por miudos mal distinctos,
Entretecem purpureos labyrintos.

42.

As assucenas são talvez fragrantes,
Como as nossas na folha organisadas;
Algumas no candor lustram brilhantes,
Outras na côr relúzem nacaradas.
Os bredos namorados rutilantes,
As flores de courana celebradas;
E outras sem conto pelo prado immenso,
Que deixam quem as vê como suspenso.

43.

Das fructas do paiz a mais louvada
É o regio ananaz, fructa tão boa,
Que a mesma natureza namorada
Quiz como a rei cingil-a da corôa:
Tão grato cheiro dá que uma talhada
Surprende o olfacto de qualquer pessoa;
Que a não ter do ananaz distincto aviso,
Fragrancia a cuidará do paraiso.

44.

As fragrantes pitombas delicadas
São, como gemmas d'ovos na figura;
As pitangas com côres golpiadas
Dão refrigerio na febril seccura:
As formosas guaiabas nacaradas,
As bananas famosas na doçura,
Fructa, que em cachos pende; e cuida a gente
Que fôra o figo da cruel serpente.

45.

Distingue-se entre as mais na fórma e gôsto,
Pendente de alto ramo o côco duro,
Que em grande casca no exterior composto,
Enche o vaso interior de um licor puro:
Licor, que á competencia sendo posto,
Do antigo nectar fôra o nome escuro:
Dentro tem carne branca, como a amendoa,
Que a alguns enfermos foi vital, comendo-a.

46.

Não são menos que as outras saborosas
As várias fructas do Brasil campestres.
Com gala de ouro e purpura vistosas,
Brilha a mangaba e os mocujés silvestres:
Os mamões, moricis e outras famosas,
De que os rudes caboclos foram mestres,
Que ensinaram os nomes, que se estillam;
Janipapo e cajú vinhos distillam.

47.

Nas preciosas arvores se conta
O cacáo, droga em Hespanha tão commua;
Pouco n'altura mais que arbusto monta,
E rende novo fructo em cada lua:
A baunilha nos sipós desponta,
Que tem no chocolate a parte sua,
Nasce em bainhas, como páos de lacre,
De um succo oleoso, grato o cheiro e acre.

48.

Optimo anil de planta pequenina
Entre as brenhas incultas se recolhe;
Tece-se a roupa do algodão mais fina,
Que em cópia abundantissima se colhe;
Que se a abundancia á industria se combina,
Cessando a inercia, que mil lucros tolhe,
Houvera no algodão, que ali se topa,
Roupa, com que vestir-se toda a Europa.

49.

O urucú, fructo d'arvore pequena,
Como lima, em pyramide elevada,
De que um extracto a diligencia ordena,
Que a escarlata produz mais nacarada:
De immortal tronco a tatajuba amena
Rende a aurea côr dos belgas desejada,
O páo Brasil, de que o engenhoso Norte
Costuma extrahir côr de toda a sorte.

50.

Ha de balsamos arvores copadas,
Que por legoas e legoas se dilatam;
Folhas cinzentas, como a murta, obradas,
E em grato aroma os troncos se desatam,
Se nelles pelas luas são sangradas:
E uso vário fazendo os que contratam,
Lavram remedios mil, e obras lustrosas,
Contas de cheiro e caixas preciosas.

51.

A copaiba em curas applaudida,
Que a médica sciencia estima tanto,
A bicuiba no oleo conhecida,
A almecega, que se usa no quebranto.
A preciosa madeira appetecida,
Que o nome nos merece de páo santo,
O salsafraz cheiroso, de que as praças
Se vem cubertas com formosas taças.

52.

Quaes ricas vegetaveis amethystas
As aguas do violete em vária casta,
O aureo piquiá com claras vistas,
Que n'outros lenhos por matiz se engasta:
O vinhatico páo, que quando avistas,
Massa de ouro parece extensa e vasta:
O duro páo, que ao ferro competira,
Angelim, tataipeva, e supopira.

53.

Troncos varios em côr e qualidade,
Que inteiriças nos fazem as canoas,
Dando á grossura tal capacidade,
Que andam remos quarenta e cem pessoas :
E ha por todo o Brasil em quantidade
Madeiras para fábricas tão boas,
Que trazendo-as ao mar por vastos rios,
Póde encher toda a Europa de navios.

54.

Nutre a vasta região raros viventes
Em número sem conto, e em natureza
Dos nossos animaes tão differentes,
Que enchem a vista da maior surpreza :
Os que tem mais communs as nossas gentes,
Ignora esta porção da redondeza :
O boi, cavallo, a ovelha, a cabra e o cão ;
Mas levados ali sem conto são.

55.

Todo animal é fero ali ; levado
Donde tinha o seu pasto competente ;
Nem era lugar proprio ao nosso gado,
Que fôra o bruto manso e fera a gente :
Como entre nós é o tigre arrebatado,
Cruel a onça, o javali fremente,
Feras as antas são americanas,
E proprias do Brasil as suçuranas.

56.

Vem-se cobras terriveis monstruosas,
Que affugentam co' a vista a gente fraca;
As giboias, que cingem volumosas
Na cauda um touro, quando o dente o ataca:
Voa entre outras com fôrças horrorosas,
Batendo a aguda cauda a jararáca
Com veneno, a quem fere tão presente,
Que logo em convulsão morrer se sente.

57.

Entre outros bichos, de que o bosque abunda,
Vê-se o espelho da gente, que é remissa
No animal torpe de figura immunda,
A que o nome puzemos da priguiça:
Mostra no aspecto a lentidão profunda;
E quando mais se bate, e mais se atiça,
Conserva o tardo impulso por tal modo
Que em poucos passos mette um dia todo.

58.

Vê-se o camaleão, que não se observa,
Que tenha, como os mais, por alimento
Ou folha, ou fructo, ou nota carne, ou erva,
Donde a plebe affirmou, que pasta em vento:
Mas sendo certo, que o ambiente ferva
De infinitos insectos, por sustento
Creio bem que se nutra na campanha
De quantos delles, respirando, apanha.

59.

Gira o sarehué, como pirata,
Da creação doméstica inimigo;
Á canção da guariba sempre ingrata
Responde o guassinin, que o segue amigo.
Da vária caça, que o caboclo mata,
A narração por longa não prosigo,
Veados, capivaras e cuatias,
Pacas, teús, periás, tatús, cotias.

60.

O mono, que a espessura habita astuto,
De um ramo n'outro buliçoso salta;
E para não se crer que nasceu bruto,
Parece que o falar sómente falta:
O riso imita e contrafaz o luto;
E a tanto sôbre os mais o instincto exalta,
Que onde a especie brutal chegar-lhe véda,
Tem arte natural, com que o arremeda.

61.

Entre as volateis caças mais mimosa,
A zabelé, que os francolins imita.
É de carne suave e deliciosa,
Que ao tapuia voraz a gula incita:
Logo a enha-popé, carne preciosa,
De que a titela mais o gôsto irrita,
Pombas verás tambem nesses paizes,
Que em sabor, fórma e gôsto são perdizes.

62.

Juritís, pararîs, tenras e gordas,
A hiraponga no gôsto regalada,
As marrecas, que ao rio enchem as bordas,
As jacutingas, e a aracan prezada:
E se do lago na ribeira abordas
De galeirões e patos habitada,
Verás, correndo as aguas na canoa,
A turba aquatil, que nadando voa.

63.

Negou ás aves do ar a natureza,
Na maior parte a musica harmonía;
Mas compensa-se a vista na belleza,
Do que póde faltar na melodia:
A penna do tocano mais se préza,
Que feita de ouro fino se diria,
Os guarazes pelo ostro tão luzidos,
Que parecem de purpura vestidos.

64.

Vão pelo ar loquazes papagaios,
Como nuvens voando em cópia ingente,
Iguaes na formosura aos verdes maios,
Proferindo palavras, como a gente;
Os periquitos com iguaes ensaios,
O canindé, qual Iris reluzente;
Mas falam menos da pronúncia avaras,
Gritando as formosissimas araras.

65.

Como melros são negros os bicudos,
Mais destros e agradaveis no seu canto.
Na terra os sabiás sempre são mudos;
Mas junto d'agua tem a voz, que é encanto:
Os coleirinhos no entoar agudos,
As patatibas, que o saudoso pranto
Imitam, requebrando com sons varios,
Os colibris e harmonicos canarios.

66.

Das especies maritimas de preço
Temos perolas netas preciosas,
Nem melhores aljofares conheço,
Que os das ostras brasilicas famosas:
Ambar-griz do melhor, mais denso e espesso,
Nas costas do Ceará se vê espaçosas,
Madre-perolas, conchas delicadas,
Umas parecem de ouro, outras prateadas.

67.

Piscoso o mar de peixes mais mimosos,
Entre nós conhecidos rico abunda,
Linguados, saveis, meros preciosos,
A agulha, de que o mar todo se inunda:
Robalos, salmonetes deliciosos,
O xerne, o voador, que n'agua affunda,
Pescadas, gallo, arraias e tainhas,
Carapáos, enxarrocos e sardinhas.

68.

Outros peixes que proprios são do clima,
Bejupirás, vermelhos e o garôpa,
Pampanos, corimás, que o vulgo estima,
Os dourados, que préza a nossa Europa:
Carapebas, parus, nem desestima
A grande cópia, que nos mares topa,
A multidão vulgar do charco vasto,
Que ás pobres gentes subministra o pasto.

69.

De junho a outubro para o mar se alarga,
Qual gigante maritimo a balêa,
Que palmos vinte seis conta de larga,
Setenta de comprido, horrenda e feia:
Opprime as aguas com a horrivel carga,
E de oleosa gordura em roda cheia,
Convida o pescador, que ao mar se deite,
Por fazer, derretendo-a, util azeite.

70.

Tem por espinhas ossos desmarcados,
O ferro as duras pelles representam,
Donde pendem mil busios apegados,
Que de quanto lhe chupam se sustentam:
Não parecem da fronte separados
Os vastos corpos, que na arêa assentam,
Entre os olhos medonhos se ergue a tromba,
Que ondas vomita, como aquatil bomba.

71.

Na bocca horrivel, como vasta gruta,
Doze palmos comprida a lingua pende,
Sem dentes; mas da bocca immensa e bruta
Barbatanas quarenta ao longo estende:
Com ellas para o estomago transmuta,
Quanto por alimento n'agua prende,
O peixe ou talvez carne, e do elemento
A fez immunda, que lhe dá sustento.

72.

Duas azas nos hombros tem por braços,
Que aos lados vinte palmos se diffundem,
Com aza e cauda os liquidos espaços
Batendo remam, quando o mar confundem:
E excitando no pélago fracaços,
Chorros d'agua nas náos de longe infundem;
E andando o monstro sôbre o mar boiante,
Crê que é ilha o inexperto navegante.

73.

Brilha o materno amor no monstro horrendo,
Que vendo prevenida a gente armada,
Matar se deixa n'agua combatendo,
Por dar fuga, morrendo, á prole amada:
Onde no filho o arpão caçam mettendo,
Com que attrahindo a mãi dentro á enseada,
Desde a longa canoa se alancêa,
Ao lado de seus filhos a balêa.

74.

Sôbre a costa o marisco appetecido
No arrecife se colhe, e nas ribeiras
As lagostas e o polvo retorcido,
Os lagostins, santólas, sapateiras:
Ostras famosas, camarão crescido,
Carangueijos tambem de mil maneiras,
Por entre os mangues, donde o tino perde
A humana vista em labyrintho verde.

CANTO OITAVO.

Estada em França e regresso ao Brasil — Du-Plessis offerece ao Heroe auxilio para fazer passar o Brasil ao dominio da França — Recusa elle por lealdade ao seu rei, e se embarca para a Bahia — Navegando perto da Linha tem Paraguaçù um sonho em que vê os successos futuros do Brasil, e começando a narral-o, é o navio accommettido d'uma tormenta.

TRES vezes tinha o sol no gyro obliquo
A carreira dos tropicos voltado,
E tres de Europa pelo clima aprico,
Tinha as plantas o abril resuscitado:
Depois que do Brasil se tinha rico,
Á França o nobre Diogo transportado,
Buscando nas viagens meio e lume,
Com que reforme o barbaro costume.

2.

Mas da misera gente na lembrança,
Que lhe excita da espôsa a cara imagem.
Meditava deixar a amiga França,
Repetindo a brasilica viagem :
Na generosa empreza não descança
De instruir a rudeza do salvagem,
E cuida com razão que é humanidade
Amansar-lhe a cruel barbaridade.

3.

Em quanto náo e embarque negoceia,
Do amigo Du-Plessis solicitado,
Foi-lhe do rei françez proposta a idéa
De erguer as lizes no paiz buscado :
Terás, lhe disse, e é facil que se crea
Que lh'o dizia do seu rei mandado,
Terás da França auxilío e tropa immensa,
E maior que o serviço a recompensa.

4.

Que se o empenho te occupa generoso
De amansar do gentio a mente impía,
Trazendo a França um povo numeroso,
Melhor se amansará na companhia :
Que engano fôra á Europa pernicioso,
Quando colonias derramando envia,
Extiuguir sem remedio a infeliz gente,
E despovoar-se com a tropa ausente.

5.

Desta arte Roma o imperio seu fazia,
Que as colonias pelo orbe derramando,
Do paiz conquistado outras unia,
Com que ia a falta propria reparando:
N'um seculo, que o barbaro vivia
Na grã Roma romano ia ficando,
E neste arbitrio de pensar profundo,
Foi mundo Roma, e foi romano o mundo.

6.

Este meio por tanto eu te suggiro,
Que se a tua prudencia hoje executa,
Verás em pouco tempo, como aspiro,
Franceza pelo trato a gente bruta:
Vive sempre brutal no seu retiro
Quem ninguem communica e nada escuta,
Nem o salvagem tiráras da toca
Se outro paiz não trata, e o seu não troca.

7.

E em tanto que o terreno nosso habita
Transmigrada a infeliz gentilidade,
A gente que perdemos infinita
Supprirá com commua utilidade:
Assim a agricultura mais se excita,
Cresce a plebe no campo e na cidade,
E a turba inerte, que corrompe a terra,
Ou se deixa emendada ou se desterra.

8.

Disse o francez prudente, e o nobre Diogo
Leal á amada patria respondendo:
Sabio projecto dás, replicou logo,
Sôbre a população; nada o contendo:
Mas não posso convir no exposto rôgo,
Sendo fiel ao rei, portuguez sendo,
Quando o luso monarcha julgo certo
Senhor de quanto deixa descuberto.

9.

Vivendo *ex lege* um povo na anarquia,
Tem direito o visinho a sujeital-o,
Que a natureza mesma inspiraria,
Ao que fosse mais proximo a amansal-o:
Deixo que o ceo parece que o queria,
Dando a Cabral o instincto de buscal-o,
E o ser em caso tal commum conceito
Que quem primeiro o occupa tem direito.

10.

E sem que offenda á França a minha escusa,
É bem que ésta conquista a Lysia faça;
Mâs em quanto a Bahia o não recusa,
Ser-vos-ha no commercio a melhor praça:
Cópia de drogas achareis profusa,
E o lenho precioso ali de graça;
E durando eu na patria obediencia,
Serei francez na obrigação e agencia.

11.

Admirou Du-Plessis no peito nobre
O generoso ardor e o patrio zêlo,
Que a illustre condição no obrar descobre,
Novo motivo para mais querel-o:
Sem mais receio que o contrário elle obre,
Na nova expedição quer socio tel-o;
Mas antes de embarcar-se o Heroe prudente
Avisa o luso rei da empreza ingente.

12.

Ja pelo salso oceano navega
A franca náo, e o cabo se divisa,
D'onde a Europa no occaso ao termo chega,
Tido do antigo nauta por balisa:
A terra ali se ve, que o Minho réga,
Correndo a costa da feliz Galliza:
E o rumo então seguindo do occidente,
Ao meio dia se navega ardente.

13.

Não longe do Equador o mar cortava
Quando Paraguaçú, ja Catharina,
Como era seu costume attenta orava,
Implorando o favor da mão divina:
E eis que á vista da turba, que a observava,
Em quanto adora a Magestade trina,
Em somno fica suspendida e absorta,
E algum cuida que dorme, outro que é morta.

14.

Brilha no aspecto um ar do affecto interno;
Mas em funda abstracção com doce calma,
Bem se lhe ve pelo semblante externo
Que occupa em grande objecto a feliz alma:
Ve-se nella arraiar do lume eterno
Que no ceo goza quem já logra a palma;
Admiravel vislumbre, que suspende,
E infunde um pio affecto em quem o attende.

15.

Assim por longas horas abstrahida
Deixava o caro espôso na anxiedade
Se era somno em que estava suspendida,
Se era effeito de cruel enfermidade:
Ora suspeita que perigue a vida,
Ora na celestial tranquillidade
Crê que do claro Empyreo habitadora,
Immortal sôbre o ceo reinando mora.

16.

Até que a si tornada docemente,
Corre a turba co'a vista em grato gyro;
E como quem ésta aura ingrata sente,
Rompe os longos silencios n'um suspiro:
Oh doce, disse, oh patria permanente!
Que escuro este ar parece, que respiro!
Feliz quem contemplando o ceo formoso,
Vive no seio do celeste espôso!

17.

Pasmado Diogo e a multidão, que a ouvia,
Calam todos no assombro de admirados;
Nem ja duvidam que visão sería,
Em que ouvíra os mysterios revelados:
Quando occultos segredos Deos confia,
Não devem ser, diz Diogo. propalados:
Mâs se em parte, como este, é manifesto,
Temerario não sou, se inquiro o resto.

18.

Narra-nos, feliz alma, a visão bella,
Quem sabe se por ti nos manda aviso
A Providencia, que ao govêrno vela
Do mortal nos seus fins sempre indeciso:
Não nos cales em tanto o que revela
Por nosso lume, o excelso paraiso,
E a nossos rogos com memória prompta,
Dizendo quanto viste, tudo conta.

19.

Calaram todos com ouvido attento,
Pendendo da expressão de Catharina;
E tomando na popa em roda assento,
Dão-lh'o sôbre um canhão, que ao bordo inclina:
Mandais-me, a dama disse, que o portento
Haja de expor-vos da impressão divina:
Quem poderá contar cousa tão alta,
Quando o lume cessou, a sciencia falta?

20.

Nem inculco em meu sonho um instincto
Que tudo fingir póde a fantasia;
Porqne a imagem talvez que n'alma pinto,
Por força natural se fingiria:
Póde ser, se presaga a idéa sinto,
Que sem extraordinaria profecia
Antevejа o successo, o tempo e o praso,
E depois não succeda, ou seja acaso.

21.

Vi, não sei s'era impulso imaginario,
Um globo de diamante claro e immenso;
E nos seus fundos figurar-se vário
Um paiz opulento, rico e extenso:
E applicando o cuidado necessario,
Em nada do meu proprio o differenço;
Era o aureo Brasil tão vasto e fundo,
Que parecia no diamante um mundo.

22.

Fixo os olhos attenta no estupendo
Milagroso espectaculo, que via,
E em tres legoas de bocca vi correndo
Por doze de diametro a Bahia.
Seis rios pelo golfo discorrendo,
Engenhos, povoações, que descubria,
Eram como ornamentos da cidade,
De que se ergue no plano a magestade.

23.

Parecia em seis bairros dividida,
Com duas praças de extensão formosa;
Fortaleza ali vi na barra erguida,
Outra á parte de terra magestosa:
A enseada por oito defendida,
E outra em Taparica poderosa;
Duas casas de polvora; e na entrada
Vi-me a mim de uma dellas retratada.

24.

Dentro a um templo magnifico se via
De seus prelados turma numerosa,
De que um ás mãos dos barbaros morria,
Outro a espada cingia valerosa:
Muitos de alta virtude os mattos via,
Com caridade discorrer zelosa,
Sem poupar tempo, estudo, ou vida, ou gasto,
Por propagar a fé no sertão vasto.

25.

No grão palacio em tintas retratados
Os que o governo do Brasil tiveram:
Os Sousas na Bahia decantados,
Os nobres Costas, que depois vieram:
Mas entre outros na guerra celebrados
Por trofeos, que vencendo merecêram,
Mendo de Sá de gloriosa fama,
Que pai da patria no Brasil se acclama.

26.

Deste era prole o intrepido Fernando,
Que ali vi fulminando a forte espada;
E contra a feroz gente peleijando,
Deixou a morte com valor vingada:
Mâs da Bahia os olhos levantando,
Vi discorrer no mar potente armada,
Que as ilhas occupando e a vasta terra,
Movia no Brasil funesta guerra.

27.

Parecia-me a frota bellicosa
Franceza gente, que o Brasil tentava
Pedro Lopes de Sousa em furiosa
Naval batalha o mar lhe contestava:
N'outra acção com esquadra numerosa
Luiz de Mello e Silva peleijava:
Christovam Jaques, que este mar corria,
Dous navios lhe afunda na Bahia.

28.

Era de França sim a adversa gente;
Mas por culto inimigo ao rei contrária,
E ao rito calvinistico adherente,
Enviava ao Brasil tropa adversaria:
E protegida da facção potente
Com as fôrças e armada necessaria,
Queriam para infanda ceremonia
Fabricar a Calvino uma colonia.

29.

Cavalleiro de Malta, e franco nobre
Era Villagalhon de forte peito,
Soldado antigo, que o valor descobre,
E entre os hugnotes do maior respeito:
De mil promessas o partido cobre,
Havendo-o á empreza do Brasil eleito;
E abonada de um chefe de esperança,
Dá-lhe a mão a heresia em toda a França.

30.

Este vi navegando a Cabo-Frio,
Seguido de outras náos na forte empreza;
E que tratando affavel co'gentio,
Explorava do sítio a natureza;
Mostrava aos naturaes ânimo pio;
E arguindo-lh' a gente portugueza,
Induz a nação bruta a que lhe assista
Na empreza do commercio e da conquista.

31.

Voltou a França o cabo diligente,
Tendo de ricas drogas carregado;
E convocando ás náos armada gente,
Torna de turba ingente acompanhado:
Nem tarda do sertão cópia potente
De um povo, que nas armas alliado,
Por amigo estimava mais sincero,
Menos inculto sim, porém mais fero.

32.

Ali Villagalhon, que o troço aloja,
Ás gentes do sertão se confedera;
E toda a costa a dominar se arroja,
De donde os nossos expulsar já espera:
Do seu commercio o portuguez despoja,
Na fertil Paraíba, em que util era;
Nem ha na costa do Brasil enseada,
Que o hugonote não tenha bloqueada.

33.

Mendo de Sá, que adverte no perigo,
Tres náos, que em guerra cuidadoso armára,
Com oito de commercio tem comsigo,
Além das que em soccorro convocára:
E por ter fôrça igual ás do inimigo,
Sôbre longas canoas, que ajuntára,
Guia contra os tamoios prepotentes
Do bravo carijó turmas valentes.

34.

Nhighe-teroi se chama a vasta enseada,
Que estreita bocca, como barra encerra,
Fechando em vasto porto á grande armada
Um lago, que em redondo cinge a terra:
Ve-se ilha penhascosa sôbre a entrada,
Com fortaleza, que disposta em guerra,
Por bocca dos canhões rumor fazendo.
Fechava a barra ao valeroso Mendo.

35.

Era a ilha de rochas guarnecida,
Que em tôrno tem natural muralha,
Donde á fôrça das ballas rebatida,
Faz inutil dos lusos a batalha :
Tres dias foi dos nossos combatida,
Sem que o fogo incessante aos nossos valha,
Até que fatigado o invicto Mendo,
Invade á escala vista o forte horrendo.

36.

Entre as frechas e balas destemido
Na penha o portuguez trepando salta ;
E deixando o francez esmorecido,
Degolla, mata, fere, invade e assalta :
Nem do antigo valor cede esquecido
O francez animoso, até que falta
De sangue a brava gente na contenda,
Faz a perda e cansaço que a ilha renda.

37.

Nem mais demora teve o invicto Mendo
Ao ver a gente adversa dissipada,
E a excelsa fortaleza desfazendo,
A costa visitou na forte armada :
E tudo ao nome seu sujeito havendo,
Á Bahia tornou, que illuminada
Entre o som do clarim e alegre trompa,
Em triumfo a Mendo recebeu com pompa.

38.

Mâs a facção do Hugnote enfurecida
Villagalhon potente ao Brasil manda,
Que a ilha recobrando já perdida,
Guerra intenta fazer por toda a banda:
Ve-se a nossa marinha combatida,
E a forte esquadra, que o francez commanda,
Dominante no oceano por modo
Que impedia o commercio ao Brasil todo.

39.

Mais não tolera a lusa monarchia,
Que ao rei christianissimo adherente,
Contra a rebelde heretica porfia
Armada põe na America potente:
Chefe Estacio de Sa prudente envia,
De válidos galeões com forte gente,
Que o herege expulsando da enseada,
Deixa nova cidade ali fundada.

40.

Obsequioso abraçava o claro Mendo
O valeroso chefe seu conjuncto,
Ás fôrças da Bahia unido tendo
As que trouxera sôbre o mesmo assumpto:
Contra os esforços do tamoio horrendo
Accommette o rebelde em liga junto,
Incorporando á armada lusitana
Vasto esquadrão da turba americana.

41.

Chama-se Pão d'Assucar o penedo,
Em pyramide ás nuvens levantado,
Onde de um salto tinha já sem medo
A turba militar desembarcado:
Nadava pelo mar vasto arvoredo
Do gentio em canoas habitado;
E do ardente francez luzida tropa,
Que habil n'arte de guerra fez a Europa.

42.

Destes o luso campo accommettido
De dardos, frechas, ballas se embaraça,
Em sombra o seio todo escurecido,
As náos occultam nuvens de fumaça:
E ao echo dos canhões entre o ruido,
Tudo está cego e surdo em campo e praça;
E no horrivel relampago das peças
Caem por terra os bustos sem cabeças.

43.

Voam as náos de chammas occupadas,
Enchendo a enseada do infernal estrondo,
As canoas dos nossos abordadas,
E os galeões, que em linha se vão pondo:
Os golpes, que retinem das espadas,
O golfo, que arde em chammas em redondo,
Eram na terra e mar em sangue tinto
Um abysmo, um inferno, um labyrintho.

44.

Depois que largo tempo em marcio jôgo
Dura a batalha com commum perigo,
Cessando o impulso do contrário fogo,
Todo o estrago apparece do inimigo:
Tinha cedido da contenda logo
Receoso o tamoio do castigo;
E os francezes, que as náos mal sustentavam,
Entre as penhas o asylo procuravam.

45.

Não cessa o bravo Sá contra o gentio,
E a forte tropa pelo matto avança;
Porque abatendo o orgulho e insano brio,
Se apartasse o sertão da alliança;
Nem receia o tamoio o desafio,
Tendo no seu valor tanta confiança,
Que fugindo da aldêa ao matto e gruta,
A liberdade ao portuguez disputa.

46.

Era aspero o combate e lenta a guerra,
E sem effeito o assédio ao francez pôsto;
E o barbaro, embrenhado dentro a terra,
Tinha emboscada ao portuguez disposto:
Mendo, que n'alma o grão cuidado encerra,
Tendo de Estacio soccorrer proposto,
Faz levas, busca náos e a gente incita,
E em auxílio dos seus partir medita.

47.

Já dobra o Frio-Cabo a esquadra ingente,
E á vista do penhasco lança a amarra:
Pasma o rebelde, vendo a armada á frente
Occupar numerosa a estreita barra:
Une-se a frota ali da lusa gente;
E os mutuos casos vanglorioso narra,
Irmão a irmão, e o filho ao pai, festivo
Por ter chegado são, e achal-o vivo.

48.

Chega aos braços de Estacio o forte Mendo,
E por festiva salva estrepitosa,
Faz que vomite o bronze o fogo horrendo
Contra a ilha, que avistam penhascosa:
E largamente consultado havendo
Os dous chefes da empreza gloriosa,
Contra o penedo tentam no mais alto,
A peito descuberto, um fero assalto.

49.

Vem-se entre as penhas formidaveis boccas
De canhões e mosquetes trovejando;
E nas quebradas espantosas rocas,
Do barbaro tamoio o infame bando:
Muitos ali das asperas barrocas
Vão os nossos fuzis precipitando,
Outros da rôta penha em meio ás grêtas,
Cubriam contra nós todo o ar de settas.

50.

Não cessava o rebelde bellicoso
Com vivo fogo o assalto rebatendo,
Em quanto sobe o luso valeroso,
Trepando em furia no penedo horrendo:
Quem, no meio do impulso impetuoso,
Cae na ruina, o proximo involvendo,
Quem, ferido da frecha ou veloz balla,
Do mais alto da penha ao mar resvala.

51.

Todo o penhasco em fogo se fundia,
Em quanto o mar em roda em chammas ferve;
Entre o fracaço e fumo que saía;
De nada o ouvido vale e a vista serve:
A terra toda em roda estremecia;
E sem que a agua do incendio se preserve,
Parecia ferver do fogo insano,
Escondendo a cabeça o padre oceano.

52.

Qual do Vesuvio a bocca pavorosa,
Quando rios de fogo ao mar derrama,
Arroja ao ar com furia impetuosa
Parte do vasto monte involta em chamma:
A cinza cobre o ceo caliginosa,
Muge o chão, treme a terra, o pégo brama,
E o mortal espantado e tremebundo,
Crê que o ceo cáia, e que se funda o mundo:

53.

Tal de Villagalhon na penha dura,
Do horrifico trovão freme a tormenta,
E a chamma entre a fumaça horrenda e escura
Do infernal lago as furnas representa:
Porém do proprio fumo na espessura
A pontaria, que o rebelde intenta,
Evita o portuguez, que ataca incerto
A escala vista e a peito descuberto.

54.

E já no grão penedo tremulavam
As lusas quinas pelo forte Estacio,
E as lizes do penhasco se arrancavam,
Donde a Villagalhon se ergue um palacio;
Pela roca os tamoios se arrojavam,
E o valor luso dando inveja ao Lacio,
A guarnição franceza investe á espada,
E obriga em duro choque á retirada.

55.

O valente francez, que a bellica arte
Ja com valor na Europa professára,
O peito á fuga oppõe por toda a parte,
E faz que volte o fugitivo a cara:
E vendo Estacio so junto ao estandarte,
Que por chefe dos lusos se declara,
Cuida de um golpe terminar a empreza,
No general da gente portugueza.

56.

Não desfallece o capitão valente;
E de um e de outro lado accommettido,
Rebate as balas sobre o escudo ingente,
E arroja-se ao rebelde enfurecido:
Lebrun despoja do mosquete ardente,
Com que muitos de um golpe tem ferido,
Outros do ingreme pôsto ao mar despenha,
E alguns expulsa da soberba penha.

57.

E já fugia a timida caterva,
Quando Rochefucó, que a pugna iguala,
Donde a viseira descuberta observa,
Lhe aponta desde longe ardente bala.
Caindo o heroe na espada, que conserva,
Adora humilde a cruz, e perde a fala:
Banha-se em sangue o chão, e em tanta glória
Regada a terra produziu victória.

58.

Porque em quanto em seguil-o divertido,
Abandona o francez a fortaleza,
Tinha parte do exército subido,
A dar fim com victória á forte empreza;
Admira Mendo o braço esclarecido;
E bem que do sobrinho o valor pérza,
No juvenil ardor notou magoado
O tomar chefe as partes de soldado.

59.

À patria, o nobre Sá diz lagrimando,
Víctima irás da fé, da liberdade,
Vigor no sangue heroico á terra dando,
Donde se erga immortal nova cidade:
O caso acerbo aos posteros contando,
Tenham seus cidadãos da heroicidade
Clara lição no fundador primeiro,
Glória eterna do Rio de Janeiro.

60.

Tal nome deu á enseada no recôrdo
Do mez, que illustre foi por caso tanto;
E á cidade deixou com justo acórdo
A clara invocação de um Martyr Santo.
E havendo as tropas recolhido a bordo,
Descançadas do bellico quebranto,
Faz immortaes no tempo transitorio
Os Corrêas e Sás, no novo emporio.

61.

Em tanto do tamoio a gente bruta,
Mais feroz sempre na marcial contenda,
Contra a nova cidade em fera luta
Movia guerra pelo mar tremenda:
Mas Mendo para a barbara disputa
Faz que um chefe tapuia o mar defenda:
Ararigboia aos seus nomeia a fama,
Martim Affonso por christão se chama.

62.

Principe foi nas tabas respeitado,
Que ao nome portuguez na guerra addicto,
Tinha com Mendo os seus capitaneado,
Sempre contra o tamoio em campo invicto:
Quatro guerreiras naos tinha avançado
O rebelde, depois do grão conflicto,
E em oito lanchas Ararig buscando,
Do Cabo-Frio a ponta iam dobrando.

63.

Saltam da noite no silencio escuro
As bellicosas mangas guarnecidas,
De immensas chusmas do tamoio duro,
Que obrar deviam na campanha unidas;
E em quanto tem o campo por seguro,
Jaziam pelas praias estendidas
Para investir co'a luz, que ja raiava,
A aldea de Ararig, que os esperava.

64.

Mas o bravo tapuia bellicoso,
Antevendo o descuido do inimigo,
Busca o manto da noite insidioso,
Para investil-os no nocturno abrigo:
Convoca os seus guerreiros animoso:
E sem dizer-lhes mais do seu perigo,
Depois que um breve espaço os olhou mudo,
Disse cheio de ardor, batendo o escudo:

65.

Sú valerosa, intrepida caterva!
Que esperâmos no nosso alojamento?
Acaso até que o campo em chusma ferva,
E nos busque o francez no proprio assento?
Sei por espia, que o seu campo observa,
Que dorme sôbre as praias desattento,
Onde se o surprendermos de improviso,
Sentirão todo o damno antes do aviso.

66.

Basta que em marcha procedais quieta,
E que invadindo a turba descuidada,
Não cuideis de empregar a bala ou setta,
Mas que tudo leveis á pura espada:
E quando o vasto campo se accommetta,
Deixando-lhe ás canoas livre entrada,
Antes que o ferro vibre os seus revezes,
Desarmai, se puderdes, os francezes

67.

Chamam corpo da guarda, onde o soldado
Costuma pôr as armas nas vigias;
Ali correi com impeto apressado,
Seguindo o passo sempre das espias:
Que nada o francez póde desarmado,
E sem as chammas que derrama impías,
Ficará desde o impeto primeiro
Nas mãos da nossa tropa prisioneiro.

68.

Disse o astuto Ararig, e a lento passo
Cada um pela brenha vai disperso,
Devendo a dado tempo e a certo espaço
Qualquer unir-se em batalhão diverso:
E achando em somno descuidado e lasso,
Sem sentinellas ter, o campo adverso,
Um a um, pé ante pé, em marcha tarda,
Assaltam juntos a sopita guarda.

69.

Juntas as armas de improviso apanham,
Matando as guardas meio-adormecidas;
E depois que a armaria toda ganham,
Quantos as vem buscar perdem as vidas;
O somno com as mortes acompanham;
E outros vendo sem armas as partidas,
Porque a causa não sabem do tumulto,
Buscam as lanchas, por fugir do insulto.

70.

Ararigboia, como um raio ardente,
Uns dormindo degolla pela arêa,
Outros sem armas, que rendidos sente,
Prisioneiros com cordas encadea:
A fiel tropa pela praia ingente
Toda deixa a campanha de horror cheia,
Cubrindo de cadaveres o plano,
Alagado co'a espada em sangue humano.

71.

E ja nos ceos risonha apparecia
A estrella d'alva as trevas apartando,
E com trémula luz o incerto dia,
No extremo do horizonte ia arraiando:
Quando o estrago da noute apparecia,
E prezo ou morto o franco demonstrando,
Nem as lanchas se salvam, que a vasante
Em sêcco as poz, na mão do triumfante.

72.

Não cessava Martim contra a espantada
Multidão de tamoios, que se embrenha;
E deixando-lhe a aldêa derribada,
Não se lhe esconde algum no matto ou brenha:
Muitos no averno lança com a espada,
Fugindo outros ao mar n'agua despenha,
Nem fulminando a massa a algum perdoa
Occulto na cabana ou na canoa.

73.

Fez este marte do Brasil constante
Á nação dos tamoios tanta guerra,
Que elle só com a espada fulminante
Lhe extingue o nome, e despovoa a terra:
Mais não ousa o rebelde mariante,
Em quanto Ararigboia no campo erra,
Desembarcar na costa, sem que o bravo
O deixe combatendo, ou morto ou escravo.

74.

Vi que do excelso throno vinha em tanto
Uma augusta donzella adormecida,
De quem brilhava sôbre o aspecto santo
A piedade, a abundancia, a sciencia, a vida.
Do seio derramava do aureo manto
A opulencia no mundo appetecida;
E logo que foi vista sôbre a terra,
Submergiu-se no averno a infausta guerra.

75.

Era a divina paz, que o ceo nos manda,
Premio de um sceptro, que da fé zelante
Propaga o santo culto, onde commanda,
E as leis defende da justiça amante;
Sem estragos de uma guerra infanda
Gozará o Brasil de paz constante,
Por setenta annos de um governo justo,
Tendo tranquilla a terra, e o mar sem susto.

76.

Nem mais a espada e bomba pavorosa
Se ouvirá na marinha e sertão vasto,
A voz só do evangelho poderosa,
Simples, sem artificio, indústria ou fasto:
A semiféra gente viciosa
No jugo conterá de um temor casto;
E ás mãos dos seus apostolos se avista,
Com as armas da cruz feita a conquista.

77.

Mas vi em tanto o lusitano imperio
Na Libya ardente em sangue submergido,
E o seu dominio no índico hemisferio
Do batavo nas aguas invadido :
E, ou por descuido do governo hesperio,
Ou de mil contra-tempos combatido,
Cedeu no vasto mar por toda a banda
O imperio do Brasil á fria Hollanda.

78.

Dezeseis longos seculos contando,
Com annos vinte quatro a vulgar Era,
Vi a batava esquadra o mar surcando,
Onde Willekens general modera :
Petre Petrid os mares assombrando,
Por Almirante aos nauticos se dera
Poder que á India navegar fingia,
E contra a expectação veio á Bahia.

79.

A fronte descubri da excelsa praça,
As armas governando o bom Furtado,
Que antevendo os effeitos da desgraça,
Tudo dispunha com valor frustrado :
Convoca quanto encontra, e tudo abraça
Por oppôr-se ao perigo ameaçado;
Mas dissipa-se a gente sem batalha,
Por faltar não valor, mas vitualha.

80.

Dispunha assim o batavo experiente,
Antevendo que a turba mal unida,
Sem cauta providencia que a sustente,
Esfriando no ardor toma a fugida:
E vendo a multidão menos frequente,
E a plebe na tardança esmorecida,
Quando menos o espera a chusma fraca,
Occupando um castello, o povo ataca.

81

Ruiter e Duchs com legião potente
A porta invadem de S. Bento em furia:
Mas rebatidos de impressão valente,
Cessam, fugindo da intentada injúria:
Mas tão funesto horror concebe a gente,
Que a guerra ignora com profunda incuria,
Que quando faz que Ruiter não se arroje,
Deixa o terreno, e do vencido foge.

82.

Furtado de Mendonça, que não víra
Já mais do medo vil a fronte escura,
Com setenta sómente a face víra,
E sem mais que o seu peito a praça mura:
O amor da patria, que o furor lhe inspira,
Faz que da vida, desprezando a cura,
Se arroje o luso ao batavo, que o inunda,
E um fira, um despedace, outro confunda.

83.

Mas vendo na manhã, que o ceo descobre
A cidade do povo abandonada,
Nem mais que o peito de Furtado nobre
Com poucos dos setenta na esplanada:
Teme que n'um só peito o valor sóbre,
E que deixando a empreza retardada,
Soccorro venha, donde bom partido
Ao bravo chefe se offereceu rendido.

84.

Não tarda a fama a divulgar voando
Da capital brasilica o successo,
Em quanto o belga, que lhe occupa o mando,
Recolhe da victória o immenso preço:
Treme em Madrid o throno, receando
Que o belgico leão, com tanto excesso,
Prostre o de Hespanha, e como o vulgo narra,
No Mexico e Perú lhe imprima a garra.

85.

Cobre-se o mar de esquadras numerosas,
Move-se a lusa e hispana fidalguia,
Vão-se embarcando legiões famosas,
Todo em nautica chusma o mar fervia:
Fadrique as naos hispanas poderosas,
Menezes as de Lysia prevenia,
Vendo-se terra e mar no caso incerto,
De petrechos, canhões e armas cuberto.

86.

Ja pela barra entrava da Bahia,
Com sessenta e seis naos soberba a armada,
Doze mil homens de alta valentia
Occupavam sôbre ellas a enseada:
De tanto nome em militar porfia,
Que a guarnição da praça de assombrada,
Bem que finja valor nesta conquista,
Antes que ao ferro, se lhe abate á vista.

87.

Dispõe-se em meia lua a armada inteira,
Cerrando a fuga ao belga esmorecido,
Occupa o forte exército a ribeira
Em dous quarteis aos lados dividido:
Mas o batavo Kyf na acção primeira,
Tendo o campo a Fadrique accommettido,
Com sortida deixou no ardor insana
Suspensa a lusa gente, e rôta a hispana.

88.

Cheio o belga de orgulho na acção brava,
Porque mais próve pela patria o zelo,
Contra a esquadra, que os muros varejava,
Em dous baixeis arroja um mongibelo:
Crê que é fuga o Menezes, que observava,
E move toda a esquadra sem prevel-o,
E parece que Deos o impulso inspira,
Com que do occulto incendio as náos retira.

89.

Um gyro a lua fez na azul esfera,
Em quanto os belgas de valor já faltos,
Ceder dispunham na contenda féra
Ao furor incessante dos assaltos:
E quando mais soccorro não se espera,
Vendo que os mares se empollavam altos,
Cede o batavo humilde ao luso hispano
A capital do imperio americano.

90.

Falando proseguia Catharina,
Tendo a assemblea no discurso attenta,
Quando com furia o bordo ao mar inclina
A nao, batida de horrida tormenta:
Tudo á manobra o capitão destina;
E vendo que onda horrivel se apresenta,
Lança-se o marinheiro á vela em pressa,
Acode Diogo, e Catharina cessa.

CANTO NONO.

Amainado o tempo, prosegue Paraguaçú a sua história — É a continuação das guerras contra os hollandezes até á expulsão destes.

DEPOIS que o tempo torna bonançoso,
E a noite vem tranquilla em branda calma,
De ouvir o mais do sonho portentoso
Se accende a todos o desejo n'alma:
E no empenho do belga bellicoso,
Desejando escutar quem teve a palma,
Supplicam Catharina que prosiga
Na narração do sonho, e tudo diga.

2.

Vi, prosegue a matrona, em Marte duro
Confundir-se o Brasil, vagar potente
O batavo feroz; e o reino escuro
Encher Plutão da desditosa gente:
Vi descendo as milicias do ceo puro,
Á plebe inerme com o zelo ardente,
Infundir valor tal, que conte a história
Por milagre do ceo cada victória.

3.

Petrid e Jolo, raios da marinha,
Com esquadras do pélago senhoras,
Qualquer do lado seu queimado tinha,
Com chammas o Brasil desoladoras;
Petrid a frota que das Indias vinha
Com procellas de fogo abrazadoras,
E nas naos lavra, de thesouros cheias,
Ao infausto Brasil novas cadeas.

4.

Máquinas move o belga ambiciosas,
Supprindo aos gastos com a immensa prata;
E armando em guerra esquadras numerosas,
Occupar Pernambuco ao luso trata:
Nem ás fôrças da Hollanda poderosas
Oppõe o hispano com a nova ingrata
Tal soccorro, que a praça na contenda
Do grão poder dos batavos defenda.

5.

Rege de Pernambuco a terra extensa
O intrepido Albuquerque, a tudo attento:
Guarnece a praça, os esquadrões condensa,
Dispõe ao fogo o bellico instrumento:
Quando á maneira de floresta densa
Se viu cuberto o líquido elemento,
Onde proas setenta o mar rompiam,
E o Wardenburgo general seguiam.

6.

Chamam Páo-amarello um sítio ao lado
Da cidade, que a frota accommettia,
Commodo ao desembarque, e mal guardado
De Albuquerque, que as praias defendia:
Ali com quatro legiões formado,
Á bella Olinda o batavo se envia,
Onde com turmas de inexperta gente
Se oppoz o luso chefe ao belga ardente.

7.

Nem muito dura ao fogo desusado
O timido esquadrão da gente lusa,
Que do insolito horror preoccupado,
A fuga emprehende em multidão confusa:
Um sôbre outro a fugir precipitado,
Render-se ao fero belga não recusa;
E a cidade infeliz deixando aberta,
Qualquer se salva donde mais o acerta.

8.

Entra o hollandez na praça abandonada,
E quando de riqueza a cuidou cheia,
Em triste solidão desamparada;
E acha sem premio a cubiçosa ideia.
Vingam nos templos a intenção malvada,
E o altar profanam com infamia feia,
Tratando o pio rito e o santo culto
Com sacrilega mente e horrendo insulto.

9.

Mas não soffre da fuga o torpe medo
O valente fortissimo Temudo;
E tendo ao lado o intrepido Azevedo,
A espada empunha, embraçando o escudo;
Ao ver do saco no funesto enrêdo
A fórma do hollandez turbar-se em tudo,
Une alguns, que odiando a vil fugida,
Dão por preço da glória a heroica vida.

10.

Ó, disse, honra immortal do nome luso,
Corações valerosos, que em tal sorte
Fazeis da doce vida o melhor uso,
Comprando a glória com a invicta morte:
Vedes sem fórma o batavo confuso,
Da valerosa espada exposto ao córte:
Corra-se ás armas, que se os não vencemos,
Sem a patria vingar não morreremos.

11.

Disse; e empregando a fulminante espada,
Uma esquadra invadiu que discorria,
Com calices da igreja profanada,
Que com insulto em derisão mettia;
De uns a fronte no chão deixou truncada;
De outros o peito com o ferro enfia;
De algum, que insano accommettendo freme,
Talhado o braço sôbre a terra treme

12.

Azevedo, entre os mais que no chão lança,
Tendo das balas empregado o impulso,
Com fero golpe de alabarda alcança
De Ruiter, que o accommette o horrivel pulso:
Despoja-o da arma, e furioso avança,
Deixando-o em terra com tremor convulso;
Cornelisten derriba; e o ferro emprega
Em Blá, que todo o chão com sangue rega.

13.

Com furia igual e impulso destemido
Invade contra o batavo a caterva;
E bem que a legião em corpo unido,
Em roda ao luso disparando ferva:
Resiste o portuguez nunca rendido,
Em quanto a vida com vigor conserva,
Até que sôbre os belgas derribados,
Caíram mortos sim, porém vingados.

14.

Tem por nome Arrecife um forte pôsto,
Que um isthmo separou do continente.
Donde o Castello de S. Jorge opposto,
Defende o passo ao transito imminente:
Ali fazia aos inimigos rosto
O bravo Lima, que do belga ardente,
Sem mais que trinta invictos defensores,
Trezentos sacrifica aos seus furores.

15.

Pasma de assombro Wardenburgo insano;
Nem póde crer, se o não convence a vista,
Que com força tão pouca o lusitano
De dous mil belgas ao furor resista:
Sae com todo o poder, e occupa o plano,
E em fórma regular tenta a conquista;
E nem assim o Lima ao fogo cede,
Em quanto auxílio ao general não pede.

16.

Recobrava-se emtanto valerosa
Do primeiro terror a lusa gente,
Que inexperta da pugna bellicosa,
Cedêra no improviso do accidente:
E acompanhando em tropa numerosa
Do intrépido Albuquerque o ardor valente,
O belga usurpador pelas ribeiras
Cercaram com reductos e trincheiras.

17.

Plantam depois um forte acampamento,
Donde se insulte o batavo inimigo;
Nem deixavam que um só pudesse isento
Saír sem damno ao campo, ou sem perigo:
Cortam-lhe o passo, e impedem-lhe o sustento,
Nem lhe concedem no terreno abrigo;
E occupando-lhe o gyro dilatado,
O belga cercador deixam cercado.

18.

Dous mil dos seus guerreiros escolhidos
Contra Albuquerque Wardenburgo avança;
Mas achavam os lusos prevenidos
Do seu valor na nobre confiança:
Caíam das trincheiras rebatidos
Do fogo os belgas, ou da espada e lança;
E sem que combatendo a mais se arrojem,
Em desordem do campo á praça fogem.

19.

Com quatro companhias n'uma armada
Soccorro de Lisboa recebendo,
Foi outra vez a tropa reforçada
Com gente e munições n'outra de Oquendo:
Mil mosqueteiros, tropa exercitada,
No duro jogo de Mavorte horrendo,
S. Felice conduz mestre de guerra;
Mas menos apto na que usava a terra.

20.

Com soccorro maior de Hollanda armado
Contra Itamaracá corre o inimigo:
Duas vezes porém foi rechaçado
Com perda o belga para o noto abrigo:
Á Paraíba e Rio-Grande enviado
Mudava de lugar, não de perigo;
E já menos bisonha a lusa tropa,
Põe em fuga o hollandez, se em campo o topa.

21.

A Wardenburgo, no hollandez imperio
Succedêra Rimbach em guerras noto,
Que estimando dos belgas vituperio
Ser cada dia pelos nossos roto:
Em quanto celebrava attento e sério
A pascoa o campo em procissão devoto,
Com todo o poder batavo accommette,
E o campo em confusão, battendo, mette.

22.

Não se interrompe a ceremonia augusta,
Orando o clero com o sexo pio,
Sae o orthodoxo contra a turma injusta,
Tomando por sagrado o desafio:
E fundando no ceo confiança justa,
Peleijam com tal fé, com tanto brio,
Que matando Rimbach em feio estrago,
Deram aos belgas da blasfemia o pago.

23.

Mas o ceo, que o flagello destinava,
Poder tão grande aos batavos concede
Que nada Vaneshcop, que os moderava,
Depois desta campanha o curso impede:
Fica Itamaracá de Hollanda escrava,
Desfaz-se o campo, a Paraíba cede,
Perde-se o Rio-Grande, e n'outra empreza,
Rende o luso, o Pontal e a Fortaleza.

24.

Salva-se o resto da facção perdida,
Nas Alagoas, sitio defensavel,
Onde do fero belga perseguida,
Asylo busca a turba miseravel:
Mas foi da Hespanha em breve soccorrida
Com brava tropa em frota respeitavel;
Roxas de Borja a Pernambuco enviado,
De Albuquerque o bastão tomou deixado.

25.

Roxas prompto no obrar, pôsto em batalha
De Vaneshcop as tropas investia:
Mas o belga Artichofe a marcha atalha
Com soccorro que válido trazia:
Com tenebrosa sombra os lutos talha
A noute, que começa, á morte impía,
Dispondo Roxas em defensa armado,
Esperar o soccorro convocado.

26.

Mas logo que a manhã mostrou formosa
Da batalha inimiga a fórma unida,
Mais não socega a chamma generosa,
E investe ardente a batava partida:
Cobre os ceos a fumaça tenebrosa,
Perde o hispano e o hollandez na empreza a vida,
E nem este, nem o outro ali vencêra,
Se o temerario Roxas não morrêra.

27.

S. Felice na guerra mestre astuto,
Succede no governo ao bravo hispano,
O brasilico Fabio em tanto luto
Salvou na retirada o lusitano:
Foi das palmas batavicas producto
Governar o paiz pernambucano
O conde de Nassau, que o belga envia,
General das conquistas que emprendia.

28.

Era Nassau nas armas celebrado,
Com que illustrava o excelso nascimento,
Principe então no imperio respeitado,
Nutrindo igual ao sangue o pensamento:
Entrou de forte armada acompanhado,
E no Arrecife situando o assento,
Levantou fortes, e em paizes bellos
Guarneceu as colonias com castellos.

29.

Mas aspirando a empreza memoravel,
Todo o exército e armada prevenia,
E achando Pernambuco defensavel,
Invadiu no reconcavo a Bahia:
S. Felice com resto miseravel
Ali novo soccorro ao rei pedia,
Quando ao bravo Nassau dispunha a sorte
Um chefe nelle oppor prudente e forte.

30.

Tudo dispunha o conde em fórma e arte
De rebater do batavo a interpreza,
Dispõe pela cidade em toda a parte
Os meios e instrumentos da defeza:
Faz grossas levas, e esquadrões reparte,
E tudo preparando á forte empreza,
Nada esqueceu de quanto na milicia
Inventa a militar sábia pericia.

31.

Entrava emtanto pela vasta enseada
Nassau, que as praias enche da Bahia,
Com a terrivel magestosa armada,
Que com quarenta naos linha fazia:
E ao som da trompa marcial tocada
Em gratos écos de horrida harmonia,
Enche a horrenda procella em taes ensaios
A enseada de trovões, e o ceo de raios.

32.

Em tanto o claro Silva que occupava
Do supremo govêrno o excelso mando,
A S. Felice o pôsto renunciava,
Ficando por soldado ao seu commando:
Heroica acção, que pela patria obrava,
Maior pericia em outrem confessando;
E merecendo nella em tanta empreza
Da côrte acclamações, do rei grandeza.

33.

Desembarca Nassau com turba ingente
Junto de Tapagipe; e emprende o outeiro,
Que nomear costuma a vulgar gente
Do antigo habitador, *Padre Ribeiro*:
Mas S. Felice, que o anteviu prudente,
De pôsto o bate, que occupou primeiro;
E depois que seiscentos destro mata,
Em grande parte o belga disbarata.

34.

Largos dias Nassau bate a trincheira,
Que lhe oppoz ao quartel Banholo á frente;
Mas o belga em batalha verdadeira
Por muitos dias se avançava ardente:
Cobre-se a terra em horrida maneira
De um monte de cadaveres ingente,
Vendo os belgas cair, sem que desista
Nassau com tanto sangue da conquista.

35.

E já desfeito o exército se via,
Ferido o official e a gente morta,
Sem que cessasse o ardor nos da Bahia,
Que o S. Felice rege e o Silva exhorta:
Pede tregoas Nassau nesta porfia,
E tudo com a tropa as náos transporta,
Fugindo do perigo o infausto effeito,
Com perda igual de gente e de conceito.

36.

Dous dias na enseada por vingança
Bate a esquadra a cidade sem perigo,
Com ballas e granadas, que em vão lança,
Parecendo mais salva que castigo:
Sobreveio ao Brasil nova esperança
De expugnar com mais fôrças o inimigo;
Mas foi o effeito das promessas vário,
Impedindo o soccorro o mar contrário.

37.

Vi neste tempo em confusão pasmosa
A monarquia em Lysia dominante,
E a casa de Bragança gloriosa
Nos quatros imperios triumfar reinante:
A Bahia com pompa magestosa
Festejar o monarca triumfante,
E o Pernambuco de desgraças farto,
Invocar Pai da Pátria D. João Quarto.

38.

Tratava o novo rei com fé provada
A batavica paz, que sem justiça,
Deixava ao mesmo tempo quebrantada
O belga injusto pela vil cobiça:
Occupa o Maranhão batava armada,
E outra esquadra em Serzipe o incendio atiça,
Pertendendo occupar com falso engano
Toda a Africa e Brasil ao lusitano.

39.

Cede do seu govêrno de affrontado
O general Nassau, tornando a Hollanda,
Tendo o conselho do Arrecife armado
Mil artificios de calúmnia infanda:
Nem contra os habitantes moderado
O duro freio no govêrno abranda,
Onde a plebe aggravada que o experimenta,
O jugo sacudir com glória intenta.

40.

João Fernandes Vieira foi na empreza
O instrumento da patria liberdade,
Heroe que soube usar da grã riqueza,
Libertando o Brasil desta impiedade:
De amigos e parentes na defeza
Tentou furtivamente a sociedade,
E como a pedra a estatua de Nabuco,
O belga derribou de Pernambuco.

41.

Nomeou cabos, tropas, companhias,
Pediu soccorros e invocou prudente,
Expondo do hollandez as tyrannias
O govêrno brasilico potente:
Avisa sem demora Henrique Dias,
Capitão dos ethiopes valente,
E o forte Camarão, que em guerra tanta,
Com os seus carijós o belga espanta.

42.

Ouve o hollandez com susto o movimento;
E querendo opprimir nascente a chamma,
Com dous mil homens previnia attento
A nova guerra, que o Vieira inflamma:
Deixára o luso chefe o alojamento,
E os belgas, que á cilada occulto chama,
Empenhou de um logar nas duras rocas,
A que o monte chamaram « das Tabocas. »

43.

Entre arbustos e canas de improviso
Dispara o luso sôbre a incauta gente;
E precedendo o damno antes do aviso
Disbarata o hollandez com furia ardente:
Suspende a marcha o batavo indeciso,
E sem ver o inimigo, o golpe sente,
Até que vendo o estrago dos soldados,
Cedem o campo, e fogem destroçados.

44.

Hollanda era potente, e o luso afflicto,
Onde enchendo Lisboa de ameaças,
Por ter notícia do infeliz conflicto,
Meditava ao Brasil novas desgraças;
Mas por guardar os seus o rei invicto,
Dispoz piedoso nas provincias lassas
Providencias, que á paz chamar podessem
O tumulto, em que os nossos permanecem.

45.

Vão com dous regimentos destacados
O Moreno e Negreiros da Bahia
A dar paz ,se é possivel ,destinados
Na guerra, que o Vieira então movia:
Viram veigas e campos abrazados
E o colono infeliz, que perecia
Com lástima da tropa que observára
Todo o estrago, que o belga ali causára.

46.

Avistado o Negreiros e o Vieira,
Venho ,disse o primeiro, a prizão dar-vos,
Por haver provocado a ira estrangeira
A uma guerra, que acabe de assolar-vos:
É justo que eu tambem prender-vos queira;
Mas será ,disse o Heroe, com abraçar-vos;
E assim dizendo alegre move o passo,
E os dous recebe com festivo abraço.

47.

Outro tanto fazia a tropa unida
Ao invicto esquadrão pernambucano;
E applaudindo a victória conseguida,
Detestam do hollandez o enorme engano:
Nem muito tarda a gente fementida
Que não abraze a esquadra ao lusitano,
Onde embarcado pela paz chegára,
Como o batavo proprio o convidára.

48.

Ouvem-se em tanto os miseros clamores
De turba femenina, que invocava
O soccorro dos seus libertadores
Contra o belga cruel, que as captivava:
Mais não cessa o Vieira e sem rumores
O engenho, aonde incauto descançava
O belga general cercado, bate;
E rendendo-o á prizão, vence o combate.

49.

Henrique Hus do Arrecife commandante
Era o cabo dos belgas prisioneiro,
Blac rendido tambem, chefe importante,
Subalterno nas armas do primeiro:
Foge do luso o batavo arrogante,
Espalhando os fuzis no grão terreiro,
E a chamma teme, que no horrendo empenho,
Lançára o Vieira pelo vasto engenho.

50.

Com fama de victória tão brilhante
Toma as armas a plebe; e o belga invade.
Serinhaem tomou, villa possante,
O partido commum da liberdade:
Segue Itamaracá com fé constante,
Porto-Calvo e os contornos da cidade,
Deixando no Arrecife sem remedio,
Encerrado o hollandez com duro assedio.

51.

Mas não cessa na Hollanda a companhia,
E ao numeroso exército, que ordena,
Sigismundo Van-Schop por chefe envia,
Munido em guerra de potencia plena:
Do experto general, que desconfia
O premio ao valeroso, ao fraco a pena,
E emprendendo com fôrças o combate,
O inimigo Vieira ou prenda ou mate.

52.

Abordando o Arrecife então cercado,
A inercia dos seus chefes reprehende,
Nem muito tarda, que no campo armado,
Não sáia a Olinda, que expugnar emprende:
Em assalto a accommette duplicado,
E a brava tropa, que ao presidio attende,
Com tanto alento o batavo rechaça,
Que ferido Van-Schop se acolhe á praça.

53.

Sem que desista da passada instancia,
Tenta de novo a empreza da Bahia;
Mas notando nos lusos a constancia,
Que injúria do poder lhe parecia:
Consome do Reconcavo a abundância
Com frequentes sortidas, que emprendia;
E porque cresça na cidade o tédio,
Occupa Taparica, e põe-lhe o assédio.

54.

Telles em tanto, que expulsar pertende,
Sem igual fôrça o batavo contrário,
Contra o commum conselho o ataque emprende
E tudo expõe no impulso temerario:
Mas vendo o luso rei, que a nada attende,
O belga nos seus pactos sempre vário,
Manda armada ao Brasil, que poderosa
A batava nação dome orgulhosa.

55.

Teme o golpe Van-Schop, e desampara
Por guardar o Arrecife Taparica,
Anteyendo que a esquadra se prepara
Contra a praça, que auxílio lhe supplíca:
Barreto de Menezes, que chegára
De novo general patente indica,
E em Pernambuco sublimado ao mando,
Com prudencia e valor foi governando.

56.

Nove mil homens, tropa valerosa,
E com frequentes palmas veterana,
Manda o batavo a empreza perigosa,
Que á guerra ponha fim pernambucana.
Occupa o mar armada poderosa;
E dominando a praia americana,
Usurpa em mar e terra alto dominio,
Ameaçando dos lusos o exterminio.

57.

Põe-se em campanha o batavo terrivel,
Com sete mil de veterana tropa,
Vão densos bandos de gentio horrivel,
Com destro gastador vindo da Europa:
E estimando a potencia irresistivel,
Cede ao belga a Barreta, e quanto topa,
Em quanto em defensiva o luso fica,
E o campo contra o belga fortifica.

58.

Sigismundo porém, que os bastimentos
Em Moribeca assegurar procura,
Dispunha ali tomar alojamentos,
Estimando a victória já segura:
Mas Barreto e Vieira a tudo attentos,
Na justiça, que a causa lhe assegura,
Confiam que na empreza o ceo lhes valha,
E tudo vão dispondo a uma batalha.

59.

Nem com tanto poder Schop recusa,
Decidir n'uma acção toda a contenda,
Antevendo, se a perde a gente lusa,
Que outra fôrça não tem q̃ a guerra emprenda;
E já na marcha a multidão confusa,
A acção começa pelo fogo horrenda,
E turbando dos belgas toda a fórma,
Combatem com valor, porém sem norma.

60.

Nos montes Guararapes se alojava
Formado o portuguez, que o belga espera,
E a escaramuça, que emprendêra brava,
Traz a sítio o hollandez, que adverso lhe era;
Desde alto monte o luso fogo obrava,
Com ruina dos batavos tão fera
Que ou seja ao lado, ou na espaçosa fronte,
Se cubriu de cadaveres o monte.

61.

Reune os batalhões Van-Schop irado,
E á fronte com valor da linha pôsto,
Tenta desalojar do alto occupado
O invicto Camarão, que lhe faz rosto:
Mas com chuva de balas rechaçado,
Perde tres vezes o ganhado pôsto;
E já ferido com mil mortos cede,
Em vil fuga, que a noite lhe concede.

62.

Noventa dos seus perde o lusitano;
E em quanto o belga se retira incerto,
Descobre a aurora todo o monte e plano
De bandeiras, canhões e armas cuberto:
Muitos ali do batavo tyranno,
Perdidos pela noite em campo aberto,
Deixa o dia, inexpertos nos roteiros,
Nas mãos da nossa tropa prisioneiros.

63.

Horrorisa-se Hollanda, pasma Europa,
Exalta Portugal, canta a Bahia,
Vendo-se triumfar tão pouca tropa,
Da terrivel potencia, que a invadia:
Nada de humano o pensamento topa,
Que em tudo a mão de Deos clara se via,
Pois sempre elege para os seus portentos
Os mais fracos, e humildes instrumentos.

64.

Tinha exhausta a ambição, mas não cançada
A cubiçosa Hollanda em tal conquista;
E para novo empenho apparelhada,
Escolhe os capitães e a gente alista;
Mas do britanno ás armas provocada,
Sôbre interesse que mais alto avista,
Suspende o influxo na famosa empreza,
Deixando em Pernambuco a guerra acceza.

65.

Brinc a este tempo, coronel valente,
Impetra de Van-Schop tropa luzida,
Com petrechos e número potente,
Que em batalha cruel tudo decida:
Cinco mil homens de escolhida gente,
De canhões e petrechos guarnecida,
Põe no campo assombrado da potencia,
Igualando o valor co'a diligencia.

66.

Com dous mil e seiscentos veteranos
Fez-lhe frente Barreto, e o belga invade;
Correm de toda a parte os lusitanos
A sustentar a patria liberdade:
Aloja o luso sôbre os mesmos planos,
Onde fôra a passada mortandade;
O belga na montanha se distingue,
Um que o estrago renove, outro que o vingue.

67.

Mas Brinc a tudo attento desde o cume
Com pericia guerreira occupa o monte,
Onde segundo o militar costume,
Dá fórma á retaguarda, e ordena a fronte:
Nem tão ousado o portuguez presume
Que em vantajoso posto o belga affronte,
Esperando a occasião dali opportuna,
De poder atacar com mais fortuna.

68.

Reconhece Barreto o sítio e fórma;
E vendo o ardor da lusitana gente,
Que habil no passo da subida o informa,
Faz que o bravo Vieira ataque ardente:
E cubrindo a invasão com sábia norma,
Com o fogo protege o assalto ingente,
Até que por mil casos duvidosos,
Vê sôbre o monte os campeões briosos.

69.

Nova batalha ali com fogo vivo
Move impavido o belga, e firme insiste;
E por mais que o Vieira invada activo,
Onde um corpo vacilla, outro resiste:
Tal ha que ainda combate semivivo;
Tal que cadaver já na morte triste,
A terra morde, e em raiva enfurecida,
Blasfemando do ceo, despede a vida.

70.

A toda a parte voa o grão Barreto,
E um anima, outro ajuda, outros exhorta:
E excitando no luso o patrio affecto,
Incita o forte, o invalido conforta:
Bramava o fero Brinc em sangue infecto,
Entre a batava turba oppressa e morta,
Assalta horrendo um batalhão potente,
E outro reprime com ferocia ardente.

71.

Mas o invencivel Camarão, que o nota
Um forte troço da reserva abala;
E suspendendo a misera derrota,
Lança o belga por terra de uma bala:
Logo o almirante da soberba frota,
Vendo invalido Brinc cair sem fala,
Occupa o mando, que já vago estima,
E o batavo á peleija altivo aníma.

72.

Não soffre Henrique Dias, que o observava
Do novo chefe a imtimação constante:
E de um tiro que fero lhe apontava,
Derriba morto o intrepido almirante:
Sem commandante o belga trepidava,
E de um e outro lado vacilante,
Uma vil fuga timido declara,
E o campo com desordem desampara.

73.

O estandarte soberbo dos Estados,
Tendas, peças, bandeiras numerosas,
Mil e trezentos mortos numerados,
Prisioneiros, bagagens preciosas,
Muitos centos na fuga degollados,
A caixa militar, armas custosas,
Foram nesta occasião de tanta glória
O merecido premio da victória.

74.

Cinge o Arrecife de um assedio estreito
Com prompta cura o chefe lusitano;
Mas tendo longa guerra o belga feito,
Era contínuo sim, mas mutuo o damno:
Até que Jaques ao commando eleito
No campo se avistou pernambucano,
Conduzindo por fortuita derrota
Para o luso commercio a usada frota.

75.

Por mar e terra sitiada a praça,
Depois do longo assédio de nove annos,
Com mil desastres fatigada e lassa,
Cedeu todo o Brasil aos lusitanos:
Mercê clara do ceo, patente graça,
Que a tão poucos e miseros paizanos
Cedesse uma nação, que enchia em guerra
De armadas todo o mar, de espanto a terra.

76.

Assim modera o Padre omnipotente
Do ignorante mortal a incerta sorte,
Por fazer com taes casos evidente
Que não é quem mais póde o que é mais forte:
Tudo rege na terra a mão potente;
Delle a victória pende, a vida, a morte;
E sem o seu favor, que o distribue,
Todo o humano poder nada conclue.

77.

Triumfou Portugal; mas castigado,
Teve em tal permissão severo ensino,
Que só se lograrà feliz reinado,
Honrando os reis da terra ao rei divino:
E que o Brasil aos lusos confiado,
Será, cumprindo os fins do alto destino,
Instrumento talvez neste hemisferio,
De recobrar no mundo o antigo imperio.

78.

Vi no sonho mil casos differentes,
Que no curso virão de outras idades:
Vi provincias notaveis e potentes,
Vi nascer no Brasil aureas cidades:
Famosos vice-reis e illustres gentes,
Tantos successos, tantas variedades,
Que sómente pintado, como em sombra
Confunde o pensamento, a vista assombra.

79.

Prelados vi de excelsa jerarquia;
E entre outros da maior celebridade
O claro Lemos, que enriqueça um dia
De novas sciencias a Universidade:
Elle ornará depois a academia
Com construcções de excelsa magestade,
E em doutrina a fará com sabio modo
O atheneo mais famoso do orbe todo.

80.

Deu Catharina fim, e arrebatada
N'um extase ficou, vibrando ardores;
Corriam pela face em luz banhada
Lagrimas bellas, como orvalho em flores:
Fica a pia assemblea esperançada
De outros successos escutar maiores;
E dando tempo ao somno milagroso,
No abraço a deixam do celeste espôso.

—

CANTO DECIMO.

Conclue Paraguaçú a narrativa da visão. — Encontro junto á Bahia de uma embarcação hespanhola, que vinha a comprimentar o Heroe — Chegada á Bahia — Paraguaçú reconhece n'uma imagem roubada do navio aquella que em sonho lhe apparecêra, e a ella é dedicada uma igreja — Chega o Governador Thomé de Sousa com uma esquadra — E dando-lhe a posse do Govêrno o Heroe a todos mostra no symbolo da paz as armas da Bahia.

CHEIA de assombro a turba a dama admira
Tornada a si da suspensão pasmosa;
E da nova visão, que ali sentíra,
Prosegue a ouvir-lhe a narração gostosa:
Mais bella que esse sol, que o mundo gyra,
E com côr, disse, de purpurea rosa,
Vi formar-se no ceo nuvem serena,
Qual nasce a aurora em madrugada amena.

2.

Vi luzeiros de chamma rutilante
Sôbre a esfera tecer claro diadema,
De materia mais pura que o diamante,
Que obra parece de invenção suprema:
Luzia cada estrella tão brilhante,
Que parecia um sol, precioso emblema
De admiravel bellissima pessoa,
Que á roda da cabeça cinge a corôa.

3.

De ouro fino os cabellos pareciam,
Que uma aura branda aos ares espalhava,
E uns dos outros talvez se dividiam,
E outra vez um com outro se enredava,
Frechas voando mais não feririam,
Do que um só delles n'alma penetrava;
Cabellos tão gentís que o espôso amado
Se queixa que de um delles foi chagado.

4.

A frente bella, candida, espaçosa,
Cheia de celestial serenidade,
Vislumbres dava pela luz formosa
Da immortal soberana claridade:
Vê-se ali mansidão reinar piedosa,
E involta na modestia a suavidade
Com graça, a quem a olhava tão serena
Que excitando prazer, desterra a pena

35.

E já desfeito o exército se via,
Ferido o official e a gente morta,
Sem que cessasse o ardor nos da Bahia,
Que o S. Felice rege e o Silva exhorta:
Pede tregoas Nassau nesta porfia,
E tudo com a tropa as náos transporta,
Fugindo do perigo o infausto effeito,
Com perda igual de gente e de conceito.

36.

Dous dias na enseada por vingança
Bate a esquadra a cidade sem perigo,
Com ballas e granadas, que em vão lança,
Parecendo mais salva que castigo:
Sobreveio ao Brasil nova esperança
De expugnar com mais fôrças o inimigo;
Mas foi o effeito das promessas vário,
Impedindo o soccorro o mar contrário.

37.

Vi neste tempo em confusão pasmosa
A monarquia em Lysia dominante,
E a casa de Bragança gloriosa
Nos quatros imperios triumfar reinante:
A Bahia com pompa magestosa
Festejar o monarca triumfante,
E o Pernambuco de desgraças farto,
Invocar Pai da Patria D. João Quarto.

8

Todos suspende em pasmo respeitoso
O amavel formosissimo semblante;
E mais nelle se ostenta poderoso
O soberano autor do ceo brilhante:
Pois quanto tem o Empyreo de formoso,
Quanto a angelica luz de rutilante,
Quanto dos serafins o ardente incendio,
De tudo aquelle rosto era um compendio.

9

Nas brancas mãos, que angelicas se estendem,
Um desmaiado azul nas veias tinto,
Faz parecer aos olhos, quando o attendem,
Alabastro com fundos de jacinto:
Ambas com doce abraço ao seio prendem
Formosura maior, que aqui não pinto;
Porque para pincel me não bastára,
Quanto Deos já creou, quanto creára.

10.

Mas se não se dedigna o verbo santo
Por nosso amor, de symbolo rasteiro;
Dentro parece do virgineo manto,
Pascendo em brancos lirios um cordeiro:
Os olhos com suavissimo quebranto
Lhe occupa um doce somno lisongeiro,
Á roda os serafins, que o estrondo impedem,
Para o não dispertar silencio pedem.

11.

Aos pés da mãi piedosa superada
Vê-se a antiga serpente insidiosa,
De que a fronte na culpa levantada,
Quebra a planta virginea gloriosa:
E enroscando os mortaes já quebrantada,
Ao eco só da Virgem poderosa,
No mais fundo do abysmo se submerge,
E o feral antro do veneno asperge.

12.

Ao ver belleza tanta o pensamento,
Que a linda imagem sorprendia absorto,
Ouve no centro d'alma um doce accento,
Que o peito enchia de vital conforto:
E como infunde ás plantas novo alento
O matutino orvalho em fertil horto,
Tal dos doces influxos na abundancia
Dentro d'alma eu senti nova constancia.

13.

Catharina, me diz, verás ditosa
Outra vez do Brasil a terra amada;
Faze que a imagem minha gloriosa
Se restitua de vil mão roubada:
E assim dizendo, nuvem luminosa,
Como véo, cobre a face desejada;
E faz que na memoria firme exista
Entre amor e saude a doce vista.

14.

Assim conclue Catharina, enchendo
De duvidoso assombro a companhia:
Que imagem fosse aquella, iam dizendo,
Ou qual delles acaso a roubaria?
Se a Mãi de Deos mysterios involvendo,
D'outra cópia interior o entenderia?
Ou queria talvez que em santo trato
Se restitua n'alma o seu retrato.

15.

Mas véla em tanto appareceu boiante,
Que junto da Bahia o mar cortava,
Onde em bandeira, que lançou flammante,
O leão das Hespanhas tremulava:
Vem á fala com salva fulminante;
E a franca náo, que á terra velejava,
Pôsto á capa o hespanhol, cortez visita,
E o claro Diogo a visital-o incita.

16.

E depois que em festivo amigo abordo
O bom Gonzales o hospede festeja,
Excitou-se nos dous claro recôrdo
De quem o hispano foi, quem Diogo seja:
Ambos nos braços de commum acôrdo,
Um a outro mil ditas se deseja;
Reconhecendo o luso o nobre hispano,
Por um dos companheiros de Arelhano.

17.

Carlos o grande, o Imperador famoso,
Grato, por mim a saudar-te envia;
Disse a Diogo o hispano generoso
Soccorrido a outro tempo na Bahia:
Ouviu o invicto Cesar gracioso
O teu obsequio á hispana monarchia,
E o serviço, que grande considera,
Por mim no seu agrado remunera.

18.

E porque possa em caso equivalente
Retribuir-te aquella acção piedosa,
Salva aqui te offereço a infausta gente,
Perdida nessa praia desditosa:
De cativeiro barbaro e inclemente
Vivia na oppressão laboriosa,
Até que destas armas protegida,
Remiu na liberdade a infausta vida.

19.

Garcez então da gente lusitana
O mais distincto, que o discurso ouvia,
Confessa o beneficio á força hispana,
E a historia de seus casos principia:
Depois que a gente abandonaste insana,
Com teu aviso, a lusa monarquia
Gentes aqui mandou, náos poderosas,
Que as nações sujeitassem bellicosas.

20.

Foi Pereira Coutinho o destinado
A fazer da Bahia a grã conquista ;
Heroe no indico imperio celebrado,
Em quem nova esperança o luso avista.
Tudo tinha o bom chefe preparado,
Formosas náos ajunta, e gente alista ;
E á grã população, que meditava
De um sexo e d'outro as gentes convidava.

21.

E sem demora as praias occupando,
Foi dos Tupinambás, com teu recôrdo,
As potentes aldeas visitando,
Com amiga alliança em firme acôrdo.
Do sertão vasto em numeroso bando
Desciam, festejando o nosso abordo,
Os carijós, tapuias e outras gentes,
Por fama do teu nome obedientes.

22.

Gupeva e Taparica celebrados
Entre os Tupinambás, nação que habita
Os campos da Bahia dilatados,
Antes de outros Coutinho solicíta :
E por vel-os comtigo emparentados,
Povoar o Reconcavo medita
Da gente, que o teu nome reconhece
Onde de dia a dia o povo cresce.

23.

Todo o fertil terreno utilizando,
Donde riqueza se offerece tanta,
Engenhos vai de assucar fabricando,
Aldeas, casas, máquinas levanta;
E as drogas preciosas commutando,
A mandioca, arroz e a cana planta:
Nem duvída que seja em tempo breve
A colonia melhor que Europa teve.

24.

Escôlha faz nas tabas numerosas
Dos que acha no trabalho mais activos;
Mas guarda para emprezas bellicosas
Os que em ferocia reconhece altivos:
A todos com maneiras amorosas
Propõe da fé christã claros motivos;
E a condição notando em cada raça,
Uns doma com terror, outros com graça.

25.

Sabe que em gente tal nada se colhe,
Depois de endurecer na idade adulta,
Onde na puericia os mais escolhe,
Por dar-lhe em breve a educação mais culta:
Nem dos pais, violento algum recolhe;
Mas do proveito que de alguns resulta,
Induz a gente barbara que o segue,
Que a prole á educação gostosa entregue.

26.

Em cuidadosa escola o temor santo,
Antes das artes a qualqner se ensina;
Dão-lhe lições de ler, contar, de canto,
E o cathecismo da christã doutrina:
Vendo-os o rude pai, concebe espanto,
E pelo filho a mãi á fé se inclina,
Nem de meio entre nós mais apto se usa,
Que aquella gente barbara reduza.

27.

E estes serão, se a idéa não me engana,
Meios á grande empreza necessarios,
Que em breve a gente rude fôra humana,
Com escólas e regios seminarios:
Foge, sem se domar a gente insana,
Se em fôrças e poder nos vê contrarios;
Mas educada em tenra mocidade,
Dilataria o reino e a christandade.

28.

Mas no meio das bellas esperanças,
Com que a nova colonia florecia,
Move a serpe infernal desconfianças
Entre os tupinambás e os da Bahia:
Foi a causa infeliz destas mudanças
Um interesse vil de gente impía,
Que os póvos offendendo em paz amigos,
Cobriram toda a terra de inimigos.

29.

Gupeva foi dos seus abandonado;
Taparica foi morto; a lusa gente
Do gentio nos mattos rebellado,
Contínua perda nas lavouras sente:
Quimada a planta foi, perdido o gado,
E cercado o arraial em continente,
Viu Coutinho por barbara violencia
Perdido o seu thesouro e diligencia.

30.

Na geral afflicção do luso povo
A logar se recorre mais tranquillo;
Buscámos nos Ilheos um sítio novo
Contra a turba feroz, seguro asylo:
E já Coutinho se dispõe de novo,
Vendo manso o gentio, a reduzil-o,
Fabricando colonia de mais dura,
Menos fecunda sim, mas mais segura.

31.

Mas os tupinambás, melhor cuidando,
Com promessas os nossos convidavam,
Com mil amigas provas protestando
De conservar a paz, que antes guardavam.
Creu o infeliz Coutinho, celebrando
Pactos, que segurança a todos davam;
E sem temor de mais, voltar queria
Ao Reconcavo antigo da Bahia.

32.

E já no mar a frota se esquipava,
E cada um de nós na empreza absorto,
Sem temor, ou receio só cuidava
Em fazer ao Reconcavo transporto:
Navegámos o espaço, que distava;
E tendo á vista o desejado porto,
Com furia o mar aos astros se levanta,
Em cerração do Ceo, que á vista espanta.

33.

O ar caliginoso e em nevoa impuro
Tirou-nos toda a vista, e sem destino
Batemos cegos n'um penhasco duro,
Sem termos do lugar notícia ou tino:
Neste momento horrivel, transe escuro,
Supplicando o favor do ceo divino,
Vemos a náo, com horridos fracaços,
Desfazer-se na penha em mil pedaços.

34.

Ficámos, como o entendes, alagados,
Nadando em meio da procella horrenda;
Uns das ondas se affogam devorados,
Outros na praia em confusão tremenda:
E eis-que os crueis tupís encarniçados
Com frechas se empenharam na contenda,
Por levar-nos da arêa semivivos
Á sorte dos seus miseros captivos.

35.

Muitos vimos dos barbaros comidos,
Alguns dispostos ao funesto occaso,
Afflictos todos nós e esmorecidos,
E esperando qualquer seu triste praso:
Mas de ti sôbre tudo condoidos,
Triste Coutinho, que no acerbo caso,
Depois de triumfar d'Asia assombrada,
Perdeste infelizmente a vida amada.

36.

Tu, que mil vezes no remoto Oriente
Levantaste troféos de glória onustos;
A quem cedêra o Malabar potente
Em armadas e exercitos robustos:
Tu, que foste o terror da índica gente,
Que da Lysia humilhaste aos reis augustos;
Lá estava em tanto a tua sorte escripta
De vires a acabar nesta desdita.

37.

Mais proseguir não pôde suffocado
O bom Garcez em amargoso pranto;
E condoeu-se Diogo, recordado
De ver-se em outro tempo em caso tanto:
E havendo os naufragantes consolado:
Não sou, diz, insensivel, que sei quanto
Acerbo o caso é, cruel o artigo,
E a piedade aprendi no meu perigo.

38.

Recebei entre tanto valerosos
Com magnanimo peito a adversidade;
Conseguireis por transes perigosos
Fazer-vos dignos da immortalidade.
Deixareis monumentos gloriosos
A uma longa e feliz posteridade;
E ganhando obtereis com tanta glória
Um nome eterno nos padrões da história.

39.

Disse o piedoso Heroe, reconhecendo
Ao hispano monarca pelo enviado
O distincto favor, e á mercê tendo
Achar memória no real agrado:
Á náo depois os socios recolhendo,
No Reconcavo entrava desejado,
Onde a vista formosa da Bahia
Com prespectiva amena apparecia.

40.

A ver na estranha náo, que gente aporte,
Desde o interior sertão turba recresce,
E bem que differente em trage e porte,
Catharina dos seus se reconhece:
Entre applausos recebe a nação forte
O grão Caramurú, como merece,
Mostrando pelo amor e reverencia
No antigo affecto a nova obediencia.

41.

Carrega em tanto o lenho desejado
A náo de Du-Plessis, que Diogo estuda,
Que seja em toda a terra obsequiado,
Dando-lhe ao talho da madeira ajuda:
Um carijó porém nisto empregado,
Em quanto a carga em toda a náo se muda,
Uma imagem roubou formosa e bella,
Que a náo venera na interior capella.

42.

Observou-a Diogo na cabana
Tratada dos tupís com reverencia,
Estimando-a por cousa mais que humana,
Que excedia dos seus a intelligencia:
Surprendeu-se da imagem soberana
O lusitano Heróe: e á competencia
Com elles venerando a mãi divina,
Chama a vel-a a piedosa Catharina.

43.

Poz-lhe os olhos a dama; e transportada:
Esta é, disse, é esta a grã Senhora,
Que vi no doce sonho arrebatada,
Mais que o sol pura, mais gentil que a aurora.
Eis-aqui! esta é a imagem venerada:
Este era aquelle roubo: entendo agora:
Oh minha grande sorte! Oh immensa dita!
Isto me quiz dizer a mãi bemdita.

44.

Dizendo assim com ância fervorosa,
Postrada abraça a imagem veneranda:
Beija, aperta-a, e de gôsto lagrimosa
Mil saudosos ais ao ceo lhe manda:
Aqui vos venho achar, mãi piedosa,
No meio, disse, desta gente infanda!
Infanda, como eu fui, se o vosso lume
Não me emendára o barbaro costume.

45.

Olha em tanto suspensa a gente bruta;
E os excessos, que vê, cuidando, admira,
Nem concebe nas vozes, que lhe escuta,
Se prazer seja, se de dor suspira:
Mas como a imagem celestial reputa;
Quanto á dama piedosa obrando víra,
Qualquer á imitação fazer deseja,
E este a adora, outro a abraça, e aquelle a beija.

46.

O lusitano e franco religioso
Veneraram com fé prodigio tanto,
Lembrando-se do sonho portentoso
Com claro indício do preságio santo:
Em quanto o brutal povo numeroso
Tudo nota em um extase de espanto,
Até que a um templo em pompa veneranda
A pia multidão a imagem manda.

47.

Por santa invocação foi acclamada
A Senhora da Graça, e com fé pia
Foi desde aquelle dia venerada
Singular protectora da Bahia:
Igreja primitiva dedicada
Em meio as trévas dessa gente impía,
Memoravel, se a fama é verdadeira,
Porque em todo o Brasil fôra a primeira.

48.

Neste festejo a plebe se entretinha,
E eis-que uma salva se ouve estrepitosa
De grande armada, que estendendo vinha
Galhardetes e flamulas lustrosa:
Tudo ao rumor da frota se encaminha,
Vendo a bandeira tremular famosa,
Que no brazão das quinas representa
A redempção, que o ceo na terra intenta.

49.

Era Thomé de Sousa o commandante,
Que ali governador fôra mandado
Com multidão de gentes abundante,
Para dar fórma ao povo começado:
N'um sítio com mil mangues verdejante,
Que o grão Caramurú tinha habitado,
Da colonia, que ás tabas se assemelha,
O nome nos ficou de Villa-Velha.

50.

Ali por principal constituido
Foi dos tupinambás o claro Diogo;
Das tabas do sertão reconhecido,
Como dragão do mar, filho do fogo:
Catharina por sangue esclarecido
Herda de seus avós o imperio logo,
Convocando á Bahia nesta idéa
Dos seus tupinambás toda a assembléa.

51.

Á taba de Gupeva já habitada,
Onde hoje he Villa-Velha, a turba corre;
Das outras tabas toda a gente armada
Com os seus principaes a ouvir concorre:
Toda a cidade em corpo congregada
Á grande casa concorreu da Torre:
Paço de Catharina, que na empreza
Presidia aos tupís, como princeza.

52.

A seu lado Diogo, e Sousa armado,
Á Camara preside da Bahia:
O clero santo a Deos tendo invocado,
Ouviu-se dos clarins doce harmonia:
A tropa portugueza occupa um lado;
Todo o outro espaço o barbaro cubria:
E em meio a cada casta ali presente,
Brilha emplumado o principal potente.

53.

De varões apostoliços um bando
Tem de innocentes o esquadrão disposto,
Que iam na santa fé disciplinando,
Todos assistem com modesto rosto:
O cathecismo em cantico entoando,
No idioma brasilico composto
Do exército, que Ignacio á igreja alista,
Para emprender a barbara conquista.

54.

Sentíu da patria o público proveito
O monarca piissimo, que impera;
E estes varões famosos tinha eleito
A instruir o Brasil na fé sincera:
Elles toda a conquista houveram feito,
E o immenso gentio á fé viera,
Se cuidasse fervente o santo zêlo,
Sem humano interesse em convertel-o.

55.

São desta especie os operarios santos,
Que com fadiga dura, intenção recta,
Padecem pela fé trabalhos tantos:
O Nobrega famoso, o claro Anchieta:
Por meio de perigos e de espantos,
Sem temer do gentio a cruel setta,
Todo o vasto sertão tem penetrado,
E a fé com mil trabalhos propagado.

56.

Muitos destes ali, velando pios,
Dentro ás tocas das arvores occultos,
Soffrem riscos, trabalhos, fomes, frios,
Sem recear os barbaros insultos:
Penetram mattos, atravessam rios,
Buscando nos terrenos mais incultos
Com immensa fadiga e pio ganho
Esse perdido misero rebanho.

57.

Mais de um verás pela campanha vasta
Derramar pela fé ditoso sangue;
Quem morto ás chammas o gentio arrasta,
Quem deixa a setta com o tiro exsangue:
Vel-os-has discorrer de casta em casta,
Onde o rude pagão nas trevas langue;
E ao ceo lucrando as miseraveis almas,
Carregados subir de inclitas palmas.

58.

Com côrte tanta no sublime paço,
Que a grã Casa da Torre se appellida,
Orando Catharina um breve espaço,
O throno occupa, e as attenções convida:
Tinha emplumada a fronte, e o forte braço,
Como insignia de imperio conhecida,
Um marraque por sceptro sustentava,
Que toda a turba com respeito olhava.

59.

Venturosos paizanos, que o ceo ama,
Disse a dama real, povo disperso,
Que elle ao rebanho seu piedoso chama,
Desde o antigo diluvio em sombra immerso:
Hoje vos quer livrar da averna chamma,
Vendo arrastar-vos do dragão perverso,
Esse grão Deos, que de uma cruz sublime
A pena satisfaz, e a culpa opprime.

60.

Da antiga Lusitania o rei potente,
Acompanhando o sol no gyro immenso,
Vai rodeando todo o globo ingente,
Desde o aurifero Tago ao china extenso:
Por elle a fé recebe todo o Oriente,
O mouro cede de pavor suspenso,
E Europa admira pelo mar profundo,
Que o seu reino menor subjugue um mundo.

61.

Deste grande monarca é tanto o imperio,
Que aonde a propria luz não se encaminha,
Nos limites extremos do hemisferio
O lusitano exército caminha.
A Africa e ilhas, o arabe Cimerio,
Duas vezes passando a immensa linha,
Possue tantos povos, que a contal-os
São mais que os portuguezes seus vassallos.

62.

Este rei glorioso foi o eleito
Por providencia da eternal bondade,
A fazer do Brasil um povo acceito,
E digno de a gozar na eternidade:
Pudéra desta gente o forte peito,
Tendo n'Asia opulenta immensidade,
Estes nossos sertões trocar incultos
Por nações ricas, e terrenos cultos.

63.

Pudéra com as forças, que aqui manda,
Com pouca utilidade, ou mais que fôra,
Domar o roxo mar por toda a banda,
E o reino todo possuir da aurora.
Mas a piedade faz, com que commanda,
Que antepondo o Brasil a tudo agora,
Mostre aos homens, que o impulso que o domina
É propagar no mundo a fé divina.

64.

Generoso pensar! sagrada empreza!
Longe da vã política de estado,
Que se a milicia, se o commercio preza
Não tem da Santa Fé menor cuidado.
Mas o que rege a vasta redondeza,
E a sorte dos imperios tem fixado,
Lá virá tempo em fim que o zelo pague,
E em ouro o Tago do Brasil se alague.

65.

Um rei, se não me engana occulto instincto,
Quando o quarto remir as lusas quinas,
Depois do sexto Affonso e Pedro extincto,
Abrirá no sertão famosas minas:
Fará de ouro Lisboa D. João quinto,
Altas disposições de ceo divinas!
Pois no tremor e incendio, que a ameaça,
Prepara este subsidio á grã desgraça.

66.

Tempo virá, que a dama magestosa
Por soberana a Lysia reconheça,
Epoca illustre, insigne e venturosa,
Em que tenha uma santa por cabeça.
Descerá sobre o reino a paz formosa,
E com a paz fará que a glória desça;
Atlantes tendo do seu regio estado,
Quatro sabios e um inclito prelado.

67.

E tu, monarca justo, do ceo vindo,
Venha-te a palma sobre o empyreo tarda,
E pai da patria ao reino presidindo,
Com zelo a antiga fé nos nossos guarda:
Enche o grão nome, as portas reprimindo
Do monstro averno: que nos fundos arda;
Que deixe Portugal que na fé medra,
E Christo firma sôbre a immovel pedra.

68.

Esta insigne progenie o ceo promette,
Brasil agora rude, aos teus vindouros,
O cóllo humilde em tanto ao rei submette,
E offerece-lhe contente os teus thesouros:
E entre tantas nações, que ao jugo mette
Á sombra Portugal dos verdes louros,
Sem provares da guerra o furor vário,
Chega ao throno a humilhar-te voluntario.

69.

E se princeza me chamais sublime
Dos vossos principaes nascida herdeira,
Se ao grão Caramurú, que o raio imprime,
Juraste vassallagem verdadeira:
Elle da sujeição tudo hoje exime,
Cedendo ao throno luso a posse inteira;
E eu do monarca na real pessoa
Cedo todo o direito, e entrego a c'rôa.

70.

Dizendo assim a dama generosa,
Desce do throno, e o esplendido diadema
Entrega ao Sousa; e toma magestosa
Um baixo assento com modestia extrema:
Pasma o tupinambá, vendo a formosa
Nobre Paraguaçú de claro estema,
Que o seu regio marraque ao Sousa dando,
Despia a pompa do real commando.

71.

Logo o Caramurú na lingua e estilo
Dos naturaes falando ao chefe novo,
Pôsto tudo em silencio para ouvil-o,
O escudo da Bahia mostra ao povo:
A pompa de Noé, que ao noto asylo
Com ramo de oliveira vem de novo,
Dando a entender a paz que á crua gente
Com a fé dispensava o rei clemente.

72.

Este é o titulo, disse, verdadeiro,
Com que occupa o Brasil nesta anarquia
O muito alto senhor D. João terceiro,
A fim que em paz se tenha a turba impía:
Porque ao supremo ser e ente primeiro
Reconheça o sertão, sirva a Bahia;
E porque propagada a fé se veja
No novo imperio, que conquista á igreja.

73.

Disse Diogo, e as quinas tremulando,
Real, Real com voz clama expressiva,
Por D. João monarca venerando,
Principe do Brasil, que fausto viva.
Responde a turba os vivas replicando,
Com tão alto clamor, quo o ouvido priva,
E ao rumor dos canhões e das cornetas
Correspondem a bellicas trombetas.

74.

Então sentado sôbre o solio ingente,
Que já desoccupára a dama bella,
Como governador da lusa gente
Thomé de Sousa cortejado della;
Toma posse legítima e patente
Da Bahia e sertão, e sem querélla
Do habitante, que os campos desoccupa,
Em nome dos seus reis a terra occupa.

75.

Depois ao povo, e illustre magistrado
Por leis do novo imperio manifesta,
Que seja o nome santo venerado,
Que cesse nos sertões a guerra infesta;
Que o homicidio se veja castigado,
Que o antropófago atroz, que a lei detesta,
Que a embaixada evangelica, que envia,
Se ouça com paz; que se honre o qu'a anuncía.

76.

Que o indigena seja ali empregado,
E que á sombra das leis tranquillo esteja;
Que viva em liberdade conservado,
Sem que opprimido dos colonos seja:
Que ás expensas do rei seja educado
O neofito, que abraça a santa igreja;
E que na santa empreza ao missionario
Subministre subsidio o regio erario.

77.

Por fim publíca do monarca recto,
Em favor de Diogo e Catharina,
Um real honorifico decreto,
Que ao seu merecimento honras destina:
E em recompensa do leal affecto,
Com que a coroa a dama lhe consigna,
Manda honrar na colonia lusitana
Diogo Alvares Correa de Vianna.

FIM.

NOTAS.

NOTICIA

DE

JOSÉ BASILIO DA GAMA.

Um desses muitos arraiaes, ao depois convertidos em villas e cidades, levantados d'improviso e como por encanto no seculo passado, ao pé de cada mina d'oiro, que sem cessar topavam os exploradores dos sertões do Brasil, teve a glória de servir de berço ao cantor do Uraguay. Foi no arraial, hoje villa de S. José do Rio das Mortes, duas leguas ao NO. de S. João d'ElRei em Minas Geraes, que nasceu o nosso poeta pelos annos de 1740. Ignorâmos de quem era filho; mas sabemos que seu pai lhe faltou logo aos primeiros annos, e que José Basilio abriu por assim dizer os olhos da razão, presenciando a pobreza de sua mãi, n'uma terra onde o oiro sería talvez o genero mais commum. Esta mesma pobreza foi porém a origem da sua carreira de estudos, e por tanto da reputação que hoje tem o seu nome.

Um religioso leigo franciscano, por caridade para com a desgraçada viuva, trouxe-lhe o filho para o Rio de Janeiro, onde ja se achava em 1754, quando ahi chegaram os indios prisioneiros

do RioPardo, com quem elle conversou sôbre os jesuitas do Paraguay (Urag. 1.ª ed. p. 14). Caindo nas graças de certo bemfeitor (que ha justos motivos para crer fosse o Brigadeiro Alpoim) o tomou este á sua conta, fazendo-o estudar nas aulas dos jesuitas, então nessa cidade quasi as unicas bem organisadas, e que tambem frequentava por essa epoca Ignacio José de Alvarenga Peixoto ao depois ouvidor da comarca do Rio das Mortes, patria do seu amigo. *

Não tardaram estes, sagazes advogados de attrahir á sua ordem os moços que nas aulas davam mostras de mais talento, de angariar por todos os modos o joven discipulo; apezar do seu genio inquieto e boliçoso admitiram-no ao noviciado, pouco tempo antes de se lavrar o decreto da extincção da Companhia. Esse decreto de desterro e desnaturalisação para os padres professos, concedia liberdade e uma congrua de cem reis diarios aos inda não professos, que preferissem deixar o habito. — José Basilio aproveitou-se da concessão, e pela vocação, que já para os estudos tinha, quiz continuar

* Complicado ultimamente na revolução do *Tira-Dentes*, e remettido em segredo para o presidio d'Ambaca, onde faleceu, foi este sem dúvida dos poetas do seculo passado o americano, que abaixo dos nossos dous epicos, melhor encarou a propriedade e inspirações da poesia brasileira, já no canto epico ao nascimento de um governador de Minas, já no Sonho que vem impresso no princípio do Parnaso Brasileiro.

em Philosophia no Seminario do Rio de Janeiro. — Sobrevindo a infeliz morte do seu heroe Gomes Freire, e querendo talvez aquella alma dilatar-se pelo mundo de que tantas coisas havia lido, embarcou-se para Lisboa, e dahi para Roma onde foi empregado em um Seminario, dizem os jesuitas que por influencia delles; mas quanto a nós, quem tinha o seu merito possuia em si mesmo bastante recommendação, até para, independente de protecções entrar, como entrou, na Arcadia Romana, sob o nome de *Termindo Sipilio*. Se bem interpretâmos as suas expressões, foi neste periodo que elle teve a primeira lembrança da sna epopea ao ver que « muitas pessoas o buscavam só para saberem com fundamento notícias do Uraguay, testemunhando um estranho contentamento de encontrarem um americano que os podia informar miudamente de tudo o succedido. A admiração que causava a estranheza de factos entre nós tão conhecidos (acrescenta o nosso poeta) fez nascer as primeiras ideas deste poema » (Urag. 1.ª ed. p. 12). Entretanto cedo se enfastiou José Basilio dos seus apoquentados, e provavelmente uniformes e monotonos, encargos do Seminario Romano, «Improvisamente se retirou para Napoles, veio a Lisboa, e de Lisboa partiu para o Brasil, » onde sendo accusado de ex-jesuita foi preso e remettido para Portugal. Chegando a Lisboa, obrigaram-no em o « Tribunal da Inconfidencia, »

a fazer termo de ir para o reino de Angola, degredo a que elle conseguiu escapar-se por um epithalamio, que então compoz a uma filha de Pombal, D. Maria Amalia, impresso no Parnazo Brasileiro, no meio do qual soube com arte introduzir elogios á familia do primeiro ministro, agoirando-lhe boa descendencia:

> Não lhes mostres na Patria a estranha terra,
> Os antigos illustres que passaram,
> Mostra-lhe o grande Avô, em quem se encerra
> Quanto os heroes da antiguidade obraram;
> E basta-lhe na paz, e em dura guerra
> Que se lembrem um dia, que beijaram
> A mão, seguro arrimo da coroa,
> A mão que da ruina ergueu Lisboa.

Depois de várias recriminações aos jesuitas, e de exultar pelos bens da sua expulsão, diz na penultima estancia:

> Eu não verei passar teus doces annos,
> Alma de amor e de piedade cheia:
> *Esperam-me os desertos africanos*
> Aspera, inculta e monstruosa arêa:
> Ah! tu faze cessar os tristes damnos...!

A súpplica foi ouvida por modo que Pombal, longe de o querer de si distante, o admittiu á sua confiança. E para a merecer devia bastar a José Basilio a publicação do seu poema Uraguay, que principalmente nas notas é a profissão de fé anti-jesuita mais decidida, que poderia exigir o primeiro ministro do rei

D. José, resumida na epigraphe em que compara a Companhia á cova de Caco.

> At specus, et Caci detecta apparuit ingens
> Regia, et umbrosæ penitus patuere cavernæ.
> *Virg. Æneid. Lib. viii.*

Além de que, José Basilio dedicando o poema a um irmão do primeiro ministro, que como governador que tinha sido na America com mais razão podia ser juiz e apreciador de uma obra americana, não se descuidou de tributar igualmente ao mesmo primeiro ministro a homenagem de sua veneração, assim durante o poema, como ainda antes, por meio do seguinte soneto:

> Ergue de jaspe um globo alvo e rotundo,
> E em cima a estatua de um Heroe perfeito;
> Mas não lhe lavres nome em campo estreito,
> Que o seu nome enche a terra e o mar profundo.
> Mostra no jaspe, artifice fecundo,
> Em muda história tanto illustre feito,
> Paz, justiça, abundancia e firme peito,
> Isto nos basta a nós e ao nosso mundo.
> Mas porque póde em seculo futuro,
> Peregrino, que o mar de nós affasta,
> Duvidar quem anima o jaspe duro,
> Mostra-lhe mais Lisboa rica e vasta,
> E o Commercio, e em lugar remoto e escuro,
> Chorando a Hypocrisia. Isto lhe basta.

Ao mesmo irmão do ministro promette o poeta na dedicatoria outra epopea, (que nunca realizou) sôbre o que praticára como governador

do Pará e Maranhão para igual repressão dos abusos dos jesuitas, — dando apenas como ensaio esta, que lhe dedicava :

> Protegei os meus versos. Possa em tanto
> Acostumar ao voo as novas azas,
> Em que um dia vos leve. Desta sorte
> Medrosa deixa o ninho a vez primeira
> Aguia, que depois foge á humilde terra
> E vai ver de mais perto no ar vasio
> O espaço azul, onde não chega o raio.

Pela reedificação de Lisboa dedicou o nosso poeta ao já então Marquez um canto com doze estancias, que antes havia composto. Seguiram-se « Os Campos Elyzios » curto epithalamio offerecido aos Condes da Redinha, que como se sabe se enlaçaram com a familia Pombal, afóra uma immensidade de sonetos dispersos, todos do cunho e fôrça deste author, e cuja recopilação devemos, como das outras suas composições, ao laborioso zelador das lettras brasileiras e collector de seu Parnaso, o Sr. Conego Januario da C. Barboza.

Em 1772 compoz em versos alexandrinos com o nome de « Declamação Tragica » um poema dedicado ás bellas artes, que se pode dizer serem antes lições de declamação dadas a uma primeira dama. Está impresso na principio do 2.° Caderno do Parnaso Brasileiro, com uma epistola sôbre a mesma composição de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga.

José Basilio trabalhou na Secretaria com o Marquez de Pombal, e como official de Secretaria se conservou até á morte, que sem dúvida succedeu no anno de 1795, por quanto havendo elle sido admittido para socio correspondente da Academia das Sciencias de Lisboa em 11 de Fevereiro de 1795, deixa de aparecer nos almanacks da mesma Academia, logo desde o anno seguinte por diante. Morava em Lisboa para a banda de Belem, perto das Secretarias que então eram no *Pateo das Vaccas*, e na freguezia proxima jazerão seus ossos confundidos com os outros.

Bem natural é de julgar-se que não lhe correram os annos da vida aprasiveis. — Em pequeno pobre, orfão de pai, e afastado dos carinhos maternaes; na adolescencia inconstante, errante e sem futuro; na juventude

> «. . . . . perigrinando
> Novos paizes vendo e novos damnos, »

ou como elle proprio diz com Virgilio (*Æneid. viii.*)

> . . . . . . Sævis . . . . periclis
> Servati facimus.

e a final quando os annos lhe pediam descanço d'animo, na epoca de Maria 1.ª, reaccionaria de tudo quanto era do Marquez de Pombal, a ver o seu poema nas mãos de todos os aduladores e invejosos cortezãos, a falar-lhe delle

mais com intenção de o humilhar do que de admirar-lhe o genio. — Ah! Avalie-se quanto não devia isso ser-lhe acerbo!

O autor da *Resposta Apologetica*, andou com pouca generosidade apparecendo com a sua verrina diffamatoria 17 annos depois, em 1786 em que já bastavam os seus receios e tormentos de ficar sem subsistencia, pelos proprios instrumentos da sua gloria! Todavia apesar desse descontentamento ainda elle compoz, em fins de 1791 o *Quitubia*, poema de pouco merecimento, e cujo heroe é um valente conquistador negro contemporaneo, que até elle viu em Lisboa.

O juizo sobre a epopea do Uraguay já mais imparciaes e melhores avaliadores do que nós o deram. — Transcreveremos pois as proprias palavras dos dois primeiros poetas portuguezes contemporaneos:

« O Uraguay de José Basilio da Gama (diz o Sr. Garrett) é o moderno poema que mais merito tem na minha opinião. Scenas naturaes mui bem pintadas, de grande e bella execução descriptiva; phrase pura e sem affectação, versos naturaes sem ser prosaicos, e quando cumpre sublimes sem ser guindados, não são qualidades communs. Os brasileiros principalmente lhe devem a melhor coroa de sua poesia, que nelle é verdadeiramente nacional, e legitima americana. »

. . . . « O autor do Uraguay (disse ainda ha dias o Sr. Castilho) é tanto mais admiravel em nos captivar com a sua narrativa, quanto o aspecto que no seu bifronte assumpto preferiu, não era, como facilmente se comprehende, nem o mais fecundo, nem o mais sympathico: — pelo que bem podemos dizer — que em tudo com que nos enamora, só o consegue pela fôrça de seu proprio talento, pelos seus recursos individuaes, e esses passos nem são poucos nem de pouca monta. O terremoto de Lisboa e a expulsão dos jesuitas, mostrados na agua do vaso mysterioso pela feiticeira Tanajura, a morte da virtuosa Cleopatra americana, a amavel Lindoya, bastariam sós per si para grangearem ao autor assento entre os bons poetas.

« Outro é porémo verdadeiro louvor de Basilio da Gama. Foi elle o que estreou, primeiro em Portugal e dos primeiros na Europa, a poesia do mundo novo. . . . Tantas e tão contrapostas maravilhas como a natureza e a fortuna ás mãos cheias disparsiram nessa terra, hontem virgem, já hoje desposada com o mundo velho e pejada de uma nova civilisação, hão-de vir a ter a final um e muitos cantores, que as celebrem e as façam cobiçadas: onde ha o grande e o bello apparece logo a poesia.

« Então porém é que os nomes de Basilio da Gama, e de Fr. José de S. R. Durão, depois de eclipsados os seus poemas por muitos de

maior valia absoluta, hão-de receber o devido apreço : os seus mesmos vencedores lhes cederão parte das suas palmas ; não entraram ás delicias da terra da promissão ; mas condusiram para lá o povo por meio do deserto e, como o capitão propheta dos hebreus, expiraram depois de lh'a ter mostrado. »

A acção do poema não chega a durar meio anno, desde 17 de Janeiro de 1756, dia em que se faz a promoção no campo das Mercês até meado do mesmo anno ; e se acha toda historicamente desenvolvida por Southey no cap. 39 da sua obra, e pelo Sr. Visconde de S. Leopoldo no cap. 3.º dos *Annaes do Rio Grande*. O heroe, que já pertencia a familia de heroes, foi um dos homens mais virtuosos do seculo passado ; o assumpto é nada menos do que o facto que mais contribuiu para a total extincção da companhia de Jesus, o que tudo faz que seja o poema de interesse universal; por isso nos abalançâmos a vaticinar que mais tarde ou mais cedo passará elle ás linguas estrangeiras, completando o vaticinio do proprio poeta, quando ousa dizer, com o maior vigor de uma elevada immodestia, nascida da intima convicção, com que aplandia a poetica emanação da divindade, que lhe visitava a alma :

« Serás lido Uraguay. Cubra os meus olhos
Embora um dia a escura noite eterna
Tu vive, e gosa a luz serena e pura. »

e n'outro logar :

« Genio da inculta America, que inspiras
A meu peito o furor que me transporta ;
Tu me levantas nas seguras azas :
Serás em paga ouvido no meu canto.
E te prometto que pendente um dia
Adorne a minha lyra os teus altares. »

Remataremos esta noticia com a corôa, que na fórma costumada no seculo passado, lhe teceram dois poetas seus amigos, e que não ha motivo para que fique de fóra nesta edição. Se fossemos a comprehender aqui toda a correspondencia poetica, não sobejaria o logar para muitas das composições, que do Rio de Janeiro lhe dirigia o outro Alvarenga (Manoel Ignacio da Silva —), tambem filho do Rio das Mortes (villa de S. João d'ElRei) È o primeiro dos sonetos que publicâmos, composição do Dr. J. I. de Seixas Brandão, formado em Montpellier e depois medico das Caldas :

Parece-me que vejo a grossa enchente,
E a villa errante, que nas aguas boia :
Detesto os crimes da infernal tramoia :
Chóro a Cacambo e a Cepé valente.
Não é pressagio vão : lerá a gente
A guerra do Uraguay, como a de Troya,
E o lagrimoso caso de Lindoya
Fará sentir o peito, que não sente.
Ao longe, a inveja um paiz ermo e bronco
Infecte com seu halito perverso,
Que a ti só chega o mal distincto ronco.
Ah! consente que o meu junto ao teu verso
Qual fraca vide, que se arrima a um tronco
Tambem vá discorrer pelo Universo.

e o segundo do Dr. I. J. de Alvarenga Peixoto, já mencionado.

Entro pelo Uraguay: vejo a cultura
Das novas terras por engenho claro;
Mas chego ao templo magestoso, e paro
Embebido nos rasgos da pintura.
Vejo erguer-se a Republica perjura
Sôbre alicerces de um dominio avaro;
Vejo distinctamente, se reparo,
De Caco usurpador a cova escura.
Famoso Alcides, ao teu braço forte
Toca vingar os sceptros e os altares;
Arranca a espada, descarrega o córte.
E tu, Termindo, leva pelos ares
A grande acção; já que te coube em sorte
A gloriosa parte de a cantares.

—

CANTO 1.º

Pag. 16 v. 16. — Caetano ou Cattaneo é provavelmente uma contracção de Caetano: assim se apelidou o autor de umas cartas em francez sobre estes acontecimentos do Paraguay, que o poeta devia conhecer, pois que foram publicadas em 1756. — E em allemão se publicaram ellas nesse mesmo anno na obra de *Muratorius*.

Ib. v. ib. — Andrade — É o heroe do poema Gomes Freire de Andrade, ao depois Conde de Bobadella, que falleceu no principio do anno de 1761.

Pag. 9 v. 6. — Almeida (O Coronel José Ignacio de —)

Pag. 10 v. 14. =

« Novas especies de fundidos bronzes,
« Que amiudam etc. »

Refere-se o poeta ás primeiras peças de amiudar, que então passaram ao Brasil.

Ib. v. 22. — Menezes (O Coronel Francisco Antonio Cardozo de —), que ao depois foi Governador da Colonia.

Pag. 11 v. 1. — Alpoim (José Fernandes Pinto —), ao depois Brigadeiro, director de vá-

rias obras e edificios do Brasil v. g. dos palacios do Governo no Rio de Janeiro e na capital de Minas, e A. dos dois livros *Exame de Bombeiros* e *Exame de Artilheiros*, que se julgam impressos no Rio de Janeiro, se bem que nelles se lêa ter sido a impressão feita em Madrid.

Ib. v. 9. — Vasco (— Fernandes Pinto Alpoim) filho de precedente, e amigo do poeta, que morreu moço em uma embarcação, perdida vindo da Colonia para o Rio.

Ib. v. 19. — Mascaranhas (Fernando —), Capitão de granadeiros, que na epoca da publicação do poema (1769) servia no Senado.

Ib. v. 24. — Castro. Refere-se ao Tenente Coronel Gregorio de Castro Moraes.

Pag. 12 v. 14. — Pena é que o autor, entre tantas explicações que faz nos não diga quem é este poeta Matuzio, e, que nos obrigue a recorrer a uma satyra um tanto rasteira *, para justificar que foi creatura que existiu.

* Referimo-nos ás *Cartas Chilenas*, na primeira das quaes se redicularisa um certo Matuzio criatura do Governador do Rio de Janeiro que dá o assumpto á satyra das cartas, as quaes em nosso entender por modo algum se podem attribuir ao poeta Dirceu, delicadamente apaixonado pela sua Marilia, sem grave injustiça á memória de Gonzaga; tanto mais, quando o mesmo A. que se intitula *Critillo*, parece que nos quiz tirar d'essa dúvida, visto que na carta 3.ª, antes de fazer menção de si, refere-se ao mesmo Gonzaga, nestes versos;

Pag. 14 v. 1. — A partida do Heroe do Rio Grande, segundo lemos em um officio seu, ao Marquez de Pombal de 23 de Setembro de 1754, effectuou-se a 28 de Agosto (não Julho) desse anno.

Ib. v. 7 — É o Rio Jacuy.

Ib. v. 11 — Balsas e pelotas — Vej. a Est. 51 do *Brésil* de Denis, e pag. 169 no texto. São especies de barcas feitas de couros de boi, puxadas adiante por nadadores indios que as tiram por um cabo que levam nos dentes. Chamam-se *banguês* nas provincias de Piauhy, Ceará etc.

O nosso bom Dirceu talvez que esteja
Com os pés escondidos no capaxo
Mettido no capote a ler gostozo
O seu Virgilio, o seu Camões e Tasso.

É provavel que todos estes nomes de Matuzio, Critillo, o proprio Dirceu, e os mais mencionados nas Cartas como Dorotheu, Altimidonte, Floridoro eos outros fossem os de guerra da *Academia dos Selectos* fundada na Rio de Janeiro em 1752.

E seriam as *Cartas Chilenas* as satyras injustas feitas ao Conde de Bobadella pelo versejador Domingos Barboza Caldas, que foram causa do degredo deste com praça assente para a Nova Colonia? O Matuzio quer dizer que sim, já que para Minezio só mui longe se vai achar um Menezes. Os papeis que existem da Sociedade dos Selectos dirão talvez melhor quem era Critillo.

CANTO 2.º

Pag. 18 — O nome *Cepé* encontramos nos historiadores mais vezes escripto Sepé. E parece que verdadeiramente este indio se chamava José Tyarayú. — Note-se que acção a que se allude neste argumento não foi propriamente commandada pelo Heroe, mas apenas travada por 300 homens seus, entre Santa Tecla e Batovi — Vej. *Ann. de S. Pedro* pag. 76 e 77.

Pag. 22 v. 24 — Com as expressões de « commercio da folha e pelles » allude o poeta á *erva do mate*, que se vende e exporta em surrões de couro.

Pag. 27 v. 27 — Balda (O padre Lourenço —), cura do Povo de S. Miguel, e um dos chefes mais tenazes dos indios. —

Pag. 30 v. 11 — O tal Governador de Montevideu era D. José Joaquim Viana. Vej. Southey (3, 479) —

Pag. 31 v. 8. — Este facto confirma Echavarri (2, 238).

CANTO 3.º

Pag. 44 v. 16 — *Serpente* era o nome de uma náu feita no Rio de Janeiro com madeiras embutidas de muitas côres e qualidades etc. Ao lançar-se ao mar compoz José Basilio

um soneto que vem impresso no 1.º T. do Parnaso Brasileiro (3, 25). Chamou-se depois a mesma náu — S. Sebastião.

Pag. 45 v. 26 — Refere-se ao P. Gabriel Malagrida, cujo tragico e inquisitorio fim é bem conhecido.

CANTO 4.º

Pag. 48 — Chama-se cidade para ir com o poeta; trata-se do povo de S. Miguel dos Indios, onde entraram a 16 de Maio de 1756.

Pag. 53 v. 15 — O nome *Tedêo* seguimos sempre como fôra escripto pelo poeta; melhor se escrevêra *Thaddeu*, pois que se quer nomear o jesuita *Thaddeu Ennis*, cura do povo de Santo Stanisláo, e A. d'um diario desta guerra escripto em latim.

Pag. 50 v. 8. — Blasco era o Marechal D. Miguel Angelo Blasco, depois Engenheiro mor do Reino.

CANTO 5.º

Pag. 64 v. 5 e 7. — Referencia aos Henriques 3.º e 4.º de França.

Pag. 65 v. 4 e 5. — Com estas « brancas vélas, com estranhas divisas nas bandeiras » allude o poeta a um galeão ou fragata que os jesuitas possuiam no Brasil, a titulo de ser para as visitas do Provincial; porém que na realidade

se occupava do commercio de cabotagem, e por tal modo que quando se achava á carga, « estavam ociosas todas as outras embarcações, » apezar de serem os fretes da jesuitica mais caros, a titulo de ir a fazenda mais segura, attenta uma profecia do veneravel Anchieta, que elles fizeram espalhar, de que nunca o seu navio iria ao fundo. E para não perderem esse prestigio, que ja tinham alcançado, quando por velho o fizeram encalhar, mandaram pregar algumas das taboas como reliquia, no que de novo mandaram construir. Trazia flamula e bandeira da Companhia; tinha excellente artilheria; ao entrar e sair dos portos era salvado com cinco tiros a que correspondia com tres, e nas alfandegas não pagava direitos. O poeta diz que o viu muitas vezes e até o visitou (J. Bas. 1.ª ed. pag. 94 e 95 e *R. Apolog*. pag. 248 e seg.)

Ib. v. pen. — Tâmisa emendámos nós; pois só a engano se póde attribuir o chamar-se-lhe Tamega, que é rio de Portugal.

Ib. v. ult. — Nesta conjuração allude aos Padres Garnet e Eduardo Oldecorne — (Pag. 99 da 1.ª ed., e pag. 281 e seguintes da *R. Apolog*.)

NOTICIA

DE

Fr. JOSÉ DE S. RITA DURÃO.

Se um dos modernos arraiaes da provincia de Minas foi o berço do poeta epico do Brasil, que primeiro se fez conhecido, em outro similhante arrayal tambem dos mesmos sertões, havia já alguns annos antes visto a luz o cantor do Caramurú. Nem que a providencia quizesse logo presentear com dois genios essa porção de territorio de constituição talvez mais antiga (segundo os factos geologicos recentemente observados) do que todo o restante da terra visitada, territorio que já a mesma providencia dotára de tanto oiro, — e que, livre de prognosticos, se póde bem asseverar ser o devido foco para a concentração da nacionalidade e civilisação brasileira, * que dahi radiaria melhor para toda a

* Não é este o logar proprio para tratar do assumpto, que se vai encabeçar com a da melhor situação da futura Universidade brasileira; requer elle muitissimo desenvolvimento para ser apresentado com toda a evidencia: deixemos por ora só em profecia que sendo Minas o estomago do Brasil, nunca será vigorosa e genuina litteratura, que dahi não tire as fôrças, o vigor, a origem. — Com effeito se está recebido em these que em paizes

parte, descendo com as aguas dos grandes rios que lá tem seu berço e cabeceiras, e depois crescem e tomam corpo, e estendem possantes braços para direções oppostas.

José Durão era nascido na Cata-Preta, arraial

tropicaes nas chadas ou rechanos elevados tem os habitantes mais actividade, e o clima se presta mais aos trabalhos do espirito, o que até comprovaram os indigenas americanos, no Mexico, Perú etc. — a nenhuma provincia do Brasil tocará melhor o apanagio desse foco de lettras e sciencias, dessa tão indispensavel Universidade, do que a Minas, até pela excessiva abundancia e barateza do necessario á vida. — Neste caso o saudavel e prospero local, e a maior facilidade de communicações em todos os raios, apontam para S. João d'ElRei.

Qual dará mais garantia de futuras feições nacionaes uma cidade no córação do estado, ou outra maritima sempre desnacionalisada pelo contínuo aparecimento de vasos com bandeiras differentes e pronúncia de linguas estrangeiras? — Onde haverá mais especialidade de um caracter proprio nos campos e mattos sem iguaes, ou ao pé da agua salgada que vai lamber as praias de todo o mundo? — No sertanejo de ponche, e bota mineira, ou no *dandy* vestido á ingleza e penteado e perfumado á franceza? De mais em regra qualquer estado, quando não for primeira potencia maritima, tem mais seguras e livres as cidades do sertão do que as maritimas, de insultos e provocações estrangeiras . . . A introducção dos caminhos de ferro e o tempo dicidirão mesmo se não convirá e muito que o Rio de Janeiro, conservando como é impossivel que não conserve para sempre, o emporio do commercio, ceda por vantagem sua e do imperio que a capital . . . . . Mas nada de nos mettermos em questões que não terão de certo escapado á meditação dos homens d' estado, e que nem são para aqui, nem da nossa competencia.

de N. Senhora da Nazareth do Infeccionado, quatro leguas ao norte da cidade episcopal de Marianna. Ignorâmos porém a filiação, anno do nascimento e primeiros estudos do A. do Caramurú; e o seu nome e naturalidade conhecemos talvez só porque elle os publicou no seu livro. Tambem sabemos, por elle assim o declarar, que era religioso professo na ordem dos eremitas de Santo Agostinho, isto é, graciano; mas ignorâmos se essa profissão fez antes ou depois de 1756, anno em que se doutorou em Theologia na universidade de Coimbra, segundo informação que a tal respeito obtivemos de um erudito lente da mesma universidade o Snr. Dr. Nunes de Carvalho: mas é certo que se não tinha já professado, como é muito natural, o fez logo, pois que em 1758, na sé de Leiria prégou elle em acção de graças pelo restabelecimento do rei D. José, escapo da mysteriosa scena de 3 de Setembro, * um sermão que lhe grangeou pública nomeada.

Tinha premeditado uma viagem á Italia, quando para a realisar se lhe proporcionou uma occasião, obrigada segundo se crê. Em 1762 appareceu em Leiria uma pastoral do bispo D. João da Cunha fulminando os jesuitas expulsos, e diz-se que o nosso poeta se

* O texto de que se serviu foi : « *Benedictus Deus tuus qui conclusit homines, qui levaverunt manus suas contra Dominum meum Regem.* »

esqueceu de modo que o bispo era irmão do seu provincial Fr. Carlos da Cunha, que para não ser por este perseguido teve de sair do reino. Quaes fossem os motivos para essa premeditada perseguição não sabemos ao certo. Diz-se que foi a indiscrição do talentoso theologo noviço de revelar e até jactar-se haver elle sido autor da pastoral assignada pelo prelado.

Duvidâmos que essa fosse a causa, já porque não reputâmos no caracter do nosso epico essa deshonrosa revelação, arrogando-se uma obra de que não careceria para sua reputação, já porque dos seus versos (C. X, est. 53 e seg.) colligimos que elle nutria a respeito dos jesuitas sentimentos oppostos aos do seu contemporaneo A. do Uraguay. E mais provavel achâmos que elle criticasse e não compozesse uma pastoral contra jesuitas, e que essa critica lhe trouxesse receios de perseguição dos agentes do Marquez de Pombal. O certo é que passando-se a Hespanha com intentos de seguir para Italia, foi preso por espia ao atravessar aquelle reino, que acabava de declarar a Portugal, essa guerra, que terminou logo depois com o pacto de familia, assignado em París em princípios do anno seguinte.

Apenas o soltaram seguiu para o seu destino de ir visitar a Italia; no que podêmos acreditar quanto interesse devia pôr tanto elle como

o seu patricio José Basilio, ambos tão seguidores de Virgilio, e tão lidos ambos na litteratura de

. . . . il bel paese
Ch' Apennin parte, il mar circonda e l'Alpe.

definição da Italia deixada por Petrarcha, que serve de epigraphe á Corina, e que o nosso poeta José Basilio adopta (cant. 3 ° pag. 45.)

Em 1772 reformou-se a universidade de Coimbra e foi nomeado reitor D. Francisco de Lemos seu contemporaneo, compatricio, e amigo pelo modo como delle se lembra o poeta (C. X. est. 79) — E ou esta nomeação, ou alguma outra circumstancia que fez a Durão desviar os seus receios, o trouxe de novo a Portugal, e veio propor-se a um concurso de oppositor em theologia. Em 1778 devia ter sido recentemente admittido na mesma universidade, pois foi no mencionado anno quem recitou a oração de sapiencia na abertura, o que de ordinario toca aos oppositores mais modernos. D'esse interessante discurso impresso no mesmo anno, em 4.°, com o titulo = *Josephi Duram Theologi Conimbricensis O. E. S. A. pro annua studiorum instauratione oratio* = se confirmam as suas viagens a Italia. Se bem que ás vezes empolado e com uma ou outra hyperbole, passa por uma das mais eloquentes peças em latim, que se tem proferido em tal acto de ostentação solemne. Por vezes é sublime; algumas em-

prega tal concisão, que em poucas palavras encerra muita belleza e philosophia. Tal é a pintura que faz dos melhores reis portuguezes, que longe de se conservarem sempre na sua côrte, visitavam de contínuo as terras interiores do seu reino, como um bom pai de familias que vai ver seus filhos já homens, delle apartados para crear e felicitar novas familias. « *Hæc indoles, hæc facies, hæc primeva gentis nostræ lex erat* » diz depois o orador-poeta.—Toca nas sciencias com variada lição e de não vulgar conceito, e em referencia aos antigos descobrimentos portuguezes diz que pelos exforços do principe navegador, nasciam no seu tempo « ilhas com o nascer dos dias. »

Foi provavelmente só depois deste anno que Durão começou o poema Caramurú impresso em 1781—e que consta por tradição ter sido concluido em muito pouco. José Agostinho de Macedo, que então o conheceu e foi até seu confrade, testemunhou a muita facilidade com que Durão compunha, de ordinario descançando em um sitial de pedra junto á ribeira de Cozelhas, que passava na cêrca do seu convento, a que pertencia esse ameno valle que ainda não ha muito, fomos de novo visitar. Ahi era visto muita vez dictando com a maior facilidade ao amanuense, certo pardo liberto que elle trouxera comsigo do Brasil, e a quem no ac-

cento patrio, que nunca perdeu, chamava *Bernardo*. Veio assim o Caramurú a apparecer doze annos depois do Uraguay, e póde bem crer-se que este último concorreria a lembrar a composição daquelle, ao menos na mixtura e têmpera das côres. Nenhuma referencia faz porém a isso Durão. Depois da epigraphe tirada d'Ovidio (Metam. XV),

« Et quoniam Deus ora movet, sequar ora moventem.
Rite Deum »

diz apenas = « Os successos do Brasil não mereciam menos um poema que os da India. Incitou-me a escrever este o amor da patria. Sei que a minha profissão exigiria de mim outros estudos; mas estes não são indignos de um religioso, porque o não foram de bispos e bispos santos; e o que mais é, de santos padres como S. Gregorio Nazianzeno, S. Paulino e outros. »

Se bem que foi o livreiro Du-Beux quem tratou dessa primeira edição com a imprensa, segundo consta da escripturação desta casa, cremos que durante ella se achava o poeta já em Lisboa, por quanto nesta cidade faleceu elle pouco depois no hospicio do *Collegiinho*, pertencente á Graça, na rua dos Cavalleiros. Na Igreja do mesmo hospicio foi enterrado, proximo dos degraos que da capella mór vão para o claustro; segundo o testemunho do honrado P. M. Fr. João de Saavedra, hoje com 77 annos

de idade, e que era noviço quando no inverno de 1783 a 1784, segundo sua lembrança, veio o mestre dos noviços pedir um P. N. e uma A. M. pela alma do Padre Mestre Fr. José de Santa Rita, que acabava de fallecer. Por informação de outro religioso da mesma ordem, o Rev. P. M. Fr. José de Lima, que vive em Coimbra com oitenta e tantos annos, consta que em mãos de seus confrades existiam cópias de muitos sonetos, versos lyricos e até jocosos do mesmo Durão, que este não consentira que fossem impressos, e que naturalmente se perderam com a suppressão dos Conventos.

A maior prova do genio do autor do Caramurú a dá elle quanto a nós na maneira, como soube levantar e tornar epica e heroica uma acção e um individuo, que o não eram. A dicção do poema é sempre elegante e clara : a metrificação facil e natural; e em todos os elementos necessarios ao poeta se mostra Durão merecedor de tratar dos mais sublimes assumptos. Todavia o *amor da patria*, como elle mesmo diz, incitava-o a escrever um poema em que tratasse dos *successos do Brasil;* e percorrendo a Historia não achou elle assumpto mais digno para a sua *Brasiliada* do que o de « um heroe na adversa sorte. » O facto maravilhoso do Caramurú ainda então não corria averiguado, e houve mesmo quem ultimamente combatesse o ter acontecido, o que só depois de muito tra-

balho conseguimos provar n'uma dissertação, intitulada O Caramurú perante a Historia, de que daremos abaixo um excerpto. Em algumas circumstancias da fabula se verá o poema, apesar de guiado seu A. por Vasconcellos, Brito Freire e Pitta, arredado do que averiguamos; mas todas essas differenças podêmos nós hoje tomar como liberdades poeticas, sem attendermos ás intenções do autor. Já não assim nos episodios em que o mesmo poeta se converte ás vezes como o grande Camões em um historiador em verso, d'ordinario minucioso em demasia, embora nos dê elle tudo amenisado « com a viveza que tinha de imaginação » para nos servirmos das expressões com que o conceitua o Sr. Castilho « com a alma affectuosa que o animava, com o seu estylo facil e ao mesmo nobre, e com a sua versificação commummente boa e ás vezes muito boa.... »

Em nossa opinião o acolhimento público, a popularidade, ainda não fez justiça ao merito do Caramurú. E oxalá tenham sido disso origem só as causas que hoje procurâmos remover. Todavia ainda assim tão pouco tem havido a seu respeito indifferença dos bons juizos, que faça desconfiar o vir para o futuro a ser tão popular como merece. José Agostinho apreciava-o tanto que chegou a ser accusado pelo seu antagonista Pato Moniz de o ter a logares imitado; —Bocage, segundo o testemunho de nosso

amigo e consocio o Sr. Doutor Francisco Freire de Carvalho, ainda pouco antes de fallecer contava o Caramurú, como um dos livros mais queridos da sua minguada livraria ; — o Sr. Vicente Pedro Nolasco da Cunha, autor de tantas obras em verso, a nós mesmos nol-o recommendou como o primeiro epico portuguez abaixo de Camões.

E passando a invocar authoridades dos que vivem : o Sr. Engène Garay de Monglave traduziu-o em francez ; o Sr. Ferdinand Denis é de opinião que indicando elle ja então bem a tendencia da poesia americana, é uma « epopéa nacional brasileira que interessa e enleva ; » o Sr. Garrett escreve que « onde o poeta se contentou com a simples expressão da verdade ha oitavas belissimas, ainda sublimes ».

E pois que o nosso fraco juizo se não póde proferir ao pé dos de tantas summidades litterarias, ousâmos invocar a memoria do mais fino critico em litteratura dos tempos modernos, de Schlegel, e pelos laços de nacionalidade que unem os nossos nomes, quizeramos entrecalar entre as suas linhas os que ousâmos formular segundo os seus principios. Porventura Schlegel que recommenda as estancias de Tasso pelo sentimento cavalleiroso de honra, de que estão repassadas ; e as de Camões pela inspiração ardente do heroismo nacional, não estremaria as de Durão pela uncção edificante, e pintura do amor casto ?

Não imaginâmos creatura mais religiosa do que Diogo Alvares, nem mais castidade do que a de sua espôsa, virtuosa Eva de Milton, terna como a Herminia de Tasso. E serão sempre lidas com prazer as pinturas do naufragio, do homem civilisado a par do selvagem, do muribundo, da anthropophagia, dos dez mandamentos, e os preparativos para um sacrificio do canto 1.º; a descripção de uma aldea de indigenas no canto 2.º (est. 58 a 68); a existencia de Deos no canto 3.º; além das mui conhecidas passagens do episodio de Moema, e das descripções da cana d'assucar, do tabaco, da mandioca, da sensitiva, do ananás, do coco, da priguiça, do camaleão, etc.

O CARAMURÚ PERANTE A HISTORIA.

(Fragmento.)

Quasi todas as Nações offerecem exemplos, nos primeiros tempos da historia da sua civilisação, de contos maravilhosos, que as acalentaram no berço, e depois entretiveram a fan-

tasia de seus povos, em quanto estes não tinham de si muito que dizer. Ha nesses contos quasi sempre um fundo verdadeiro: nem era possivel a quem tinha pouco de que historiar esquecer-se de um feito extraordinario praticado por homens mais eminentes de corpo ou de espirito, ou oriundos de gente de maior illustração, que os simplices aborigenas selvagens deviam de ter venerado como creaturas de outra especie, — como deuses ou semi-deuses.

Formado assim um verdadeiro mytho heroico, propaga-se tomando corpo de geração em geração; frequentes vezes se tem até fundido no nome de um só individuo os successos notaveis occorridos a differentes pessoas. O povo não está á espera de que apareçam chronistas e historiadores com esta cathegoria, para publicar um facto que lhe aguce a curiosidade. — Depois d'elle succedido, conta-o, torna-o a contar: a poesia o vai enfeitando, a imaginação enriquecendo, associando, e no fim de annos tem a história saido desse chaos — dessa Babel de linguas já outra, — sempre para mais maravilhosa e estupenda. E tanto mais o fôr tanto maior certeza terá de ferir a imaginação e tocar os corações, — especialmente do sexo que recolhe mais intimas estas sensações, e que depois nol-as transmitte com o leite. O historiador só aparece mais tarde, quando já o povo se tem constituido e adiantado em civilisação; mas desse facto que ao povo

interessou, e pela fórma que lhe interessou, já elle tem registada a historia n'um archivo muito mais popular, e não menos duradouro que os documentos escriptos em pergaminho: — é o da tradição.

Quantos exemplos não poderamos citar de crenças destas, tradicionaes, das quaes algumas já derrubadas pela justa e severa critica entre o pequeno número dos que n'uma nação frequentam os livros, se conservam todavia e conservarão para sempre no vulgo; e até para mais nos corações desses mesmos a quem a convicção e a razão estão doutrinando em contrário! Quando as crenças se radicam uma vez, não é facil extirpar-lhe as raizes. Fazem uma religião, cujos sectarios se não achassem terra que lhes servisse de patria, prefiririam antes perigrinar errantes como os discipulos de Moysés do que deixar-se exterminar pelos intolerantes descrentes da sua seita. — O Rei Arthur, Carlos Magno e seus doze pares, O Cid campeador e até o Rei D. Sebastião vivem para a história differentemente do que para a poesia e crença popular. Succede como na Mythologia: todos sabemos que ha nesta uma parte historica, e outra imaginativa; aprendemos até nas escolas a distinguil-as: entretanto quando lemos um poeta classico acreditamos com igual fé assim as entidades que tiveram uma existencia historica, como as propriamente fabulosas. Quem

nos dá a verdadeira fé é a magia do poeta, que melhor sabe tocar-nos vibrando-nos as cordas do sentimento. . .

Exporemos primeiro o que de documentos authenticos constar, deixando á natural e singela expressão delles e á luz da critica guiar o resto, e quando evidentemeute seja provada a existencia do denominado Caramurú, o que até agora tem corrido entre dúvidas e mal provado ; procuraremos esclarecer até onde nos for possivel a questão especial da sua decantada viagem á França. . . . .

Desembaracemonos pois de quaesquer prejuizos, que nos tenham deixado as leituras dos nossos historiadores a tal respeito, em quanto os não passamos a analysar ; ponhamos tambem de parte ainda com maior razão, as imagens e invenções do poema, e vamos desprevenidos prescrutar documentos que serão tanto mais seguros quanto concordes e bons accusadores dos desvios por que se encaminharam aquelles outros incoherentes e anachronicos.

A notícia mais antiga que possuimos a respeito da existencia de um christão residindo só na Bahia de todos os Santos, offerece-nos na sua importante collecção (T. 5.º Doc. X) o Snr. (hoje fallecido) Navarrete, na relação que publíca de Francisco d'Avila, do que passou a náo S. Gabriel da conserva de Garcia de Loaisa (de que fazem menção Barros Dec. 1.ª

part. 1.ª liv. 2.º cap. 2.º, e Couto Dec. 4.ª part. 1.ª liv. 3.º cap. 3.º), em quanto ainda junta com D. Rodrigo da Cunha, entrando na dita Bahia no 1.º de Julho de 1526, da qual quando saía observa (Ibid. pag. 231) que « *halló à la boca* » *de la Bahia um christiano que decia que* « *habia* 15 *annos que se habia perdido alli con* « *una nào.* »

Segue-se pela ordem chronologica o testemunho do nosso donatario Pedro Lopes na dita Bahia entrado com seu irmão Martim Affonço aos 13 de Março de 1531, e que se expressa deste modo: « Nesta Bahia achámos um homem « portuguez, que havia 22 annos que estava « nesta terra; e deu razão larga do que nella « havia. »

Vem depois pela mencionada ordem o testemunho de Herrera (V, — 8, — 8), referindo-se ao anno de 1535: « *En la Bahia de los Santos hallaron un portuguez que dixo que avia* « 25 *annos que estaba antre los indios.* »

Eis pois tres documeutos, cada um de fonte diversa apurando o facto de que desde os tempos de 1510 até o de 1535 estivera na Bahia entre os indios um christão portuguez, perdido de um naufragio. Mas note-se que nenhum dos tres escriptores usa se quer de alguma expressão que deixe a menor dúvida de que o mencionado europeu tivesse interrompido esses 25 annos com alguma saída ou viagem á Europa:

pelo contrário são neste ponto bem expressos, principalmente os dois ultimos que só falam de estada ou persistencia na terra e entre os indios; e de certo que se tivesse havido durante esse tempo alguma viagem para França, nenhum delles vindo depois, deixaria de o mencionar.

Por tanto já daqui tinhamos provas de tanta evidencia, quanta se póde exigir na história, sem cair no vicioso sceptiscismo, de que esse tal christão até o anno de 1535, não tinha ido nem para França nem para paiz algum, mas pelo contrário vivera sempre com os indios desde o anno de 1510, em que ahi ficára de algum naufragio, que não admira tivesse logar, quando já a costa era tão frequentada de navios no trato do pau brasil, trafico de escravos indigenas, aves e animaes do paiz; se bem que a respeito do modo como elle ahi podia ter ficado apresente o Snr. Navarrete (na nota da pag. 170 do T. 5.º) uma opinião, que não deixa de merecer toda a acceitação. Diz este sabio historiador que no archivo geral das Indias de Sevilha, entre os papeis trazidos de Simancas (Legajo 3.º dos rotulados = *De relaciones y descriciones*) existe mal tratada uma relação original feita pelo capitão general Diogo de Garcia das derrotas e navegações, que fez na 2.ª viagem ao Rio da Prata desde a sua saída da Corunha em 15 de Janeiro de 1526; e nella menciona como na 1.ª viagem que fizera 15

annos antes, perdêra uma caravella. Ora se elle nessa primeira viagem tambem partiu da Galliza, poderia a tal caravella sem difficuldade ter recebido a seu bordo Diogo Alvares, que não só até hoje era tido como minhoto e natural de Vianna (não sabemos com que fundamento); mas até encontrâmos um documento, em que vemos que elle pelos primeiros colonos era tratado com a alcunha de *Gallego*, epitheto com que os das provincias meridionaes de Portugal apodam os filhos das do Norte, comprehendendo os proprios Portuenses, que se destinguem por uma pronúncia agallegada, a qual especialmente se manifesta nas trocas da articulação *b* em *v* e vice-versa.

No Brasil como a maior fôrça de colonos emigrantes de Portugal são os que vão do Minho, foi ampliada a accepção do vocabulo, chamando-se muita vez indistinctamente gallegos aos filhos do Reino.

Mas o Diogo Alvares pode ser mesmo que justificasse a alcunha com a assistencia, que teria tido na Galliza, se é que lá se embarcára. O documento, em que como dissemos se dá a Diogo Alvares a alcunha de Gallego, é uma carta do donatario Pero do Campo Tourinho, escripta ao rei D. João 3.º de Porto Seguro aos 28 de Julho de 1546, e existente em Lisboa no Archivo da Torre do Tombo (Part. 1.ª maç. 78, D. 45 do Corp. Chron.), a qual revela mais

algumas circumstancia de que nesta dissertação aproveitaremos : na integra desta carta que passâmos a transcrever dispensar-nos-hemos dos escrupulos em seguir a orthografia antiga, que fazendo aquella menos intelligivel, para o nosso fim, lhe não podiam dar mais authenticidade uma vez que apontâmos onde se pode ver o authografo, e diz assim :

« Senhor. A Bahia, capitania de Francisco
« Pereira Coutinho, se despovoou per razão do
« gentio della lhe dar guerra haverá um anno,
« e elle se veio aqui onde ora está, sem nunca
« pôr nenhuma diligencia acerca de a povoar;
« e ora sou informado por um Diogo Alvares,
« o gallego, lingua, que lá era morador, que
« daqui foi em um caravellão á dita Bahia,
« que se fôra dahi uma náu de França havia
« dous ou tres dias, os quaes fizeram amisade
« com os Brasis, e levou toda a artilheria e
« fazenda que ahi ficou e concertaram com os
« Brasis de tornarem dahi com quatro ou cinco
« naus armadas, e muita gente a povoar a terra
« por causa do Brasil e algodões que nella ha,
« e reedificarem as fazendas e engenhos que
« eram feitos, e por o tal não ser serviço de
« Deos, nem proveito de V. A., antes destrui-
« ção de todo o Brasil, eu mandei ao dito
« Francisco Pereira da parte de V. A. — logo
« se embarcar para esse Reino, e fazel-o saber
« a V. A. : e por não ir o faço saber a V.

« A., e lhe mando um instrumento disso para
« com brevidade prover como for seu serviço.
« E para guarda e conservação do Brasil e
« de toda esta costa fiz já Manuel Ribeiro,
« portador capitão do mar por ser pessoa apta
« e para o tal habil e pertencente e para o
« serviço e cousas que cumprem a V. A. muito
« diligente.
« Beijarei as mãos de V. A. por ser cousa
« que tanto cumpre a seu serviço provel-o de
« artilheria, polvora, de munição de guerra,
« que para o tal serviço é muito necessario;
« porque ainda agora ao presente se mostra
« tão pobre que não podemos fazer nada sem
« ter favor e ajuda sua: e tanto que os enge-
« nhos se acabarem, espero em Deos, — V.
« A. ter aqui um novo reino, e muita renda,
« em breve tempo. As mais novas desta terra
« por o portador será V. A. na verdade infor-
« mado por ser para isso. — Deste Porto Segu-
« ro, onde fico beijando suas Reaes Mãos. —
« Hoje 18 dias de Julho 1546. —*Pero do Campo
Tourinho.* = »

Deixando pois de parte a questão de como iria ter á Bahia o seu primeiro povoador europeu « por data dos senhores da terra naturaes e direito das gentes » como celebremente se expressa o Padre Simão de Vasconcellos, é certo que desta carta de Tourinho se vê que fôra em 1545 que Francisco Pereira Coutinho do-

natario da Bahia « por data d'elrei e direito real » abandonou na mesma o logar fortificado que ahi tinha, e o qual depois se chamou Villa Velha. Ora segundo Gabriel Soares (P 1ª cap. 28.º) o mesmo Pereira habitára este logar com os mais colonos, por tempo de sete ou oito annos consecutivos: por esta conta vem o mesmo donatario a ter dado principio á sua colonia, indo a ella, pelos annos de 1538 ou 1537, epoca esta cuja fixação nos interessava muito, por quanto não é crivel que o colono europeu e christão, que por tanto tempo habitára sozinho entre indios canibaes, houvesse de saír da terra justamente na occasião da chegada dos seus patricios, que lhe vinham offerecer soccorros, mercês espirituaes e corporaes, e que muito dependiam como dependeram das suas informações e auxilios, e com os quaes se poz em tanta harmonia. Repugna á razão que o serviçal acolhedor dos outros portuguezes viesse a metter-se em um navio francez, considerado corsario, como fugido, pois apenas de tal maneira poderia nelle entrar impunemente, só para voltar á Europa, quando já a terra era mais frequentada de navios da sua nação, e que elle devia preferir poder ver antes a sua terra natal, os seus parentes e o seu Rei, do que outro paiz onde nunca estivera, e cuja lingua devia ignorar.

Tambem se manifesta da carta transcripta

acima que Diogo Alvares partíra da Bahia para Porto Seguro, d'onde como bom lingua e bem aparentado naquella terra, voltou novamente a ella em um caravellão enviado, ao que parece, para sondar as novidades. Tambem na mesma carta se descobre a repugnancia que encontrava Francisco Pereira de voltar á Bahia, nem que o coração lhe presagiasse seu desastroso fim. « Tão esforçado cavalleiro que não haviam podido render os Rumes e Malabares na India » como se expressa o exacto e minucioso Soares, ou

« Depois de Triumfar da Asia assombrada »

como diz Durão (x, 35) sentia quebrantar-se-lhe o ânimo com a idea de se ver em combate com authropophagos, ameaçado de não ter seu corpo sepultura em sagrado, senão nas fauces de homens feras ; e nem as instancias, nem os ameaços de Pero do Campo seu par, o faziam saír da Capitania dos Ilheos, onde dava graças a Deus de ter chegado com vida. Instava Pero Campo que fosse para o Reino ; mas naturalmente levado do capricho recusou, e animou-se de resolução para voltar de novo á sua capitania, convidado tambem para isso, segundo Soares, pelo proprio gentio, a titulo de que para o resgate viam agora como lhe interessava ter taes visinhos. Assim o descreve o poeta no Canto x est. 31.

Mas os tupinambás, melhor cuidando,
Com promessas os nossos convidavam,
Com mil amigas provas protestando
De conservar a paz que antes guardavam.
Creu o infeliz Coutinho, celebrando
Pactos, que segurança a todos davam;
E sem temor de mais, voltar queria
Ao Reconcavo antigo da Bahia.

Resolveu-se pois a embarcar em companhia de Diogo Alvares, e ao entrar na Bahia teve a desgraça de dar á costa sobre os baixos da Ilha de Taparica; e tendo conseguido escapar á furia dos mares, indo para terra não escapou á dos desleaes Tupinambazes, que o assassinaram e a outros mais do cararavellão, « *do qae* « *escapou Diogo Alvares com os seus com boa* « *linguagem* » segundo o mesmo Gabriel Soares (P. 1.ª cap. 28), que accrescenta n'outro logar (P. 2.ª cap. 2.º) como depois deste naufragio celebrára o mesmo Diogo Alvares contracto com o gentio, para ir de novo habitar o sitio em que vivia « onde se fortificou e recolheu com « cinco genros que tinha, e outros homens que « o acompanharam os quaes *ora com armas*, « *ora com boas razões* se foram defendendo e « sustentando. »

Este modo de expressar de um autor tão digno de conceito, e o successo em si, dão-nos todas as probabilidades de que a esta occasião e não á sua primeira chegada á Bahia em 1510, é que se refere a acção, heroicamente

cantada, que o immortalisou sob o nome de Caramurú, e que até o poeta Durão suppõe ter sido « *feita quasi no meado do seculo XVI.* » — E á propria epopea convem que seja esta opinião acceite, pois não a contrariando em circumstancia alguma, antes ganha mais em ser a duração della de obra de tres annos do que de 39; uma vez que o de 1549 da chegada de Thomé de Sousa, termina o poema, se não adoptassemos o princípio da acção maravilhosa d'este naufragio de 1547, viriamos remontar necessariamente ao de 1510.

O certo é que este nome *Caramurú* só, deste naufragio de Francisco Pereira em diante começa a apparecer, e nada embarga a poder-se asseverar que elle só então praticaria o facto do tiro da arma de fogo que espantou e impoz tanto terror aos indigenas. Nem se nos opponha que já então o estampido daquella não podia fazer muita novidade, por se deverem ter a elle familiarisado nos sete ou oito annos, que ahi estivera Francisco Pereira Coutinho; visto que o caso se podia ter passado com outra horda recemchegada do certão, onde andavam tão nómadas como ainda hoje, em alguns districtos em que vivem no estado selvagem. Muito mais tarde diz Vasconcellos (Chron. n. 52) que os indios se haviam retirado « parte com o *espan-* « *to das armas de fogo (que elles admiram),*

« parte com razões efficazes de eloquentes lin-
« guas etc. »

Sabemos que o triste fim de Francisco Pereira tendo feito devolver á Coroa a sua capitania, D. João 3.º talvez instruido por informações vocaes do tal Capitão do mar Manuel Ribeiro recommendado por Tourinho, resolveu tomar a si a colonisação da Bahia, enviando-lhe Thomé de Sousa, com os primeiros jesuitas que passaram ao Brazil em a frota que lá chegou em Março de 1549, e achou (segundo o citado Soares) ao Caramurú com os seus companheiros, que ahi se tinham sustentado contra os indios. — E no mez logo immediato ao dessa chegada Manuel da Nobrega, principal daquelles padres (a quem denominavam o *gago* por defeito que tinha na fala) escrevia uma carta, que com outras existe por cópia n'um importantissimo livro dellas existente na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro; na qual diz o mesmo para o Reino que contava aprender a lingua indigena..... « com
« um homem que nesta terra (Bahia) se criou
« de moço, ho qual agora anda muy ocupado
« em ho que ho Governador lhe manda, e não
« está aqui. Este homem com hum seu genro
« he ho que mais confirma as pazes com esta
« gente, por serem elles seus amigos antigos.
« Tambem achamos hum principal delles ja
« christão baptizado, etc.

Semelhantemente se confirma em outra carta, que está impressa na colleção que se publicou, sem declarar-se o logar da impressão, mas provavelmente em Coimbra, no anno de 1551, (*) na qual se lê a fol. 11 v.

« En esta capitania halle un hõbre de bue« nas partes antigo en la tierra, y tenia dõde « escrevir la lẽgua de los indios, que fue pera « mi grande consolacion. »

Em quanto não produzimos adiante mais um documento da mesma origem, para tirar de todo os escrupulos com a designação expressa do seu nome, ácerca da dúvida de identidade do nosso heroe no homem, a quem alludem os dois trechos acima, não passaremos sem fazer já os necessarios commentos ao primeiro delles. Em primeiro logar aquellas muitas occupações referidas por Nobrega são comprovadas pelo testemunho do tantas vezes citado Soares que diz (P. 1.ª Cap. 1.º), que por mandado de Thomé de Sousa o mesmo « Diogo Alvares « quietou o gentio e o fez dar obediencia ao

(*) Eis fielmente o titulo desta collecção: *Copia de unas cartas embiadas del Brazil, por el padre nobrega de la companhia de Jesus: y otros padres que estan debaxo de su obediencia: al padre, mestre Simon preposito de la dicha compañia en Portugal: y a los padres y hermanos de Jezus de Coimbra. Tresladadas de Portuguez en Castellano Recebidas el año de M.D.LI.* » (gothico). Ha dellas um exemplar na Bib. Pub. de Lisboa (B — 10 — 30.)

«governador e offerecer-se ao servir, o qual «gentio em seu tempo (de Alvares) viveu «muito quieto e recolhido, andando ordinaria-«mente trabalhando na fortificação da cidade «a troco do resgate que por isso lhe davam.» Em segundo logar o falar-se em «*um genro*» indica que ja em 1549 o Caramurú tinha pelo menos uma filha casada; por tanto maior dos 13 annos, o que faz remontar a união a 1535, epoca em que o diario por que se guiou Herrera nada accusa de haverem os seus pais abandonado a terra. Dos genros do Caramurú temos os nomes de Affonso Rodrigues natural de Obidos, marido de Magdalena Alvares, Paulo dias Adorno, dito de Filipa Alvares (Jaboatão, Chron. Cap. 7.º p. 14), e de João de Figueiredo Mascaranhas, dito de Appollonia Alvares. (*Mem. da Bahia* do Sr. Accioli T. 3.º p. 235).

Em último logar registemos na lembrança o fim do periodo acima para ficarmos sabendo que já antes da chegada de Thomé de Sousa, tinha havido na Bahia gente da terra baptisada, e por tanto quem baptizasse.

Recapitulando quando havemos desenvolvido tiraremos em resumida conclusão:

1.º Que Diogo Alvares, domiciliado na Bahia desde os annos de 1510, ahi residira entre os indios consecutivamente até 1535.

2.º Que desde 1538, em que ao mais tar-

dar chegou á Bahia a colonia do seu Donatario, repugna igualmente que elle desamparasse os seus patricios, que lhe tinham vindo trazer sociabilidade, e tão dependentes estavam do seu auxílio e conhecimento da lingua e da terra.

3.º Que tal repugnancia augmenta, a converter-se em evidencia, a contar do anno de 1546 em diante, quando o vemos figurar como mensageiro de Pero do Campo á Bahia, salvar-se ahi do naufragio em que ficou o Donatario, e depeis paliando « ora com armas, ora com boas razões » estar ainda incolume á chegada do Governador Thomé de Sousa em 1549.

4.º Finalmente que continuando elle deste anno em diante, a prestar aos jesuitas os bons officios, que estes se não esquecem de memorar, succede que nesta occasião a colonia se assensentou ali por uma vez, e nenhum navio de francezes, frequentando embora outros portos do Brazil, se atreveu mais a afrontar o da capital do estado de maneira que durante os oito annos que se seguem até á sua morte, tomando-a como succedida na epoca em que assevera Casal de 1557, não podia elle por fórma alguma ter-se embarcado na Bahia em um navio francez.

Por esta exclusão de partes parece vir a ficar só aos tres annos desde 1535 a 1538 a possibilidade de ter elle saido fóra da Bahia, afim de ir a França para se casar com a india

reginula da terra e sua amante, nos Paços reaes desse Reino, tendo por padrinho e madrinha os soberanos, como se tem querido asseverar: todavia é justamente para este periodo e os annos seguintes, entrando pelos do reinado de Henrique 2.º que tem maior applicação um argumento, que não deixará de produzir igualmente afim de corroborar a negativa que já concluimos para os annos anteriores mais proximos: referimo-nos á falta total de alguma notícia ou informação, que mencione ou indique um facto, o qual aliás devia fazer-se notavel naquella côrte para excitar, não só a curiosidade de algum minucioso narrador chronista francez com *Bellay*, mas ainda mais o ciume, rivalidade e ressentimento dos agentes portuguezes então residentes em França, os quaes, desde o embaixador até ao infimo espia, estavam todos interessados em tomar nota de um facto como era já a chegada de um navio francez vindo do Brazil, e o acolhimento decidido dado a um seu habitante de tantos annos, quanto mais dessas estrondosas ceremonias de casamento e baptisado que tão suspeitosas se lhes deviam tornar. Correndo porém a immensidade de despachos, officios, cartas particulares, informes e mais papeis que se escreveram de França respectivos ás minimas occorrencias, que então se passavam ácerca das negociações pendentes daquelle Reino com Portugal, e que

na melhor parte tinham por mira a sustentação da posse inauferivel do Brasil (começada a disputar pelos mesmos meios, que a mesma nação ainda nos ultimos tempos, contra todo o direito reconhecido por ella mesma, fez com a Guyena) é que se collige a impossibilidade da existencia de tal acontecimento que ninguem contestou; quando se tivesse succedido, tão notorio era elle, que deveria apparecer noticiado por mais de uma pessoa, e em mais de uma carta; como vemos a respeito de outros de menos importancia n'esses mesmos tempos.

Pela leitura desses papeis chegámos a estar quasi diariamente presenciando tudo quanto ácerca de objectos analogos se passava em França. E justamente no anno de 1535, o dia 1.º de Agosto foi o apresentado por Francisco 1.º para a reunião dos dois juizes de cada lado, destinados a julgar das reclamações das duas partes, os quaes todavia só depois se poderam juntar. Por esse tempo e depois estava ordinariamente em Lyão o embaixador Ruy Fernandes: em París e depois em Bordeus vigiava zelosamente o incansavel Doutor Diogo de Gouvea, que pelas suas muitas relações, lettras, e estima naquella côrte onde fôra educado, e pela posição social que lhe dava ahi a regencia de um collegio, andava sempre muito bem informado de quanto occorria, e não era descuidado na sua correspondencia e deveres

para com a sua patria. Da Rochela communicava o que havia Fernão Rodrigues Pereira, e tão minucioso costuma ser que não occultaria um só boato, que a tal respeito corresse. Pouco depois instalou-se em Bayona o juizo ou commissão mixta, e não é provavel que nem os juizes commissarios, nem os de seu sequito tivessem de tantos requerentes portuguezes algum, que contasse os aparatosos recebimentos. —Ha de mais no Real Archivo de Lisboa (Corp. Chr. P. 3.ª M. 14 D. 37) uma carta de um João Fernandes Lagarto (que diz de si que com esta última alcunha se ficára chamando por escapar ao perigo de um tal reptil) escripta a D. João 3.º em seis folhas de papel na qual lhe relata muita coisa que víra na côrte do Rei de França, a quem falára ácerca de navegação do ultramar, mappas, terra dos Bacalhaus (Terra Nova) etc., e não deixaria de dar do Brazil notícia tão curiosa, quando a tivesse presenciado ou ouvido. Taes correspondencias continuam a sustentar-se ás vezes por novos individuos durante os annos seguintes, e em nenhuma temos até hoje encontrado uma só referencia a tal respeito. Ora todos estes argumentos negativos teem em boa crítica a fôrça dos positivos, uma vez que não apparece um só individuo, uma só memória escripta, que apresente em contrário uma afirmativa, que faça argumento positivo, essencial de ser

combatido por outros igualmente positivos. O mesmo dizemos a proposito dos annos anteriores mais proximos, em que o silencio, a respeito das particularidades em questão, que guardaram os navegantes que accusam ter encontrado na Bahia o Caramurú, é reforçado pelo das correspondencias de Jacome Monteiro enviado a França pelo rei D. Manuel, das do mencionado Gouvea, dos despachos do embaixador João da Silveira, de Gaspar Vaz, e das cartas de tantos outros que figuram nas primeiras questões a respeito de piratarias dos francezes no Brasil, etc. etc.

Conservâmos porém ainda de reserva um documento que a nosso vêr é mais terminante; pois que em tempos posteriores (pelos annos de 1555) se diz nelle que havía 40 a 50 annos que o Caramurú, velho honrado, andava *entre os indios*, sem nada se mencionar de tal facto, como era natural ja pela sua notoriedade, ja porque esclarecia que se devia abater nesta conta alguns annos de estada fóra em uma viagem á Europa, etc., etc. É esse documento uma carta escripta tambem da Bahia por mandado do mesmo Nobrega existente n'uma collecção da Bibliotheca Pública d'Evora, a qual teve a bondade de nos subministrar o nosso amigo o Sr. Rivara, e póde ser se ache igualmente transcripta no volume do Rio de Janeiro: diz assim o periodo que nos serve a fol. 189:

«O Padre Nobriga ordenou com o bispo
«que fizesse com Diogo Alveres (por lingua dos
«indios *Caramolu*), a ho qual tem grande cre-
«dito os Indios por auer corenta a sinquoenta
«ãnos que anda antre elles e ser velho honrra-
«do, que andasse pellas aldeas com os padres
«prometendo-lhe ordenado delrej, o que ao
«bispo pareceu muito bem e logo ho poz em
«obra e lhe falou e assi se fara e esta concer-
«tado ir hum dia destes por todas as aldeas a
«pregar contra ha abusão que esta semeada
«antre elles e declarar-lhes a verdade e ades-
«ser (*ita*) pai dos que se converterem.»

Á vista do exposto vemo-nos obrigados a confessar que acreditando sem a minima dúvida na existencia do Caramurú, que até agora pela falta de conhecimento dos documentos muitos contestavam, temos cada vez mais motivos para crer que essa viagem a França, que a seu respeito espalhou a tradição devia ter algum fundamento. A tradição é vaga, compõe, associa, romancea, despreza o chronologia, reune ás vezes dois entes em um so, creando monstros, mas poucas vezes inventa. Ora convem saber-se que houve com effeito um europeu, lingua dos indios, que foi levado a França em certa náo desta nação, e que delle faz tambem memória o mesmo Gabriel Soares, que é dos antigos o quem nos transmittiu mais assentadas notícias do Caramurú: diz pois

aquelle benemerito escriptor quinhentista no Cap. 9.º da P. 1.ª:

« Neste Rio Grande achou Diogo Paes de « Pernambuco, lingua do gentio, um Castelha- « no entre os Pitiguares, com os beiços furados « como elles, entre os quaes andava havia mui- « to tempo, o qual se embarcou em uma náo « para França, porque servia de lingua aos « Francezes entre o gentio nos seus resgates. »

Aqui está quanto a nós explicada a tal enfeitiçada viagem do Caramurú a França. Um mysterioso Castelhano arrojado, sabe Deos como, e desde quando, no Rio Grande do Norte era lingua do gentio visinho, com quem os Francezes ficaram tratando, ainda depois da colonisação portugueza na Bahia, e outros pontos; e algum navio destes o levou a França. A tradição com o tempo registou só o facto; lembrou-se do que succedêra a um lingua do gentio; mas esqueceu-se do nome do individuo e da data do successo, e confundiu. Eis o caso já corrente e intelligivel o erro. Mas não deixemos escapar mais um argumento que neste logar nos occorre. Soares distingue bem dois individuos, quando explicou que este Castelhano se fizera botocudo, o que ninguem disse nunca do Caramurú; — ora se elle deu importancia e menciona a circumstancia da ida a França daquelle, não a contaria tambem deste se ella tivesse tido logar?

. . . .

CANTO 1.º

Est. 1.ª v. 3. — Que Diogo Alvares fosse o primeiro a explorar e descobrir o Reconcavo da Bahia, como melhor se explica no Cant. 6.º Est. 70, é quasi impossivel de contestar-se; porém a propria Bahia não; que ésta fôra descoberta em 1502.

7.ª — v. 5. e seguintes — O poeta allude aos nomes de Mathias d'Albuquerque, João Fernandes Vieira, Barreto de Menezes, e os Correas e Sás, todos célebres nas guerras do Brasil, como adiante trata.

10.ª — v. 2. — A *Serra dos Orgãos* é um ramo da extensa Cordilheira que orla a Costa Brasilica, e fica pelas as immediações do Rio de Janeiro.

32 — v. 5 e 6 — Chama o poeta vinho as bebidas fermentadas de sumo de cajú, côco, etc.; e *Catimpoeira* a bebida feita do milho fermentado etc.

34 — v. 9 — Este episodio (até est. 66) sôbre a metamorphose da estatua da Ilha de Corvo, teve fundamento no incontestavel facto de haver sido achada na dita Ilha a mesma estatua na occasião de seu descobrimento. Era esta, equestre á vista das provas dadas pelo teste-

munho de Damião de Goes (Chr. do Princ. D. João cap. 9), P. Ant. Cordeiro (Hist. Ins. liv. 9, cap. 5.º), Severim de Faria etc.—Vej. O *Espect. Port.* de José Agost. de Mac. T. 2.º p. 187 e 188; e na *Rev. Litt.* do Porto de 15 de Nov. de 1838, um art. do defunto Patriarcha de Lisboa.

45 — v. 2 — *Tupá* era o nome que os indigenas davam ao trovão, que elles temiam, e tomavam por ente todo poderoso, que os podia castigar. Era a sua divindade; de modo que serviu depois para traduzir na lingua delles a idea de Deus.

CANTO 2.º

Est. 11 v. 5 — *Anhangá* entre os indigenas significava o ente malfazejo, ou diabo.

18 v. 1.º — Além das montanhas colloca o poeta autorisado em Martinière, o paraiso dos indigenas.

33 v. 7 — *Paiaiás* nome que corresponde a nobres ou principaes.

35 — v. 7 — *Emboaba* ou *Imboaba* era o apelido, com que a gente da terra denominava e em algumas provincias ainda se denominam os Europeos. Quer dizer calçudo, por ser o vestuario das pernas o que mais novidade fez aos indigenas.

45 — e 46 — *Caramurú* é no Brasil uma especie de tremelga muito grande (de dez e mais palmos de comprido) cuja mordedura é perigosa * a ponto de fazer apodrecer e gangrenar as mãos e pernas dos que della são feridos. Assim não admira que os indigenas, que sempre guardavam certa propriedade nas alcunhas, designasem figuradamente com tal nome a primeira espingarda que viram; era esta outro offensor tambem esguio e de analogo comprimento, igualmente saído do mar, e fazendo estremecer tudo quanto offendia. A espingarda lhes fazia, pelo som e vibração do ar, effeito analogo ao da descarga electrica da tremelga: por ampliação poderiam depois applicar o nome do instrumento ao seu portador. — Etymologicamente não pode *Caramurú* significar nem *Filho do trovão*, nem *dragão do mar.* Trovão diz-se *tupã*; filho, *tayra*; de modo que *Filho do trovão* fôra *Tupã tayra*. Dragão era coisa de que nem tinham idea os pobres indigenas.

10 — v. 7 — *Mair ma apadú* escreve Martiniére, ser o *salve* dos indigenas; porém deve

* « Il y a le *Caramourou* assez semblable à l'Anguille, long d'vne brasse et demie et gros à proportion: il se trouue aussi ordinairement soubs les rochers; il est fort bon, mais sa morsure est bien daugereuse. » (*Hist. de la Mission des Peres Capvcins etc. par le R. P. Cl. d'Abbeuille; Paris*, 1614: *f.* 246.)

notar-se que esse era o usado para os francezes, que os indigenas chamavam *Mair*. Aos portuguezes denominavam elles *Perós*.

73 — v. 7 e 8 — *Uiçu de peixe* era uma especie de farinha de peixe; e *cauin*, uma bebida como a que n'outro logar se chamou catimpoeira.

CANTO 3.º

Est. 24 v. 2 — *Tamandaré* na tradicção indigena correspondia a um Noé.

36 v. 1 — Esta ave a que o poeta fiado provavelmente em Martinière atribue essas missões de correio, é segundo elle diz o beija flor.

68 — v. 4 — *Taba* é palavra brasilica que significa aldea.

72 v. 3 — Ainda que não quebraremos lanças pelo nosso poeta defendendo-o como extremado e escrupuloso puritano nos vocabulos, tambem não desejaremos que o condemnem, pelo uso de uma ou outra palavra que só a discussão posterior tem feito banir. O verbo *subir* no sentido de soffrer, se bem que regeitado pelo illustre philologo, cuja perda e honrosa amisade ainda lamentâmos, vem do latim *subeo*.

80 v. 8 — *Sumé* era o nome de certa creatura que em tempos antigos apparecêra entre os indigenas, e os instruíra entre outras cousas no preparo da mandioca. Os jesuitas com as

ideas de S. Thomé de Meliapor, quizeram que elle tambem tivesse estado no Brasil: e por que diziam devendo os apostolos prégar pelo mundo todo para obedecer a Jesus Christo, só S. Thomé podia ter ido á America; e ahi segundo elles deixou pégadas em varios logares.

CANTO 4.º

Est. 14 v. 5 — Este nome *Margates*, bem como alguns outros que neste canto se seguem de *Ovecates*, *Tamviás*, etc.; os quaes parece que sofreram adulteração (talvez sendo tirados de francez Martiniére, que já os teria aproveitado de algum livro latino, que alteravam muitas vezes nomes proprios) provalvelmente dizem referencia aos *Margaiás*, *Ouétacás*, e *Tamoios*. — *Maques*, *Vialanos* e *Tumimris* não sabemos quaes nações fossem.

21 — Nesta oitava quiz o poeta fazer memória da sua terra, querendo que de lá viessem tambem batalhões de indigenas á Bahia.

24 — v. 6 — O. A. não nos diz donde soube este nome *Tacape*, para significar a espada indigena, afim de podermos confirmar se em prosa deve ter accentuada a última syllaba: por quanto o Dicc. Bras. (p. 37) chama-lhe *Alángapéma*, e Vasconc. (Liv. 2.º N.º 17) *Tangapéma*.

25 — v. 5. — *Marraque* era uma especie de chocalho ou cabaça cheia de pedras, etc. que fazia de instrumento. *An Maracá?*

40 — v. 4 } *Uapí* era segundo o A. outro instrumento deguerra, e *inubia* uma
80 — v. 3 } trombeta, que o Dicc. Bras. p. 77 designa por *memby*.

CANTO 6.º

Est. 29 — v. 3. — *Contenho* diz a 1.ª Ed. em vez de *contento*; e não podia deixar de ser erro typographico.

CANTO 7.º

Est. 49 — *Uruçú e tarajaba* se lê erradamente na primeira edição por *Urucú* e *tatajuba*.

55 — v. 8 — Tambem erradamente se lê *suraranas* por *suçuranas* ou *suçuaranas*. Vej. Pitta (p. 36), Cazal (I, 66), e Cor. Paraense pag. 26.

68 — Por *berupiras* emendámos outrosim *bejupirás*, peixe que bem conhece toda a pessoa que este no Brasil.

Tambem deviamos talvez emendar *pampanos* em *panpanás*; mas não ousámos na dúvida de haver tambem aquelle nome: a *panpaná* é o conhecido *peixe martello*, especie de *squalus*.

CANTOS 8.°, 9.° e 10.°

Em toda a história do Brasil nestes cantos explicada, seguiu o poeta a Simão de Vasconcellos, Francisco de Brito Freire e Sebastião da Rocha Pitta. — Entretanto para qualquer dúvida ou curiosidade poderá o leitor consultar com mais vantagem a história de Rob. Southey.

APOSTILLA

ÁCERCA DESTA EDIÇÃO.

Não foram ambições vãs de sermos editores de obras ja impressas a causa mai desta edição. Nem tão pouco a annuencia a intenções semilhantemente inglorias de outra ordem lhe foi madrasta, nem sequer tocou de madrinha no titulo novo, sob que aparecem comprehendidas as duas primeiras epopeas de assumptos brasileiros e autores filhos do Brasil. Tambem não podemos afirmar ser da mesma edição origem a míngua, que dos mesmos poemas houvesse no gyro digamos bibliopolico; quando todos sabem que de um e outro já se tem feito tres edições completas, não contando impressões de excerptos, traducções etc. — Do Uraguay foi publicada a 1.ª edição em 1769, a 2.ª em 1811, e a 3.ª em 1822; sendo ésta última e a primeira em Lisboa, e a 2.ª no Rio de Janeiro. O Caramurú estampado em dois mil exemplares em 1781, estava ultimamente raro quando a um tempo recebeu duas reimpressões; a de 1836 em Lisboa e a de 1837 na Bahia. — Assim bem é de ver que esta quarta edição de um e outro aparece tambem sem pretenções á especulação. Que incentivos, que pretextos ou causas plausiveis a promoveram? La vamos.

Sem deixarmos de notar que apezar de não serem raros, nem um nem outro dos dois poemas, estava cada um delles (com detrimento da popularidade de seus autores) menos ao alcance de todas as posses do que ficará este livro contendo ambos, confessaremos que o mais poderoso incentivo que tivemos para esta empreza, foi o desejo de concorrermos para maior glória e brilho dos dois poetas, apresentando-os livres de certa prosa mesquinha que os empoeirava. Foi a conveniencia, que julgámos da maior importancia, de fazer ouvir os altos sons da tuba heroica da conquista e pacificação do Uraguay, sem o acompanhamento fastidioso de um rouco maracá, sacudido, na epoca da guerra contra os jesuitas, por um seu alumno rebellado, e sem a desafinação contínua da cegarrega da lisonja para a familia Pombal, cujo chefe nessa epoca, por assim dizer empunhava o sceptro. Foi a pena, a mágoa, o tedio de que nos possuiamos cada vez que abriamos o Caramurú (nas tres primeiras edições em tudo iguaes), vendo o poeta religioso, que velára por nos edificar com seus versos, descido das alturas em que fazia soar a trombeta epica, a vir em prosa pedir ao povo perdão por prégar sem ser no pulpito, ou por usar das palavras peregrinas de que carecia, tratando assumptos tão novos. Não falemos já em quererem ambos explicar-nos as significações de mate, jacaré,

embira, mandioca, etc. que hoje encontrâmos melhor em Moraes, que tambem era filho do Brasil, e neste então ja reino preparou uma das edições do seu Diccionario, com grande vantagem para as explicações de coisas brasileiras, que nelle introduziu.

Ainda mais. Ha nestes dois poemas toques em pontos delicados, que o vago da poesia não consentiu que os versos ferissem no mais melindroso; ao passo que logo que a prosa se intromette com alguma nota offende tudo. Quando por morte de Marquez de Pombal a influencia dos jesuitas começou a querer levantar-se de novo, e julgou dever atacar o Uraguay depois de passados dezesete annos sem se defenderem de tantos ataques, o A. da *Resposta Apologetica*, longe de ir ao texto, viu mais favoravel a abertura de brecha pelas notas. E no Caramurú nomes ha de tal modo escriptos e accentuados, e passagens de tal fórma narradas, que precisam da salva-guarda da liberdade poetica, que na prosa se taxaria de erro.

Mas para que cançar o leitor com o desenvolvimento de todo o nosso sentir a tal respeito, quando talvez já elle o sinta do mesmo modo ou ainda com mais fôrça? Propendemos a assim julgar; pois é provavel que todos estejam prevenidos com as expressões de um conhecido escriptor da epoca, o qual como bom poeta que é, deve ter a favor da sua autoridade a pro-

pria experiencia. Eis pois o que a tal respeito nos revela em um de seus excellentes prologos o Sr. Castilho:

« Supposto, por algumas vias, possa convir a um escriptor o dar rasão de si, e de seu escripto, sempre com tudo é inegavel, que nesse humanar-se e descer á familiaridade de toda a gente, como que desautoriza, e, em grande parte anulla o seu proprio personagem poetico. Quando de um grande varão só nos ficaram os seus versos, cria-se e ama-se uma illusão maravilhosamente favoravel á sua glória; por quanto toda a vileza e mesquinhez da proza, que era a parte miseravel e caduca, por onde se apparentava com o pó, com o vulgo, e com a vida, desapparece; e só fica, para nos representar o seu nome a parte nobilissima, etherea, immortal do seu sujeito, — o genio. »

Desejavamos que o periodo transcripto fosse o sello d'oiro, com que encerrassemos esta nossa Apostilla; mas é preciso dizer mais duas palavras sôbre ella mesma, as quaes servirão de codicilio, contendo o mais que haja a dizer. De caso pensado não quizemos em prologos nem em anteprologos, em prefacios e advertencias, em proemios e prolegomenos, aparecer perante os leitores benevolos e não benevolos, tomando dianteira aos nossos recommendados: preferimos deixal-os ostentar primeiro sós e só cantando, ainda que para nos justificarmos disso

foi preciso introduzir apostilla, á falta de *postfacios* e *postlogos*. — No entregar os poemas á reimpressão recommendámos que a orthographia (alias já irregular nas primeiras edições) fosse a mais usada e commoda para a maioria dos leitores d'hoje, com a accentuacção nos casos duvidosos, se bem que por em quanto muita vez ainda esqueceu. Os argumentos que precedem todos os cantos são redigidos pelo nosso compatricio maranhense o Sr. A. J. da Serra Gomes, que se dignou associar-se comnosco nesta empreza. As biographias e notas, insignificantes como são, levaram-nos tempo, que diremos sempre bem consumido, por havermos apurado alguns exactos esclarecimentos, principalmente ácerca da história até agora quasi mythologica do Caramurú.

20 de Julho de 1845.

F. A. de Varnhagen.

FIM.

CORRECÇÕES ESSENCIAES A FAZER.

A pag.	*lin.*	*emende-se:*
28 —	2	Jardim
52 —	antep.	Jardim
76 —	19	— *Jove*
82 —	7 e 17	— ceval-os . . . têmpera
86 —	2	— encostando-*se*
87 —	20	— Incorpor*ar*-te
*175 —	5	— P'raguaçú
*181 —	5	— Se algum se chega mais, por imprudente,
*227 —	7	— immovel e tanto
*242 —	8	— offerece
*260 —	20	— onde
288 —	7	— charéo
317 —	17	— *M*arte
*344 —	15	— que dê confia
347 —	1	— *Van*-Schop
*378 —	ult.	— Brasil *lhe* alague
399 —	1	— Pag. 8 — v. 16
409 —	12	— C. IX.
412 —	7	— vive no Porto
413 —	17	— ao mesmo *tempo*
432 —	15	— como
443 —	20	— este*v*e

Em pontuação corrijam-se as faltas manifestas a pag. 8 — lin. 23 e 24; 52 — 15; 85 — 5; 111 — 16; etc. — As sete emendas precedidas de * são indicadas, pelo apparecimento de uma errata á 1.ª edição do Caramurú, em folha appensa que só ultimamente conseguimos ver; por se achar em mui poucos exemplares.

Ce petit volume, qui m'a été expédié par Mr Tamin de la part de Mr Ad. Varnhagen, m'est parvenu par l'entremise de M. P. Eron de Mendonça le 27 Août 1845.

On doit consulter sur les sources du Caramúrú une lettre du Chanoine Benigno José de Carvalho e Cunha, mém. de l'institut historique de Rio. T. 3 p. 447. le Vte da Torre prétend avoir la preuve du voyage de son ayeul en france dans un ms. qui lui avait été dérobé!!

On croit que Caramurú était enterré dans l'église d'Ajuda, sous une tombe dont l'inscription ne peut plus être déchiffrée. Le Vte da Torre, qui réside à Bahia, est descendant de Caramurú par Dona Genebra, fille légitime de Diogo Alvarez Correa. On prétend aussi que cette honorable famille conserve dans ses archives la preuve du voyage de Caramurú en France.

Il est question de Diego Alvarez dans le t. 2 d'Oviedo, pub. par Amador de los Rios &c. on y lit: En esta bahia de todos los Santos, vive un Diego Alvarez Portuguez, hecho Caudillo de los Indios.

Au mois de Janvier 1866 Mr Mem-Moraes a écrit à Mr de Drummond Menezes, pour lui annoncer

qu'il a découvert un portrait de Paraguassú à Bahia, dont il doit expédier une photographie à Paris. Je doute fort, je l'avouerai, de la valeur de cette trouvaille iconographique.

Le poème de Caramurú fut composé en trois mois, les octaves en étaient dictées comme une sorte d'improvisation à José Agostinho de Macedo, qui les écrivait.